



DOCUMENTO DEFINITIVO

Relatório de estágio académico de natureza profissional

especialmente elaborado para a obtenção do grau de Mestre em Design de Comunicação

Do digital ao papel

a infografia jornalística em contexto multiplataformas no jornal PÚBLICO

Marina Chen Higashikawauchi

Orientação científica

Professora Doutora

Elisabete de Jesus Rosado Rolo

Professora Doutora

Rita Salomé Oliveira Esteves

Presidente do júri

Professor Doutor

Marco António Neves da Silva

Vogal

Professora Doutora

Elisabete de Jesus Rosado Rolo

Vogal

Professor Doutor

João Vasco Matos Neves



DOCUMENTO DEFINITIVO

Relatório de estágio académico de natureza profissional

especialmente elaborado para a obtenção do grau de Mestre em Design de Comunicação

Do digital ao papel

a infografia jornalística em contexto multiplataformas no jornal PÚBLICO

Marina Chen Higashikawauchi

Orientação científica

Professora Doutora

Elisabete de Jesus Rosado Rolo

Professora Doutora

Rita Salomé Oliveira Esteves

Presidente do júri

Professor Doutor

Marco António Neves da Silva

Vogal

Professora Doutora

Elisabete de Jesus Rosado Rolo

Vogal

Professor Doutor

João Vasco Matos Neves

*Para minha avó **Chen Tseng Shih**
e minha tia **Chen Pi Yun***

***“Rule 9: Be happy whenever
you can manage it. Enjoy yourself.
It’s lighter than you think!”***

Corita Kent, em *Learning by Heart:
Teachings to Free the Creative Spirit.*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo à minha mãe, **Neve**, pois sem o seu apoio nada disso seria possível. Obrigada por todo o amor e por sempre me incentivar a achar o meu lugar no mundo.

Às minhas orientadoras, **Professoras Doutoras Elisabete Rolo** e **Salomé Esteves**, faltam-me palavras para agradecer todos os ensinamentos, paciência e disponibilidade. Sinto-me profundamente sortuda por poder tê-las ao meu lado na conclusão desta etapa, mas principalmente por poder ter sido vossa aluna.

À equipa do PÚBLICO, particularmente à **Sónia Matos** pela oportunidade e confiança de realizar este estágio. Um grande abraço aos meus colegas da secção de Infografia – **Cátia Mendonça, Gabriela Gómez, Gabriela Pedro, Célia Rodrigues, Francisco Lopes** e **José Alves** – por me terem acolhido, pela paciência, cuidado e generosidade em partilhar um pouco do vosso conhecimento comigo.

Por terem cedido seu tempo para as entrevistas, agradeço ao **Rui Barros, Cátia Mendonça** e **Francisco Lopes**.

Ao meu primo, **Rafael**, por ter aceitado embarcar comigo nessa aventura além mar. Sem você, tudo isso teria sido menos divertido.

Ao meu namorado, **Francisco**, por tornar tudo mais leve, sempre me apoiando e acreditando em mim mesmo quando eu duvido.

À **Margarida** e **Mariana**, amigas que a faculdade me proporcionou, por partilharem as celebrações e desesperos durante os últimos cinco anos.

O advento do meio digital e o surgimento de novos dispositivos para aceder à internet impulsionaram os jornais a uma existência multiplataformas. Diferentemente do seu formato impresso, em que as dimensões do objeto são conhecidas, o jornal digital encontra-se inserido num meio intangível e dinâmico, em que o seu conteúdo tem de se adaptar de acordo com o dispositivo utilizado pelo leitor. Ao debruçar-se sobre uma área cuja trajetória está diretamente vinculada ao jornal, a Infografia – mais especificamente no contexto da imprensa digital –, a presente investigação visa compreender como decorre a transposição da sua narrativa, interfaces e interatividades para os diferentes dispositivos.

Esta investigação decorreu no âmbito de um estágio académico de natureza profissional no jornal PÚBLICO, tendo a sua realização e a integração na secção de Infografia sido particularmente relevantes para compreender a temática em estudo, uma vez que possibilitou experienciar os processos e práticas correntes e a dinâmica de uma sala de redação.

Foi empregue uma metodologia de base qualitativa, em que a consolidação dos fundamentos da investigação decorreu por meio da revisão da literatura, que possibilitou aprofundar temas como a evolução do jornal, a sua relação com a Infografia e as mudanças na Infografia após a introdução da interatividade. No desenvolvimento da componente prática, na qual foi empregue a investigação ativa, foi implementado um diário de estágio e foram realizadas entrevistas semi-estruturadas a profissionais integrantes do jornal. Através de todo o processo investigativo, foi possível verificar que, embora a etapa de adaptação das infografias interativas seja uma preocupação, existe um conjunto de constrangimentos que influenciam o seu resultado, nomeadamente os prazos e o acúmulo de funções que, tradicionalmente, não são da competência dos profissionais que as desempenham.

PALAVRAS-CHAVE

Design de Informação

Infografia jornalística

Infografia digital

Narrativa infográfica

Jornal PÚBLICO

ABSTRACT

The advent of the digital world and the rise of new devices to access the internet have pushed newspapers into a multi-platform presence. Differently from its print format, whose exact dimensions of the object are standard, the digital newspaper finds itself in an intangible and dynamic medium in which its content needs to adapt according to the user's device. By focusing on an area whose history derives from the newspaper, Infographics – specifically in the context of the digital press – this research aims to understand how its narrative, interfaces, and interactivity translate to different devices.

This research results from an academic internship of a professional nature at the Portuguese newspaper PÚBLICO. Being part of the Infographics section was particularly valuable for understanding the subject under study since it made it possible to experience a newsroom's current processes, practices, and dynamics.

The research team applied a qualitative methodology to consolidate the foundations of the research through a literature review, which made it possible to explore topics such as the evolution of the newspaper, its relationship with infographics, and the changes in infographics following the introduction of interactivity. In developing the practical component, or active research, the researcher produced an internship diary and carried out semi-structured interviews with professionals from the newspaper. Throughout the investigative process, it was possible to see that although adapting interactive infographics is a process and a concern, several constraints influence its outcome, namely deadlines and extra responsibilities that do not traditionally feature in these professionals' roles.

KEYWORDS

Information Design
Journalistic infographics
Digital infographics
Infographic narrative
PÚBLICO newspaper

LISTA DE ACRÓNIMOS E ABREVIATURAS

APCT	Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação
CSS	Folha de Estilo em Cascatas, originalmente do inglês <i>Cascading Style Sheets</i>
HTML	Linguagem de Marcação de Hipertexto, originalmente do inglês <i>HyperText Markup Language</i>
IT	Tecnologia da Informação, originalmente do inglês <i>Information Technology</i>
NYT	<i>The New York Times</i>
PNG	Gráficos portáteis de rede, originalmente do inglês <i>Portable Network Graphics</i>
SVG	Gráficos vetoriais escaláveis, originalmente do inglês <i>Scalable Vector Graphics</i>
ULisboa	Universidade de Lisboa
URL	Localizador Uniforme de Recursos, originalmente do inglês <i>Uniform Resource Locator</i>
min	Minutos
n.	Nascido em
p.	Página
pp.	Páginas
s.d.	Sem data
s.p.	Sem página
T.L.	Tradução livre

CHARTOONS

Termo oriundo da junção das palavras em inglês *chart* e *cartoons*, utilizado para descrever visualizações que possuem uma componente ilustrativa proeminente, incorporando elementos estilizados ou caricaturais.

HOVER STATE

Estado de um elemento quando o rato está posicionado sobre ele.

INPUT

Informação fornecida a um sistema computacional.

MOBILE FIRST

Abordagem que prioriza a otimização dos *websites* para dispositivos móveis, adaptando-os, posteriormente para os demais suportes.

PERIFÉRICOS DE ENTRADA

Dispositivos externos que ao serem conectados a um computador permitem ao utilizador o envio de informações para o sistema. Os exemplos mais comuns desses tipos de periféricos são ratos, teclados, *joysticks* e *trackpads*.

PLUG-IN

Extensão de *software* que pode ser adicionada a um programa de computador, ampliando as suas funcionalidades.

SCROLL

Ação de rolar ou deslizar, normalmente verticalmente, o conteúdo digital.

SCROLLYTELLING

Tipo de narrativa própria do meio digital que é desenrolada à medida que o utilizador faz *scroll* na página *web*.

SHOVELWARE

Termo utilizado para descrever quando um conteúdo é transposto, sem grandes alterações ou adaptações, para o meio digital.

STORYBOARD

Representação visual e sequencial de uma narrativa, frequentemente utilizada no audiovisual, que funciona como uma espécie de roteiro ou guia para o produto final.

TREEMAP

Tipo de visualização de dados que representa as informações de modo hierarquizado por meio de retângulos aninhados, sendo a área o método decodificador.

URL ISOLADA E NÃO-INDEXADA

Endereço de uma página *web* que não está referenciado no *site* principal e que também não é exibido nos motores de busca, podendo ser acessado apenas por meio de um link direto.

ÍNDICE GERAL

Elementos pré-textuais

III	Dedicatória
V	Epígrafe
VII	Agradecimentos
IX	Resumo
XI	Abstract
XIII	Lista de acrónimos e abreviaturas
XV	Glossário
XVII	Índice geral
XIX	Índice de figuras
XXII	Índice de gráficos
XXII	Índice de tabelas

CAPÍTULO 1

1 Introdução

3	1.1. Introdução
4	1.2. Tópico investigativo
5	1.3. Objetivos
6	1.4. Desenho da investigação
7	1.4.1. Organograma

CAPÍTULO 2

9 Enquadramento teórico

13	2.1. Jornal: do analógico ao digital
19	2.2. A infografia e o jornal
19	2.2.1. Os primeiros passos da infografia jornalística
23	2.2.2. O advento da infografia interativa
26	2.2.3. A diversificação dos ecrãs e desafios do <i>mobile</i>

31 Argumento

CAPÍTULO 3

33 Investigação ativa

35	3.1. O PÚBLICO: breve contextualização
38	3.2. Estágio
38	3.2.1. A secção de Infografia

51	3.3. Projetos
51	3.3.1. Projetos secundários
60	3.3.2. Projeto principal
CAPÍTULO 4	
97	Conclusão
99	4.1. Considerações finais
101	4.2. Recomendações
Elementos pós-textuais	
105	Referências bibliográficas
109	Bibliografia
114	Apêndices
114	A. Diário de Estágio
142	B. Projetos secundários
170	C. Modelo de consentimento informado
172	D. Entrevista a Cátia Mendonça
178	E. Entrevista a Francisco Lopes
184	F. Entrevista a Rui Barros
194	Anexo
195	A. Avaliação do estágio

ÍNDICE DE FIGURAS

7 figura 1

Diagrama das áreas de estudo abrangidas pela investigação.
Fonte: Investigadora (2024).

11 figura 2

Organograma do processo investigativo.
Fonte: Investigadora (2024).

13 figura 3

Primeira edição do *The Daily Courant*, 1702.
Fonte: https://archive.org/details/sim_daily-courant_1702-03-11_1 [consultado a 24 de outubro de 2024].

15 figura 4

U&lc (1978), design de Herb Lubalin.
Fonte: [https://archive.org/details/ulc-magazine/Volume 5-3/mode/2up](https://archive.org/details/ulc-magazine/Volume%205-3/mode/2up) [consultado a 25 de outubro de 2024].

19 figura 5

Primeiro mapa publicado no *The Daily Courant*, 1702.
Fonte: https://archive.org/details/sim_daily-courant_1702-09-12_126 [consultado a 24 de outubro de 2024].

20 figura 6

Diagram showing the rise, progress and decline of the cholera in New York in 1849, *The New York Tribune*.
Fonte: <https://www.propublica.org/nerds/infographics-in-the-time-of-cholera> [consultado a 24 de outubro de 2024].

21 figura 7

OPEC Benchmark Prices, *Washington Post*, 1979.
Fonte: Tufte (2007).

21 figura 8

In the barrel..., *Time Magazine*, 1979.
Fonte: Tufte (2007).

22 figura 9

Weather across the USA, USA Today, 1982.
Fonte: <https://eu.usatoday.com/picture-gallery/news/nation/2022/09/14/40-years-ago-usa-todays-first-edition/7963050001/> [consultado a 25 de outubro de 2024].

22 figuras 10 e 11

USA Today Snapshots, USA Today.
Fonte: Cairo (2017).

25 figuras 12–17

Snow Fall: The Avalanche at Tunnel Creek, *The New York Times*, 2012.
Fonte: <https://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/index.html#/?part=tunnel-creek> [consultado a 28 de outubro de 2024].

27 figura 18

Esquema ilustrativo do *Responsive e Adaptive Design*.
Fonte: Investigadora (2024).

29 figuras 19–22

The Collapse of Insects, *Reuters*, 2022. *Desktop* (esquerda) e *mobile* (direita).
Fonte: <https://www.reuters.com/graphics/GLOBAL-ENVIRONMENT/INSECT-APOCALYPSE/egpykdxjqv/> [consultado a 17 de setembro de 2024].

36 figura 23

Comparação dos três principais formatos de jornais: *Broadsheet*, *Berliner* e *Tabloide*.
Fonte: Investigadora (2024).

39 figuras 24–27

50 anos Apollo 11: Espaço 1969, PÚBLICO, 2019.
Fonte: <https://www.publico.pt/2019/07/14/infografia/espaco-1969-321> [consultado a 1 de novembro de 2024].

40 figuras 28–30

Somos 8 mil milhões, PÚBLICO, 2022.
Fonte: <https://www.publico.pt/interactivo/8-mil-milhoes> [consultado a 28 de outubro de 2024].

44 figura 31

Audiências da televisão, PÚBLICO Edição Lisboa, 23 de fevereiro de 2024, p. 32.
Fonte: <https://ereader.publico.pt/publico-edicao-lisboa/20240223> [consultado a 26 de agosto de 2024].

45 figura 32

Meteorologia, PÚBLICO Edição Lisboa, 23 de fevereiro de 2024, p. 33.
Fonte: <https://ereader.publico.pt/publico-edicao-lisboa/20240223> [consultado a 26 de agosto de 2024].

47 figura 33

Graphik: tipo de letra utilizado nas infografias do PÚBLICO.
Fonte: Investigadora (2024).

47 figura 34

Paleta de cores das infografias do PÚBLICO.
Fonte: Investigadora (2024).

49 figura 35

Grelha de cinco colunas utilizada no PÚBLICO impresso.

Fonte: Investigadora (2024).

50 figura 36

Grelha de quatro colunas utilizada nos artigos de caráter opinativo do PÚBLICO impresso.

Fonte: Investigadora (2024).

53 figura 37

PÚBLICO Edição Lisboa, 7 de fevereiro de 2024, p. 17.

Fonte: <https://ereader.publico.pt/publico-edicao-lisboa/20240207> [consultado a 3 de novembro de 2024].

55 figura 38

PÚBLICO Edição Lisboa, 4 de março de 2024, p. 19.

Fonte: <https://ereader.publico.pt/publico-edicao-lisboa/20240304> [consultado a 3 de novembro de 2024].

56 figura 39

Diferentes posições da personagem desenvolvidas para a animação da infografia *O que se ganha e perde no diálogo entre o Ambiente e a Economia*.

Fonte: Investigadora (2024).

57 figuras 40 e 41

O que se ganha e perde no diálogo entre o Ambiente e a Economia, PÚBLICO, 2024.

Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/03/infografia/ganha-perde-dialogo-ambiente-economia-805> [consultado a 3 de novembro de 2024].

59 figuras 42 e 43

De Soares a Costa, 50 anos de governo, PÚBLICO, 2024.

Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/11/infografia/soares-costa-50-anos-governos-807> [consultado a 3 de novembro de 2024].

62 figuras 44 e 45

How the Internet Travels Across Oceans, *The New York Times*, 2019.

Fonte: <https://www.nytimes.com/interactive/2019/03/10/technology/internet-cables-oceans.html> [consultado a 17 de setembro de 2024].

63 figuras 46–49

Unearthing the Secret Superpowers of Fungus, *The New York Times*, 2022.

Fonte: <https://www.nytimes.com/interactive/2022/07/27/climate/climate-change-fungi.html> [consultado a 4 de outubro de 2024].

64 figuras 50–52

Calendário essencial de 2024, PÚBLICO, 2023.

Fonte: <https://www.publico.pt/2023/12/29/infografia/calendario-essencial-2024-801> [consultado a 4 de novembro de 2024].

65 figura 53

Esquema da lógica de funcionamento do *Calendário essencial de 2024*.

Fonte: Investigadora (2024).

68 figuras 54 e 55

Esboços para a infografia dos cabos submarinos.

Fonte: Investigadora (2024).

69 figura 56

Processo de desenvolvimento da modelação 3D das camadas que compõem o cabo submarino.

Fonte: Investigadora (2024).

70 figura 57

Storyboard da animação de como os cabos são colocados.

Fonte: Investigadora (2024).

72 figura 58

Funcionamento do *slider* no mapa das rotas mundiais dos cabos submarinos.

Fonte: Investigadora (2024).

73 figura 59

Mapa da localização dos pontos de amarração de cabos submarinos em Portugal.

Fonte: Investigadora (2024).

76 figura 60

[*Desktop*] Cabeça da infografia e introdução do que são os cabos submarinos, em *Como é que a Internet dá a volta ao mundo?*

Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/31/infografia/internet-volta-mundo-811> [consultado a 7 de novembro de 2024].

77 figura 61

[*Desktop*] Rota dos dados e Portugal como localização-chave, em *Como é que a Internet dá a volta ao mundo?*

Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/31/infografia/internet-volta-mundo-811> [consultado a 7 de novembro de 2024].

78 figura 62

[*Desktop*] Origem do investimento, em *Como é que a Internet dá a volta ao mundo?*

Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/31/infografia/internet-volta-mundo-811> [consultado a 7 de novembro de 2024].

79 figuras 63–70

[*Desktop*] Viagem (demorada) ao fundo do mar, em *Como é que a Internet dá a volta ao mundo?*

Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/31/infografia/internet-volta-mundo-811> [consultado a 7 de novembro de 2024].

80 figura 71

[Desktop] Primeiros cabos submarinos, em *Como é que a Internet dá a volta ao mundo?*
Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/31/infografia/internet-volta-mundo-811> [consultado a 7 de novembro de 2024].

81 figuras 72–74

[Desktop] Anatomia de um cabo submarino, em *Como é que a Internet dá a volta ao mundo?*
Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/31/infografia/internet-volta-mundo-811> [consultado a 7 de novembro de 2024].

82 figura 75

[Desktop] Quando os cabos falham, em *Como é que a Internet dá a volta ao mundo?*
Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/31/infografia/internet-volta-mundo-811> [consultado a 7 de novembro de 2024].

83 figuras 76 e 77

[Mobile] Cabeça da infografia e introdução do que são os cabos submarinos, em *Como é que a Internet dá a volta ao mundo?*
Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/31/infografia/internet-volta-mundo-811> [consultado a 7 de novembro de 2024].

84 figuras 78–80

[Mobile] Rota dos dados, Portugal como localização-chave e origem do investimento, em *Como é que a Internet dá a volta ao mundo?*
Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/31/infografia/internet-volta-mundo-811> [consultado a 7 de novembro de 2024].

85 figuras 81–86

[Mobile] Viagem (demorada) ao fundo do mar, em *Como é que a Internet dá a volta ao mundo?*
Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/31/infografia/internet-volta-mundo-811> [consultado a 7 de novembro de 2024].

86 figuras 87 e 88

[Mobile] Primeiros cabos submarinos, em *Como é que a Internet dá a volta ao mundo?*
Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/31/infografia/internet-volta-mundo-811> [consultado a 7 de novembro de 2024].

87 figuras 89–91

[Mobile] Anatomia de um cabo submarino, em *Como é que a Internet dá a volta ao mundo?*
Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/31/infografia/internet-volta-mundo-811> [consultado a 7 de novembro de 2024].

88 figuras 92–94

[Mobile] Quando os cabos falham, em *Como é que a Internet dá a volta ao mundo?*
Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/31/infografia/internet-volta-mundo-811> [consultado a 7 de novembro de 2024].

89 figura 95

Esquema da lógica de funcionamento do *mobile* do tópico quando os cabos falham.
Fonte: Investigadora (2024).

92 figuras 96 e 97

Estudos de *layout* para a adaptação da infografia digital *Como a Internet dá a volta ao mundo?* para o jornal impresso.
Fonte: Investigadora (2024).

93 figuras 98 e 99

Organização espacial dos conteúdos da infografia impressa.
Fonte: Investigadora (2024).

94 figura 100

P2 Edição Lisboa, 31 de março de 2024, pp. 12–13.
Fonte: <https://ereader.publico.pt/publico-lisboa-p2/20240331> [consultado a 23 de agosto de 2024].

ÍNDICE DE GRÁFICOS E DE TABELAS

16 gráfico 1

Pagamento por notícias *online* em países europeus, em 2023.

Fonte: [https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2024-06/RISJ_DNR_2024_Digital_v10 lr.pdf](https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2024-06/RISJ_DNR_2024_Digital_v10%20lr.pdf) [consultado a 11 de outubro de 2024].

17 gráfico 2

Pagamento por notícias *online* em Portugal.

Fonte: [https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2024-06/RISJ_DNR_2024_Digital_v10 lr.pdf](https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2024-06/RISJ_DNR_2024_Digital_v10%20lr.pdf) [consultado a 11 de outubro de 2024].

27 gráfico 3

Dispositivos utilizados para aceder à internet em Portugal.

Fonte: https://archive.org/details/sim_daily-courant_1702-03-11_1 [consultado a 24 de outubro de 2024].

37 gráfico 4

Circulação paga do PÚBLICO.

Fonte: <https://www.apct.pt/analise-simples> [consultado a 17 de junho de 2024].

43 gráfico 5

Diagrama do processo de execução de um pedido para o jornal impresso e digital.

Fonte: Investigadora (2024).

71 gráfico 6

Evolução anual das ligações globais por cabos submarinos.

Fonte: Investigadora (2024).

71 gráfico 7

Empresas que mais investiram em cabos submarinos entre 1989 e 2023.

Fonte: Investigadora (2024).

61 tabela 1

Cronograma do processo de desenvolvimento do projeto principal.

Fonte: Investigadora (2024).

Capítulo 1

INTRODUÇÃO

1.1. Introdução

O jornal – um dos meios de comunicação mais tradicionais – desempenha um importante papel na sociedade, contribuindo para a disseminação da informação, a formação de opiniões e o fomento do diálogo. Durante a maior parte da sua história, o jornal foi publicado exclusivamente no formato físico, sendo impresso de acordo com a periodicidade de cada publicação. O advento da internet e a popularização dos computadores pessoais alteraram a estrutura dos jornais, expandindo o seu formato para o meio digital e disponibilizando o seu conteúdo de modo contínuo.

A trajetória da Infografia está intimamente vinculada ao jornal, tendo-o acompanhado também durante a sua passagem para o meio digital. Ao usufruir das novas tecnologias e ferramentas nativas da *web*, a Infografia passa a incorporar a interatividade como uma parte integrante e essencial dos seus trabalhos. Mais recentemente, com o aumento da diversidade de dispositivos utilizados para aceder à internet – de computadores para *tablets* e telemóveis – as infografias passaram a ter de atender a uma maior variedade de tamanhos de ecrãs. Nesse sentido, a presente investigação foca-se na questão da adaptação das infografias interativas para os diferentes dispositivos e na transversalidade da narrativa infográfica.

Esta investigação decorreu no âmbito de um estágio académico de natureza profissional, decorrido entre os meses de janeiro e março de 2024, no PÚBLICO – um dos jornais mais conceituados do país, e cujas infografias já foram consagradas por prémios nacionais e internacionais. A oportunidade de integrar a secção de Infografia permitiu observar e participar nos processos e práticas adotadas, culminando no desenvolvimento de uma infografia interativa, desde a sua idealização até à implementação e adaptação para os meios digital e impresso.

A realização do estágio foi motivada pela vontade de obter uma primeira experiência num ambiente profissional. Tal escolha revelou ser um contributo para a formação profissional da mestrandia como designer, proporcionando a aquisição de competências e experiências que não seriam possíveis dentro do contexto académico.

Este documento detalha o processo de investigação. Iniciando pelo enquadramento teórico são abordados temas como a evolução do jornal e da infografia jornalística, a passagem para o meio digital e os seus desafios. O capítulo seguinte retrata a experiência do estágio, abrangendo desde a caracterização da empresa e da secção de Infografia até a descrição dos projetos desenvolvidos. Por fim, são tecidas as conclusões e recomendações.

1.2. Tópico investigativo

A diversificação dos dispositivos capazes de aceder à internet e, particularmente, a popularização dos telemóveis alteraram o modo como os leitores consomem o conteúdo dos jornais digitais. Nesse sentido, a fim de garantir uma comunicação eficaz com todos os utilizadores, os seus conteúdos têm de estar adaptados à ampla gama de dispositivos utilizados. É neste âmbito que se situa o nosso tópico investigativo, que procura compreender **como são desenvolvidas as infografias digitais dentro do contexto jornalístico e como é realizada a sua adaptação para os diferentes suportes.**

1.3. Objetivos

Objetivos gerais

- Adquirir e desenvolver novas competências na área da Infografia que contribuam para o crescimento profissional como designer.
- Aplicar e aprimorar, em contexto profissional, os conhecimentos adquiridos ao longo do percurso académico, sobretudo durante o mestrado.
- Compreender como as infografias são adaptadas aos diferentes suportes, tanto digitais como analógicos.

Objetivos específicos

- Entender o funcionamento e as práticas correntes adotadas na secção de Infografia do jornal PÚBLICO.
- Projetar e publicar uma infografia interativa que esteja de acordo com as diretrizes e responda às expectativas do PÚBLICO.

1.4. Desenho da investigação

Para o desenvolvimento da presente investigação foi empregue uma metodologia de natureza qualitativa. Segundo Muratovski (2016, p. 48), tal abordagem apresenta-se particularmente pertinente para “investigar a validade de quaisquer pressupostos, afirmações, teorias ou generalizações num contexto real, ou se se quiser avaliar a eficácia de determinadas políticas, práticas ou inovações”¹, o que condiz com a natureza da própria investigação. Esta, intitulada **Do digital ao papel: a infografia jornalística em contexto multiplataformas no jornal PÚBLICO**, convoca as áreas do Design de Informação e do Jornalismo e assume como tema central a transversalidade da narrativa infográfica na imprensa digital. No que diz respeito à sua estruturação, a investigação foi organizada em três fases: exploratória, generativa e avaliativa.

Na fase exploratória, foi utilizada a revisão da literatura, um método qualitativo que por meio da recolha, seleção e cruzamento das principais referências da área permitiu a consolidação de uma base teórica para a investigação.

Na fase generativa, decorrida durante o estágio curricular, foi utilizado outro método de base qualitativa: a observação participante. O estágio curricular realizado no jornal PÚBLICO teve uma duração de três meses, decorrendo mais precisamente no primeiro trimestre de 2024, de 3 de janeiro a 30 de março. Durante esse período, a investigadora foi integrada na secção de Infografia, desenvolvendo tarefas tanto para os meios impressos como para os digitais. Nesse âmbito, foi implementado um diário de estágio como método de registo cotidiano das atividades realizadas, das dificuldades enfrentadas e das aprendizagens. Complementarmente, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas a três profissionais integrantes do jornal, sendo dois pertencentes à secção de Infografia e o outro a uma equipa afim, a de Jornalismo de Dados. No final do estágio, foi realizada uma avaliação interna do desempenho da discente.

A fechar o processo investigativo, foram tecidas as conclusões e as recomendações para futuras investigações. Nas conclusões, foi averiguada a comprovação do argumento e a consecução dos objetivos previamente definidos, e nas recomendações foram identificadas oportunidades para investigadores que tenham interesse no tema.

O desenho da investigação acima descrito é sumarizado e apresentado de modo esquemático no organograma (figura 1).

[1] T.L. – “You can use qualitative research if you want to investigate the validity of any assumptions, claims, theories, or generalizations within a real-world context, or if you want to judge the effectiveness of particular policies, practices, or innovations”.

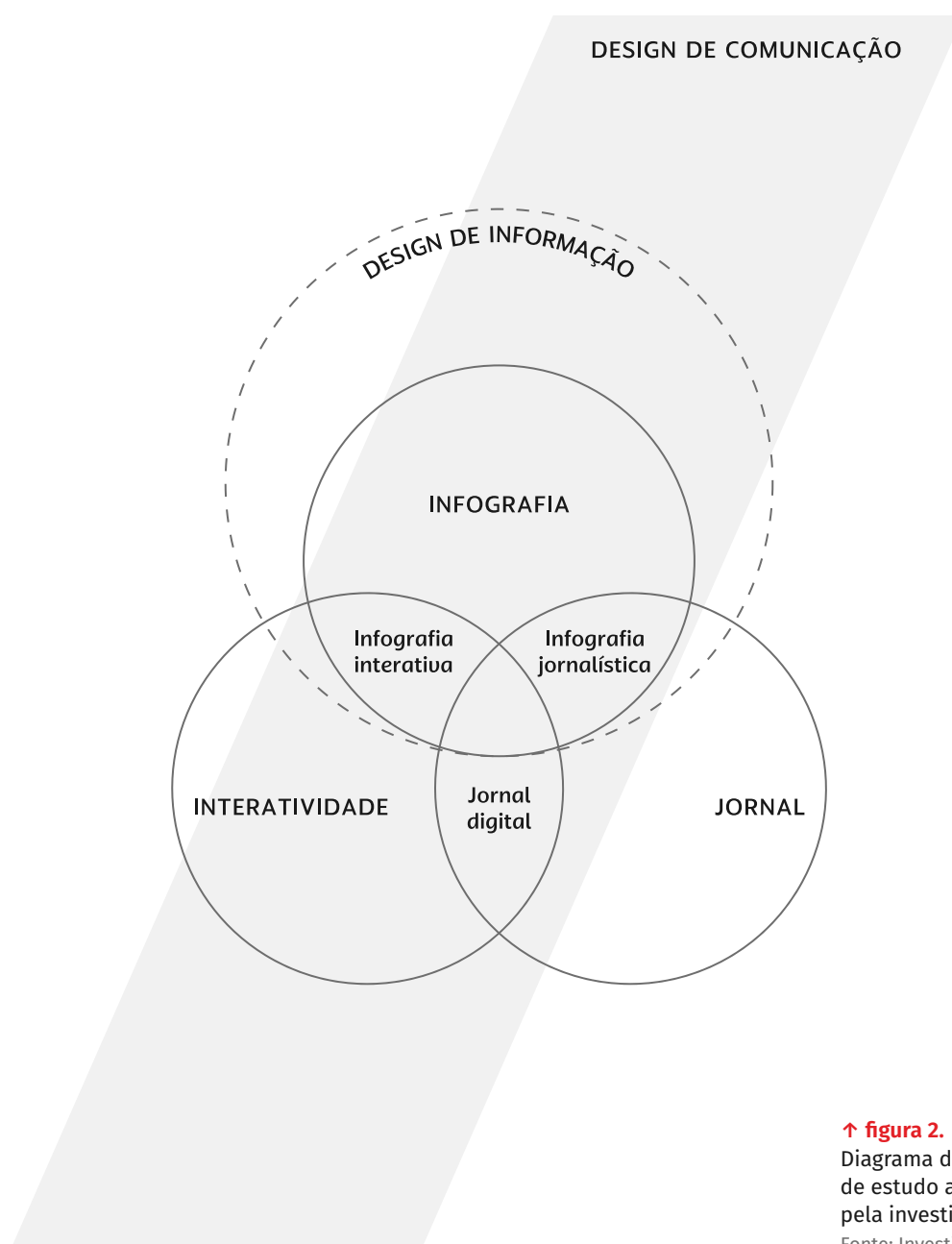
figura 1. →
Organograma do processo investigativo.
Fonte: Investigadora (2024).



Capítulo 2

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Para o desenvolvimento do enquadramento teórico foi elaborado um diagrama (figura 2) que identifica as áreas mais relevantes para a investigação e os temas que emergem a partir das suas intersecções. Tais temas permitiram estabelecer as bases teóricas para a investigação, que se relacionam diretamente com a área de estágio.



↑ **figura 2.**
Diagrama das áreas de estudo abrangidas pela investigação.
Fonte: Investigadora (2024).

2.1. Jornal: do analógico ao digital

Embora não seja consensual, é frequentemente atribuído ao inglês *Daily Courant* o feito de ter sido, em 1702, o primeiro jornal (Errea *et al.*, 2017, p. 3) (figura 3). Tal periódico era composto apenas por uma folha, sendo a sua página da frente destinada às notícias – com o texto organizado numa grelha de duas colunas – e o verso aos anúncios (Rosenberg, 1953, p. 6).

No início do século XVIII, imperava o uso dos tipos móveis de Gutenberg – invenção datada de meados do século XV – para a produção de livros e periódicos, tecnologia que revolucionou a produção de objetos impressos ao possibilitar imprimir sistematicamente páginas inteiras, mas que ainda demandava muito tempo para compô-las manualmente (Meggs & Purvis, 2011, pp. 95–99). Diferentemente dos livros, que poderiam desfrutar de prazos mais flexíveis, os jornais diários dispunham de um tempo limitado para serem feitos e produzidos, o que acabava por restringir também o seu tamanho.

As tecnologias disponíveis em cada período para a impressão de texto e reprodução de imagens condicionaram a produção e, consequentemente, a circulação dos jornais. Nos seus primórdios, esses periódicos faziam uso apenas do texto como elemento narrativo, sendo rara a utilização de outros recursos visuais que os complementassem (Monmonier, 1989, p. 34). Nesse período, texto e imagem eram trabalhados separadamente, sendo que a imagem, restrita a um caráter ilustrativo, era reproduzida por meio de placas de madeira gravadas em alto relevo – técnica conhecida como xilografura (Monmonier, 1989, p. 34).

A ideia do jornal como um meio de comunicação que veicula notícias recentes é relativamente nova. Devido às limitações tecnológicas,



↑ figura 3. Primeira edição do *The Daily Courant*, 1702. Fonte: https://archive.org/details/sim_daily-courant_1702-03-11_1 [consultado a 24 de outubro de 2024].

até o século XVIII, a recolha de notícias era difícil e demorada, sendo comum a publicação de eventos ocorridos meses antes (Shaw & McKenzie, 2003, p. 144). A invenção do telégrafo, em 1844, - e, posteriormente, do telefone - facilitou significativamente o acesso dos jornais à informação, reduzindo, conseqüentemente, o tempo que as notícias demoravam a chegar aos leitores (Gottlieb, 2003, p. 130; Shaw & McKenzie, 2003, p. e 150).

O advento da *Linotype* - inventada em 1886 por Ottmar Mergenthaler - possibilitou a mecanização dos tipos de Gutenberg e, por conseguinte, o aumento da produção e redução dos custos (Meggs & Purvis, 2011, pp. 183-184). O termo *Linotype* é um reflexo direto de seu produto: uma *line of type*. O sucesso da *Linotype* foi alcançado pela combinação de três funções numa única máquina: [1] composição, [2] fundição e [3] redistribuição (Weiss, 1980, s.p.)². De modo sucinto, cada tecla pressionada convoca uma matriz correspondente à forma de um carácter, que se posiciona ao lado de outras até formar uma linha de texto. Ao finalizar a sequência, estas matrizes são ajustadas à largura desejada e utilizadas para fundir uma linha de tipos em metal, capaz de ser impressa. Após a fundição, as matrizes retornam automaticamente aos seus compartimentos originais na máquina, para poderem ser novamente utilizadas.

Ainda que não tenha eliminado completamente a necessidade do trabalho manual, a invenção de Mergenthaler representou uma grande mudança, visto que “antes da invenção da linotipo, o alto custo e o ritmo lento da composição limitavam até os maiores jornais diários a oito páginas e os livros continuavam relativamente preciosos” (Meggs & Purvis, 2011, p. 183).

O surgimento da rádio e da televisão - nas décadas de 30 e 50 do século XX, respetivamente - impactaram negativamente os jornais (Shaw & McKenzie, 2003, pp. 145-147). Shaw & McKenzie (2003, pp. 127-128) explicam que esses novos meios de comunicação possibilitaram o acesso a notícias de modo contínuo e quase instantâneo, o que fez com que as informações dos jornais, publicados uma vez ao dia, parecessem desatualizadas. O crescimento desses novos meios impulsionou os jornais para uma fase de experimentação, na tentativa de tornar as suas páginas mais atrativas - por meio da maior utilização de cores e ênfase nos elementos visuais - e, conseqüentemente, preservar a sua posição no mercado (Shaw & McKenzie, 2003, pp. 145-146).

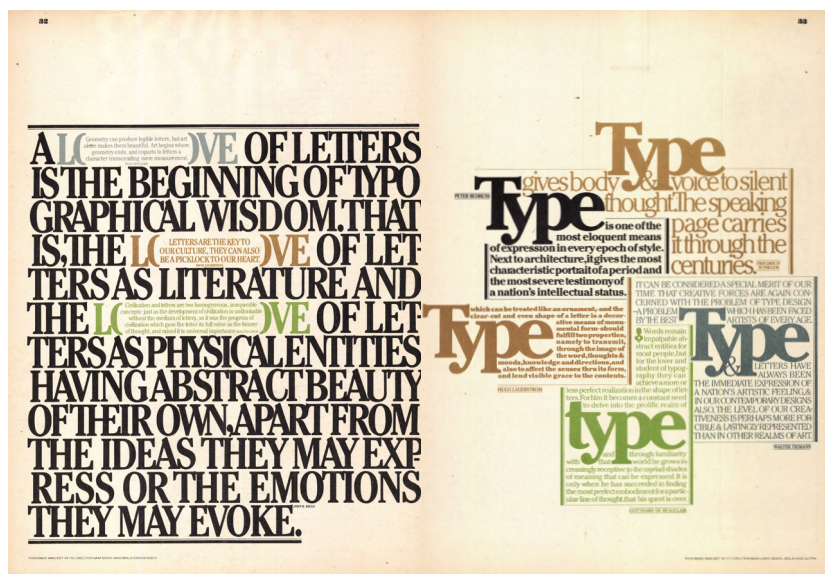
Apesar de a *Linotype* ter possibilitado a transposição de algumas das limitações dos tipos móveis de Gutenberg, Monmonier (1989, p. 48) considera que, para os jornais, uma das mudanças mais relevantes foi a rutura com os tipos de metal (proporcionada pela fotocomposição). Por outro lado, Bringhurst (2004, p. 140) acredita que “ao contrá-

[2] Por ser baseada na fundição imediata de linhas de tipo, este processo é também chamado de composição a quente. A seguir à *Linotype*, surgiu, em 1887, pela mão de Tolbert Lanston, a *Monotype*, baseada no mesmo princípio, mas compondendo linhas com caracteres individuais.

rio do que se poderia pensar, a inovação marcante da época não foi a mudança dos tipos de metal para filme, mas a introdução de microcomputadores para editar, compor e revisar textos, e controlar as fotocompositoras de última geração”³.

No período entre a década de 1960 e o advento da *World Wide Web*, a chamada fotocomposição – também conhecida como composição a frio – foi amplamente adotada em detrimento dos tipos de metal. A fotocomposição deriva do processo existente na fotografia analógica, em que o contacto da luz com o papel fotossensível permite a gravação de imagens (Bringhurst, 2004, p. 139). No caso da composição a frio, entre o feixe de luz e o papel são adicionados também uma matriz – contendo os caracteres – e um conjunto de lentes – que permitem ampliar e reduzir. Ao dispensar a rigidez dos tipos móveis e a necessidade de matrizes diferentes para cada tamanho, a fotocomposição diminuiu os custos com fontes e concedeu aos designers uma maior liberdade de experimentação e manipulação dos tipos – com destaque, por exemplo, para o trabalho do americano Herb Lubalin (Meggs & Purvis, 2011, pp. 511–514) (figura 4).

[3] T.L. – “The important innovation of the period was not, after all, the conversion of fonts from metal to film, but the introduction of microcomputers to edit, compose and correct the text and to drive the last generations of phototypesetting machines”.



← figura 4.
Revista *U&lc* (1978),
design de Herb Lubalin.
Fonte: <https://archive.org/details/ulc-magazine/Volume-5-3/mode/2up> [consultado a 25 de outubro de 2024].

No final da década de 1960, os computadores pessoais começaram a ser introduzidos nas salas de redação (Cairo, 2017, p. 65). Porém, foi apenas em meados da década de 1990, com o advento da *World Wide Web*, que os jornais iniciaram a sua expansão para além do papel (Boczkowski, 2004, p. 7). Devido à inexperiência e ausência de treinamento adequado dos profissionais ao novo meio, a passagem desses periódicos para uma vertente que efetivamente usufruísse das novas ferramentas disponíveis ocorreu de modo lento e gradual

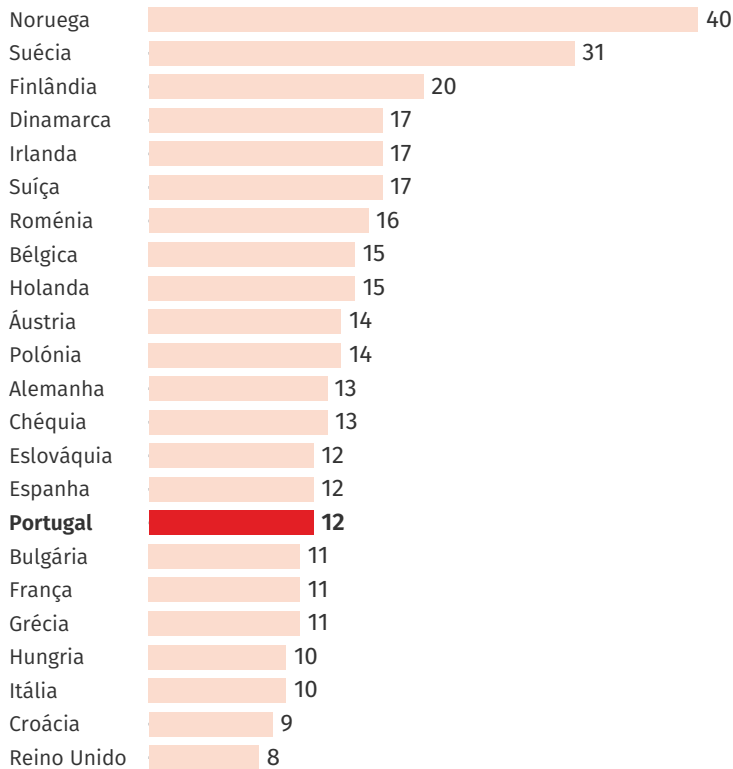
(Cairo, 2017, pp. 80–81; Franchi, 2013, p. 19). Assim, no início, era comum que a versão impressa do jornal também fosse utilizada, com pouca ou nenhuma alteração, para o digital – prática conhecida como *shovelware* (Boczkowski, 2004, p. 55).

Atualmente, apesar de muitos jornais continuarem a disponibilizar a sua versão impressa de modo digital, as suas plataformas *online* expandiram-se, oferecendo conteúdos exclusivos que, muitas vezes, o formato estático não permitiria. Uma das características que distingue as plataformas digitais é a possibilidade de aceder à informação continuamente, sem restrição territorial ou temporal. Enquanto o jornal físico pode ser entendido como um objeto imutável, o jornal digital é flexível e dinâmico, permitindo conteúdos quase ilimitados, publicações e atualizações constantes e retificações. Adicionalmente, Fortunati *et al.* (2015, p. 841) evidenciam a adição da interatividade e a possibilidade de incorporar conteúdos multimédia – como animações, vídeos e áudios.

O advento do digital transformou não apenas os jornais, mas também a maneira como a informação é consumida. Franchi (2013, p. 37) explica que como na internet a informação encontra-se descen-

Pagamento por notícias *online* em países europeus*, em 2023

Em percentagem (%)



*Países europeus contemplados no RIDR. Não foram obtidos dados para a Turquia

← gráfico 1.

Pagamento por notícias *online* em países europeus, em 2023.

Fonte: [https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2024-06/RISJ_DNR_2024_Digital_v10 lr.pdf](https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2024-06/RISJ_DNR_2024_Digital_v10%20lr.pdf) [consultado a 11 de outubro de 2024].

tralizada, espalhada entre múltiplas plataformas, os utilizadores tendem a adotar hábitos de consumo mais diversificados. Desse modo, os jornais passaram a competir não apenas com outros periódicos, mas também com uma ampla gama de plataformas como, por exemplo, as redes sociais (Franchi, 2013, p. 48).

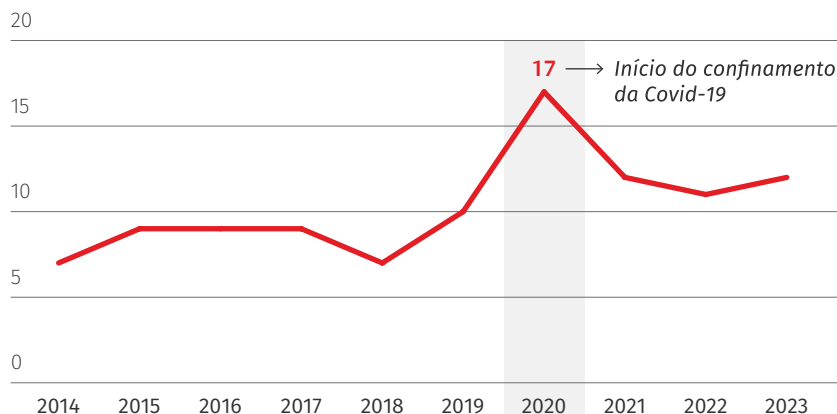
A transição para o novo meio levantou também outras questões, de entre as quais a rentabilidade económica. Inicialmente, alguns periódicos tentaram replicar, no digital, o tradicional modelo de negócio vigente no jornal impresso, restringindo o acesso ao seu conteúdo apenas aos leitores pagantes, o chamado *hard paywall* (Franchi, 2013, pp. 20–21). Porém, autores como Nguyen (2013, p. 154) e Silva (2017, p. 34) evidenciam uma relutância dos leitores quanto ao pagamento pelo consumo de conteúdo jornalístico *online*, o que pode estar relacionado com a comum, mas errónea associação, entre internet e gratuidade. De acordo com dados divulgados no *Reuters Institute Digital News Report* (gráfico 1), em 2023, apenas 12% dos portugueses pagavam pelo consumo de notícias *online* (Newman *et al.*, 2024, p. 49). Apesar desse valor representar um aumento relativamente a 2014 – referente ao primeiro ano em que Portugal foi incluído na pesquisa –, pode ser observado que houve uma redução comparativamente ao pico de 2020, período marcado pela pandemia de Covid-19 (gráfico 2).

Na tentativa de ampliar a sua base de leitores, alguns jornais têm apostado também na criação de segmentos direcionados a novos nichos (Silva, 2017, p. 45). Em Portugal, por exemplo, o PÚBLICO lançou, em 2011, o P3, um suplemento *online* destinado a uma audiência mais jovem (Correia, 2021, s.p.) e, mais recentemente, em agosto de 2024, o PÚBLICO Brasil (PÚBLICO, 2024, s.p.).

Ainda que as possibilidades oferecidas pelo digital tenham incentivado periódicos estabelecidos a migrarem integralmente para esse

Pagamento por notícias *online* em Portugal

Em percentagem (%)



← gráfico 2.
Pagamento por notícias *online* em Portugal.

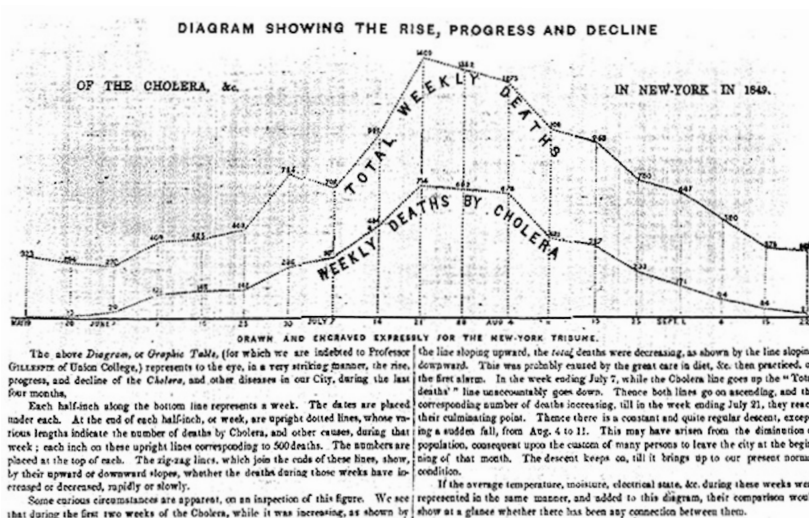
Fonte: [https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2024-06/RISJ_DNR_2024_Digital_v10 lr.pdf](https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2024-06/RISJ_DNR_2024_Digital_v10%20lr.pdf) [consultado a 11 de outubro de 2024].

meio – como é o caso do britânico *The Independent* – e o surgimento de plataformas de notícias exclusivamente *online* – como é o exemplo do *Observador* –, o papel continua a coexistir com o digital. Desde o seu surgimento no início do século XVIII, o percurso dos jornais tem sido marcado por uma constante reinvenção – diante dos avanços tecnológicos – e resiliência – face aos novos meios de comunicação. No fundo, “os jornais fazem mais do que competir com os novos meios de comunicação. Os jornais refletem os desafios sociais de diferentes épocas e encontram formas de apresentar as questões à sua maneira”⁴ (Shaw & McKenzie, 2003, p. 148).

[4] T.L. – “Newspapers do more than compete with newer media. Newspapers reflect the social challenges of different periods and find ways to present issues in their own special way”.

Meggs & Purvis (2011, p. 190) explicam que os jornais demonstravam predileção pela xilogravura, pois “os blocos de gravação em madeira eram da altura dos tipos e podiam ser travados em uma única matriz de impressão tipográfica, enquanto a gravura em lâminas de cobre ou aço ou litografias precisavam ser impressas em uma tiragem separada”.

Klein (2016, s.p.) acrescenta que a incidência de gráficos era rara não apenas devido às restrições tecnológicas do período, mas também pela pouca familiaridade dos leitores diante desse tipo de visualização. Nesse sentido, exemplos como o gráfico publicado no *The New York Tribune* (1849) (figura 6) sobre as mortes consequentes da epidemia de cólera em Nova York são raros e revelam uma tentativa não apenas de introduzir esse tipo de representação, mas também de instruir o leitor a decodificá-la (Klein, 2016, s.p.).

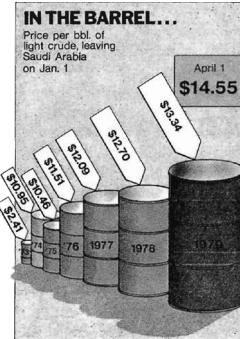
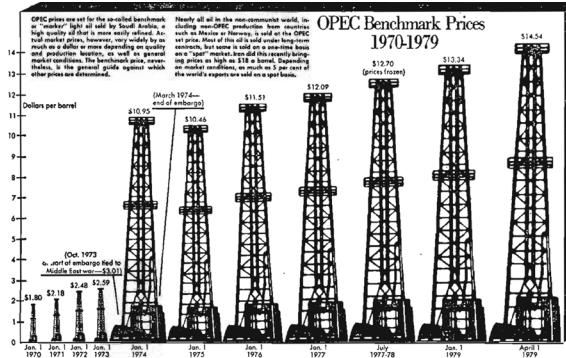


← figura 6.
 Diagram showing the rise, progress and decline of the cholera in New York in 1849, *The New York Tribune*.
 Fonte: <https://www.propublica.org/nerds/infographics-in-the-time-of-cholera> [consultado a 24 de outubro de 2024].

Assim, a atual familiaridade em compreender gráficos – possivelmente relacionada com o fato de seus fundamentos serem lecionados nas escolas – é desmistificada por Cairo (2019, s.p.) e Klein (2016, s.p.) que explicam que a decodificação desse tipo de visualização não é algo inato e que é preciso que o leitor conheça os seus símbolos e as convenções utilizadas.

Nas últimas décadas do século XX, continuava a ser comum que as infografias dos jornais fossem produzidas por profissionais cuja formação vinha das artes, o que resultava em visualizações fortemente ilustradas, mas com uma abordagem simplista dos dados (Cairo, 2017, pp. 57 e 59). Tais visualizações – que tinham predileção pela representação pictórica, em detrimento de uma abordagem mais analítica – ficaram conhecidas como *chartoons* e, frequentemente, resultavam em gráficos tridimensionais que distorciam os dados. Exemplos da

popularidade dos *chartoons* podem ser verificados em jornais e revistas da época como o *The New York Times*, *The Washington Post* e *Time Magazine* (Tufte, 2007, pp. 60–63) (figuras 7 e 8).



← figura 7.
OPEC Benchmark Prices,
Washington Post, 1979.
Fonte: Tufte (2007).

figura 8.
In the barrel...,
Time Magazine, 1979.
Fonte: Tufte (2007).

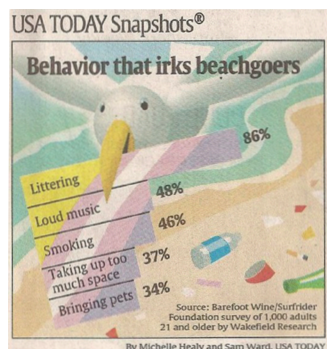
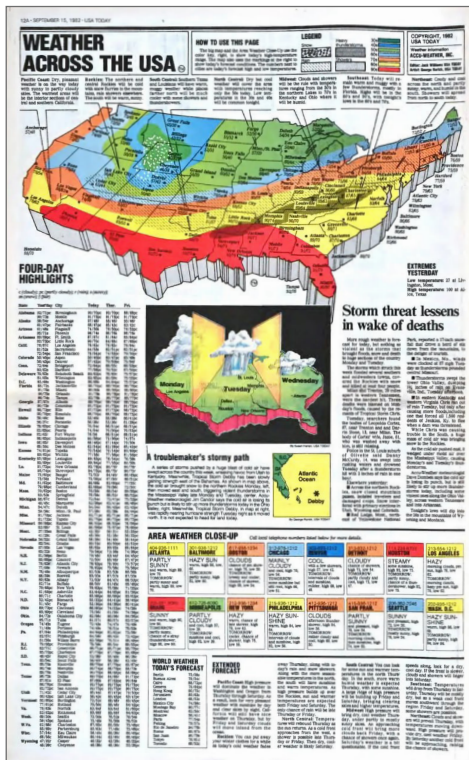
Lançado em 1982, o *USA Today* foi o primeiro diário nacional dos Estados Unidos e é considerado um dos exemplos mais célebres desse período. A proeminência detida por esse periódico pode ser atribuída ao seu formato inconventional. Garcia (1987, p. 6) explica que o *USA Today* “introduziu gráficos informativos para a maioria das histórias e fê-lo de tal forma que tornou a leitura do texto quase desnecessária – uma vantagem para quem lê na diagonal. Também privilegiava histórias curtas e de fácil leitura”⁶. Adicionalmente, Cairo (2008, pp. 51–52) demonstra que tais escolhas gráficas e o uso extensivo da cor iam ao encontro das alterações dos hábitos de consumo consequentes do aparecimento da televisão. Dentre os elementos emblemáticos do *USA Today*, destacam-se o seu mapa meteorológico (figura 9) – amplamente imitado por outros jornais – e os *Snapshots* (figuras 10 e 11) – pequenos gráficos ilustrados presentes no início de cada seção do jornal.

Edward Tufte (2007, pp. 93 e 107) critica veementemente a utilização dos *chartoons*, tendo cunhado o termo *chartjunk* para definir os componentes que não agregam informação à visualização e *data-ink* que, em oposição, refere-se aos elementos essenciais para a sua construção. Por outro lado, Cairo (2013, s.p.) afirma que as ideias de Tufte impuseram “sanidade numa época em que o chamativo prevalecia sobre o funcional, em que o pictórico e o divertido se sobrepunham ao abstrato e ao intelectual”⁷.

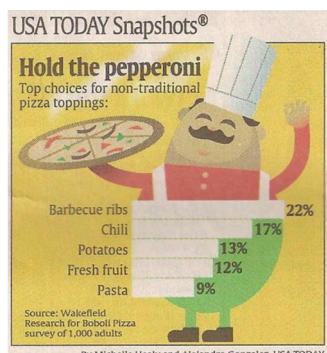
A infografia pode ser entendida, de modo sucinto, como uma representação visual da informação, em que algumas características são enfatizadas em detrimento de outras (Cairo, 2008, pp. 21–23). Mais recentemente, autores como Cairo (2008, p. 23) e Krum (2014, p. 6) atribuem à infografia um caráter híbrido e multidisciplinar, em que podem ser empregues elementos variados como textos, fotografias, áudios, vídeos, ilustrações, modelações 3D, gráficos, mapas e tabelas.

[6] T.L. – “Introduced informational graphics for most stories and did it in such a way as to make reading of the text almost unnecessary – a plus for scanners. It also emphasized short, easy-to-read stories”.

[7] T.L. – “Imposed sanity at a time when flashy prevailed over functional, when pictorial and fun presided over abstract and intellectual”.



← **figura 9.**
Weather across the USA,
 USA Today, 1982.
 Fonte: <https://eu.usatoday.com/picture-gallery/news/nation/2022/09/14/40-years-ago-usa-todays-first-edition/7963050001/> [consultado a 25 de outubro de 2024].



figuras 10 e 11.
USA Today Snapshots,
 USA TODAY.
 Fonte: Cairo (2007).

Apesar de lidar regularmente com números e, talvez por isso, ser frequentemente associada à exatidão e veracidade, a Infografia não é uma área imparcial (Cairo, 2019, s.p.). Assim, a representação escolhida e o modo como é apresentada pode ser tendenciosa e, por vezes, induzir o leitor ao erro.

Inicialmente, a Infografia era entendida dentro dos jornais como uma área subordinada ao Jornalismo, estando associada à arte e desempenhando uma função mais artística que informativa (Cairo, 2008, pp. 49–51). Munk (1992, p. 15) demonstra que no início da década de 90 do século XX, com algumas exceções, as seções de Infografia detinham pouca autonomia, estando ao serviço de outros departamentos.

No entanto, a percepção desses profissionais dentro das salas de redação e as suas consequentes responsabilidades têm vindo a ser alteradas. Atualmente, o trabalho desenvolvido pelas equipas de Infografia é entendido e reconhecido dentro dos jornais como jornalismo, tendo tais profissionais adquirido autonomia para conceber os seus próprios projetos (Cairo, 2017, pp. 115 e 208). Para além disso, cabe ressaltar duas mudanças consequentes do advento das tecnologias digitais: a adoção de uma representação abstrata em detrimento de uma figurativa – decorrente da maior disponibilidade de dados e da sua facilidade de manipulação – e a diversificação do perfil dos profissionais que compõem as equipas de Infografia – que passaram a abranger, por exemplo, programadores e desenvolvedores *web* (Cairo, 2017, p. 207).

2.2.2. O ADVENTO DA INFOGRAFIA INTERATIVA

Conforme mencionado no subcapítulo 2.1., a transição dos jornais para o ambiente digital foi inicialmente marcada pela prática do *shovelware*, consequente tanto da inexperiência dos profissionais, como também das limitações tecnológicas do período.

O lançamento do *software Flash*, em 1997, expandiu significativamente as capacidades dos *websites*. Inicialmente desenvolvido pela *Macromedia* e, posteriormente, adquirido pela *Adobe*, em 2005, o *Flash* facilitou a criação de animações e jogos e a incorporação de áudios e vídeos, adicionando, assim, interatividade e elementos dinâmicos às páginas *web* (Leggett *et al.*, 2007, pp. 3-6).

Entretanto, Nielsen (2000, s.p.) criticou veementemente a utilização desenfreada e gratuita de animações, possibilitada pelo surgimento do *Flash*, elencando alguns dos problemas da sua utilização – “incentiva o abuso do design, contraria os princípios fundamentais de interação da *Web* e desvia a atenção do valor central do *site*”⁸.

Apesar de ter sido amplamente adotado, o *Flash* possuía as suas próprias limitações, dentre as quais: ser um formato fechado, obrigar a instalação de um *plug-in* no navegador, apresentar falhas recorrentes na segurança que desencadearam atualizações constantes e um baixo desempenho em dispositivos *mobile* (Jobs, 2010, s.p.). Somado a isso, a *Apple* anunciou, em 2010, que os seus produtos não seriam compatíveis com o *Flash* e que, ao invés disso, iria adotar apenas formatos abertos, nomeadamente o HTML5, CSS e *JavaScript* (Jobs, 2010, s.p.).

Comparativamente aos *softwares* adotados até então – em que as ferramentas inicialmente incorporaram elementos análogos ao mundo físico e alteraram-se gradativamente para representações mais abstratas –, as linguagens HTML5, CSS e *JavaScript* possuíam uma lógica completamente diferente (Cairo, 2017, pp. 78 e 86). Atualmente, a construção de gráficos interativos e a sua incorporação em páginas *web* foi significativamente facilitada pelo surgimento de ferramentas *online*, como as bibliotecas de *JavaScript* – entre as quais o *D3* e o *Nivo* – e plataformas que permitem a criação de visualizações sem a necessidade de um conhecimento aprofundado de código – como o *Flourish* e o *HighCharts*.

A desvinculação em relação ao que era produzido na vertente impressa e a incorporação das novas tecnologias e ferramentas nativas da *web* marcam o surgimento da infografia interativa – proporcionando transformações tanto ao nível do design quanto da gestão de dados (Vizoso *et al.*, 2020, p. 65).

Com a crescente popularização das infografias interativas, projetar as interações tornou-se essencial, pois “os seres humanos utilizam as interfaces, mas experienciam as interações”⁹ (Roth, 2012, p. 378).

[8] T.L. – “It encourages design abuse, it breaks with the Web's fundamental interaction principles, and it distracts attention from the site's core value”.

[9] T.L. – “Humans use interfaces, but they experience interactions”.

Nesse sentido, os designers, antes responsáveis apenas pelas interfaces, acumularam funções, ficando encarregados de também projetar as interações (Cairo, 2013, s.p.).

Algumas das vantagens decorrentes da incorporação da interatividade foram: [1] a possibilidade de segmentar a informação (Vizoso *et al.*, 2020, p. 68), [2] maior liberdade e controle da visualização (Krum, 2014, p. 48; Liang *et al.*, 2010, s.p.) e [3] maior envolvimento do utilizador (Krum, 2014, p. 48; Vizoso *et al.*, 2020, p. 68). Em outras palavras, a adição da interatividade permitiu que os utilizadores passassem de consumidores passivos para atores ativos, em que, dependendo do grau de liberdade concedido, as suas escolhas podem influenciar a narrativa visualizada e a informação consumida (Liang *et al.*, 2010, s.p.). Porém, a dificuldade em identificar e compreender a utilização dos pontos de controle pode prejudicar o aproveitamento integral de seus recursos (Zwinger *et al.*, 2017, p. 180). Nesse sentido, é imprescindível que os pontos de interação sejam concebidos de modo coeso e que se distingam dos demais elementos (Zwinger *et al.*, 2017, p. 180). Tais ideias relacionam-se com os princípios de Norman (2013, s.p.) da consistência e visibilidade, respetivamente. Além disso, Cairo (2013, s.p.) considera que outros princípios de Norman (2013, s.p.) também são pertinentes para o desenvolvimento de infografias interativas, nomeadamente o do *feedback* – toda ação do utilizador deve ter uma resposta – e do constrangimento – devem impor-se certos limites ao utilizador. Errea *et al.* (2017, pp. 6–7) concorda com os autores e afirma que oferecer controle incondicional ao utilizador sobre a infografia pode ser mais prejudicial do que libertador, podendo gerar confusão e frustração nos leitores.

Nos últimos anos, o custo associado à aplicação da interatividade às visualizações tem vindo a ser questionado e ponderado diante do seu efetivo aproveitamento por parte do utilizador (Fulda, 2018, pp. 123–124). De acordo com Aisch (2016, s.p.), por mais evidenciado que possa estar, a maior parte dos leitores não irá aceder as informações que requerem a interação com um botão. Nesse sentido e divergindo da tendência até então predominante no meio jornalístico, o *The New York Times* estabeleceu limites à utilização da interatividade, reduzindo a participação do utilizador e priorizando a transmissão eficaz da informação em suas publicações digitais (Errea *et al.*, 2017, pp. 6–7; Errea, 2018, p. 34). Durante a sua participação na 24.^a edição do *Malo-fiej Infographics World Summit*, Archie Tse (2016, s.p.) – diretor gráfico do *The New York Times* – apresentou as suas *3 rules for visual storytelling* que refletem a postura adotada pelo jornal.

“1. Se você fizer o leitor clicar ou realizar qualquer ação além de fazer *scroll*, algo espetacular precisa de acontecer.

figuras 12–17. →

Snow Fall: The Avalanche at Tunnel Creek, The New York Times, 2012.

Fonte: <https://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/index.html#/?part=tunnel-creek> [consultado a 28 de outubro de 2024].

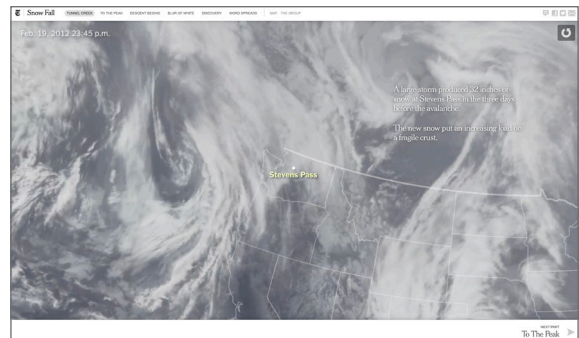
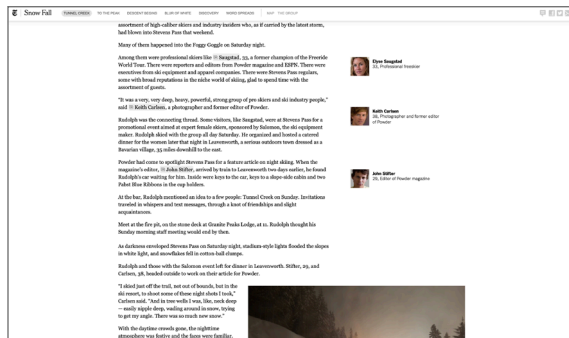
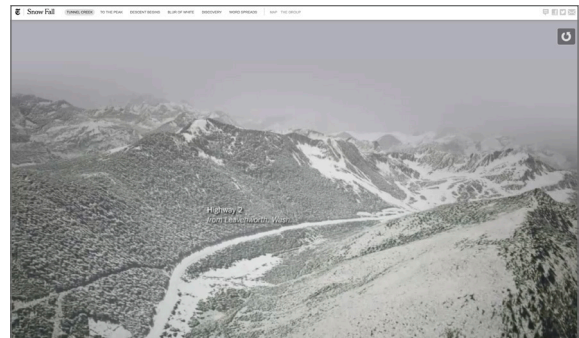
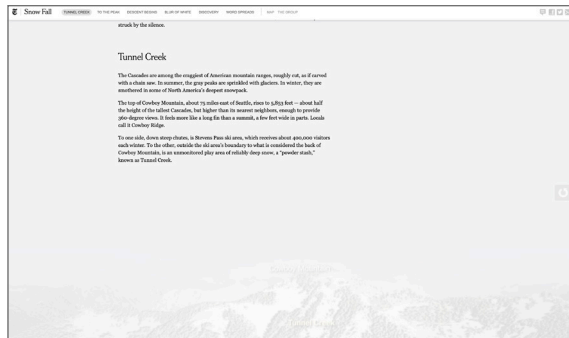
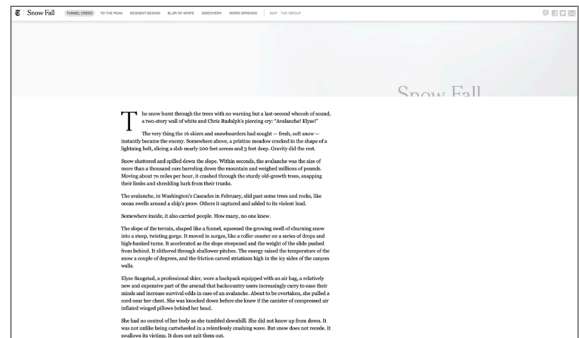
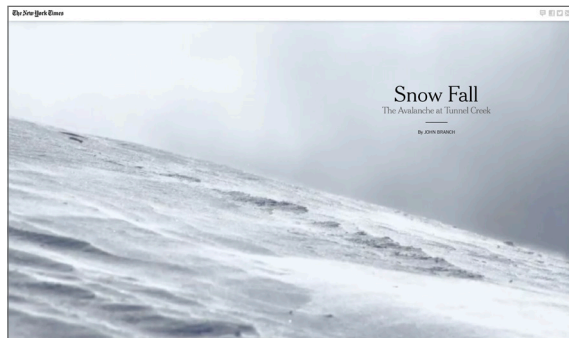
2. Se você criar uma dica de contexto ou uma sobreposição, parta do princípio que ninguém a verá. Se o conteúdo é importante para os leitores verem, não o esconda.

3. Ao decidir se vai tornar algo interativo, lembre-se de que fazê-lo funcionar em todas as plataformas é dispendioso”¹⁰.

Aisch (2016, s.p.) e Fulda (2018, p. 124) concordam que a forma não se pode sobrepor à função, ou seja, a visualização não pode ser comprometida pela existência de mecanismos interativos que ocultam informações fundamentais, sendo essencial apresentá-las de modo explícito.

Tendo em conta o desinteresse dos utilizadores em explorar e aproveitar muitos dos recursos presentes nas infografias interativas, a adoção de visualizações mais simples e narrativas unidirecionais – como é o caso do *scrollytelling* – têm vindo a ganhar destaque (Kennedy *et al.*, 2021, p. 164).

[10] T.L. – “1. If you make the reader click or do anything other than scroll, something spectacular has to happen; 2. If you make a tooltip or rollover, assume no one will ever see it. If content is important for readers to see, don’t hide it; 3. When deciding whether to make something interactive, remember that getting it to work on all platforms is expensive”.



O *Scrollytelling* – termo derivado da junção das palavras *scroll* e *storytelling* – é um modelo de narrativa fluida e imersiva que, embora possa incorporar recursos diversos – como gráficos, mapas, tabelas, imagens e vídeos –, não requer grandes interações, sendo o conteúdo revelado à medida que o utilizador faz *scroll* na página (Seyser & Zeiller, 2018, p. 401) (figuras 12-17).

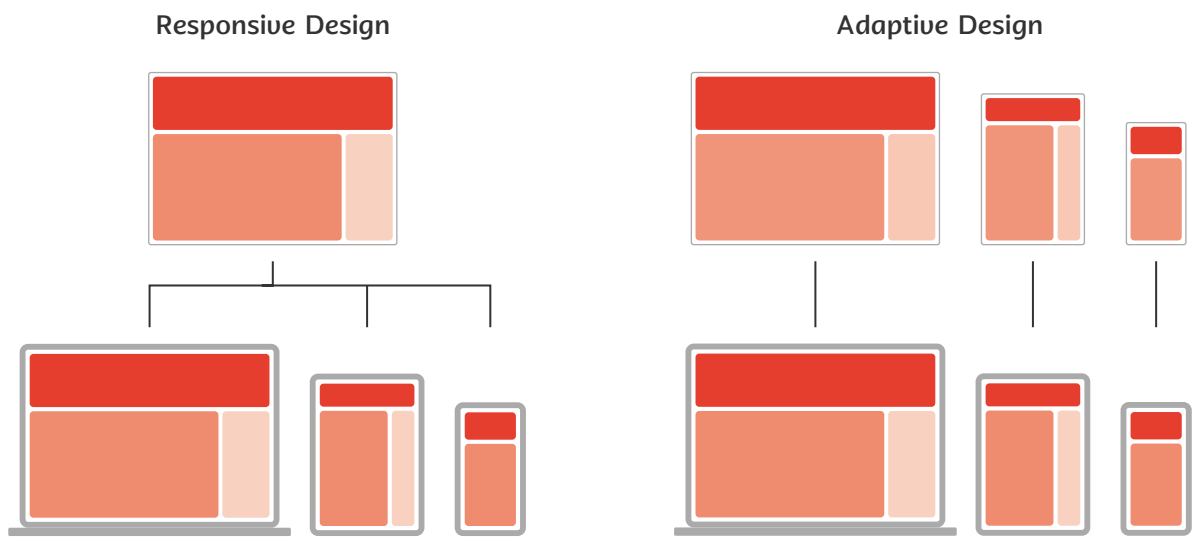
Aisch & Rost (2021, p. 194) afirmam que a interatividade ainda tem o seu lugar, sendo reservada a projetos em que desempenha uma função central. Neste novo contexto, a visualização ganha forma a partir de um *input* fornecido pelo utilizador, sendo tal dinâmica viabilizada pelo emprego da interatividade. Os autores também demonstram que o regresso às visualizações estáticas se alinha aos constrangimentos característicos de uma sala de redação – nomeadamente o custo e a percibibilidade da notícia –, mas sobretudo vão ao encontro dos novos desafios consequentes da diversificação e diminuição do ecrã.

2.2.3. A DIVERSIFICAÇÃO DOS ECRÃS E DESAFIOS DO MOBILE

A popularização dos dispositivos móveis, na primeira década do século XXI, levou a uma diversificação dos tamanhos de ecrãs (Interaction Design Foundation, 2016). Assim, as interfaces que antes eram projetadas para um único modelo de dispositivo tiveram de ser adaptadas para atender a uma maior gama de formatos. Nesse sentido, duas abordagens se destacaram na tentativa de responder a um design multiplataformas. Por um lado, o *Responsive Design* – termo proposto por Ethan Marcotte, em 2010 – procura solucionar o problema ao propor um design fluido que prioriza uma adaptação à maior gama de formatos possível (Interaction Design Foundation, 2016, s.p.). Em outras palavras, uma mesma estrutura (HTML) possui diferentes regras de estilo (CSS) que são aplicadas de acordo com a largura do ecrã. Por outro lado, o *Adaptive Web Design* – termo cunhado por Aaron Gustafson, em 2011 –, propõe uma abordagem menos flexível que foca em projetar para formatos específicos de ecrãs (Soegaard, 2020, s.p.), ou seja, dependendo do dispositivo utilizado, será selecionado o *layout* fixo mais apropriado dentro de um conjunto disponível – representados por estruturas (HTML) diferentes (figura 18).

A redução do tamanho do ecrã, aliada à mudança de orientação – de horizontal nos computadores para tendencialmente vertical nos telemóveis –, possibilitou uma maior portabilidade e liberdade, favorecendo a sua manipulação com uma ou duas mãos.

Nos últimos anos, em Portugal, tem sido observado o crescimento da utilização de telemóveis para aceder à internet – em contraste

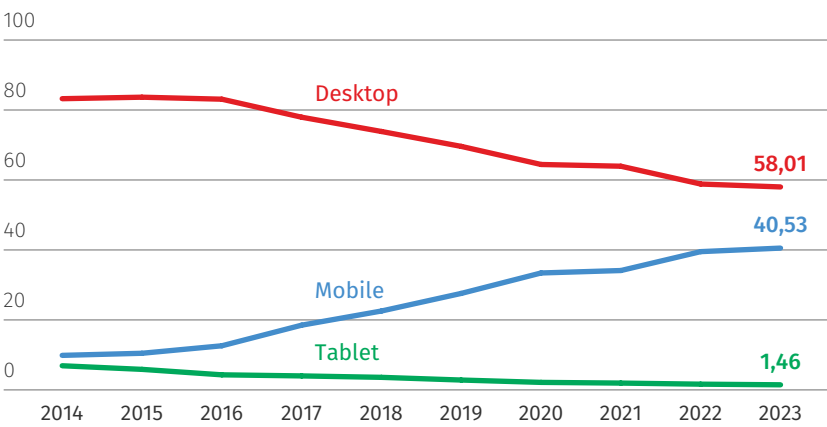


↑ **figura 18.** Esquema ilustrativo do *Responsive e Adaptive Design*.
Fonte: Investigadora (2024).

com a diminuição dos computadores –, enquanto os *tablets* continuam a representar um segmento pouco expressivo (StatCounter, s.d.) (**gráfico 3**). Este novo tipo de suportes, embora vantajoso, levanta também novos desafios, nomeadamente a necessidade de acomodar a mesma quantidade de conteúdo num espaço menor e verticalizado e de distinguir a informação principal e visível – custo de interação baixo ou nulo – da informação secundária e invisível – alto custo de interação (Budiu, 2015, s.p.).

Além disso, a transição de dispositivos que necessitam de periféricos de entrada – para controle e navegação – para a manipulação através do toque, o *touchscreen*, alterou a relação e o modo de interação entre o utilizador e o dispositivo (Norman, 2011, s.p.). Interações comuns e características dos computadores como, por exemplo, posicionar o cursor sobre um elemento – o chamado *hover state* –, não têm equivalente direto em dispositivos *touchscreen*, sendo necessário

Dispositivos utilizados para aceder à internet em Portugal
Em percentagem (%)



← **gráfico 3.** Dispositivos utilizados para aceder à internet em Portugal.
Fonte: <https://gs.statcounter.com/platform-market-share/desktop-mobile-tablet/portugal/#yearly-2014-2023> [consultado a 17 de setembro de 2024].

adaptar a funcionalidade ou exibir a informação diretamente (Wroblewski, 2011, pp. 78-82).

Embora o uso do *touchscreen* seja mais intuitivo do que o de um cursor controlado por um rato, os dedos humanos são pouco precisos (Nielsen, 2012, s.p.). Essa particularidade, quando combinada com a redução dos tamanhos dos ecrãs, evidencia a importância de um dimensionamento e espaçamento adequado dos elementos interativos – que visa minimizar tanto a incidência de erros quanto o tempo necessário para aceder os pontos de interação (Harley, 2019, s.p.).

O termo *mobile first* emerge em decorrência do aumento do uso dos dispositivos móveis. Tal abordagem rompe com a prática de projetar para a *web* com foco nos computadores e coloca como prioridade as particularidades e constrangimentos dos telemóveis em que os ecrãs são projetados seguindo uma lógica crescente de tamanho (Wroblewski, 2011, p. 1). Hoffswell *et al.* (2020, pp. 3-5) demonstram que apesar da relevância e das vantagens do *mobile first* serem reconhecidas pelos profissionais que desenvolvem as infografias jornalísticas, o *desktop first* continua a ser amplamente adotado – prática que pode estar relacionada com o facto de o computador ser, normalmente, a ferramenta de trabalho utilizada.

A preocupação em projetar para os dispositivos móveis conduziu a um regresso a visualizações mais simples – privilegiando gráficos de barras e de linhas em detrimento de soluções mais rebuscadas – e repensaram a importância anteriormente concedida à interatividade (Aisch & Rost, 2021, p. 193; Kennedy *et al.*, 2021, p. 162).

Aisch (2016, s.p.) defende que cada suporte possui particularidades e potencialidades distintas e, conseqüentemente, requer visualizações condizentes com as suas especificidades. Na infografia *The collapse of insects* (Janicki *et al.*, 2022, s.p.), por exemplo, o formato horizontal e as dimensões generosas da tela dos computadores favorecem visões mais globais e permitem a existência simultânea de diferentes elementos. Enquanto isso, o espaço de tela limitado dos telemóveis incentiva soluções visuais mais criativas – como pode ser observado na mudança para o *treemap* tradicional que favorece o formato *mobile* – e que priorizam a informação principal (figuras 19-22).

Hoffswell *et al.* (2020, p. 1) utiliza o termo *Responsive Visualization* para descrever uma abordagem ao design multiplataformas focada nas visualizações e na transmissão eficaz da informação. Nesse sentido, seis ações podem ser aplicadas durante a adaptação das visualizações de computadores para telemóveis: redimensionar, reposicionar, adicionar, modificar, remover ou manter inalterado (Hoffswell *et al.*, 2020, pp. 3-4).

O *ai2html* – desenvolvido por Archie Tse (*The New York Times*) – permite ultrapassar um dos maiores problemas consequentes da ex-

figuras 19-22. →

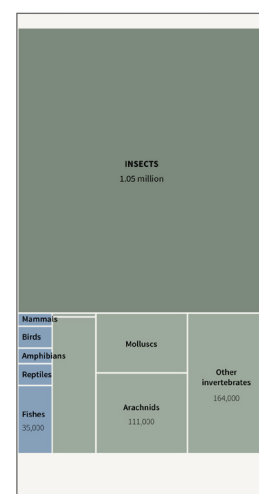
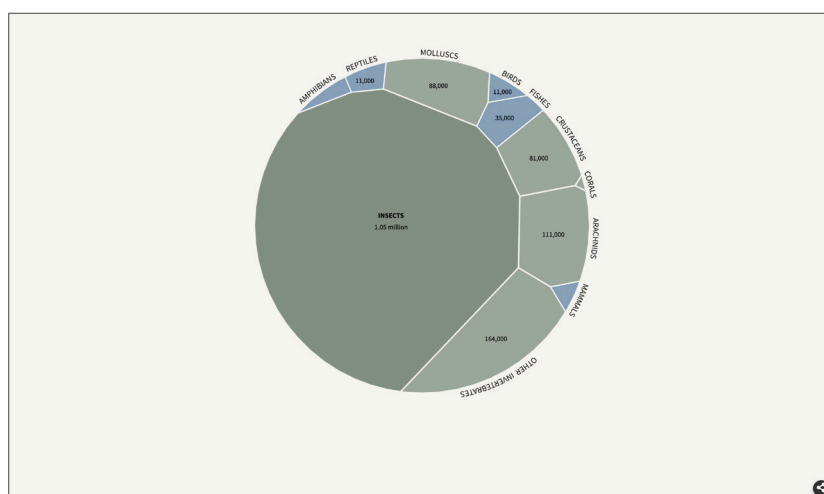
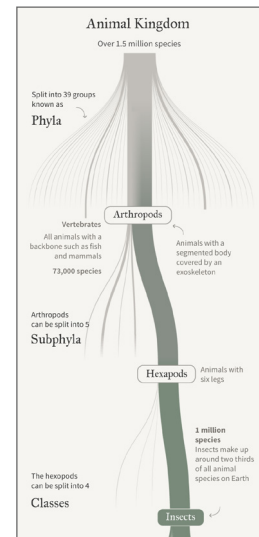
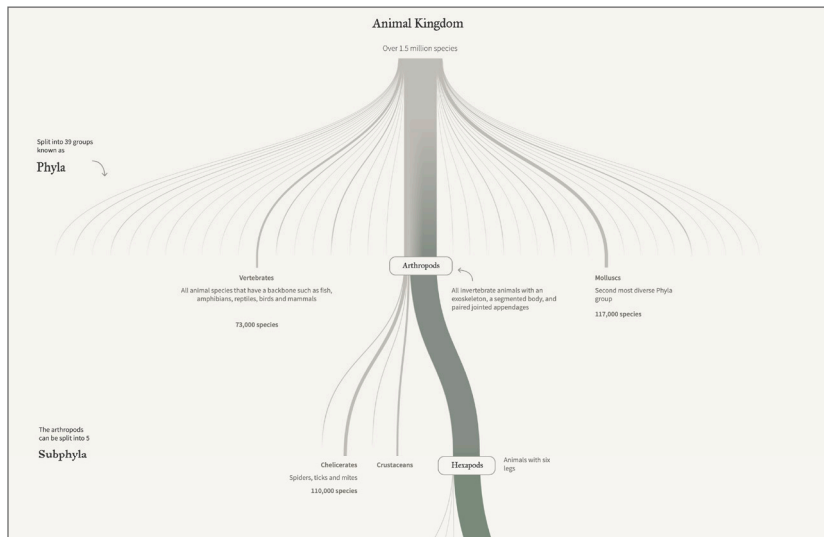
The Collapse of Insects, Reuters, 2022. *Desktop* (esquerda) e *mobile* (direita).

Fonte: <https://www.reuters.com/graphics/GLOBAL-ENVIRONMENT/INSECT-APOCALYPSE/egpbykdxjvq/> [consultado a 17 de setembro de 2024].

portação das visualizações em formatos de imagem: o redimensionamento do texto e a sua redução excessiva em dispositivos móveis. Tal como o nome sugere, o *ai2html* possibilita que projetos desenvolvidos no *Adobe Illustrator* sejam convertidos em linguagens *web*, o que representa um maior controle dos elementos da visualização, sobretudo do texto que mantém a sua legibilidade independentemente do dispositivo utilizado (Sam, 2018, s.p.).

A diversificação dos ecrãs ainda é um desafio, visto que “pensar dentro dos poucos pixels de um telemóvel pode ser frustrante para repórteres gráficos, muitos dos quais estão habituados ao ‘luxo’ de preencher páginas inteiras em jornais impressos e projetar experiências de ecrã completo para computadores”¹¹ (Aisch & Rost, 2021, p. 193). Mas, iniciativas como o *ai2html* refletem a preocupação dos profissionais da área em transmitir a informação de modo consistente para diferentes suportes.

[11] T.L. – “Thinking inside the few pixels of a mobile box can be frustrating for graphics reporters, many of whom are used to the ‘luxury’ of filling entire pages in print newspapers and designing full-screen desktop experiences”.



Argumento

A partir do enquadramento teórico, em que foi realizada a recolha, seleção, análise e síntese crítica das principais referências da área, foi possível formular o seguinte argumento:

Ao atribuir maior relevância à adaptação das infografias digitais aos diferentes suportes, nomeadamente na transposição das interfaces e interações, será possível garantir a consistência da narrativa infográfica e da navegação.

Capítulo 3

INVESTIGAÇÃO ATIVA

*“But newspapers are in the end
the best example of how everything
must be done in the best possible way
in the shortest possible time”*

Franchi, 2013, p. 106.

3.1. O PÚBLICO breve contextualização

“Abrir portas onde se erguem muros”

O PÚBLICO nasceu da ambição de um grupo de profissionais provenientes do semanário *Expresso* de produzir, em Portugal, um jornal que fornecesse diariamente um trabalho rigoroso e de qualidade (Pacheco, 2018, s.p.). Entre os membros fundadores do PÚBLICO, destaca-se a presença de um designer, Henrique Cayatte (n. 1957), responsável pela primeira marca gráfica do jornal e pelo design editorial de todos os seus cadernos.

Fundado em 1989, mas lançado apenas em 5 de março de 1990, a trajetória do PÚBLICO é marcada pela inquietação e inovação. A sua primeira edição, já em formato tabloide, antevia a tendência da adoção de formatos menores – como o tabloide e o *berliner* – em detrimento do tradicional *broadsheet*^[12], como pôde ser posteriormente observado nos jornais *The Independent* (2003), *The Times* (2003) e *Expresso* (2006) (figura 23). Para além disso, o PÚBLICO foi o primeiro jornal português a produzir duas edições com cadernos locais diferentes – uma destinada a Lisboa (Edição Lisboa) e outra, ao Porto (Edição Porto).

Em 1995, cinco anos após o seu lançamento, o PÚBLICO adentra no mundo digital (Gomes, 2005, s.p.). À semelhança do que aconteceu com muitos jornais ao redor do mundo, o seu *site* inicialmente limitava-se a ser uma plataforma *online* da versão impressa do jornal. O desenvolvimento de artigos exclusivos e atualizações em tempo real, concretizadas em 1998 com a criação do serviço de Última Hora, marcaram o início da expansão do jornal.

Atualmente, o PÚBLICO oferece um “serviço de informações multiplataformas” que se estende muito além da versão impressa, incluindo *website*, redes sociais, *newsletters* e *podcasts* (PÚBLICO, 2021).

[12] O *broadsheet*, tabloide e *berliner* são os formatos comumente adotados pelos jornais. Porém, mesmo dentro de um único formato, não há uma padronização de medidas, sendo cada periódico responsável por determinar as suas próprias dimensões.



Broadsheet
The New York Times



Berliner
Le Monde



Tabloide
PÚBLICO

Como é próprio de um jornal generalista, o PÚBLICO trata uma ampla variedade de temáticas. As áreas abordadas incluem política, sociedade, notícias locais e internacionais, economia, cultura, ciência, meio ambiente e desporto, permitindo aos leitores estarem atualizados dos principais acontecimentos do dia. Adicionalmente, o periódico oferece uma série de suplementos que são publicados, juntamente com a edição impressa, ao longo da semana: o *Imobiliário* (quarta-feira), o *Ípsilon* (sexta-feira), o *Fugas* (sábado) e o *P2* (domingo).

Durante os seus 34 anos de existência, a versão original assinada por Henrique Cayatte, passou por algumas reformulações. A mudança mais marcante aconteceu em 2007 e foi liderada pelo inglês Mark Porter (n. 1960) – responsável também pelo redesenho do jornal britânico *The Guardian* –, em que foi introduzido o “P” vermelho que, ao longo dos anos, se consolidou como símbolo de prestígio. Em 2012, Porter é convidado a retornar ao PÚBLICO e repensar o jornal diante das mudanças de hábitos de leitura consequentes do surgimento dos *smartphones e tablets* (Reis, 2012).

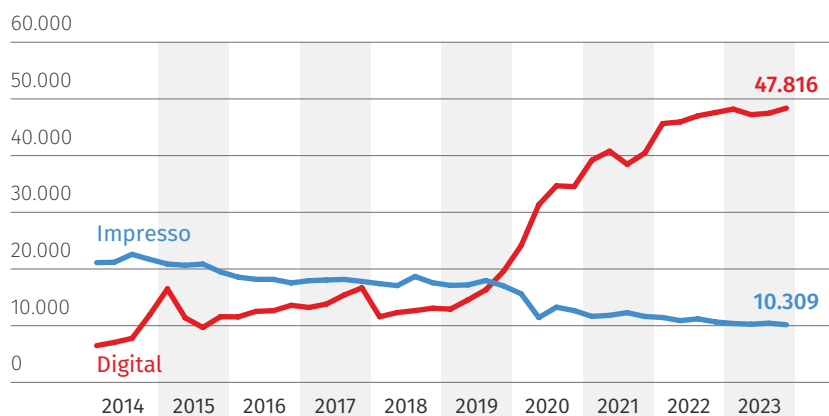
Embora tenha sido originalmente idealizado para o papel – e continue a ser impresso diariamente, com exceção dos dias 1 de janeiro e 25 de dezembro –, o futuro do PÚBLICO parece apontar para o *online*. Dados da APCT (Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação) (s.d., s.p.) revelam que entre os anos de 2014 e 2023 houve

↑ **figura 23.**
Comparação dos três principais formatos de jornais: *Broadsheet*, *Berliner* e *Tabloide*.
Fonte: Investigadora (2024).

uma queda gradual na circulação paga impressa do PÚBLICO, mas o crescimento substancial da digital (**gráfico 4**). Tal tendência não é exclusiva do PÚBLICO, sendo observada também em outros jornais portugueses, como o *Expresso* e o *Diário de Notícias*.

Circulação paga do PÚBLICO

Média diária de exemplares e assinaturas online



← gráfico 4.

Circulação paga do PÚBLICO.

Fonte: <https://www.apct.pt/analise-simples> [consultado a 17 de junho de 2024].

3.2. Estágio

3.2.1. A SECÇÃO DE INFOGRAFIA

Apesar de a infografia ter se tornado uma constante nos jornais, cada periódico parece adotar uma estrutura própria, não havendo um consenso quanto à necessidade da existência de um departamento dedicado ou ao tipo de formação profissional dos seus integrantes (Cairo, 2017, p. 33).

No PÚBLICO, a secção de Infografia é um departamento que opera sob a direção de arte, que, desde 2006, é liderada por Sónia Matos. Atualmente, a sua equipa é composta por seis pessoas – Célia Rodrigues (coordenadora da secção), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Gómez, Gabriela Pedro e José Alves –, recebendo também, de modo mais esporádico, alguns estagiários. Os membros que compõem a equipa possuem formações académicas distintas – englobando áreas como Design, Desenho e Sociologia – e competências que se complementam, o que contribui e potencializa os projetos realizados.

A secção existe desde a fundação do periódico português, tendo sido as suas atividades, inicialmente, limitadas ao jornal impresso. Com a passagem para o digital, surgiram as suas primeiras infografias animadas, conseqüentes da adaptação de conteúdos provenientes de jornais estrangeiros, e que conduziram à publicação da primeira infografia digital autoral do país, em 2002 (Duarte, 2021, pp. 141 e 151-152). Desde então, as infografias do PÚBLICO têm evoluído, transitando do uso do *Flash* para, atualmente, a aplicação de tecnologias *web* mais modernas.

Em entrevista, Cátia Mendonça (apêndice D) explica que a adaptação ao meio digital foi gradativa, sendo os trabalhos desenvolvidos atualmente possibilitados pela experiência adquirida na prática ao longo dos anos. Adicionalmente aos fatores correntes em redações de

jornais – como prazos apertados e tamanhos reduzidos de equipas –, a falta de um programador na secção foi identificada como uma condicionante relevante. Assim, visto que a competência desempenhada por esse profissional é externa à formação académica dos integrantes, a sua execução implica um investimento de tempo considerável, o que, frequentemente, pode limitar os resultados obtidos (**apêndices D e E**).

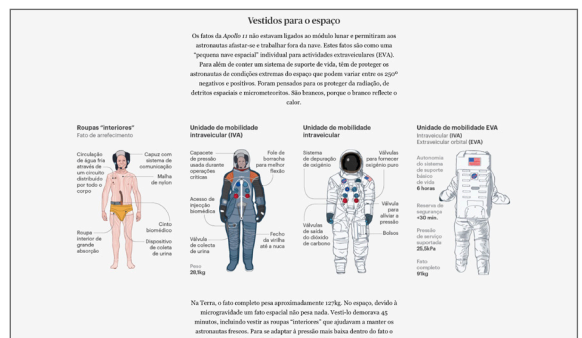
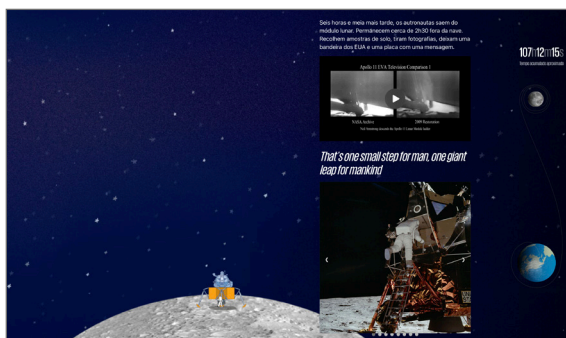
Cairo (2017, pp. 208–210) aponta que uma das tendências que tem sido observada nesses departamentos é a transição de *service desk* para uma gestão mais autónoma. Dentro do PÚBLICO essa mudança parece ainda estar em andamento, pois a criação de visualizações, provenientes de pedidos, para complementar textos representa uma parcela considerável das atividades desempenhadas diariamente. Porém, é nas infografias interativas que a secção tem ganhado reconhecimento, nacional e internacional, por premiações como o Prémio de Ciberjornalismo, Prémio Jornalismo de Dados, *European Newspaper Award*, *Premios ÑH* e Malofiej. Entre esses, destaca-se o Prémio Malofiej – um dos mais relevantes e respeitados concursos da área – que agraciou na sua 28.ª edição, em 2020, a infografia digital *50 anos Apollo 11: Espaço 1969* (**figuras 24–27**) com uma medalha de prata.

Francisco Lopes (**apêndice E**) refere que a secção acompanha ativamente o trabalho produzido por jornais de referência – como o *The New York Times* e o *Washington Post* –, sendo fontes de inspiração frequente para a introdução, no cenário nacional e dentro das limitações existentes, das inovações da área.

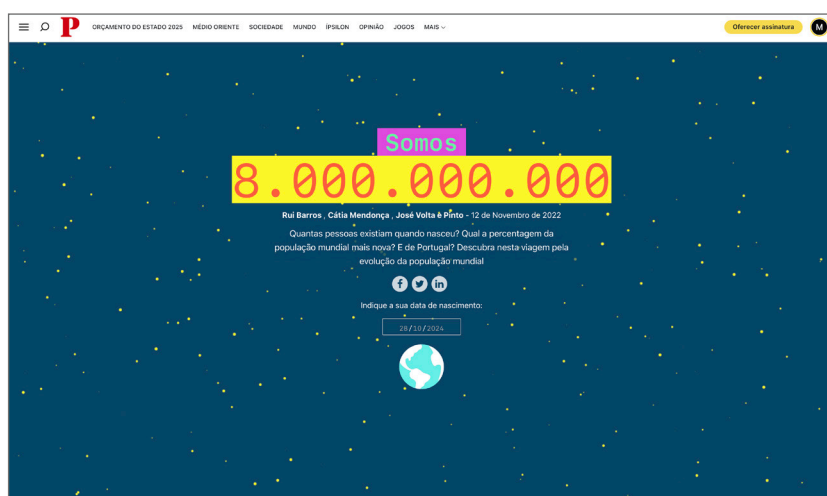
↓ **figuras 24–27.**

50 anos Apollo 11: Espaço 1969, PÚBLICO, 2019.

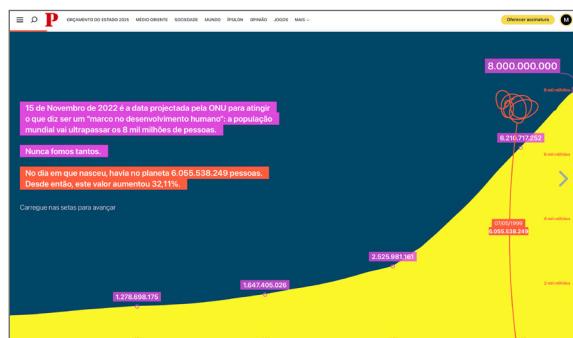
Fonte: <https://www.publico.pt/2019/07/14/infografia/espaco-1969-321> [consultado a 1 de novembro de 2024].



É pertinente referir a presença, dentro da estrutura do jornal, de uma equipa afim à secção de Infografia, nomeadamente a de Jornalismo de Dados. Embora essas equipas possam partilhar algumas competências e, por vezes, colaborem em projetos – como é o exemplo do *Somos 8 mil milhões* (figuras 28–30) –, os trabalhos desenvolvidos pela equipa de Jornalismo de Dados diferenciam-se pela estreita ligação com o digital e pelo papel central desempenhado pelos dados. Nesse sentido, a aplicação da interatividade possibilita a criação de narrativas dinâmicas – em contraste com as narrativas lineares, mais comuns nos projetos da Infografia – que podem ser exploradas e são potencializadas pela participação dos leitores (apêndice F).



← figuras 28–30. *Somos 8 mil milhões*, PÚBLICO, 2022. Fonte: <https://www.publico.pt/interactivo/8-mil-milhoes> [consultado a 28 de outubro de 2024].



Dinâmica interna

Regime de trabalho

O estágio foi maioritariamente desenvolvido em regime presencial na redação do PÚBLICO de Lisboa. No entanto, foram realizados alguns dias de modo remoto, mediante consentimento da coordenadora de estágio, a fim de facilitar a dedicação exclusiva ao projeto principal – que será abordado no subcapítulo 3.3.2.

Após a pandemia de Covid-19, a secção de Infografia passou a adotar um regime mais flexível e de carácter híbrido, permitindo que os integrantes da equipa realizassem as suas funções de modo remoto ou presencial, consoante uma escala de trabalho. Nesse sentido, ao longo dos três meses de estágio houve sempre um acompanhamento presencial por, pelo menos, um membro da secção.

Horário

O estágio foi realizado de segunda a sexta-feira, das 10h às 18h, sendo prevista uma pausa para almoço com duração de cerca de 1 hora.

Com exceção dos estagiários, os horários dos demais integrantes da secção eram rotativos, podendo incluir fins de semana e feriados. Durante a semana, os turnos de trabalho estavam organizados a fim de garantir o funcionamento da secção até o fecho da edição impressa, publicada no dia seguinte. Nesse sentido, os turnos da manhã tinham início às 9h e 10h e os da tarde às 14h (apoio ao fecho) e 15h30 (fecho).

Ferramentas de trabalho

Na redação do PÚBLICO, foi disponibilizada uma mesa com um computador fixo contendo os *softwares* necessários para a realização dos trabalhos, sendo o *Adobe Illustrator* a principal ferramenta utilizada.

Além disso, ao longo do estágio foram utilizadas também algumas ferramentas de trabalho próprias, entre as quais um portátil pessoal, uma mesa digitalizadora e programas de modelagem digital como o *Rhinoceros 3D* e o *Blender*.

Comunicação interna

A comunicação interna da secção é feita pelo *Microsoft Teams*. Tal plataforma propicia o trabalho em equipe ao possibilitar a criação de grupos de conversa, a realização de reuniões *online* e a integração com outros programas da *Microsoft* – como o *Word* e o *Excel*.

Devido à adoção de um regime híbrido e aos horários variados de trabalho, a comunicação interna da secção era realizada, sobretudo, por meio de um *chat*, onde os integrantes podiam conversar, partilhar ficheiros e informar-se sobre as tarefas que cada um estava a realizar.

Adicionalmente, era utilizado um documento *Word*, associado ao grupo de conversa, para registo dos trabalhos pendentes. Nesse documento, os trabalhos estavam organizados por data de entrega e continham informações como a sua situação atual e o seu responsável.

A cada duas semanas, eram realizadas reuniões, pela plataforma do *Microsoft Teams*, da equipa de Infografia com a diretora de arte do jornal, em que eram apresentados e discutidos os trabalhos que estavam a ser desenvolvidos e planeados os próximos projetos.

Tarefas

Trabalhos do dia

Constitui a atividade mais habitual desenvolvida pela secção, abrangendo as rotinas e os pedidos. Os membros da equipa responsáveis pela realização dos trabalhos do dia variam, ficando a cargo daqueles que estão mais disponíveis.

Rotinas

A atividade diária que consiste na realização das audiências da televisão (**figura 31**) e da meteorologia (**figura 32**) para o jornal impresso. Por serem componentes regulares do jornal, utiliza-se sempre o mesmo modelo, sendo necessário apenas atualizar os dados.

Pedidos

Os pedidos são visualizações solicitadas por jornalistas, que serão utilizadas para complementar artigos. Assim, o solicitante fornece as informações necessárias para a execução do pedido – como dados, título e fonte – e o infografista define a melhor maneira de visualização (**gráfico 5**). Normalmente consistem em visualizações mais simples – gráficos, tabelas e mapas – que serão publicadas no dia seguinte ou dentro dos próximos dias.

Os pedidos são, predominantemente, recebidos e processados por meio do e-mail da secção de Infografia ao qual todos os integrantes da equipa têm acesso. Assim, é adotado um sistema antiquado em que os e-mails lidos significam que o respetivo pedido já foi designado e, conseqüentemente, os não lidos sinalizam os que ainda estão pendentes. Esse processo, embora aparente funcionar, acaba por ser muito suscetível a falhas. A utilização, por exemplo, de um sistema de *tickets* facilitaria a gestão e o monitoramento de pedidos pela equipa e tornaria a comunicação mais transparente.

Projetos extraordinários

Os projetos extraordinários consistem, na maioria dos casos, em infografias digitais, ou seja, são trabalhos de maior dimensão e complexidade para o *website* – podendo também serem adaptados e publicados no jornal impresso.

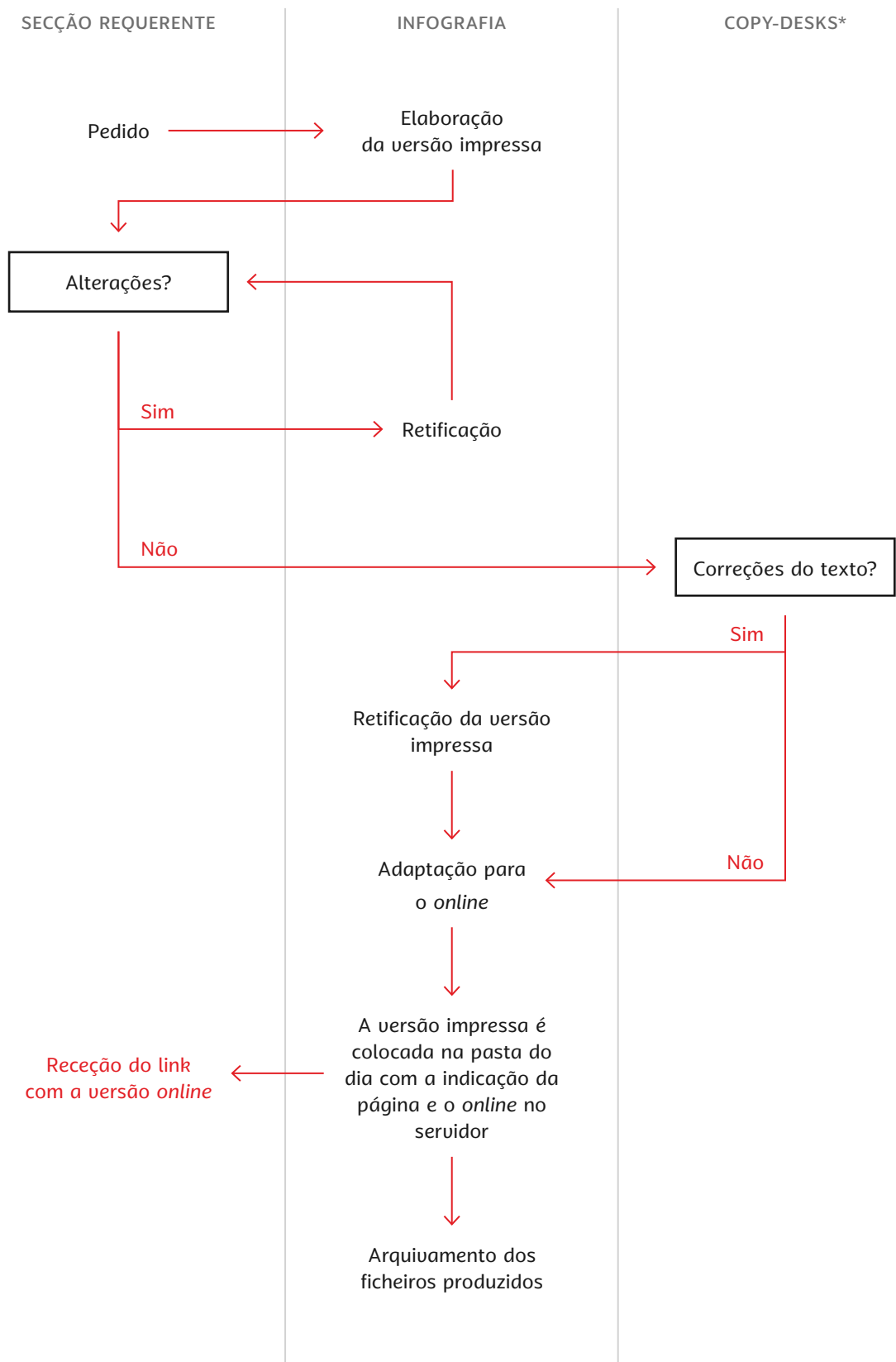
Tais projetos são delegados a uma ou mais pessoas, que ficam responsáveis por liderá-los, sendo possível também a colaboração de outros membros da equipa em partes mais pontuais. Os prazos são, por norma, maiores e, caso haja uma data específica de publicação, começam a ser desenvolvidos com alguma antecedência.

No que diz respeito aos temas, esses podem ser propostos por outras secções ou partir de uma iniciativa interna, sendo comum a colaboração com jornalistas ligados à área.

gráfico 5. →

Diagrama do processo de execução de um Pedido para o jornal impresso e digital.

Fonte: Investigadora (2024).



*No PÚBLICO, a equipa de Copy-Desks é responsável pela revisão do conteúdo textual.

Guia

CINEMA

Apollo 13

AMC, 22h10

Ron Howard dirige este filme, duplamente oscarizado, sobre a missão espacial que ficou famosa pela frase "Houston, temos um problema...". Face a problemas técnicos, três astronautas tentam sobreviver a mais de 300 mil quilómetros de casa, enquanto, na Terra, uma equipa luta para os trazer de volta em segurança. Tom Hanks, Bill Paxton, Kevin Bacon, Gary Sinise e Ed Harris ocupam os papéis principais.

Missão: Impossível

Star Channel, 22h15

Um comando de espíões de elite é incumbido de descobrir as causas do falhanço de uma missão secreta em Praga. Ethan Hunt é o líder. É Tom Cruise quem o encarna nesta reactivação cinematográfica da série que se estreou na década de 1960. Dirigido por Brian De Palma, em 1996, o filme inaugurou uma saga que, em 2023, atingiria o sétimo capítulo. Todos os outros seis são exibidos ao longo deste fim-de-semana. O segundo filme também passa hoje, às 00h21; amanhã, vêm *Missão: Impossível 3* (às 19h02) e *Operação Fantasma (2)h20*; domingo, chegam *Nação Secreta* (18h55) e *Fallout* (21h20).

O Amante de Um Dia

RTP2, 22h49

Em 2017, este filme de Philippe Garrel veio completar a sua "trilogia do amor", iniciada em 2013 com *Ciúme* e continuada dois anos depois com *A Sombra das Mulheres*. Centra-se em Gilles, um professor de filosofia interpretado por Éric Caravaca, que namora e vive com uma das alunas, Arianne (Louise Chevillotte). Tudo está bem até ao dia em que a filha de Gilles, Jeanne (Esther Garrel, filha do realizador), da mesma idade de Arianne, vai morar com eles após acabar a relação em que estava.

COMÉDIA

Jenny Slate: Seasoned

Prime Video, streaming

A atriz e humorista Jenny Slate, conhecida de *Parks and Recreation*, *House of Lies* ou *Saturday Night Live*, estreia mais um especial de stand-up "romântico, eléctrico e maroto" em que, segundo a Prime Video, "demonstra que vale a pena ser corajosa em nome do amor, seja a expelir um bebé pela vagina, a perseguir o terapeuta ou a acreditar que o nosso parceiro não nos vai destruir".

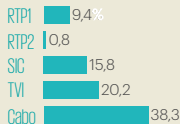
Televisão

Os mais vistos da TV

Quarta-feira, 21

Liga dos Campeões	TVI	18,0	33,2
Big Brother - Especial	TVI	9,8	19,8
O Preço Certo	RTP1	9,2	19,6
Isto é Gozar com Quem...	SIC	9,1	19,0
Cacau	TVI	9,1	20,2

FONTE: CALEM



RTP1

6.00 Bom Dia Portugal **10.00** Praça da Alegria **12.59** Jornal da Tarde **14.23** Escrava Mãe **15.24** A Nossa Tarde **17.30** Portugal em Directo **19.06** O Preço Certo

19.59 Telejornal

21.00 Debates Legislativas 2024 - Partidos com Assento Parlamentar

23.00 Em Casa d'Amália

0.25 Braga

1.15 Escrava Mãe

2.16 Hora de Agir **2.33** Vieram para Ficar - Os Nossos Estranhos Vizinhos

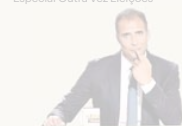
SIC

6.00 Edição da Manhã **8.15** Alé Portugal **9.45** Casa Feliz **12.59** Primeiro Jornal **14.45** Linha Aberta **16.20** Júlia **18.20** Morde & Assopra

19.20 Era Uma Vez na Quinta

19.57 Jornal da Noite

21.50 Isto é Gozar com Quem Trabalha - Especial Outra Vez Eleições



22.45 Senhora do Mar **23.40** Flor Sem Tempo **0.50** Papel Principal

1.40 Travessia **2.00** Passadeira Vermelha **3.55** Era Uma Vez na Quinta

RTP2

6.00 A Fé dos Homens **6.32** Repórter África **7.00** Espaço Zig Zag **10.35** Nele & Idália **11.09** No Reino dos Bijagós **12.05** Amores Que Matam **12.58** Esec TV **13.25** Conversas Abertas na Universidade **14.00** Sociedade Civil **15.03** A Fé dos Homens **15.38** Come a Sopra **16.06** Peru: Sacrifícios no Reino de Chimú **17.00** Espaço Zig Zag **20.39** Folha de Sala **20.44** Espaços Incríveis com George Clarke

21.30 Jornal 2

22.01 Prós e Vigaros **22.41** Folha de Sala

22.49 O Amante de Um Dia **0.05** Sociedade Civil

1.09 Folha de Sala **1.13** Uma Luz ao Fundo **2.02** Divas da Madeira **2.48** Ministério do Tempo **3.39** Músicas d'África **4.37** Escapadelas em Angola **5.03** Grandes Memórias **5.33** Surf Total **5.59** A Fé dos Homens

TVI

6.15 Diário da Manhã **7.00** Esta Manhã **9.55** Dois às 10 **12.58** TVI Jornal **14.50** A Herdeira **16.00** Goucha

18.10 Big Brother

19.57 Jornal Nacional

21.30 Big Brother

22.05 Cacau **23.05** Festa É Festa **23.30** Queridos Papás

23.55 Big Brother

2.15 Doida por Ti

2.50 Deixa Que Te Leve



TVCINE TOP

18.25 Um Casamento do Pior **20.00** 65 **21.30** A Guerra do Amanhã **23.50** O Exorcista do Vaticano **1.30** Nas Profundezas

STAR MOVIES

18.10 The Mechanic - O Profissional **19.44** Correlio de Risco **21.15** Rambo - A Última Batalha **23.00** Boyka: Undisputed IV **0.35** Filho do Crime

HOLLYWOOD

17.30 Harry Potter e os Tallismãs da Morte - Parte 2 **19.35** A Armadilha **21.30** Catwoman **23.15** Decisão Crítica **1.30** Demolidor - O Homem sem Medo

AXN

17.42 The Rookie **19.22** Mentos Criminosas **21.06** Hudson & Rex **22.00** Exterminador Implacável 3 - Ascensão das Máquinas **23.53** Exterminador Implacável - A Salvação

STAR CHANNEL

17.31 Investigação Criminal: Los Angeles **19.04** FBI **20.39** Hawaii Força Especial **22.15** Missão: Impossível **0.21** Missão: Impossível II

DISNEY CHANNEL

17.15 Miraculous - As Aventuras de Ladybug **18.05** A Maldição de Molly McGee **18.55** Vamos Lá, Hailley! **19.40** Os Green na Cidade Grande **20.25** Miraculous - As Aventuras de Ladybug **20.50** Madagáscar 2 (VP)

DISCOVERY

17.09 Mestres do Restauro **18.06** Mistérios das Profundezas com Jeremy Wade **19.06** Aventura à Flor da Pele: Naufragos **21.00** Maine Cabin Masters **22.44** Construções no Alasca **0.26** Maine Cabin Masters

HISTÓRIA

17.14 O Inexplicável **20.54** O Preço da História

ODISSEIA

17.50 Equus, o Poder dos Cavalos **19.44** Loro Parque de Tenerife **20.07** Salvar o Paraíso **21.03** O Universo **22.30** Patagónia, Vida nos Confins do Mundo **23.59** Mortos de Tanto Riri **0.47** Patagónia, Vida nos Confins do Mundo

SÉRIE

Uma Luz ao Fundo

RTP2, 1h13

Criada por Regina Moriarty, a série britânica segue uma jornalista (Alexandra Roach) que regressa à cidade galesa de Llanemlyn para perceber o que aconteceu à amiga de infância, desaparecida há 18 anos e nunca encontrada. Espera confrontar o suposto assassino (Iwan Rheon), que acaba de sair da prisão em liberdade condicional. Mas nem todos estão interessados em remexer no passado. *Uma Luz ao Fundo* regressa hoje aos serões da RTP2, com seis episódios para ver (ou rever) semanalmente.

DOCUMENTÁRIOS

MC Daleste — Mataram o Pobre Loco

Globoplay, streaming

Estreia. Em julho de 2013, em Campinas, ao dar início a mais uma actuação, o cantor brasileiro de funk paulista Daniel Pedreira Pellegrine, mais conhecido como MC Daleste, foi baleado em palco, perante milhares de fãs. Morreria pouco depois, com apenas 20 anos. O autor dos disparos não foi identificado, apesar da profusão de registos áudio e vídeo. Mais de dez anos depois, esta série documental investe num trabalho jornalístico que vem lembrar e reavaliar o caso.

Peru: Sacrifícios no Reino de Chimú

RTP2, 16h06

Em 2019, foi descoberto no Peru um dos maiores locais de sacrifício de crianças da história. Um grupo de arqueólogos encontrou uma vala comum com restos mortais de 227 crianças, dos cinco aos 14 anos. Pertenciam ao povo Chimú, uma das civilizações que dominavam a costa norte do Peru entre os séculos XIII e XV, antes de ser conquistada pelos Incas. É sobre os mistérios desta civilização andina, em boa parte deslindados por esta descoberta, que se debruça o documentário de Jérôme Scemla.

INFORMAÇÃO

Debates Legislativas 2024 — Partidos com Assento Parlamentar

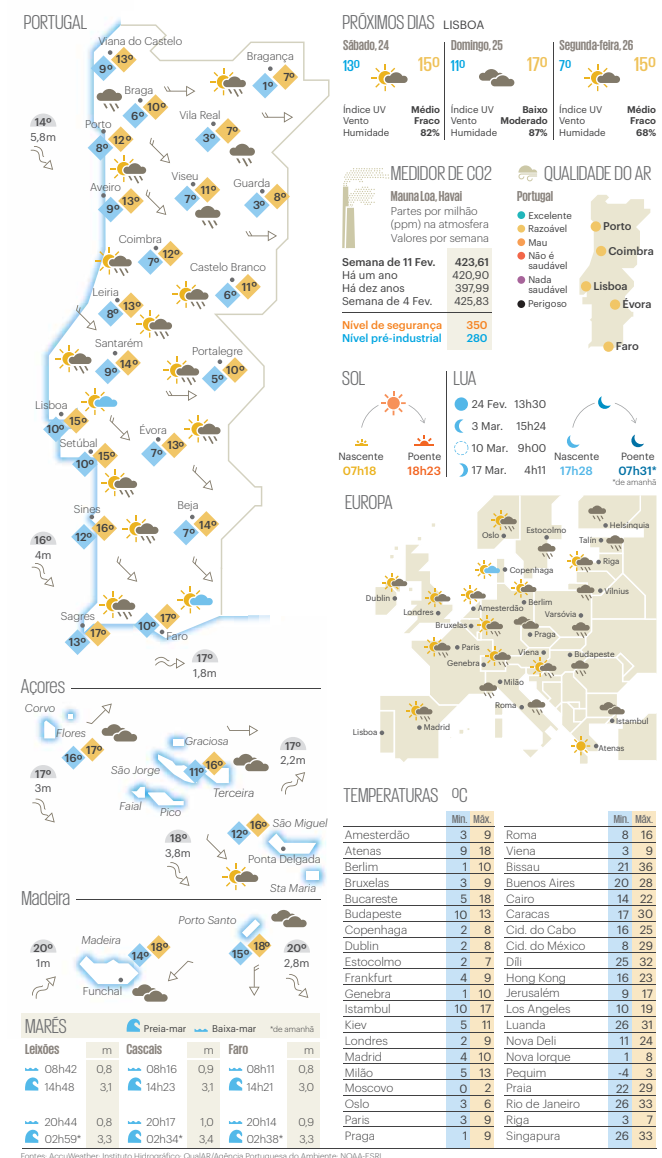
RTP1, 21h

Directo. O calendário de debates em torno das eleições legislativas de 10 de Março fecha com duas horas de troca de argumentos entre os líderes de todos os partidos com assento parlamentar. O moderador é Carlos Daniel.

↑ **figura 31.** Audiências da televisão, PÚBLICO Edição Lisboa, 23 de fevereiro de 2024, p. 32.

Fonte: <https://ereader.publico.pt/publico-edicao-lisboa/20240223> [consultado a 26 de agosto de 2024].

Meteorologia



↑ figura 32. Meteorologia, PÚBLICO Edição Lisboa, 23 de fevereiro de 2024, p. 33.

Fonte: <https://ereader.publico.pt/publico-edicao-lisboa/20240223> [consultado a 26 de agosto de 2024].

Francisco Lopes (apêndice E) explica que no processo de desenvolvimento dessas infografias digitais é frequentemente empregue uma abordagem *desktop first*, em que, dependendo do tempo disponível, a adaptação para os outros dispositivos pode vir a acontecer apenas numa fase final: “tens o *desktop* praticamente fechado e vais a seguir a ajustar aquilo que está feito para o *mobile*, de uma forma muito mais básica e sem grande transformação dos elementos”. Quando questionada se a abordagem utilizada reflete o meio mais utilizado pelos leitores, Cátia Mendonça (apêndice D) admite que “devia ser, mas ainda não é. Sei que uma grande parte dos nossos leitores utiliza o telemóvel, mas não tenho os números”. Tal resposta pode indicar uma falha de comunicação interna relativamente à divulgação dos dados provenientes de ferramentas de monitoramento do *website* do jornal e que poderiam influenciar e contribuir positivamente para as práticas adotadas pela secção.

Identidade

A secção de Infografia segue um conjunto de diretrizes que visam assegurar uma linguagem coesa com o restante do jornal. Todos os trabalhos são concebidos com o objetivo de otimizar a leitura, tanto na versão impressa quanto na digital, sendo a tipografia e as cores ajustadas para atender às particularidades de cada plataforma.

Tipografia

O tipo de letra principal do jornal, denominado *Publico*, foi desenvolvido especialmente pela fundição *Commercial Type* para o redesenho realizado por Mark Porter. *Publico*, nome dado em homenagem ao periódico português, é um tipo com serifa composto por quatro famílias: *Publico Banner*, *Publico Headline*, *Publico Text* e *Publico Text Mono*.

Complementarmente e de modo a contrastar com o tipo de letra principal, é empregue também um tipo sem serifa. Na versão impressa são utilizados o *Giorgio Sans* e o *Graphik* e na plataforma digital é adotada uma abordagem mais flexível, priorizando a utilização do tipo padrão do dispositivo dos leitores. Tal combinação possibilita a construção e definição de hierarquias, elemento fundamental em um jornal.

Os trabalhos desenvolvidos pela secção de Infografia empregam, exclusivamente o tipo de letra *Graphik*, sendo a hierarquia estabelecida por meio da utilização de seus diferentes pesos (figura 33).

Aa Bb Cc Dd Ee Ff Gg
 Hh Ii Jj Kk Ll Mm Nn
 Oo Pp Qq Rr Ss Tt Uu
 Vv Ww Xx Yy Zz

Graphik Thin
 Graphik Extralight
 Graphik Light
 Graphik Regular
 Graphik Medium
 Graphik Semibold
 Graphik Bold
 Graphik Black
 Graphik Super

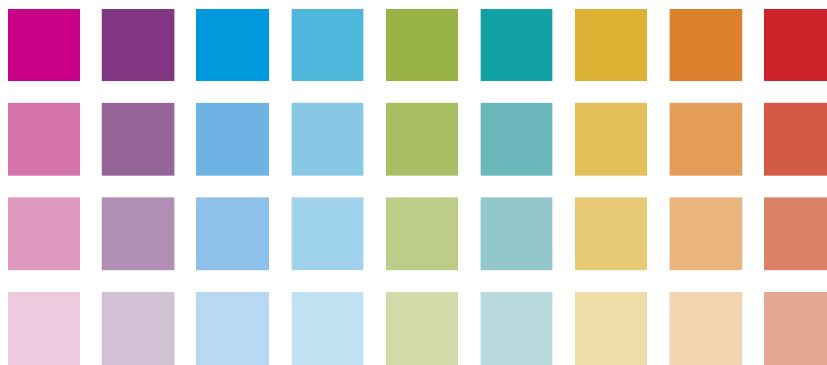
Paleta de cores

Na infografia, a cor desempenha uma função que se estende para além da estética, podendo ser utilizada para estabelecer relações e destacar informações. Assim, a paleta de cores adotada é composta por nove cores base, em diferentes níveis de saturação, e estas são complementadas por um conjunto de cores neutras (figura 34).

↑ figura 33.

Graphik: tipo de letra utilizado nas infografias do PÚBLICO.

Fonte: Investigadora (2024).



← figura 34.

Paleta de cores das infografias do PÚBLICO.

Fonte: Investigadora (2024).

Neutros



Fundos



Entendendo os diferentes suportes

Jornal impresso

O jornal impresso adota o formato tabloide, estando os seus elementos gráficos e textuais organizados, maioritariamente, de acordo com uma grelha de cinco colunas (figura 35). Adicionalmente e a fim de estabelecer uma distinção visual clara entre os artigos de carácter opinativo e as notícias, é utilizada também uma grelha de quatro colunas (figura 36).

O tamanho das infografias depende não apenas do seu conteúdo, mas também do espaço disponível. Os pedidos – muito mais comuns no jornal impresso – normalmente ocupam uma ou duas colunas, enquanto os projetos extraordinários – mais raros de serem adaptados para o papel – podem chegar a ocupar páginas inteiras.

publico.pt

Diferentemente do jornal impresso, a plataforma digital apresenta uma estrutura dinâmica em que as interfaces se adaptam de acordo com o dispositivo que está a ser utilizado. Além disso, o *website* permite atualizações em tempo real e suporta conteúdos multimédia e interativos.

À exceção das rotinas, todas as infografias publicadas no jornal impresso também são adaptadas para o *site*, porém o inverso não é verificado, visto que a plataforma digital consegue comportar uma quantidade muito maior de conteúdos.

Local Executivo apresenta proposta para um novo regulamento

Lisboa quer dar vida aos rés-do-chão dos bairros municipais através do comércio

Novo regulamento dos espaços não habitacionais pretende fomentar a abertura de lojas. “Os nossos bairros são mais do que habitação. Têm de ter vida”, diz vereadora, frisando abertura à cidade

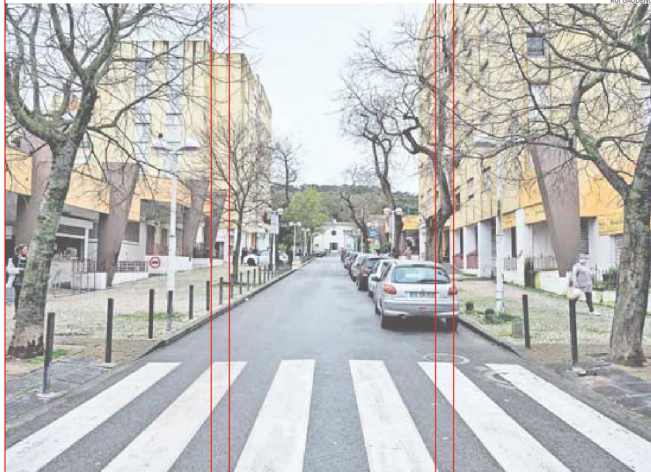
Samuel Alemão

A Câmara Municipal de Lisboa quer revolucionar a forma como são ocupados os espaços não habitacionais existentes nos seus bairros de cariz social, fomentando sobretudo a abertura de lojas com actividades comerciais de cariz diversificado. “Queremos ter bairros vividos e com lojas de todo o tipo de actividades, de porta aberta e que tenham uma relação com a cidade, levando as pessoas a frequentá-las. A ideia é que mantenham uma relação com a comunidade e sejam visitadas por todas as pessoas”, diz ao PÚBLICO Filipa Roseta (PSD), vereadora da habitação, garantindo ser esta a melhor forma de tornar os bairros “mais abertos”.

Esse é o principal objectivo do Regulamento de Atribuição e Gestão de Espaços Não Habitacionais em Bairros Municipais do Município de Lisboa, que a autarquia se prepara para apresentar e votar na reunião de executivo de amanhã. Através dele, a câmara pretende utilizar uma parte significativa dos 1356 espaços desse género que detém na cidade para criar uma nova dinâmica nesses aglomerados e, ao mesmo tempo, conferir “maior transparência” a todo o processo de atribuição dos mesmos. Desse universo, 1058 estão ocupados, estando 301 por atribuir, estando alguns deles ocupados abusivamente. Situação a que a câmara diz estar a pôr cobro.

Até agora, as lojas em bairros municipais têm sido entregues a várias entidades, através de protocolos ou autos de cedência, sobretudo a entidades sem fins lucrativos. Ou seja, não existia um regulamento com regras claras e uniformes. Isso vai mudar, com o novo regulamento, que atribuirá os espaços aos pretendentes, através de um concurso, de forma em tudo idêntica ao processo de entrega de chaves para habitações nesses bairros. E, sublinha a vereadora, “com rendas bastante baixas”, em relação à generalidade das que se praticam no mercado. Os espaços comerciais beneficiam de uma isenção de 50% nos primeiros cinco anos, “valorizando o estabelecimento e fixação do negócio”, enquanto os espaços associativos não comerciais beneficiam de isenção de 95%.

Muitos dessas entidades, das quais grande parte são organizações não governamentais (ONG) com fins



A intenção é aproveitar melhor as lojas que existem nos bairros geridos pela empresa municipal Gebalis

“O que é necessário são instituições ou lojas que estejam sempre de porta aberta”, diz a vereadora. “Os nossos bairros são mais do que habitação. Têm de ter vida. E, para que isso aconteça, é fundamental que haja diversidade de actividades

sociais ou colectivas, têm visto as cedências de que beneficiam justificadas pela sua história, pelo mérito da respectiva actividade ou missão, mas também pela “respectiva relevância na sociedade civil”. E essa tem sido também uma forma de o município tentar dinamizar os bairros onde se inseriam. Esse papel continua a ser relevante, considera a câmara, mas, em muitos casos, tem-se revelado incapaz de cumprir este último objectivo, muito devido ao facto de uma parte dos espaços funcionar de porta fechada.

Isso mesmo é reconhecido por Filipa Roseta. “Temos o maior apreço pelas ONG que estão no terreno, fazem um trabalho importantíssimo. Mas precisamos de diversificar o tipo de ocupação e dinamizar do ponto de vista comercial, tendo coisas que façam sentido para o território em que se inserem”, diz a vereadora, salientando que, na verdade, já existem muitos estabelecimentos do género nos bairros que são geridos pela empresa municipal Gebalis. E dá como exemplo cafés, minimercados e cabeleiros. Mas outras actividades serão bem-vindas, porque “tem de haver de tudo em cada rua”. E, frisa a autarca, que se estabeleça

uma relação com a comunidade. “O que é necessário são instituições ou lojas que estejam sempre de porta aberta, para terem uma relação com a cidade e com as pessoas”, diz ao PÚBLICO a vereadora. “Os nossos bairros são mais do que habitação. Têm de ter vida. E, para que isso aconteça, é fundamental que haja esta diversidade de actividades. Criar esse *mix* é fundamental, constitui uma dimensão importante do desenvolvimento local”, afirma a autarca, observando, no entanto, que, até agora, os espaços não habitacionais têm sido atribuídos de acordo com uma avaliação circunstancial das necessidades das zonas em que se inserem.

Abrir mais lojas

Uma condição que, apesar das previsíveis novas regras, não deixará de ser tomada em linha de conta, seja no que se refere aos espaços ocupados por instituições sem fins lucrativos ou aqueles que serão atribuídos a entidades que os têm como principal objectivo. Actualmente, 48% dos espaços municipais são ocupados por entidades com fins sociais, sendo apenas 18% os que estão ligados a actividades comerciais. Há ainda espaços entregues a entidades culturais (6%)

desportivas (5%) e recreativas (3%), estando os restantes 20% entregues a outros tipos de actividades. A ideia é desequilibrar a distribuição a favor do comércio.

No que toca às entidades sem fins lucrativos, privilegiar-se-á entidades que visem “o apoio à comunidade em geral e aos grupos mais vulneráveis em particular, privilegiando também a participação, o envolvimento da população local e a coesão socioterritorial”. Já na atribuição de espaços para actividades com fins lucrativos ou natureza comercial, o procedimento de atribuição favorece a “promoção da empregabilidade local, as oportunidades de integração profissional, avaliando-se a relevância do projecto de negócio para o bairro”, assinala a proposta.

Tudo isso se insere no conjunto das metas que o regulamento pretende atingir. Entre elas, contam-se: a atracção de actividades económicas e de entidades que possam contribuir com respostas às necessidades locais; o reforço da economia e da empregabilidade de base local; e “robustecer a vivência nos bairros municipais através da criação de uma dinâmica socioeconómica que permita melhorar a qualidade de vida”.

Para além disso, pretende-se ainda garantir a afectação de património municipal que se encontra sem utilização a um conjunto variado de actividades, por forma a permitir a sua rentabilização. Esse assume-se, aliás, como um ponto essencial do regulamento, até porque, durante muito tempo, se criou a ideia de que a câmara não tinha controlo sobre o que se passava em muitos desses espaços não habitacionais, concorda Filipa Roseta. “Temos esses dados sistematizados, porque fizemos um levantamento exaustivo. Sabemos exactamente quais os espaços ocupados indevidamente”, garante.

Das 301 lojas por ocupar, inseridas no tal universo de 1356, a câmara detectou 122 situações de ocupação abusiva, estando as restantes 179 vagas. “Dos espaços ocupados abusivamente, já conseguimos realizar a desocupação de 40. E vamos continuar a fazê-lo”, diz a vereadora, referindo que a maior parte dos casos se refere a utilização indevida como armazém. A autarca admite também situações de uso ilegítimo de algumas fracções como habitações, tendo essas pessoas sido retiradas.

↑ figura 35. Grelha de cinco colunas utilizada no PÚBLICO impresso.

Fonte: Investigadora (2024).

Espaço público			
<h2>Só há 18% de racistas em Portugal?</h2>			
 <p>Amílcar Correia</p> <p>O que se passou neste fim-de-semana no Porto não foi fruto de uma retaliação de uma milícia popular a assaltos cometidos por imigrantes na Baixa da cidade.</p> <p>O que tudo indica é que os ataques a imigrantes se deveram a crimes de ódio cometidos por indivíduos pertencentes ao grupo B43, cujo rosto mais conhecido é Mário Machado, que defende abertamente o racismo, a xenofobia e um ideário nazi, na mesma semana em que um jovem de 17 anos foi detido por instigar um homicídio no Brasil com a mesma inspiração ideológica.</p> <p>O detido por alegado envolvimento neste ataque é conotado com aquele grupo e não é crível que um residente em Gondomar se importe com assaltos atribuídos a imigrantes nas zonas da Batalha e do Bonfim, no Porto. E mesmo que assim fosse, nada poderia justificar o injustificável.</p> <p>A associação entre imigração e criminalidade, apesar de todas as provas em</p>	<p>contrário, é uma irresponsabilidade perigosa. O que este caso demonstra é que estes imigrantes, oriundos de países fora do espaço europeu, são não só alvo de preconceitos básicos e de pura discriminação, como da prática de crimes inaceitáveis.</p> <p>A normalização da extrema-direita e das mensagens racistas e xenofobas cresce numa progressão inversamente proporcional à sua condenação social. Acontece-nos agora o que já há muito acontece na Europa. A ausência dessa condenação social permite que partidos de extrema-direita não tenham qualquer vergonha em escolher como candidatos ao Parlamento Europeu personagens com ideias assumidamente racistas, xenofobas e homofóbicas, e, já agora, pró-Vladimir Putin, entre outras aberrações.</p> <p>O partido de Matteo Salvini escolheu um candidato que acha que as crianças deficientes não devem ir à escola e o partido de Marine Le Pen alguém que defende a submissão feminina e que classifica os imigrantes como vermes e baratas. Os dois mentores de André Ventura têm uma réplica modesta, mas ambiciosa, em Portugal.</p> <p>No rescaldo do ataque, o líder do Chega está mais empenhado em explorar a esse da retaliação do que o facto de se ter tratado de um ataque odioso. Foi ele, afinal, quem disse a uma deputada portuguesa que deveria ser devolvida ao país de origem.</p> <p>O Estado tem aqui uma responsabilidade de qual não se pode eximir. Do ponto de vista</p>	<p>criminal, este tipo de ataques tem de ter um tratamento exemplar, sob pena de à ausência de condenação social se acrescentar a negligência policial.</p> <p>Tome-se como analogia o que se passou no Porto, na década de 1990, quando grupos de cabeças rapadas atacavam imigrantes e estrangeiros nas imediações do Centro Comercial Itália, na Boavista, que culminou com a violenta agressão de um estudante angolano, deixado inanimado numa linha de caminho-de-ferro. Francisco Faustino não morreu porque esse foi um dia de greve na CP.</p> <p>A Polícia Judiciária identificou e debelou esses grupos prontamente e os movimentos <i>skinhead</i> desapareceram da Boavista e da Linha da Póvoa.</p> <p>Do ponto de vista político, o anti-racismo não pode ser um lugar-comum numa data solene qualquer, nem uma promessa de tolerância zero numa rede social. O anti-racismo tem de ser a prioridade que nunca foi.</p> <p>O facto de a Comissão para a Igualdade e contra a Discriminação Racial se encontrar estagnada, há seis meses, deixa sem resposta as vítimas de racismo, que não têm a quem recorrer, e é exemplo do desinteresse com que as instituições lidam com os problemas e expectativas dos imigrantes.</p> <p>Assim como todo o calvário necessário para obter uma regularização, que deixa 350 mil pessoas num limbo, que só agrava as dificuldades de integração e acentua o</p>	<p>preconceito, numa relação desigual com o país. É impossível a integração destas comunidades de imigrantes sem uma resposta mais pronta e eficiente da parte do Estado, que tenha por princípio uma preocupação de inclusão social.</p> <p>Não podemos continuar a fingir que fomos colonos exemplares, beneméritos do encontro de culturas, nos demos mundo ao mundo, que a epopeia dos descobrimentos foi uma gesta grandiloquente e, como ainda nesta segunda-feira dizia uma vereadora do PSD na Câmara do Porto, que não somos um país de racistas.</p> <p>Não nos podemos esquecer de Alcino Monteiro ou de Bruno Candé, do cabo-verdiano morto após uma agressão no Faial, no mês passado, ou do imigrante indiano assassinado, em Novembro último, em Setúbal.</p> <p>Não há 18,1% de portugueses racistas em Portugal, dizia Pedro Nuno Santos na noite eleitoral das legislativas. O European Social Survey diz-nos o oposto: mais de 60% da população portuguesa tem a crença de que existem raças diferentes e de que algumas delas são menos inteligentes e trabalhadoras.</p> <p>Está na altura de parar de negar que não há racismo neste país orgulhoso da sua esfera amilar e incapaz de se olhar no espelho da História.</p>
<p>Jornalista. Escreve à terça</p>			
<h2>Integração de cuidados – a maior reforma no SNS dos últimos 20 anos</h2>			
 <p>Henrique Capelas</p> <p>A situação do nosso Serviço Nacional de Saúde é amplamente conhecida: temos uma despesa a crescer assustadoramente, nos últimos 20 anos, mais do dobro do PIB, mantendo um crescimento anémico nos últimos 15 anos, e um SNS a consumir 15,6 mil milhões de euros anuais dos nossos impostos reflectindo um aumento de 50% face a 2015, para além do reforço de mais de 35.000 profissionais só nestes últimos três anos.</p> <p>Os portugueses beneficiam do SNS, mas também já desembolsam, directamente do seu bolso, 35% para pagar despesas de saúde (8,3 mil milhões de euros/ano que acrescem aos 15,6 mil milhões do Orçamento do Estado). A média europeia, do que cada cidadão paga do seu bolso, é de 15,2%.</p>	<p>Acresce que os indicadores de acesso e de utentes sem médico de família mantêm-se aquém das expectativas e, com toda esta despesa, é natural que o cidadão espere mais do sistema.</p> <p>Atrevo-me, tal como outros gestores na saúde, a afirmar que o actual modelo, face aos gastos, não serve as expectativas dos cidadãos de um país que é já o 4.º na Europa com a maior taxa de esforço fiscal! Temos um modelo gasto, com melhorias conjunturais ao longo dos anos, mas que precisa de ser devidamente repensado no sentido de uma verdadeira reforma estrutural.</p> <p>É aqui que entra provavelmente a maior reforma do SNS nos últimos 20 anos: a integração de cuidados ou as Unidades Locais de Saúde (ULS), como as conhecemos.</p> <p>A integração de cuidados de saúde primários e hospitalares, com as 39 ULS abrangendo agora todo o país, baseado na proximidade da prestação e mais focado no cidadão e na sua saúde (e não na doença), é a melhor solução e uma reforma em curso.</p> <p>As virtualidades do modelo de integração são conhecidas a nível internacional, como na vizinha Espanha, Reino Unido, Austrália, Nova Zelândia ou Canadá. A própria OMS criou, em 2003, um Observatório específico</p>	<p>para acompanhar estas experiências internacionais.</p> <p>O modelo, que em Portugal se convencionou designar ULS, mudará radicalmente o paradigma que hoje impera no <i>modus operandi</i> na saúde: (i) desde logo, encara o tratamento do utente como um todo, e não de forma espartilhada, como até agora, com duas organizações separadas a tratar o cidadão; (ii) assenta nos cuidados de saúde primários, de proximidade, que devem estar conscientes do seu papel fundamental na gestão do paciente; (iii) evita assim a duplicação de exames e a fragmentação de cuidados, promovendo uma melhor eficiência no sistema, evitando a confusão no utente – qual bola de pingue-pongue a correr dos cuidados primários para os hospitalares e vice-versa – como se de duas organizações diferentes se tratasse.</p> <p>O próprio discurso público e mediático dos vários <i>players</i> tem de mudar! Quando a preocupação é afirmar que “este ano fizemos mais cirurgias, fizemos mais x milhares de consultas, mais tratamentos...”, não seria mais normal estarmos focados na saúde e bem-estar dos cidadãos? Mudar o paradigma do nosso discurso para algo como “este ano temos cidadãos mais saudáveis do que no ano</p>	<p>anterior, diminuímos as consultas, as cirurgias...”?</p> <p>Isto, sim, seria revelar que o nosso sistema estava a ser eficiente na manutenção da saúde dos cidadãos! Melhorar a saúde dos cidadãos não é produzir mais tratamentos de forma desmesurada, mas sim promover um acompanhamento de maior proximidade da saúde.</p> <p>Sou defensor da integração de cuidados, mas não podemos olhar para este processo como uma mera fusão administrativa e financeira de recursos técnicos e humanos de duas organizações.</p> <p>A integração vertical de cuidados tem de assentar em dois pilares fundamentais: a integração clínica, como um sistema de informação único centrado no paciente; e a remuneração por desempenho dos profissionais. Sem estes esteios, cai a filosofia de qualquer sistema de integração de cuidados, seja ele ULS ou SLS – Sistema Local de Saúde, e o caminho para a integração continuará incipiente, ficando os objectivos aquém do potencial deste modelo, que pode ser a maior reforma do SNS das últimas décadas.</p>
<p>Gestor</p>			

↑ **figura 36.** Grelha de quatro colunas utilizada nos artigos de caráter opinativo do PÚBLICO impresso.

Fonte: Investigadora (2024).

3.3. Projetos

3.3.1. PROJETOS SECUNDÁRIOS

Durante os três meses de estágio na secção de Infografia do PÚBLICO foi propiciado à investigadora o desenvolvimento de tarefas variadas e que permitiram tanto a aplicação, em contexto profissional, de conhecimentos aprendidos em âmbito académico como também de novas competências adquiridas durante esse período. As atividades secundárias desempenhadas podem ser sintetizadas em três principais categorias:

- Atualização de infografias diárias para o jornal impresso, nomeadamente a meteorologia e audiências de televisão.
- Execução de pedidos, ou seja, desenvolvimento e adaptação de visualizações, tanto para o formato digital quanto para o impresso.
- Colaboração em infografias interativas, desenvolvendo visualizações e animações.

De modo a exemplificar alguns desses trabalhos, foi realizada uma seleção – de acordo com a sua relevância – que procura refletir, de modo sucinto, o conjunto mais extenso de trabalhos desenvolvidos.

Execução de pedidos

Hospitais privados reduzem despesa com investigação, Norte lidera

Publicado em 7 de fevereiro de 2024

Suporte: impresso

Ferramentas e *softwares* utilizados: *Adobe Illustrator*

A elaboração de gráficos provenientes de pedidos constitui uma das atividades mais frequentes desempenhadas pela secção de Infografia. Este trabalho foi selecionado especificamente por exemplificar a conjugação de diferentes gráficos e o seu comportamento no jornal impresso.

O pedido em questão foi solicitado pela secção de Sociedade para um artigo sobre o investimento destinado a investigação na área da saúde. Assim, a secção requerente solicitou e encaminhou dados para a elaboração de seis visualizações.

Para a execução deste pedido foi necessário primeiramente determinar o tipo de representação mais adequado para cada conjunto de dados, tendo sido privilegiadas representações simples como gráficos de linhas, barras (horizontais e verticais) e de setores. Além disso, durante o processo foi imprescindível organizar os seis gráficos de maneira coesa e eficiente, garantindo que a disposição final respeitasse o espaço reservado ao texto (**figura 37**).

Hospitais privados reduzem despesa com investigação, Norte lidera

Clara Viana

Inquérito ao Potencial Científico revela descida acentuada do investimento em investigação feito por unidades hospitalares

Pela primeira vez desde 2015, os hospitais privados apenas contam com um representante na lista das 20 instituições hospitalares com mais despesa em actividades de investigação e desenvolvimento (I&D). É um dos resultados que se destacam da última edição do Inquérito ao Potencial Científico e Tecnológico Nacional (IPCTN), com dados que reportam a 2022, que foi publicada na semana passada pela Direcção-Geral das Estatísticas da Educação e Ciência.

Dos três privados que marcavam habitualmente presença naquela lista, apenas o Grupo Luz Saúde continua presente, embora tenha descido do terceiro para o quinto lugar entre 2021 e 2022. Esta descida de posto deve-se, sobretudo, a uma redução do investimento em I&D daquele grupo (passou de 8,921 milhões de euros para 5,384).

Outra mudança operada em 2022: as instituições do Norte substituíram as da Área Metropolitana de Lisboa na liderança do investimento em investigação clínica. A título de exemplo, em 2022, o Norte concentrou 44% das despesas nesta área, contra 37% da Área Metropolitana de Lisboa. No ano anterior, estes valores tinham sido, respectivamente, de 39% e 49%.

O Centro Hospitalar Universitário de São João, no Porto, ocupa o primeiro lugar, como tem acontecido com frequência, tendo passado de um investimento em I&D de 9,510 milhões de euros em 2021 para 10,168 em 2022. Seguem-se-lhe o Centro Hospitalar Universitário do Porto, o Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central e o Instituto Português de Oncologia de Lisboa.

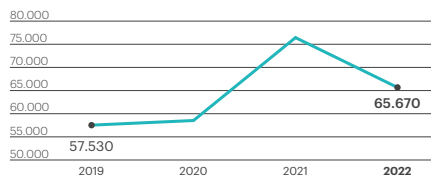
No caso do Centro Hospitalar Universitário do Porto, registou-se também um reforço de verbas, o que já não aconteceu com as duas instituições de Lisboa, que tiveram reduções da ordem dos 20% e 4%, respectivamente.

As 20 instituições listadas na edição da DGEEC representaram, em 2022, "94% da despesa em I&D do conjunto das entidades hospitalares, e abrangem 92% dos seus recursos humanos" em actividades de investigação e desenvolvimento.

No total do subsector hospitalar, a

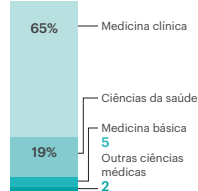
Evolução da despesa de instituições hospitalares em investigação e desenvolvimento

Em milhares de euros



Distribuição da despesa em I&D por áreas de investigação*

Em 2022



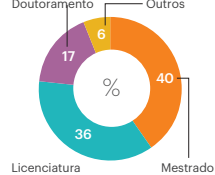
Recursos humanos em I&D por função principal

Em 2022



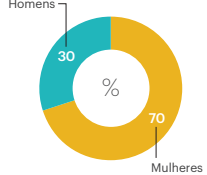
Recursos humanos em I&D por nível de formação*

Em 2022



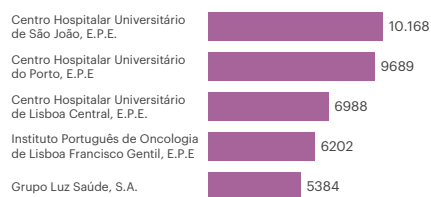
Recursos humanos em I&D por sexo

Em 2022



As cinco unidades hospitalares com mais despesa em actividades de I&D em 2022

Em milhares de euros



*A soma das parcelas pode não corresponder a 100%, por razões de arredondamento

Fonte: DGEEC

PÚBLICO



Hospital São João é o que mais gasta com investigação

despesa nesta área rondou, em 2022, os 66 milhões de euros. No ano anterior, tinha subido a 76,3 milhões. De assinalar que, de um ano para o outro, se registou um corte nos recursos humanos afectos à investigação clínica nos hospitais, nomeadamente no número de investigadores, que passou de 729 para 628.

Esta não é uma área de somenos. Como descreveu o médico José Carlos Areias, num artigo que escreveu para o PÚBLICO, "a investigação clínica tem como objectivo a melhoria do conhecimento das doenças e o desenvolvimento de novas metodologias de diagnóstico e tratamento para um melhor cuidado dos doentes." Ou seja, especificou, o que se pretende com esta actividade "é saber como podem os profissionais colectar a informação disponível, de modo a introduzir as mudanças necessárias na prática clínica, beneficiando os doentes".

Subfinanciamento

Segundo a classificação adoptada em 2007, os três principais domínios de investigação incluídos nesta área são a Medicina Clínica, que concentra a principal fatia dos recursos (65% em 2022), Ciências da Saúde (19%) e Medicina Básica (4%).

No primeiro figuram, entre muitos outros campos, medicina geral e interna, hematologia, endocrinologia, medicina de urgência ou cirurgia. As três unidades com maior despesa de investigação neste domínio, em 2020, foram o Centro Hospitalar Uni-

versitário do Porto, o Centro Hospitalar Universitário de São João e o Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central.

No domínio das Ciências da Saúde enfileiram doenças infecciosas, epidemiologia, saúde pública e serviços (que inclui administração hospitalar e financiamento dos cuidados de saúde), entre vários outros. Os "campeões" são aqui o Centro Hospitalar Universitário de São João, o Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra e o Grupo Luz Saúde.

Quanto à Medicina Básica, esta abrange, entre outras, áreas como a anatomia, genética, imunologia ou neurociências. À frente nas despesas de investigação estão os institutos de oncologia do Porto e de Lisboa e o Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Norte.

Num artigo recente publicado na revista *Acta Médica*, um grupo de clínicos alertou para o "subfinanciamento" da investigação em Portugal, chamando também a atenção para "a impossibilidade de os investigadores clínicos terem tempo dedicado para a realização dos projectos".

Como resultado, Portugal continua muito aquém de outros países europeus em áreas de relevo. Num artigo também escrito para o PÚBLICO, o médico Ricardo Matos frisou a este respeito: "Temos então nós capital humano e científico em abundância e qualidade para promover investigação clínica de excelência? Claro que temos e dos melhores, está é subaproveitado e encolhido."

↑ figura 37. PÚBLICO Edição Lisboa, 7 de fevereiro de 2024, p. 17.

Fonte: <https://ereader.publico.pt/publico-edicao-lisboa/20240207> [consultado a 3 de novembro de 2024].

Os gansos-do-egipto invadiram os jardins de Lisboa

Publicado em 4 de março de 2024

Suporte: *online* e impresso

Ferramentas e *softwares* utilizados: *Adobe Illustrator*

Este projeto teve início com um pedido realizado pela secção Local de Lisboa para um artigo sobre os gansos-do-egipto – uma espécie invasora originária da África – e os impactos consequentes da sua expansão.

Nesse sentido, a secção requerente realizou duas solicitações: [1] a adaptação de uma visualização existente para o “estilo” do PÚBLICO e [2] a realização de uma ilustração dessa ave com a indicação de algumas das suas características físicas. Embora a adaptação pareça uma atividade relativamente simples, visto que parte de uma visualização existente, é imprescindível manter o senso crítico e discernir se os critérios utilizados inicialmente são também aplicáveis a esse novo contexto.

Assim, optou-se, por exemplo, pela supressão dos marcadores que assinalavam a inexistência de casais reprodutores. Enquanto na visualização e contexto original – um artigo científico –, se mostrava pertinente a indicação de todos os locais visitados durante a investigação, na adaptação para o jornal a presença desses marcadores não se mostrou tão relevante.

A ilustração foi realizada com recurso a uma ferramenta vetorial e a uma fotografia de referência. Durante o desenvolvimento do projeto foi verificado que, para além das informações inicialmente fornecidas, poderia ser pertinente também a indicação de outras características físicas – como o peso e o tamanho da ave – que foram então solicitadas e, posteriormente, fornecidas pela jornalista do artigo (**figura 38**).



do Tejo, mas sem grande sucesso.

Num artigo científico publicado na revista *Airo*, referia-se ainda que o sucesso reprodutor da população urbana era de 62% e a produtividade de 5,5 crias por casal. Foram encontradas populações desta ave a nidificar em jardins ou parques no Lumiar, Alvalade, São Domingos de Benfica, Avenidas Novas, Arroios, Ajuda, Belém, Marvila e Parque das Nações. “Para terem uma noção da situação em Lisboa: vimos a um jardim com dois lagos e há logo dois casais a nidificar”, diz Hany Alonso, um dos autores do estudo.

O ganso-do-egipto é uma espécie invasora em Portugal, ou seja, veio de outro local, reproduz-se muito rapidamente e tem impacto no ambiente em que está. “É uma espécie que pelas suas características de agressividade e de reprodução consegue, mais ou menos, com facilidade colonizar uma nova área e expandir-se”, faz notar Hany Alonso. Esta é uma das espécies na lista nacional de espécies invasoras, que está no Decreto-Lei n.º 92/2019, tendo assim

restrições na sua compra, venda e introdução na natureza.

Agressiva e territorial

Pela sua “personalidade” agressiva e territorial, o ganso-do-egipto pode ter impacto em algumas espécies como o pato-real ou outras aves. Quanto à conservação dos jardins, o técnico da SPEA diz que “não é muito problemático”. Nem no Jardim do Campo Grande, nem no Parque da Quinta das Conchas e dos Lilases, onde se têm encontrado outros casais.

Há já uns tempos que os gansos-do-egipto são inquietos da Quinta das Conchas. “Olhe, está ali um ganso”, aponta Hany Alonso. Lá bem perto estão Maria Leonor Vidigal e o marido, Carlos Vidigal, a observarem-no. Moram ali perto e já estão habituados a estes “vizinhos”. Perguntamos a Maria Leonor Vidigal se sabe que ave é esta e de pronto nos responde:

– Sim, sim, conheço, este é um ganso do Nilo. Acasala aqui e esta é a época das crias. De vez em quando lá vem com elas – afirma.

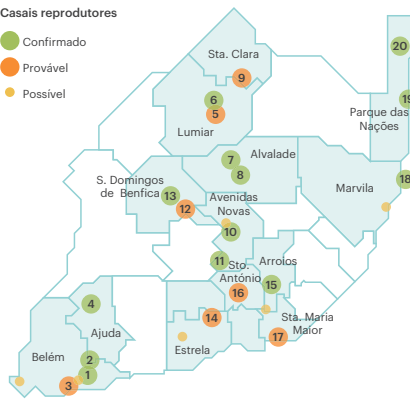
Já quando lhe perguntamos se sabe

Gansos-do-egipto nos jardins de Lisboa

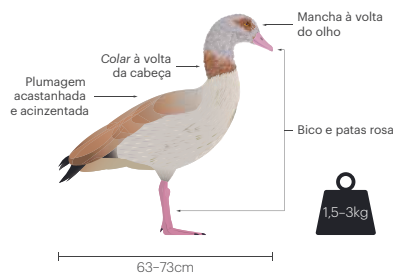
Distribuição da população nidificante de gansos-do-egipto e os locais potenciais de nidificação visitados na cidade de Lisboa em 2022

Casais reprodutores

- Confirmado
- Provável
- Possível



N.º	Local	N.º	Local
1, 2	Jardim Botânico Tropical	12, 13	Jardim Zoológico de Lisboa
3	Jardins da Torre de Belém	14	Jardim da Estrela
4	Jardim dos Montes Claros	15	Jd. Campo Mártires da Pátria
5, 6	Parque da Quinta das Conchas	16	Jardim Botânico da ULisboa
7, 8	Jardim do Campo Grande	17	Ribeira das Naus
9	Parque Oeste	18	Cais da Matinha
10	Jd. Fund. Calouste Gulbenkian	19	Vasco da Gama
11	Parque Eduardo VII (Estufa Fria)	20	ETAR (Parque Tejo)



Fonte: SPEA — Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves. Infografia: Marina Chen | PÚBLICO

se é uma espécie invasora, há uma hesitação:

– Invasor em que sentido? De ser predador? – questiona e chama o marido para a ajudar.

Ao seu lado, Hany Alonso explica que é um invasor porque tem origem noutra continente e foi introduzida aqui em parques ou jardins zoológicos. “Alguns indivíduos escaparam do cativeiro e começaram a estabelecer populações noutras sítios”, esclarece. O casal ouviu atento e Carlos Vidigal conta que os gosta de observar aqui e no Campo Grande. Também relata o insucesso de um

casal de gansos-do-egipto que quase não conseguiu ter crias ou que os patos já foram mais por ali.

O aumento desta espécie é notório em Portugal. Numa amostragem feita entre 1998 e 2005 para o segundo Atlas das Aves Nidificantes, o ganso-do-egipto nem aparecia nesse documento. Uns anos depois, no terceiro Atlas das Aves Nidificantes, esta espécie já estava a nidificar em grande parte do Alentejo (sobretudo no interior), na Grande Lisboa, na Península de Setúbal, no Porto, na Beira Baixa e no Ribatejo, de acordo com Hany Alonso. Um dos maiores

crescimentos tem acontecido no Alentejo, podendo ter impacto nas espécies nativas dessa região. “Neste momento, não existem estimativas da população nacional, sendo que o maior bando já registado foi em 2022, 426 aves numa albufeira do concelho de Évora”, refere o biólogo. “As observações destes bandos de várias centenas de aves são frequentes e é por isso provável que a população nacional esteja na ordem dos milhares de indivíduos.”

Impõe-se então uma pergunta: o que deve ser feito quanto à expansão do ganso-do-egipto? Neste momento, de que tenha conhecimento, não há medidas concretas em curso, nem estão previstos planos de acção, diz Hany Alonso. O biólogo considera que, primeiramente, era importante perceber, de facto, o que deve ser feito quanto a esta espécie. “É importante ter noção de qual é a situação actual, como chegamos até aqui, para assim percebermos como devemos agir”, explica. “Acções de controlo não pensadas podem não ter efeito ou ter até o efeito contrário.”

Quando isso estiver definido, talvez se deva ter um plano de acção para a espécie, mas que permita fazer diferentes trabalhos e sejam tomadas medidas de controlo mais directas. E, claro, tudo dependerá da monitorização e sucesso dos trabalhos em cada local. Este trabalho deve ser feito com parcerias entre o Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), os municípios e diferentes organizações e associações. Embora não existam acções concretas para controlar o ganso-do-egipto, nos jardins em Lisboa vão sendo recolhidos os seus ovos, sempre que são detectados ninhos, para evitar que as suas populações aumentem, informa Rui Simão, chefe de Divisão de Manutenção e Requalificação da Estrutura Verde da Câmara de Lisboa. Há também acções de controlo do Fundo Ambiental, um financiamento do Ministério do Ambiente.

Ao mesmo tempo que Hany Alonso nos fala dos gansos-do-egipto, tanto no Campo Grande como na Quinta das Cochas, entre as árvores, vai-se ouvindo outra espécie vinda de fora que já é bem conhecida dos lisboetas, o periquito-de-colar. Esta é uma espécie exótica – que foi transportada do seu habitat natural para outros sítios, mas não invasora – originária da África subsariana e do Sul da Ásia. “Não quer dizer que não tenha características que não seja invasora”, avisa o biólogo, referindo que se estima que existam entre 2200 e 2500 indivíduos pelo país.

Tanto para este periquito como para o ganso, há ainda muito trabalho pela frente e a monitorização será crucial para saber como estão a interagir com o território onde vivem. Ainda assim, o ganso-do-egipto é uma espécie invasora e, além da monitorização, será essencial agir para que não se torne um problema bicudo.

↑ figura 38. PÚBLICO Edição Lisboa, 4 de março de 2024, p. 19.

Fonte: <https://ereader.publico.pt/publico-edicao-lisboa/20240304> [consultado a 3 de novembro de 2024].

Colaboração em infografias interativas

O que se ganha e perde no diálogo entre o Ambiente e a Economia

Publicado em 3 de março de 2024

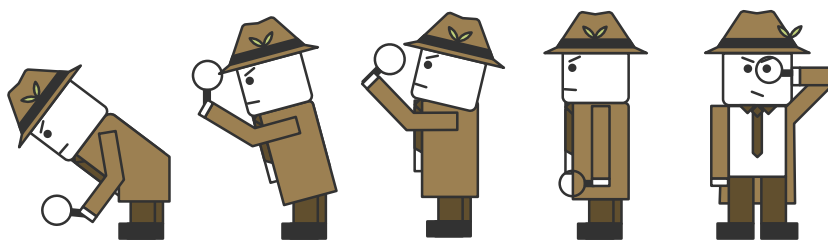
Suporte: *online*

Ferramentas e *softwares* utilizados: *Adobe Illustrator* e *After Effects*

Esta infografia interativa foi desenvolvida pelos infografistas Gabriela Gómez e Francisco Lopes em parceria com o Azul – secção do PÚBLICO dedicada especialmente às questões ambientais. Assim, o projeto debruça-se sobre a relação entre a natureza e a economia, sendo destacados 43 casos ambientais em Portugal relacionados com questões como a destruição de habitat, agricultura intensiva, escassez de água e pressão urbanística.

A contribuição para este trabalho reside, mais precisamente, no desenvolvimento, sempre a partir das ilustrações feitas pela Gabriela Gómez, de três animações: no corpo do conteúdo, na “cabeça” da infografia e na *thumb* (figuras 40 e 41). A partir da apresentação das ilustrações, foi realizada uma conversa em que foram discutidos e, posteriormente, definidos os elementos a serem animados e os seus respetivos movimentos.

Após a definição da animação, seguiu-se a organização do ficheiro no *Adobe Illustrator* e a sua importação para o *After Effects*, *software* utilizado para desenvolver efetivamente a animação. A organização do ficheiro é uma etapa imprescindível e que evita problemas na etapa seguinte. No caso deste trabalho, durante a organização do ficheiro foi possível identificar, por exemplo, a necessidade de elaborar posições de transição para o personagem principal de modo que a trajetória do movimento fosse nítida (figura 39). Além disso, vale salientar a escolha por uma animação com *frame rate* mais baixo – em contraste com um movimento mais fluido –, o que esteve diretamente relacionada com o carácter mais geométrico da ilustração.

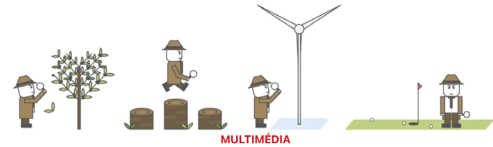


← figura 39.

Diferentes posições da personagem desenvolvidas para a animação da infografia *O que se ganha e perde no diálogo entre o Ambiente e a Economia*.

Fonte: Investigadora (2024).

azul.



O que se ganha e perde no diálogo entre o Ambiente e a Economia

A *Operação Influencer*, a investigação do Ministério Público que levou à queda do governo socialista de António Costa, em Novembro, fez emergir – para além das suspeitas concretas – um problema central do século XXI: como conciliar a protecção da natureza com o investimento nas novas tecnologias e na transição energética?

Bárbara Reis (texto), Francisco Lopes (infografia) e Gabriela Gómez (infografia) - 3 de Março de 2024, 7:01

41 PARTILHAS

Com o país em campanha para as eleições antecipadas de 10 de Março, o PÚBLICO foi pelo país à procura dos casos mais emblemáticos desta exigente união entre o ambiente e a economia. Estes exemplos mostram que o debate é complexo e exige pensar com rigor o que se ganha e o que se perde. São temas de campanha? O que defendem os partidos?

Escolhemos 43 casos distribuídos nas seguintes categorias:

- Destruição do *habitat*
- Agricultura intensiva
- Energias renováveis
- Exploração de lítio
- Poluição
- Poluição industrial
- Resíduos perigosos
- Escassez de água
- Erosão costeira
- Dragagens
- Espécies invasoras
- Conservação da natureza
- Pressão urbanística
- ★ Reportagens



Fontes: Liga de Protecção da Natureza, Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, Movimento pelo Tejo – proTEJO, Zero, Quercus, Plataforma Água Sustentável, Ministério do Ambiente, Parque Natural de Montesinho, PÚBLICO

FICHA TÉCNICA

Textos: Bárbara Reis Coordenação: Sónia Sapage Animação: Marina Chen Infografia e desenvolvimento web: Francisco Lopes e Gabriela Gómez

↑ figuras 40 e 41. *O que se ganha e perde no diálogo entre o Ambiente e a Economia*, PÚBLICO, 2024. Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/03/infografia/ganha-perde-dialogo-ambiente-economia-805> [consultado a 3 de novembro de 2024].

De Soares a Costa, 50 anos de governo

Publicado em 11 de março de 2024

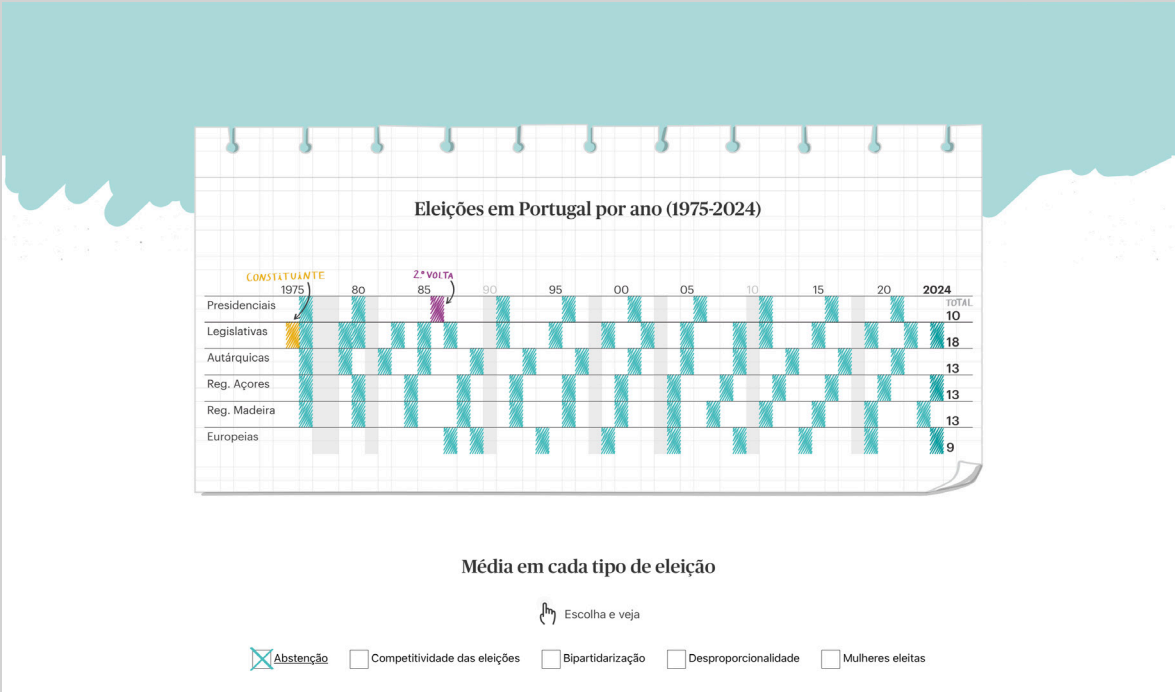
Suporte: *online*

Ferramentas e *softwares* utilizados: *Adobe Illustrator*

Esta infografia interativa, designada aos infografistas Gabriela Pedro e Francisco Lopes, surge no contexto das comemorações dos 50 anos do 25 de abril. Os dados para a elaboração deste trabalho foram, em sua maioria, provenientes de uma parceria com o Projeto 50 Anos de Democracia em Portugal, uma iniciativa do ISCSP (Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas) com o CAPP (Centro de Administração e Políticas Públicas).

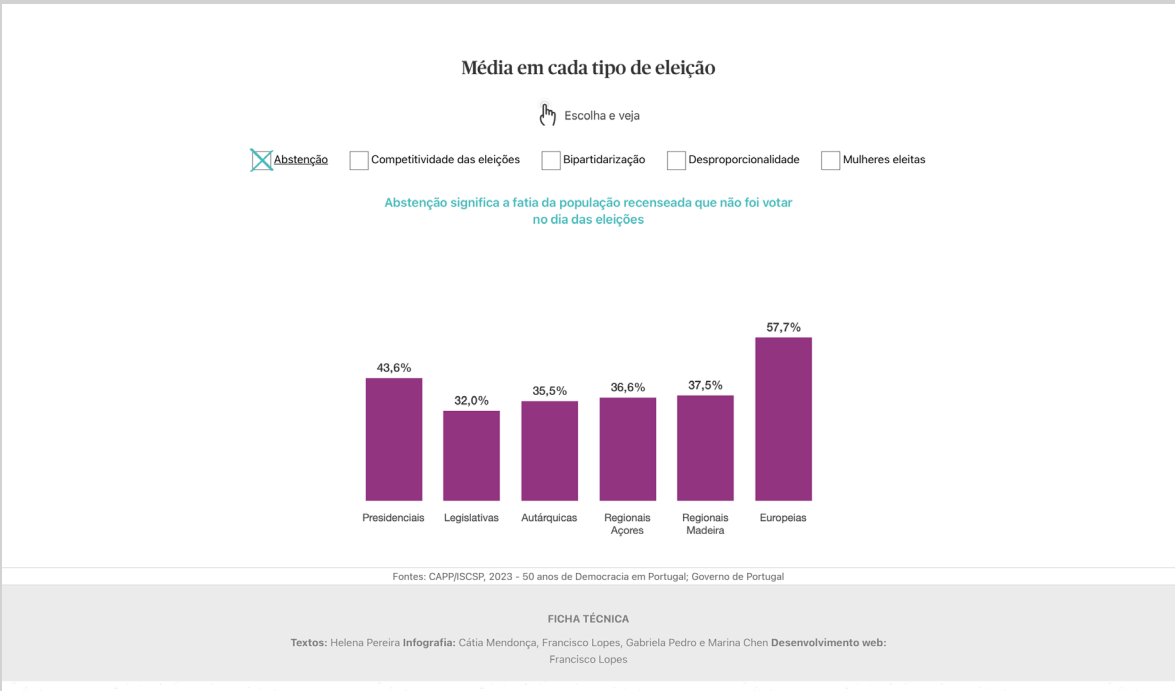
A contribuição para este trabalho reside mais precisamente na adaptação das visualizações intituladas *Eleições em Portugal por ano (1975-2024)* e *Média em cada tipo de eleição* (**figuras 42 e 43**). De modo a manter a coerência da linguagem adotada no trabalho, foram utilizados elementos que remetessem a um caráter manual e rascunhado, presente na primeira visualização, por exemplo, no fundo de papel quadriculado, nas hachuras do desenho e nas anotações.

Para a visualização da *Média em cada tipo de eleição* foi realizada uma seleção de cinco indicadores dentro de um total de oito fornecidos: abstenção, competitividade das eleições, bipartidarização, desproporcionalidade e mulheres eleitas. Assim, o menu com *checkboxes* para cada indicador possibilita ao leitor – ao acessar pelo *desktop* – transitar entre os diferentes gráficos.



Média em cada tipo de eleição

- Escolha e veja
- Abstenção
 - Competitividade das eleições
 - Bipartidarização
 - Desproporcionalidade
 - Mulheres eleitas



↑ **figuras 42 e 43.** De Soares a Costa, 50 anos de governo, PÚBLICO, 2024.

Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/11/infografia/soares-costa-50-anos-governos-807> [consultado a 3 de novembro de 2024].

3.3.2. PROJETO PRINCIPAL

Publicado em 31 de março de 2024

Suporte: *online* e impresso

Softwares: Adobe Illustrator, Photoshop, After Effects, Media Encoder, Rhinoceros 3D, Blender, Microsoft Excel, Flourish e Brackets

Ferramentas: Mesa digitalizadora

Os três meses de estágio na secção de Infografia do PÚBLICO culminaram na idealização, desenvolvimento, implementação e publicação de uma infografia interativa e a sua adaptação para o jornal impresso – mais especificamente para o seu suplemento de domingo, o P2. O projeto debruça-se sobre a temática dos cabos submarinos e foi desenvolvido em colaboração com a jornalista de tecnologia Karla Pequeninno, responsável por desenvolver todo o conteúdo textual. Para além disso, cabe mencionar outros intervenientes diretos no projeto: Sérgio Gomes (Editor do P2), Cátia Mendonça – encarregada da secção por supervisionar o projeto –, Francisco Lopes – contribuição no desenvolvimento *web* – e a equipa de Copy-Desks – responsáveis pela revisão dos textos.

Originalmente a infografia possuía como tema os *data centers*, sendo os cabos submarinos apenas um dentre os vários tópicos abordados. Porém, logo na primeira reunião, foi identificado o potencial de constituírem, por si só, uma infografia. Os cabos submarinos, como o próprio nome sugere, são cabos localizados no leito de oceanos e mares, sendo responsáveis pela transmissão de sinais de comunicação que conectam o mundo inteiro – o que fez com que ficassem popularmente conhecidos como a espinha dorsal da internet.

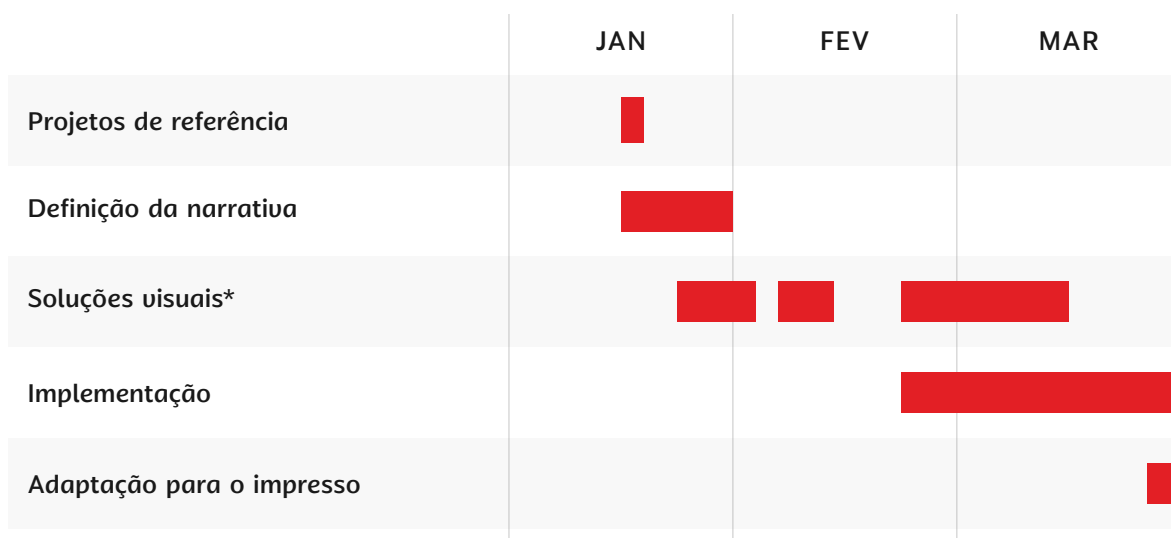
A temática do trabalho foi de iniciativa interna da secção, tendo sido selecionado como um potencial projeto a ser desenvolvido antes mesmo do início do período de estágio. Assim, como o trabalho ainda não havia sido atribuído, propôs-se que esse fosse o projeto principal a ser realizado pela discente.

Este trabalho difere de outros projetos extraordinários por não estar atrelado a nenhum evento ou data comemorativa – como, por exemplo, o 25 de abril ou o aniversário do PÚBLICO – desfrutando, por isso, de prazos mais flexíveis. Nesse sentido, o projeto principal teve uma duração de aproximadamente dois meses e meio (**tabela 1**), em que o seu desenvolvimento foi frequentemente conciliado com a execução de rotinas e pedidos, tendo sido finalizado e publicado em 31 de março de 2024.

É importante referir que devido a grande demanda de trabalho que acometeu a jornalista, o conteúdo textual final só pôde ser fornecido nas duas últimas semanas do projeto. Devido a isso, no processo de

desenvolvimento das interfaces que compõem o trabalho foi necessário prever os espaços reservados aos textos e fornecer indicações para que esses fossem compatíveis com a estrutura da infografia. Apesar dessa adversidade, ao longo de todo o processo foram realizadas reuniões regulares – geralmente com uma frequência semanal –, sendo fornecidas algumas informações essenciais para o progresso da infografia.

↓ **tabela 1.**
Cronograma do processo de desenvolvimento do projeto principal.
Fonte: Investigador (2024).



*Inclui a elaboração de ilustrações, modelação 3D, animações, gráficos e mapas.

Projetos de referência

A busca por referências – sejam de exemplos que abordam temáticas análogas ou díspares – é uma etapa crucial na concepção de um novo projeto, pois permite conhecer soluções implementadas e avaliar a sua possível aplicabilidade ao trabalho em desenvolvimento. Assim, foram selecionadas três infografias digitais que apresentam soluções, tanto visuais como de interatividade, que contribuíram para a construção do projeto.

How the Internet Travels Across Oceans

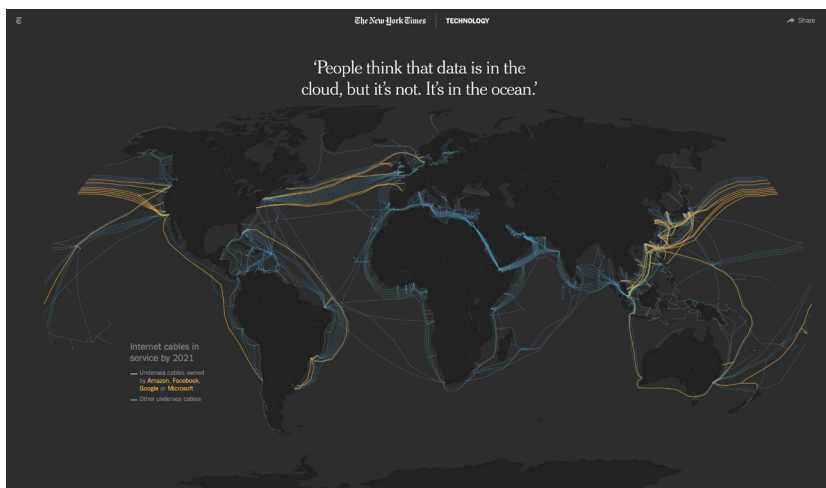
Publicado em 10 de março de 2019 no *The New York Times*

A seleção desta infografia interativa foi motivada, para além do tema em comum, pela solução encontrada para a apresentação do mapa, situado no início do artigo (figura 44). Trata-se de um mapa animado em *loop* que indica, de modo gradual e cronológico, a localização de todos os cabos submarinos em operação no mundo, sendo evidenciadas – por meio da cor – as ligações detidas por *Big Techs* como a *Amazon*, *Facebook* (atual *Meta*), *Google* e *Microsoft*. Para além disso, são apresentadas duas versões diferentes do mapa, uma para *desktop* – planificada – e outra para *mobile* – tridimensional. Na versão *mobile* a impossibilidade de interagir com o mapa resulta numa visão limitada, incidindo apenas sobre o continente americano (figura 45).

↓ figuras 44 e 45.

How the Internet Travels Across Oceans, The New York Times, 2019.

Fonte: <https://www.nytimes.com/interactive/2019/03/10/technology/internet-cables-oceans.html> [consultado a 17 de setembro de 2024].

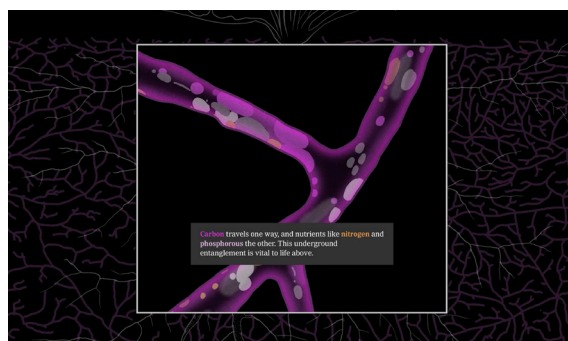
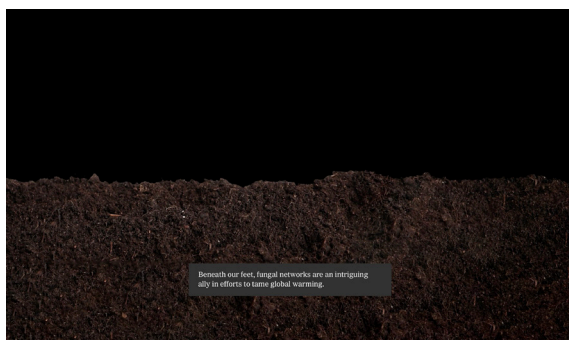


Unearthing the Secret Superpowers of Fungus

Publicado em 29 de julho de 2022 no *The New York Times*

Esta infografia, a respeito de um estudo sobre fungos subterrâneos e o seu potencial uso no combate ao aquecimento global, foi escolhida, especificamente, pelo modo como incorpora o vídeo na página (figuras 46–49). O vídeo em questão – que explica a importância dos fungos micorrízicos na natureza – encontra-se sobreposto por pequenos blocos de texto que complementam a informação visual.

Ao invés de incorporar o vídeo à página com um botão de *play* para iniciar a reprodução – a abordagem mais comum –, a infografia do NYT optou por controlar o seu progresso por meio do *scroll* vertical. Tal escolha torna-se relevante face à constatação de Aisch (2016, s.p.) e Tse (2016, s.p.) sobre a resistência dos leitores em interagirem com botões. Assim, a informação do vídeo passa de um elemento opcional para obrigatório, em que o acesso ao seu conteúdo é direto, ou seja, sem a intermediação de um botão.



Calendário essencial de 2024

Publicado em 29 de dezembro de 2023 no PÚBLICO

O *Calendário essencial de 2024* é uma infografia que organiza cronologicamente alguns dos acontecimentos mais relevantes do ano, tanto a nível nacional quanto internacional. Este trabalho foi escolhido por exemplificar uma solução simples e frequentemente utilizada nas infografias do PÚBLICO, sendo a replicação desse modelo verificada em

↑ figuras 46–49.

Unearthing the Secret Superpowers of Fungus, *The New York Times*, 2022.

Fonte: <https://www.nytimes.com/interactive/2022/07/27/climate/climate-change-fungi.html> [consultado a 4 de outubro de 2024].

outros projetos recentes – *Como retardar o envelhecimento com a ajuda da medicina estética, O que mudou em 50 anos, O país e os prazos. O caminho até às eleições e Eleições de A a Z.*

A infografia apresenta uma estrutura composta por duas colunas, em que uma contém elementos gráficos e a outra blocos de textos. À medida que o utilizador faz *scroll* na página, as duas colunas comportam-se de modos distintos: o texto move-se verticalmente e os elementos gráficos permanecem fixos em sua posição (figuras 50–52). Assim, os elementos textuais e visuais funcionam de modo complementar, fluido e síncrono, em que a cada novo bloco de texto que emerge é desencadeada uma mudança correspondente da imagem (figura 53).

Tal solução revela-se particularmente eficaz em casos em que: [1] existe uma sequência de elementos visuais que estejam associados a pequenos blocos de texto e [2] as imagens partilham de alguma semelhança, propiciando transições mais suaves.

JANEIRO

- Dia 1**
Salário mínimo aumenta
O salto de 60 euros no salário mínimo (de 760 para 820) corresponde a um aumento de 7,9%. Os funcionários públicos também podem contar com aumentos de 3%, tendo o mínimo a receber sido fixado em 52,63 euros.
- Dia 13**
Eleições em Taiwan
- Dia 15**
Assembleia da República é dissolvida
Depois de a exoneração de António Costa ter sido formalizada a 7 de Dezembro, a conferência de líderes confirmou que a dissolução do Parlamento será a 15 de Janeiro. Nessa altura já se terá realizado o congresso do PS (5, 6 e 7 de Janeiro).
- Dia 15**
Fórum Económico Mundial
Entre os dias 15 e 19 de Janeiro, o 54.º encontro anual do Fórum Económico Mundial juntará, em Davos, líderes de governos, empresas e da sociedade civil de todo o mundo sob o lema "Reconstruindo a esperança".
- Dia 18**
Eleições presidenciais na Finlândia (1.ª volta)

← **figuras 50–52.**
Calendário essencial de 2024,
PÚBLICO, 2023.

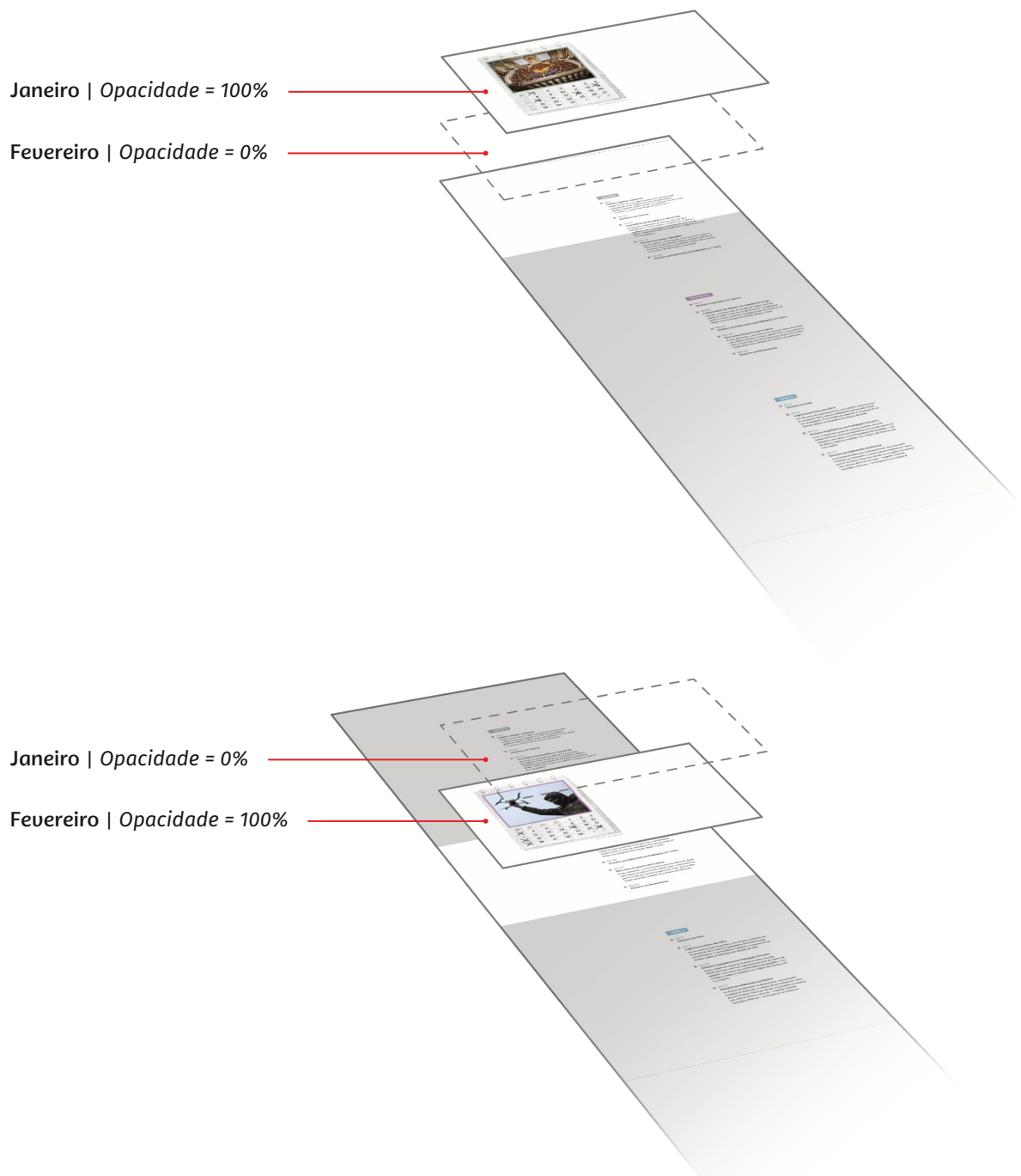
Fonte: <https://www.publico.pt/2023/12/29/infografia/calendario-essencial-2024-801>
[consultado a 4 de novembro de 2024].

FEVEREIRO

- Dia 15**
Fórum Económico Mundial
Entre os dias 15 e 19 de Janeiro, o 54.º encontro anual do Fórum Económico Mundial juntará, em Davos, líderes de governos, empresas e da sociedade civil de todo o mundo sob o lema "Reconstruindo a esperança".
- Dia 18**
Eleições presidenciais na Finlândia (1.ª volta)

FEVEREIRO

- Dia 6**
Eleições regionais nos Açores
- Dia 11**
Campeonato do Mundo de Futebol de Praia
Este ano, o Campeonato do Mundo de Futebol de Praia realiza-se entre os dias 11 e 23 de Fevereiro, nos Emirados Árabes Unidos. A selecção portuguesa marcará presença no Dubai e no seu grupo terá o Brasil, México e Omã.
- Dia 18**
Eleições presidenciais na Finlândia (2.ª volta)
- Dia 24**
Dois anos de guerra na Ucrânia
É uma efeméride: 24 de Fevereiro quando dois anos desde que a Rússia invadiu a Ucrânia, dando início a uma guerra de portões da Europa que não se prevê tão logo. Poucos dias depois desta data, a Rússia vai a eleições presidenciais.
- Dia 25**
Eleições na Bielorrússia



↑ **figura 53.** Esquema da lógica de funcionamento do *Calendário essencial de 2024*.
Fonte: Investigadora (2024).

Definição da narrativa

A definição da narrativa consiste na estruturação da infografia, ou seja, na seleção e organização de todos os tópicos que a irão compor. Esta é uma etapa crucial, particularmente em trabalhos que envolvem mais de uma pessoa e em que a infografia e o texto são trabalhados de modo assíncrono, pois a narrativa estabelecida funcionará como uma diretriz para o desenvolvimento de seus conteúdos.

Antes de mais, foi realizada uma breve pesquisa exploratória sobre o tema a fim de aprofundar a compreensão do assunto e identificar os seus aspetos mais relevantes.

A seleção dos tópicos envolve sempre uma certa subjetividade e é, ao mesmo tempo, uma tentativa de antever o que o leitor gostaria de saber. Assim, tendo em conta o próprio carácter generalista do jornal, foi estipulado que essa infografia interativa seria uma introdução à temática dos cabos submarinos, apresentando um panorama geral para um público com pouco ou nenhum conhecimento do assunto. A definição da narrativa foi realizada em conjunto com Karla Pequeno, tendo sido a sua experiência como jornalista uma contribuição fundamental para uma organização mais lógica e fluida. A seguir, são apresentados os tópicos selecionados e organizados de acordo com a estrutura definida:

1. O que são os cabos submarinos

O objetivo deste tópico foi desmistificar a ideia de que a informação é transmitida principalmente através do espaço, especificamente por satélites, e introduzir o fato de que a maior parte da transmissão global de dados ocorre, na verdade, por meio de cabos submarinos.

2. Localização

Desde o início do projeto foi identificado que seria imprescindível a presença de um mapa que apresentasse a extensão dessa infraestrutura “invisível”. Adicionalmente, foi definido que, para além de uma perspetiva global, o trabalho traria também um panorama local, destacando Portugal dentro desse cenário mais amplo. Posteriormente, a pedido da jornalista, foi acrescentada uma parte sobre a origem dos investimentos.

3. Como são colocados

Tal como o título sugere, o objetivo desta parte foi realizar uma explicação sucinta dos processos que envolvem a deposição dos cabos submarinos no leito dos oceanos e mares e as profundezas extremas em que operam.

4. História

Este tópico visava trazer uma breve perspectiva histórica, particularmente a respeito da grande empreitada que levou, ainda no século XIX, à primeira ligação estabelecida por cabo submarino que, na época, possibilitou o envio de mensagens por telégrafo.

5. Constituição

Esta parte tinha em vista mostrar as camadas que compõem os cabos submarinos, os seus respectivos materiais e finalidades. Além disso, buscou-se explorar, particularmente, o contraste entre a fibra óptica – camada mais interna responsável pela transmissão dos dados – e as diversas camadas protetoras que a envolvem.

6. Danos

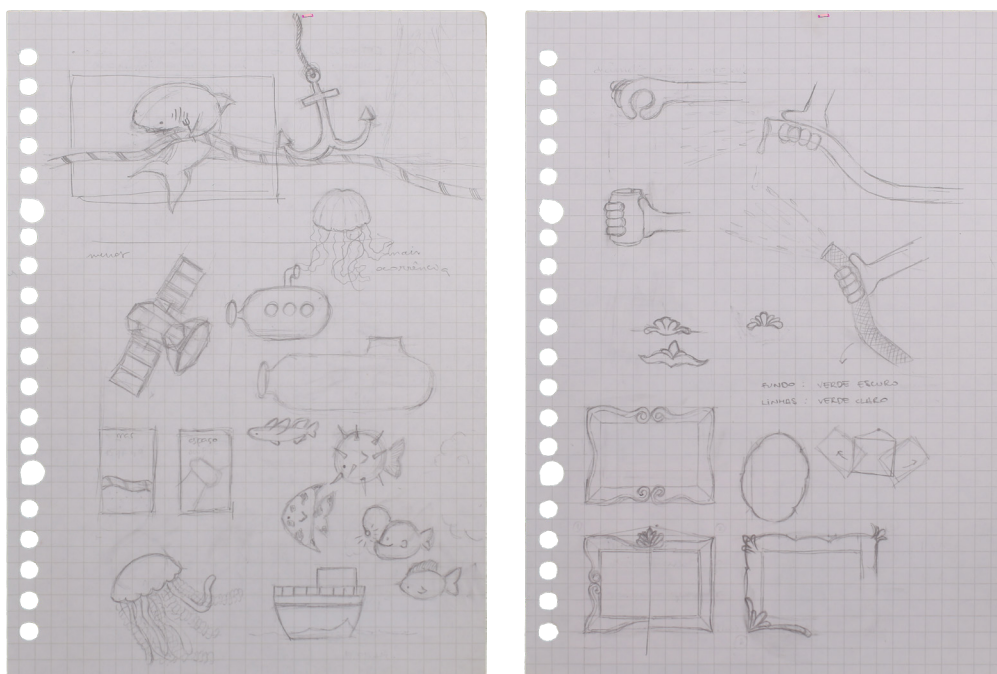
O objetivo deste tópico foi mostrar que, embora seja composto por um conjunto de camadas protetoras, os cabos submarinos estão suscetíveis a danos e quais são as principais causas.

Soluções visuais

Após a definição da estrutura, prosseguiu-se para a etapa visual, em que é definido como cada tópico pode ser representado visualmente.

A escolha pelo uso da ilustração foi motivada tanto pela relativa facilidade de produção, como também por uma preferência pessoal. Assim, e em oposição a uma representação detalhada e fidedigna, optou-se pelo distanciamento e simplificação da realidade, evidenciando os elementos principais de cada tópico de modo a tornar a sua compreensão mais clara.

Todos os desenhos tiveram os seus esboços desenvolvidos em papel (figuras 54 e 55) e foram, posteriormente, passados para o meio digital, mais especificamente para o *Adobe Photoshop*, com o auxílio de uma mesa digitalizadora.



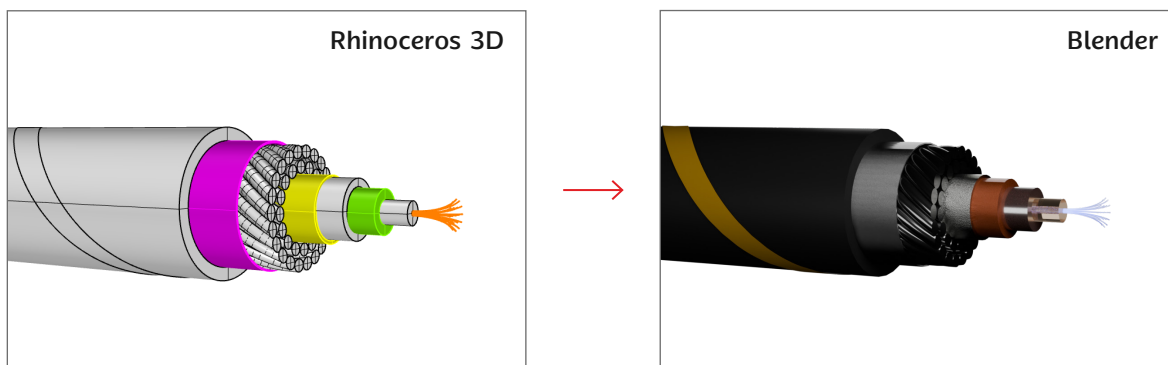
Por outro lado, na composição dos cabos, por se tratar de um tópico mais técnico, optou-se por utilizar uma representação mais próxima do real, nomeadamente a modelação 3D (figura 56). Nesse sentido, foram conjugados dois *softwares* para a obtenção da imagem do cabo submarino e das suas respetivas camadas: o *Rhinoceros 3D* – para a modelação – e o *Blender* – para a adição dos materiais e renderização.

Adicionalmente, foram utilizadas três imagens de autoria externa, mais especificamente no tópico de conteúdo histórico. Vale ressaltar que o uso dessas imagens, sobretudo para uso comercial, está frequentemente condicionado à aquisição de uma autorização para a sua reprodução, o que, em alguns casos, pode restringir a sua utilização.

↑ figuras 54 e 55.

Esboços para a infografia dos cabos submarinos.

Fonte: Investigadora (2024).



A fim de tornar o conteúdo mais acessível, foi determinado que, sempre que possível, seria estabelecida uma analogia entre os elementos específicos do tema e objetos familiares. O reflexo dessa decisão pode ser averiguado ao longo da infografia, mais especificamente na profundidade dos cabos submarinos em uma fossa no Japão – 8000m ou aproximadamente 73 estátuas do Cristo-Rei empilhadas –, na espessura da fibra óptica – tão fina quanto um fio de cabelo – ou ainda na espessura do cabo submarino – próximo de uma lata de refrigerante ou, nesse caso, de uma lata de *Sumol*.

Animações

O projeto dispõe, ao todo, de cinco animações de diferentes níveis de complexidade, em que, com exceção do *scroll*, não é necessária nenhuma interação para ativá-las.

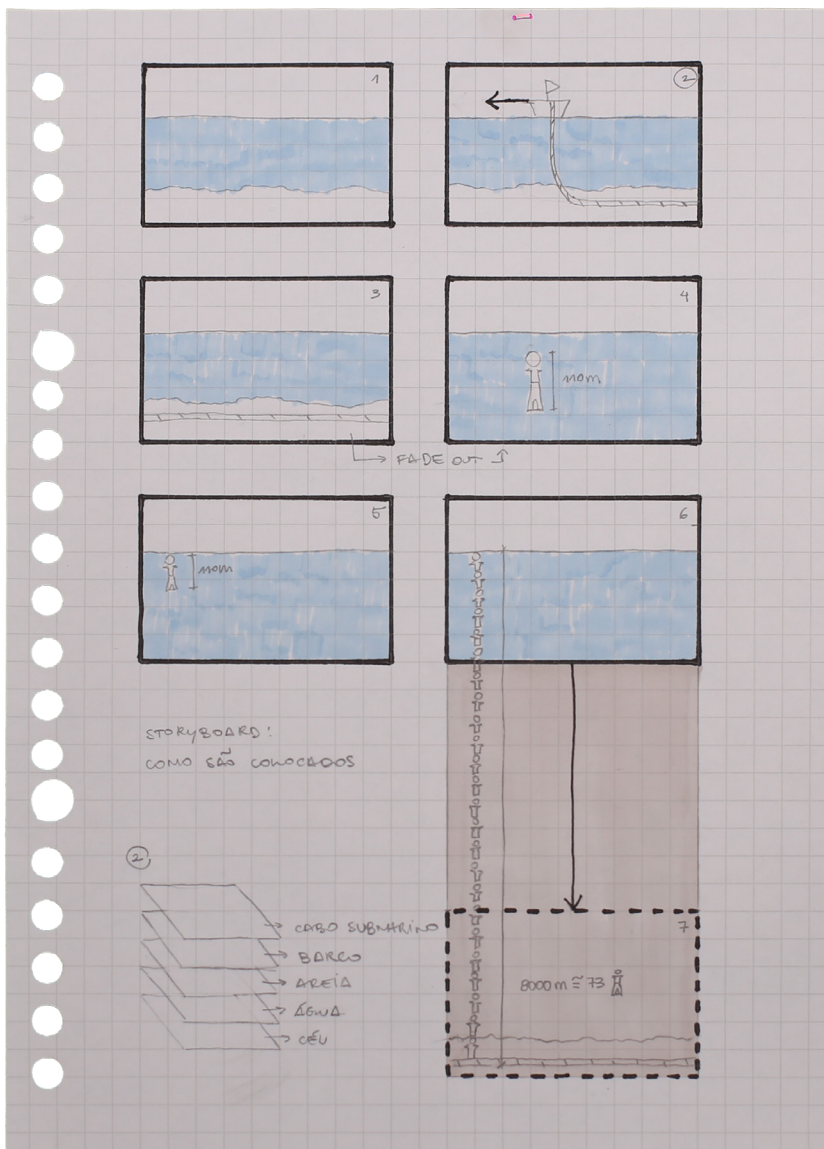
O processo de elaboração de cada animação foi variado e dependeu diretamente da sua complexidade. Assim, em animações mais complexas – como foi o caso do vídeo que demonstra como os cabos são colocados – foi necessária a elaboração de um *storyboard* e a realização de testes preliminares para ajudar a compreender o seu desencadeamento (figura 57). Porém, e independentemente da sua complexidade, é fundamental que as ilustrações e os seus elementos estejam organizados e separados em camadas e tenham sempre em vista a animação desejada e a otimização do seu processo.

Para a elaboração das animações foram adotadas duas abordagens distintas, sendo uma mais convencional – em que a animação é feita no *After Effects* e, posteriormente, exportada em formato de vídeo – e outra que envolveu um pouco mais de conhecimento de código – em que os elementos são exportados em PNG ou SVG e a animação é feita em CSS.

↑ figura 56.

Processo de desenvolvimento da modelação 3D das camadas que compõem o cabo submarino.

Fonte: Investigadora (2024).



← figura 57.

Storyboard da animação de como os cabos são colocados.

Fonte: Investigadora (2024).

Gráficos e mapas

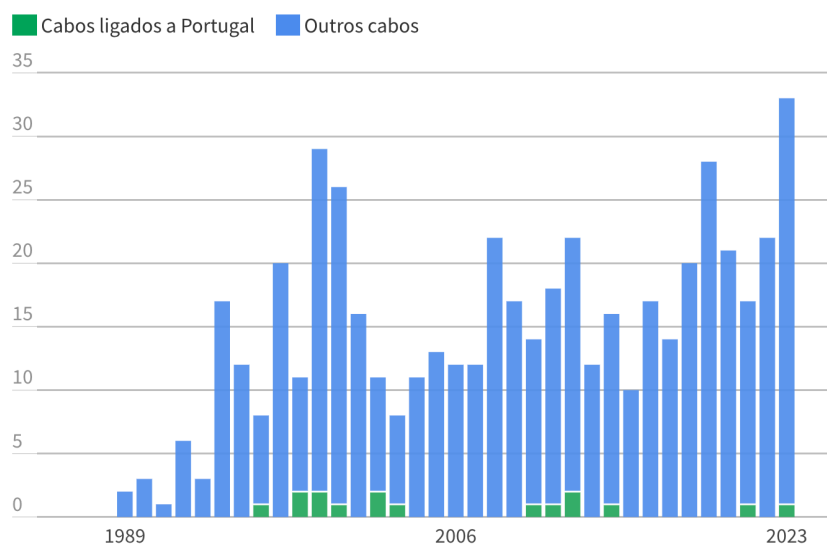
Os dados que deram origem aos gráficos e aos mapas foram retirados do *website* da *TeleGeography* (submarinecablemap.com), onde são disponibilizadas informações a respeito tanto dos cabos submarinos atualmente em operação, como também das ligações previstas para serem construídas. Assim, os dados retirados englobam informações como: nome do cabo, ano do início de funcionamento, comprimento, donos, fornecedores e onde estão localizados os seus pontos de amarração.

Para o desenvolvimento dos gráficos presentes no trabalho foi utilizado o *Flourish*, uma plataforma *online* que possibilita a criação de visualizações de dados interativas e próprias para o ambiente *web* de uma maneira simples e sem a obrigação de conhecimento de código.

Primeiramente, foi determinado que seriam selecionados os cabos cujo início de operação tivesse sido realizado até o ano de 2023, ou seja, foram excluídas todas as ligações previstas ou estabelecidas em 2024, mesmo que tenham sido realizadas antes da publicação do trabalho.

O primeiro gráfico (**gráfico 6**) apresenta o número de cabos que iniciaram o seu funcionamento a cada ano, evidenciando aqueles que possuíam algum ponto de amarração em Portugal. Por sua vez, o segundo gráfico (**gráfico 7**) mostra as empresas que mais detêm cabos submarinos. Nesse caso, considerou-se importante estabelecer uma distinção entre o investimento isolado e o colaborativo, visto que o custo para instalação e manutenção dos cabos é alto, sendo por vezes viabilizado por grupos de empresas.

Evolução anual das ligações globais por cabos submarinos



← gráfico 6. Evolução anual das ligações globais por cabos submarinos. Fonte: Investigadora (2024).

Empresas que mais investiram em cabos submarinos entre 1989 e 2023

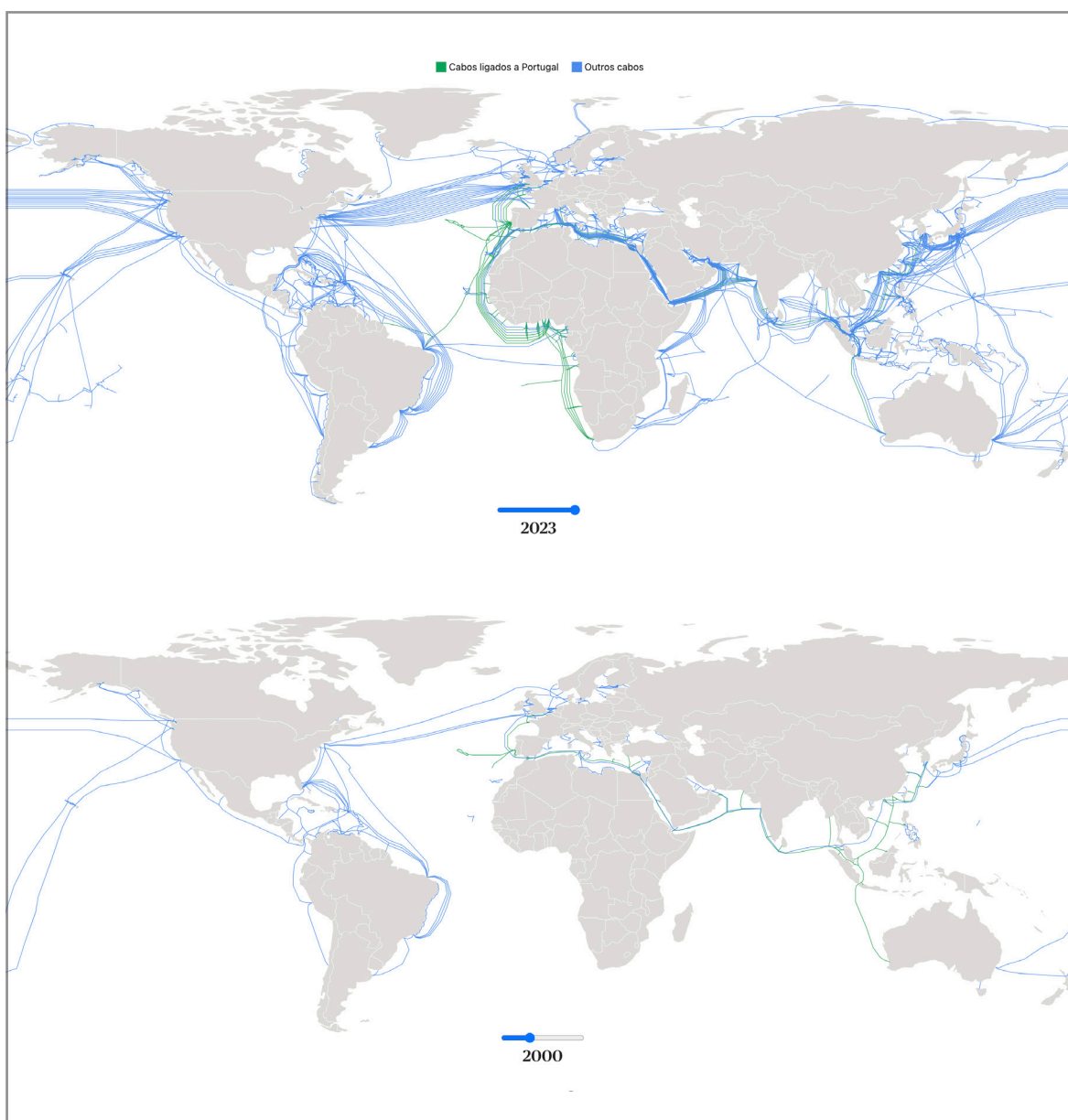
Em número de cabos submarinos



← gráfico 7. Empresas que mais investiram em cabos submarinos entre 1989 e 2023. Fonte: Investigadora (2024).

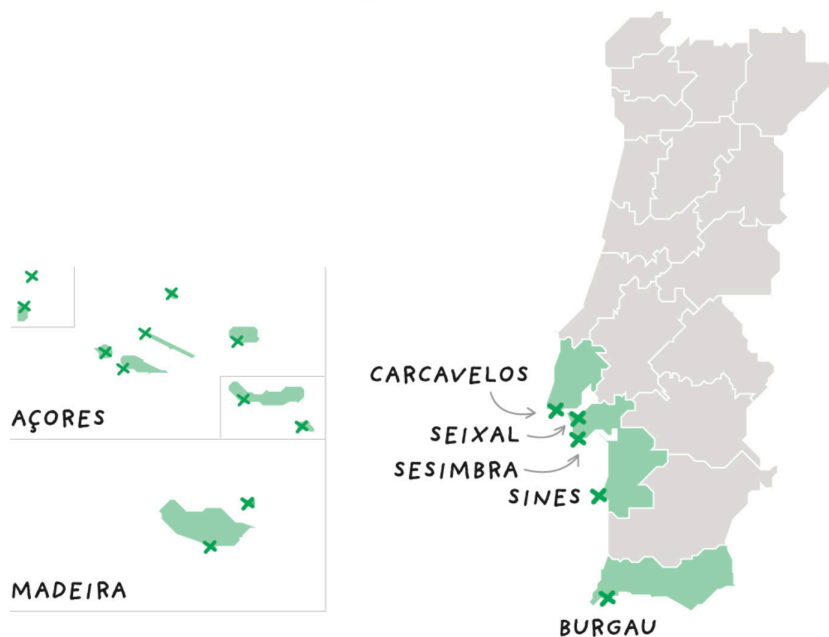
O primeiro mapa (figura 58) teve como inspiração o mapa do trabalho *How The Internet Travels Across Oceans*, publicado pelo *The New York Times* – anteriormente abordado nos projetos de referência. Embora a adoção de uma animação em *loop* no mapa do NYT gere um efeito visual interessante, o ritmo acelerado dificulta distinguir de modo claro quais ligações foram realizadas em cada ano. Assim, no projeto desenvolvido para o PÚBLICO optou-se por utilizar um *slider* para que o leitor possa visualizar, a cada ano, a evolução da estrutura dos cabos submarinos. Além disso, foi estabelecida uma distinção de cor entre os cabos submarinos que possuíam pontos de amarração em Portugal e os demais.

↓ figura 58.
Funcionamento do *slider*
no mapa das rotas mundiais
dos cabos submarinos.
Fonte: Investigadora (2024).



Por outro lado, o segundo mapa (figura 59) é estático e apresenta uma visão mais local, com enfoque nos pontos de amarração em Portugal continental e suas ilhas. Para esse mapa procurou-se trazer elementos que remetessem ao caráter manual utilizado nas ilustrações, o que pode ser visto na escolha da tipografia e em como são indicadas as localizações.

Localização dos pontos de amarração de cabos submarinos em Portugal



← figura 59.
Mapa da localização dos pontos de amarração de cabos submarinos em Portugal.
Fonte: Investigadora (2024).

Implementação

A implementação consiste na transposição das interfaces e interatividades projetadas para a linguagem *web* – mais precisamente para HTML, CSS e *JavaScript* –, sendo uma etapa que, em circunstâncias ideais, é realizada por um programador. Porém, dentro da redação do PÚBLICO a implementação das infografias interativas acabou por ser mais uma etapa acumulada pelos infografistas. Tal condição gera uma série de consequências e limitações, dentre as quais o frequente conflito entre o *que foi idealizado* e o *que é exequível*.

Com exceção de casos que demandam estruturas muito particulares, é comum que os projetos em desenvolvimento aproveitem – parcialmente ou integralmente – o código de infografias já publicadas, adaptando-o consoante as suas necessidades. Adicionalmente, e apesar de as infografias interativas usufruírem de uma maior liberdade, existe um conjunto de regras de estilos (CSS) transversais aos projetos e que deve ser respeitado a fim de garantir a coerência do jornal.

Em razão da pouca experiência e conhecimento na área de programação, a etapa de implementação demandou um investimento considerável de tempo e de pesquisa. Considerando o prazo limitado, o objetivo foi a aquisição de competências específicas – ao invés da busca por um entendimento amplo de programação –, focadas em executar o que havia sido idealizado. A dissolução do limite entre o trabalho do designer e do programador resultou na antecipação e, conseqüente, sobreposição da etapa de implementação com a do design.

Para a implementação do projeto, optou-se pelo uso do *Brackets*, um editor de código gratuito que exhibe, em tempo real, as alterações do código no navegador. Posteriormente, o código foi transferido para o servidor do PÚBLICO, sendo regularmente atualizado para versões mais recentes. Com isso, foi possível adicionar componentes que não podiam ser testados localmente – como as informações da cabeça da infografia – e obter um URL isolado e não-indexado que foi compartilhado com a jornalista para que pudesse acompanhar o progresso do projeto.

Relativamente à abordagem de desenvolvimento foi utilizada a premissa *desktop first*, em que o foco inicial é desenvolver e otimizar para ecrãs maiores – nomeadamente computadores – e posteriormente realizar a sua adaptação para dispositivos menores. Tal escolha foi entendida como um reflexo direto das práticas realizadas dentro da secção.

Em alguns casos, a adaptação de uma infografia para diferentes ecrãs pode resultar em pequenas diferenças de conteúdo – nomeadamente a supressão, em dispositivos menores, de informações menos relevantes –, desde que não comprometam a narrativa principal.

Como as interfaces para *desktop* estavam organizadas segundo um *layout* de uma ou duas colunas e havia baixa densidade de informação, foi possível adaptar o conteúdo da infografia em sua totalidade para os diferentes dispositivos.

Numa fase mais avançada da implementação, foram realizados testes em ecrãs de tamanhos variados a fim de identificar atempadamente possíveis problemas. No decorrer da etapa de implementação, o URL do projeto foi um recurso essencial, pois permitiu verificar o seu funcionamento em outros dispositivos e sistemas operacionais e partilhar internamente o projeto para receber *feedback*. Além disso, recorreu-se à ferramenta *Chrome DevTools* para simular o funcionamento em dispositivos a cujo modelo físico não se tinha acesso.

Soluções finais *Desktop*

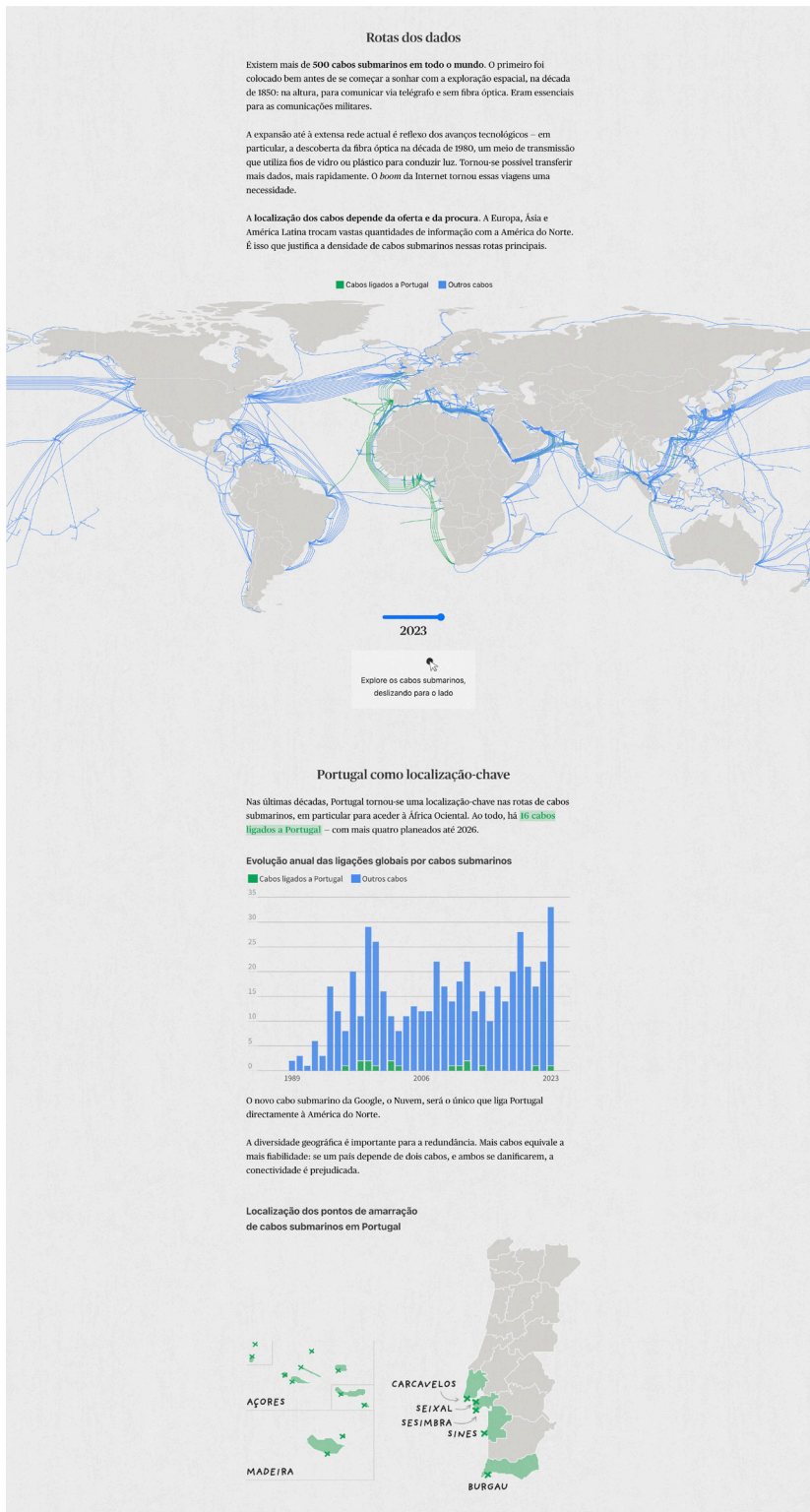
O que são os cabos submarinos



← **figura 60.**
[Desktop] Cabeça da infografia e introdução do que são os cabos submarinos, em *Como é que a Internet dá a volta ao mundo?*

Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/31/infografia/internet-volta-mundo-811>
[consultado a 7 de novembro de 2024].

Localização



← figura 61.

[Desktop] Rota dos dados e Portugal como localização-chave, em *Como é que a Internet dá a volta ao mundo?*

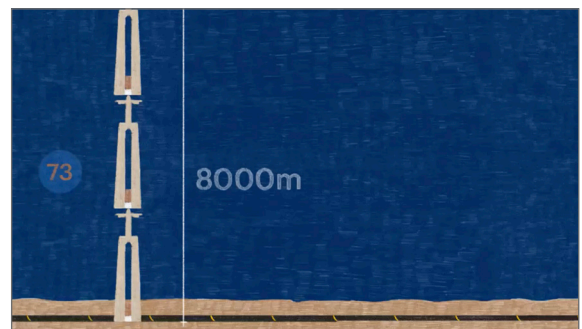
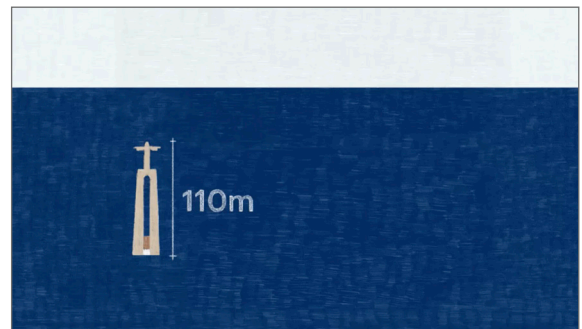
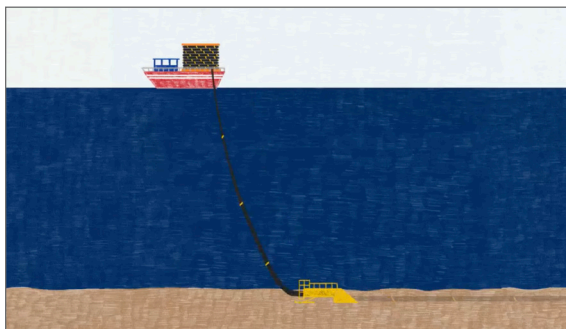
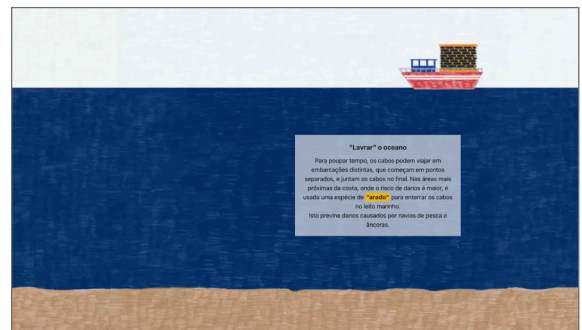
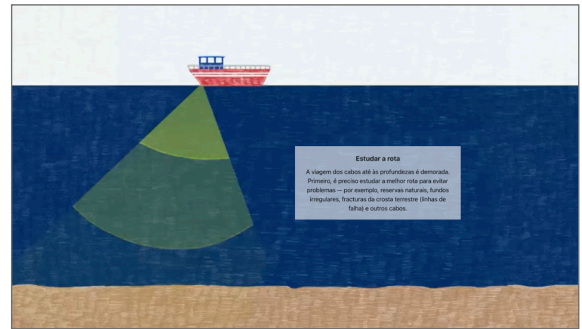
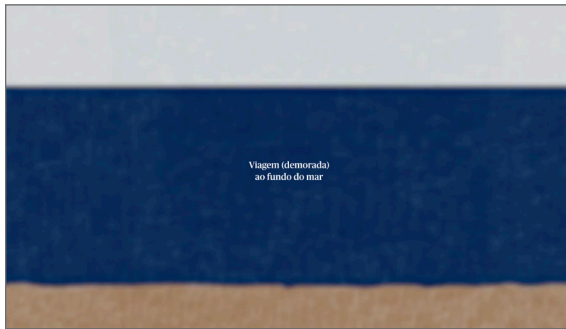
Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/31/infografia/internet-volta-mundo-811>

[consultado a 7 de novembro de 2024].



← **figura 62.**
[Desktop] Origem do investimento, em Como é que a Internet dá a volta ao mundo?
 Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/31/infografia/internet-volta-mundo-811>
 [consultado a 7 de novembro de 2024].

Como são colocados



↑ **figuras 63-70.** [Desktop] Viagem (demorada) ao fundo do mar, em *Como é que a Internet dá a volta ao mundo?*
Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/31/infografia/internet-volta-mundo-811> [consultado a 7 de novembro de 2024].



Primeiros cabos submarinos

O primeiro cabo, que transportava mensagens de telégrafo entre França e Inglaterra, foi concluído em 1850. Era mais simples, com fios condutores de cobre, cobertos em guta-percha (material semelhante à borracha). Em vez de luz, os dados viajavam em impulsos eléctricos.

Em 1858, celebrou-se a conclusão do primeiro cabo transatlântico entre o Reino Unido e os EUA. A rainha Vitória usou o cabo para enviar uma mensagem a felicitar o Presidente norte-americano James Buchanan pelo feito, mas o cabo só funcionou algumas semanas.

Um dos desafios era o transporte dos cabos que tinham de ser cuidadosamente enrolados em grandes bobinas a bordo de navios, sem apoio de máquinas. Regra geral, as fabricas de cabos submarinos ficavam perto da costa para facilitar o processo.

O verdadeiro sucesso chegou em 1866, com a primeira ligação transatlântica duradoura entre a Europa e os EUA.

Devido ao alto custo e risco associado a esses projectos, governos e consórcios de empresas de telecomunicações uniam forças para financiar a instalação dos cabos.

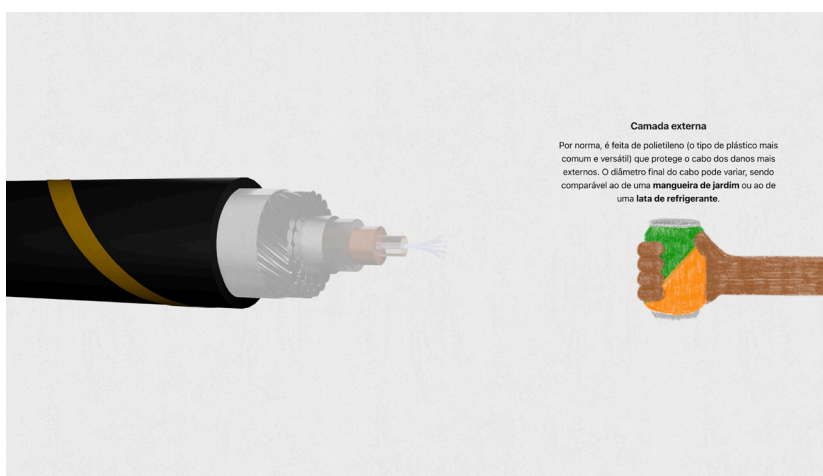
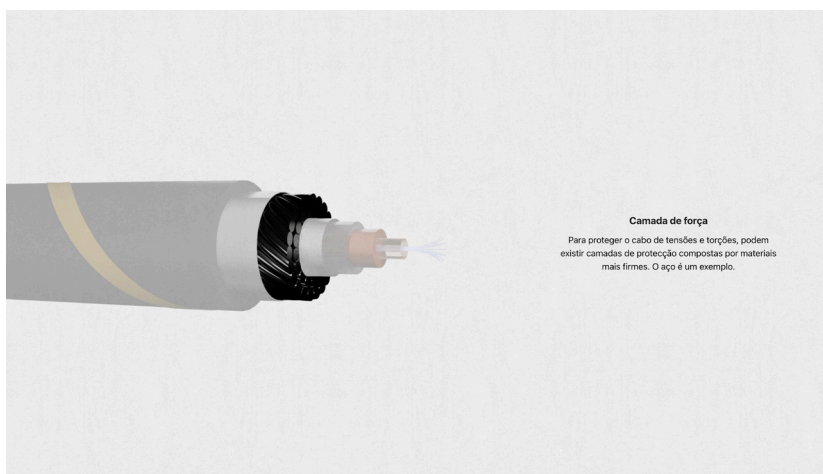
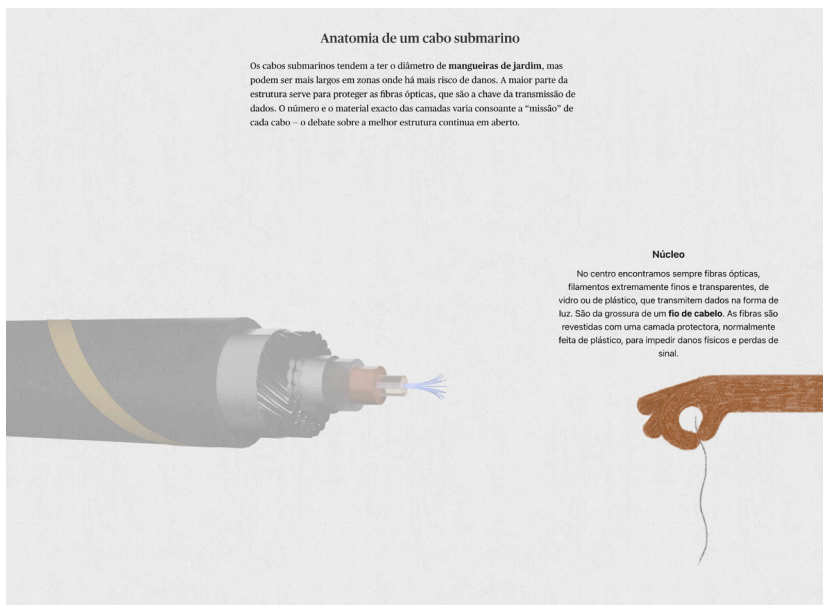
Na Primeira Guerra Mundial, os cabos submarinos tornaram-se armas de guerra. O Governo do Reino Unido controlava todos os cabos que saíam do país e os cabos da Alemanha no canal da Mancha foram cortados – só sobrou um, monitorizado pelos britânicos. Este é um dos motivos por detrás de recortes actuais em torno do investimento de empresas controladas por governos em infra-estruturas de comunicação.

← **figura 71.**

[Desktop] Primeiros cabos submarinos, em *Como é que a Internet dá a volta ao mundo?*

Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/31/infografia/internet-volta-mundo-811> [consultado a 7 de novembro de 2024].

Constituição

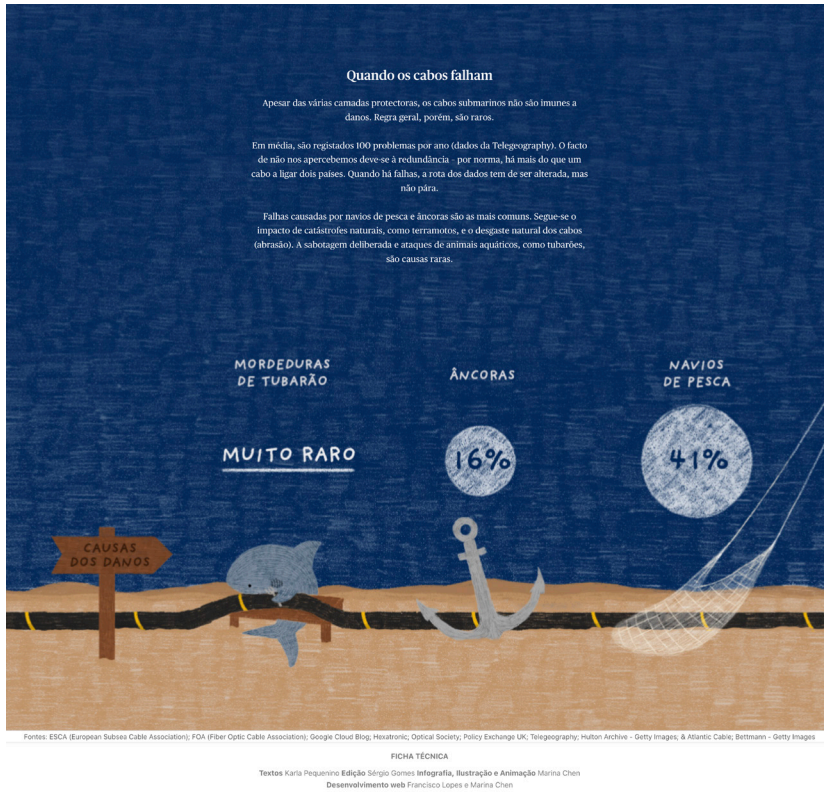


← figuras 72-74.

[Desktop] Anatomia de um cabo submarino, em *Como é que a Internet dá a volta ao mundo?*

Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/31/infografia/internet-volta-mundo-811> [consultado a 7 de novembro de 2024].

Danos



← figura 75.

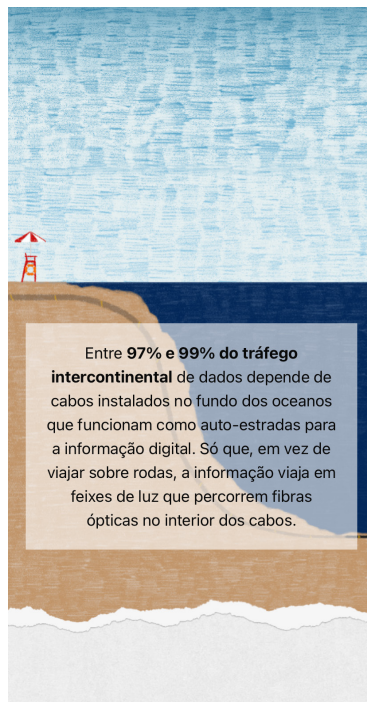
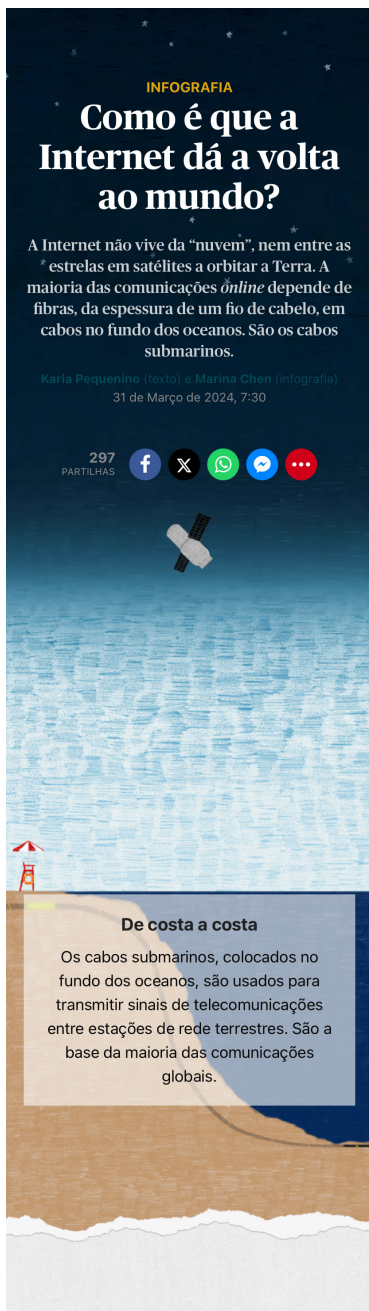
[Desktop] Quando os cabos falham, em *Como é que a Internet dá a volta ao mundo?*

Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/31/infografia/internet-volta-mundo-811>

[consultado a 7 de novembro de 2024].

Soluções finais *Mobile*

O que são os cabos submarinos



← figuras 76 e 77.

[*Mobile*] Cabeça da infografia e introdução do que são os cabos submarinos, em *Como é que a Internet dá a volta ao mundo?*

Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/31/infografia/internet-volta-mundo-811> [consultado a 7 de novembro de 2024].

Localização

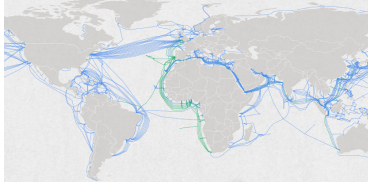
Rotas dos dados

Existem mais de **500 cabos submarinos em todo o mundo**. O primeiro foi colocado bem antes de se começar a sonhar com a exploração espacial, na década de 1850: na altura, para comunicar via telégrafo e sem fibra óptica. Eram essenciais para as comunicações militares.

A expansão até à extensa rede actual é reflexo dos avanços tecnológicos – em particular, a descoberta da fibra óptica na década de 1980, um meio de transmissão que utiliza fios de vidro ou plástico para conduzir luz. Tornou-se possível transferir mais dados, mais rapidamente. O *boom* da Internet tornou essas viagens uma necessidade.

A localização dos cabos depende da oferta e da procura. A Europa, Ásia e América Latina trocam vastas quantidades de informação com a América do Norte. É isso que justifica a densidade de cabos submarinos nessas rotas principais.

Cabos ligados a Portugal Outros cabos



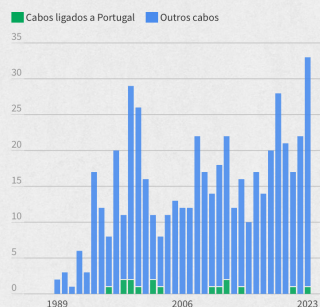
2023

Explore os cabos submarinos, deslizando para o lado

Portugal como localização-chave

Nas últimas décadas, Portugal tornou-se uma localização-chave nas rotas de cabos submarinos, em particular para aceder à África Ocidental. Ao todo, há **16 cabos ligados a Portugal** – com mais quatro planeados até 2026.

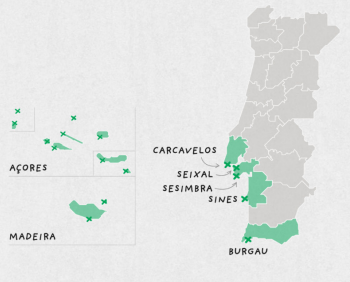
Evolução anual das ligações globais por cabos submarinos



O novo cabo submarino da Google, o Nuvem, será o único que liga Portugal directamente à América do Norte.

A diversidade geográfica é importante para a redundância. Mais cabos equivale a mais fiabilidade: se um país depende de dois cabos, e ambos se danificarem, a conectividade é prejudicada.

Localização dos pontos de amarração de cabos submarinos em Portugal



Origem do investimento

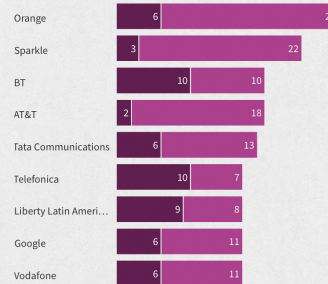
Historicamente, o financiamento dos cabos vinha de empresas de telecomunicações, internacionais e regionais, que formavam consórcios para dividir o custo e os riscos associados à instalação e manutenção de cabos submarinos. A dinâmica começa a mudar.

Fornecedoras de conteúdos como a Amazon, a Microsoft, a Google, e a Meta (dona do Facebook, Instagram e WhatsApp) começam a assumir um papel mais activo no investimento em cabos submarinos para suportar o intenso fluxo de dados nas suas plataformas.

Empresas que mais investiram em cabos submarinos entre 1989 e 2023

Em número de cabos submarinos

Investimento isolado Investimento colaborativo

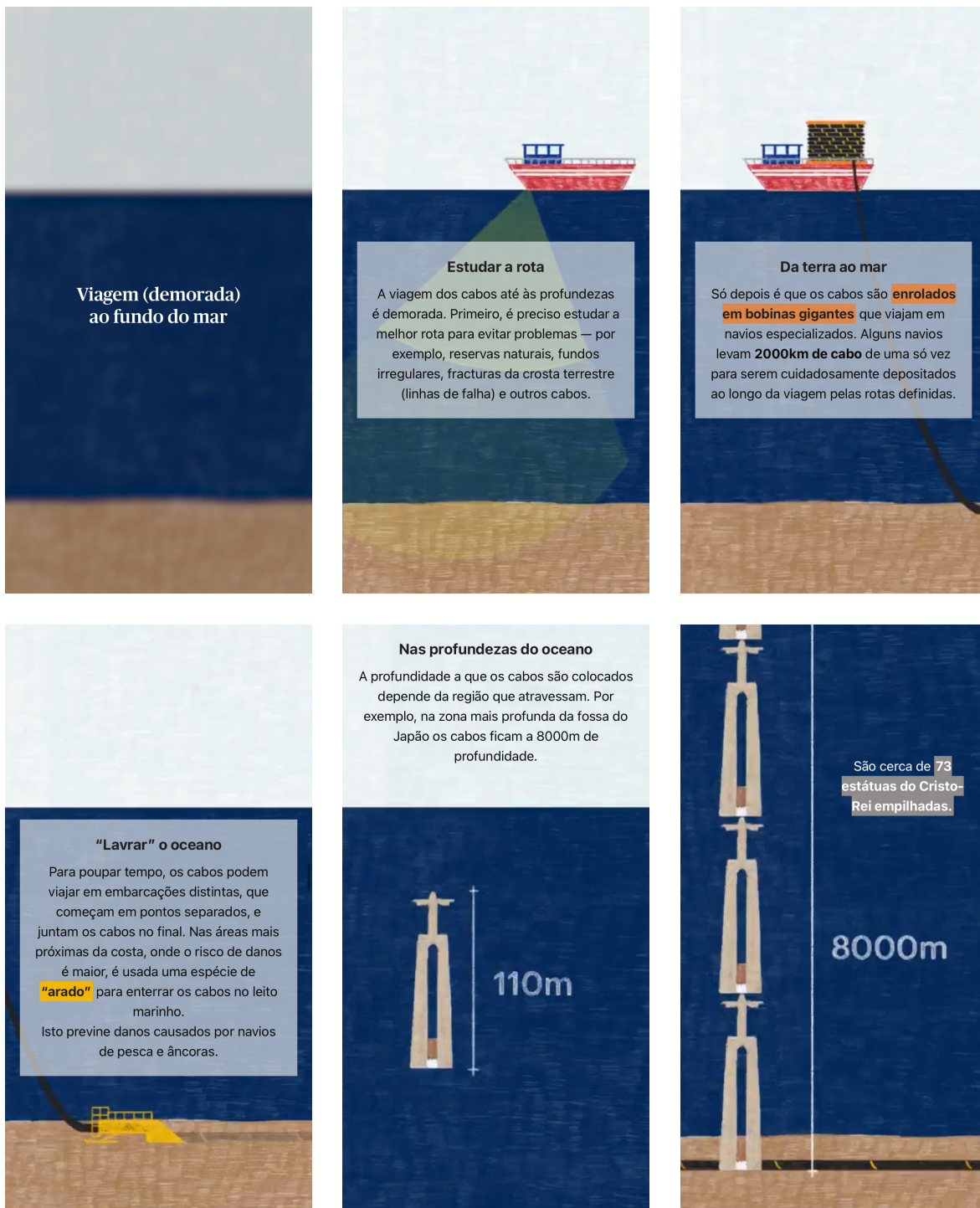


← figuras 78–80.

[Mobile] Rota dos dados, Portugal como localização-chave e origem do investimento, em *Como é que a Internet dá a volta ao mundo?*

Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/31/infografia/internet-volta-mundo-811> [consultado a 7 de novembro de 2024].

Como são colocados



↑ **figuras 81–86.** [Mobile] Viagem (demorada) ao fundo do mar, em *Como é que a Internet dá a volta ao mundo?*
Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/31/infografia/internet-volta-mundo-811> [consultado a 7 de novembro de 2024].

História

Primeiros cabos submarinos

O primeiro cabo, que transportava mensagens de telégrafo entre França e Inglaterra, foi concluído em 1850. Era mais simples, com fios condutores de cobre, cobertos em guta-percha (material semelhante à borracha). Em vez de luz, os dados viajavam em impulsos eléctricos.



Em 1858, celebrou-se a conclusão do primeiro cabo transatlântico entre o Reino Unido e os EUA. A rainha Vitória usou o cabo para enviar uma mensagem a felicitar o Presidente norte-americano James Buchanan pelo feito, mas o cabo só funcionou algumas semanas.



Um dos desafios era o transporte dos cabos que tinham de ser cuidadosamente enrolados em grandes bobinas a bordo de navios, sem apoio de máquinas. Regra geral, as fábricas de cabos submarinos ficavam perto da costa para facilitar o processo.



O verdadeiro sucesso chegou em 1866, com a primeira ligação transatlântica duradoura entre a Europa e os EUA.

Devido ao alto custo e risco associado a esses projectos, governos e consórcios de empresas de telecomunicações uniam forças para financiar a instalação dos cabos.



Na Primeira Guerra Mundial, os cabos submarinos tornaram-se armas de guerra. O Governo do Reino Unido controlava todos os cabos que saíam do país e os cabos da Alemanha no canal da Mancha foram cortados – só sobrou um, monitorizado pelos britânicos. Este é um dos motivos por detrás de receios actuais em torno do investimento de empresas controladas por governos em infra-estruturas de comunicação.

← figuras 87–88.

[Mobile] Primeiros cabos submarinos, em *Como é que a Internet dá a volta ao mundo?*

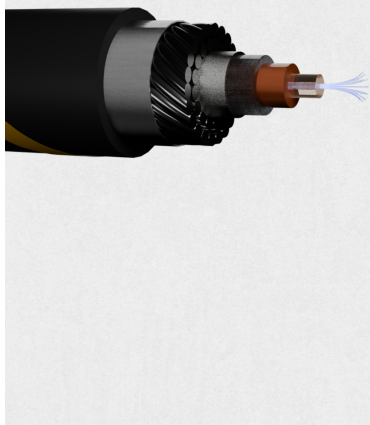
Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/31/infografia/internet-volta-mundo-811>

[consultado a 7 de novembro de 2024].

Constituição

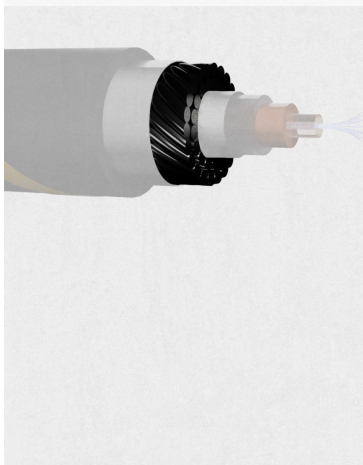
Anatomia de um cabo submarino

Os cabos submarinos tendem a ter o diâmetro de **mangueiras de jardim**, mas podem ser mais largos em zonas onde há mais risco de danos. A maior parte da estrutura serve para proteger as fibras ópticas, que são a chave da transmissão de dados. O número e o material exacto das camadas varia consoante a “missão” de cada cabo – o debate sobre a melhor estrutura continua em aberto.



Camada de força

Para proteger o cabo de tensões e torções, podem existir camadas de protecção compostas por materiais mais firmes. O aço é um exemplo.



Camada externa

Por norma, é feita de polietileno (o tipo de plástico mais comum e versátil) que protege o cabo dos danos mais externos. O diâmetro final do cabo pode variar, sendo comparável ao de uma **mangueira de jardim** ou ao de uma **lata de refrigerante**.



↑ **figuras 89–91.**

[*Mobile*] Anatomia de um cabo submarino, em *Como é que a Internet dá a volta ao mundo?*

Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/31/infografia/internet-volta-mundo-811>

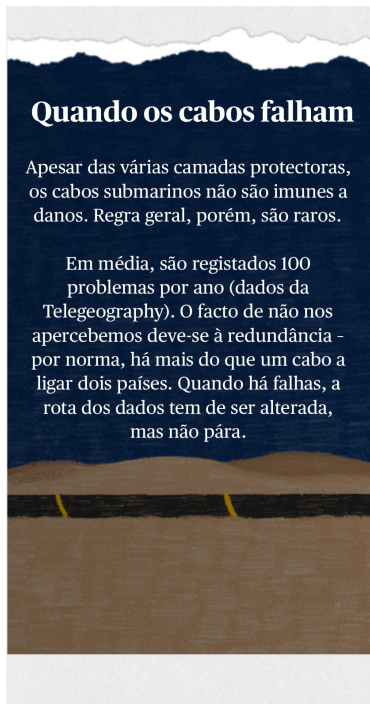
[consultado a 7 de novembro de 2024].

Danos

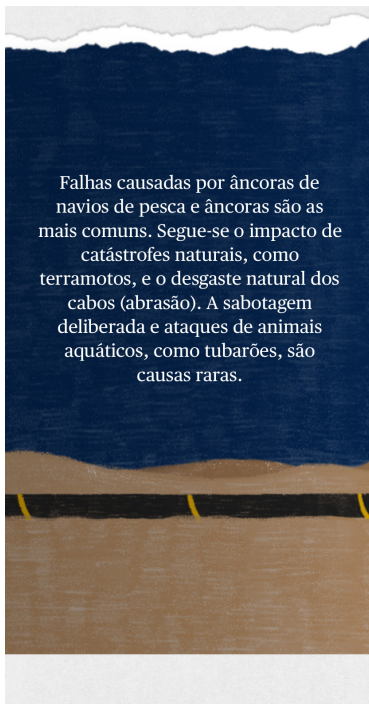
Quando os cabos falham

Apesar das várias camadas protectoras, os cabos submarinos não são imunes a danos. Regra geral, porém, são raros.

Em média, são registados 100 problemas por ano (dados da Telegeography). O facto de não nos apercebemos deve-se à redundância - por norma, há mais do que um cabo a ligar dois países. Quando há falhas, a rota dos dados tem de ser alterada, mas não pára.



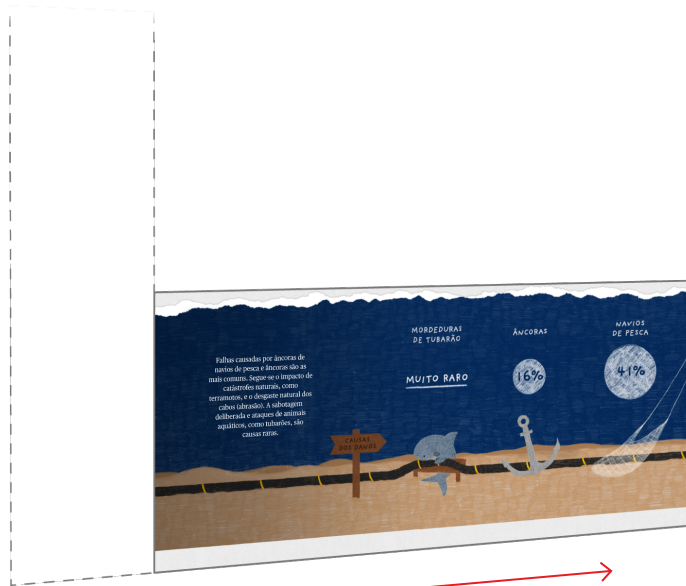
Falhas causadas por âncoras de navios de pesca e âncoras são as mais comuns. Segue-se o impacto de catástrofes naturais, como terremotos, e o desgaste natural dos cabos (abrasão). A sabotagem deliberada e ataques de animais aquáticos, como tubarões, são causas raras.



← figuras 92-94.
[Mobile] Quando os cabos falham, em *Como é que a Internet dá a volta ao mundo?*
Fonte: <https://www.publico.pt/2024/03/31/infografia/internet-volta-mundo-811>
[consultado a 7 de novembro de 2024].



Scroll vertical
=
Movimento vertical



Scroll vertical
=
Movimento horizontal

↑ **figura 95.** Esquema da lógica de funcionamento do *mobile* do tópico quando os cabos falham.
Fonte: Investigadora (2024).

Adaptação para o impresso

Inicialmente estava prevista a realização de uma infografia interativa que iria ser publicada na plataforma *online* do jornal. A oportunidade de adaptar o trabalho para a edição impressa do P2 foi confirmada apenas nas últimas semanas do estágio, tendo sido realizada ao longo de três dias. Assim, foi informado que seria reservada uma dupla página para a infografia e definido que a data de publicação seria no último domingo de março.

É pertinente sublinhar que a adaptação de projetos extraordinários ao jornal impresso é rara, tanto devido ao papel central frequentemente desempenhado pela interatividade, como, sobretudo, pelas restrições espaciais do formato.

A transposição de uma infografia do ambiente *online* para o jornal físico exige que, para além da preservação da essência da narrativa, as particularidades de cada formato sejam respeitadas e exploradas. Enquanto o formato físico é estático e possui limites bem definidos, o meio digital possibilita, por exemplo, volumes de conteúdos mais extensos e a incorporação da interatividade e de recursos multimédia. Adicionalmente, embora o meio digital desfrute de uma maior flexibilidade, Broussard (2021, p. 275) argumenta que no que tange a conservação “projetos de dados são mais frágeis do que as ‘simples’ histórias de texto e imagens que são publicadas na edição impressa de um jornal ou revista”¹³.

Considerando a linguagem visual anteriormente definida – fundamentada sobretudo em ilustrações –, foram desenvolvidos dois estudos preliminares de *layout* que serviram como base para a reelaboração das ilustrações, garantindo, assim, a sua conformidade com o novo formato (figuras 96 e 97).

Seguindo na direção oposta à solução adotada na infografia interativa – em que cada tópico estava visivelmente delimitado –, optou-se pela utilização de um fundo ao longo das duas páginas e que integra todos os demais elementos que a compõem. As páginas foram estruturadas respeitando a grelha de quatro colunas adotada pelo P2, sendo prevista uma área para o conteúdo textual principal e outras quatro áreas destinadas a elementos visuais com pequenos blocos de texto (figuras 98 e 99).

Diante da impossibilidade de transpor as funcionalidades existentes no *online* para o papel foi necessário encontrar soluções que adaptassem os elementos interativos ou animados em estáticos. No caso do mapa das *Rotas dos dados* a alternativa foi suprimir a parte interativa, mais especificamente a possibilidade de visualizar por ano quando cada cabo iniciou o seu funcionamento. Enquanto isso, na animação *Viagem (demorada) ao fundo do mar*, a solução encontrada

[13] T.L. – “Data projects are more fragile than ‘plain’ text-and-images stories that are published in the print edition of a newspaper or magazine”.

foi separar a parte da profundidade das três etapas que envolvem a colocação dos cabos – enumerando-as e explicando-as segundo uma lógica temporal.

Outra particularidade do jornal físico é a adição da etapa de impressão entre a sua idealização e materialização. Durante esse processo podem ocorrer pequenos desalinhamentos decorrentes da dobra das páginas ou variações de cores consequentes da própria cor do papel-jornal. Embora a ocorrência desses problemas tente ser antecipada e amenizada, o resultado só pode ser efetivamente averiguado após a sua impressão.

No caso da infografia desenvolvida, a possibilidade de desalinhamento acabou por ser considerada nula, visto que o P2 é apenas dobrado – sem a utilização de grafos – e o trabalho foi publicado nas páginas do meio do suplemento. Por outro lado, e apesar de a tonalidade do material ter sido um ponto de preocupação, após a impressão foi constatado que o resultado das cores havia ficado um pouco mais escuro do que o esperado.

Como é que os dados navegam pelo mundo?

A Internet não vive da "nuvem", nem entre as estrelas em satélites a orbitar a Terra. A maioria das comunicações online depende de fibras, da espessura de um fio de cabelo, em cabos no fundo dos oceanos. São os cabos submarinos.



1 Estudar a rota

A viagem dos cabos não se produz de forma aleatória. Primeiro, é preciso estudar a melhor rota para evitar problemas: correntes oceânicas, ventos, terremotos, naufrágios, naufrágios de navios e outros fatores (falhas e outros riscos).

2 Da terra ao mar

Os cabos são lançados a partir de plataformas gigantes que se movem lentamente. Alguns navios levam 200 m de cabo de uma só vez e são capazes de depositar no fundo do oceano milhares de metros de cabo.

Quando os cabos falham

Quando os cabos falham, os dados são interrompidos. Isso acontece quando os cabos são danificados por navios de pesca, ancoras ou mordeduras de tubarões. Segundo estudos, 16% dos cabos são danificados por navios de pesca, 19% por ancoras e 0% por mordeduras de tubarões.

3 "Lavar" o oceano

Para evitar problemas, os cabos são "lavados" com produtos químicos que os mantêm limpos e livres de organismos marinhos. Isso é feito através de sistemas de limpeza que são instalados nos navios de lançamento.

8000m = 73x

Anatomia de um cabo submarino

Um cabo submarino é composto por várias camadas: uma camada externa de aço para proteção mecânica, um núcleo de cobre ou alumínio para condução elétrica, fibras ópticas para transmissão de dados e uma camada de vasilina para isolamento e proteção contra a água.

Como é que os dados navegam pelo mundo?

A Internet não vive da "nuvem", nem entre as estrelas em satélites a orbitar a Terra. A maioria das comunicações online depende de fibras, da espessura de um fio de cabelo, em cabos no fundo dos oceanos. São os cabos submarinos.



1 Estudar a rota

A viagem dos cabos não se produz de forma aleatória. Primeiro, é preciso estudar a melhor rota para evitar problemas: correntes oceânicas, ventos, terremotos, naufrágios, naufrágios de navios e outros fatores (falhas e outros riscos).

2 Da terra ao mar

Os cabos são lançados a partir de plataformas gigantes que se movem lentamente. Alguns navios levam 200 m de cabo de uma só vez e são capazes de depositar no fundo do oceano milhares de metros de cabo.

Quando os cabos falham

Quando os cabos falham, os dados são interrompidos. Isso acontece quando os cabos são danificados por navios de pesca, ancoras ou mordeduras de tubarões. Segundo estudos, 16% dos cabos são danificados por navios de pesca, 19% por ancoras e 0% por mordeduras de tubarões.

3 "Lavar" o oceano

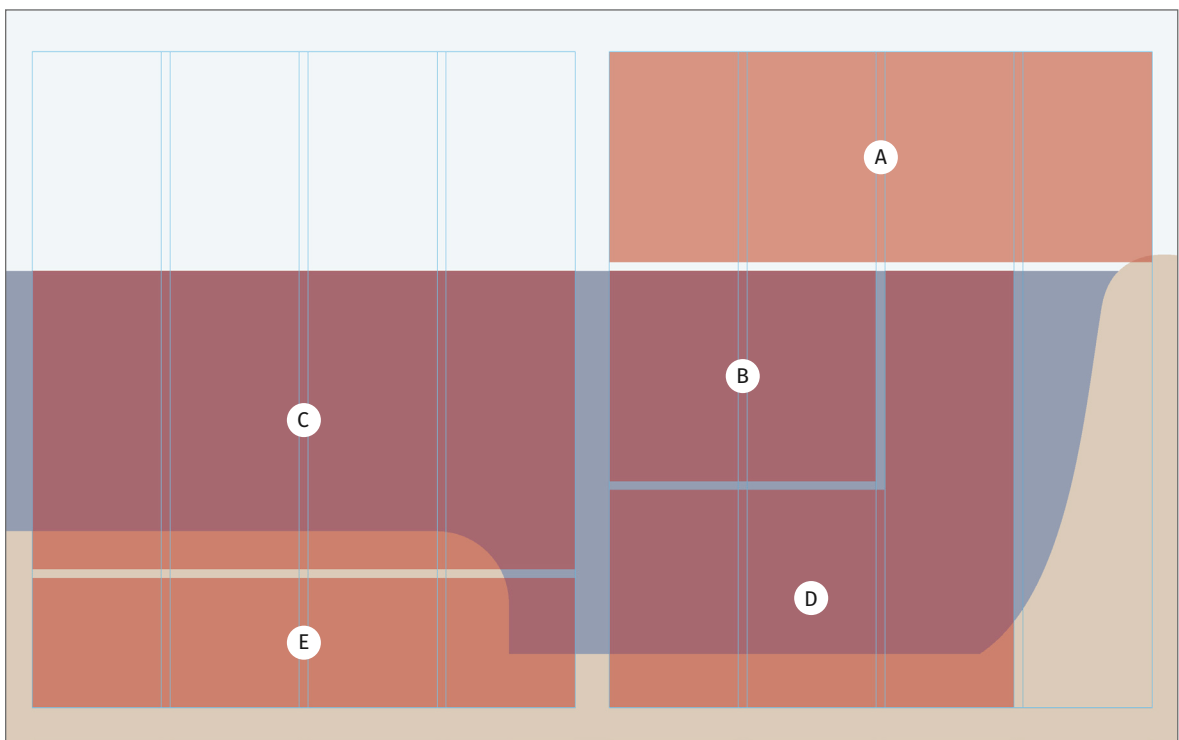
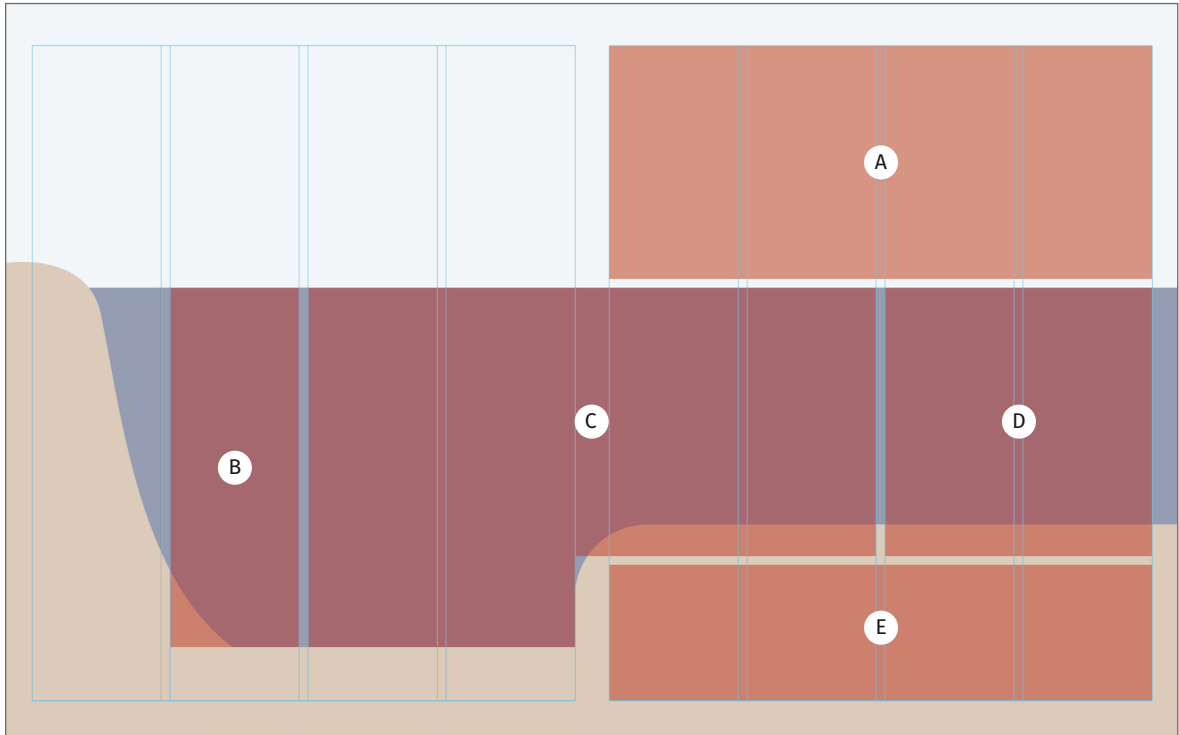
Para evitar problemas, os cabos são "lavados" com produtos químicos que os mantêm limpos e livres de organismos marinhos. Isso é feito através de sistemas de limpeza que são instalados nos navios de lançamento.

8000m = 73x

Anatomia de um cabo submarino

Um cabo submarino é composto por várias camadas: uma camada externa de aço para proteção mecânica, um núcleo de cobre ou alumínio para condução elétrica, fibras ópticas para transmissão de dados e uma camada de vasilina para isolamento e proteção contra a água.

↑ **figuras 96 e 97.** Estudos de *layout* para a adaptação da infografia digital *Como a Internet dá a volta ao mundo?* para o jornal impresso. Fonte: Investigadora (2024).



A Localização | B Conteúdo textual principal | C Como são colocados | D Danos | E Constituição

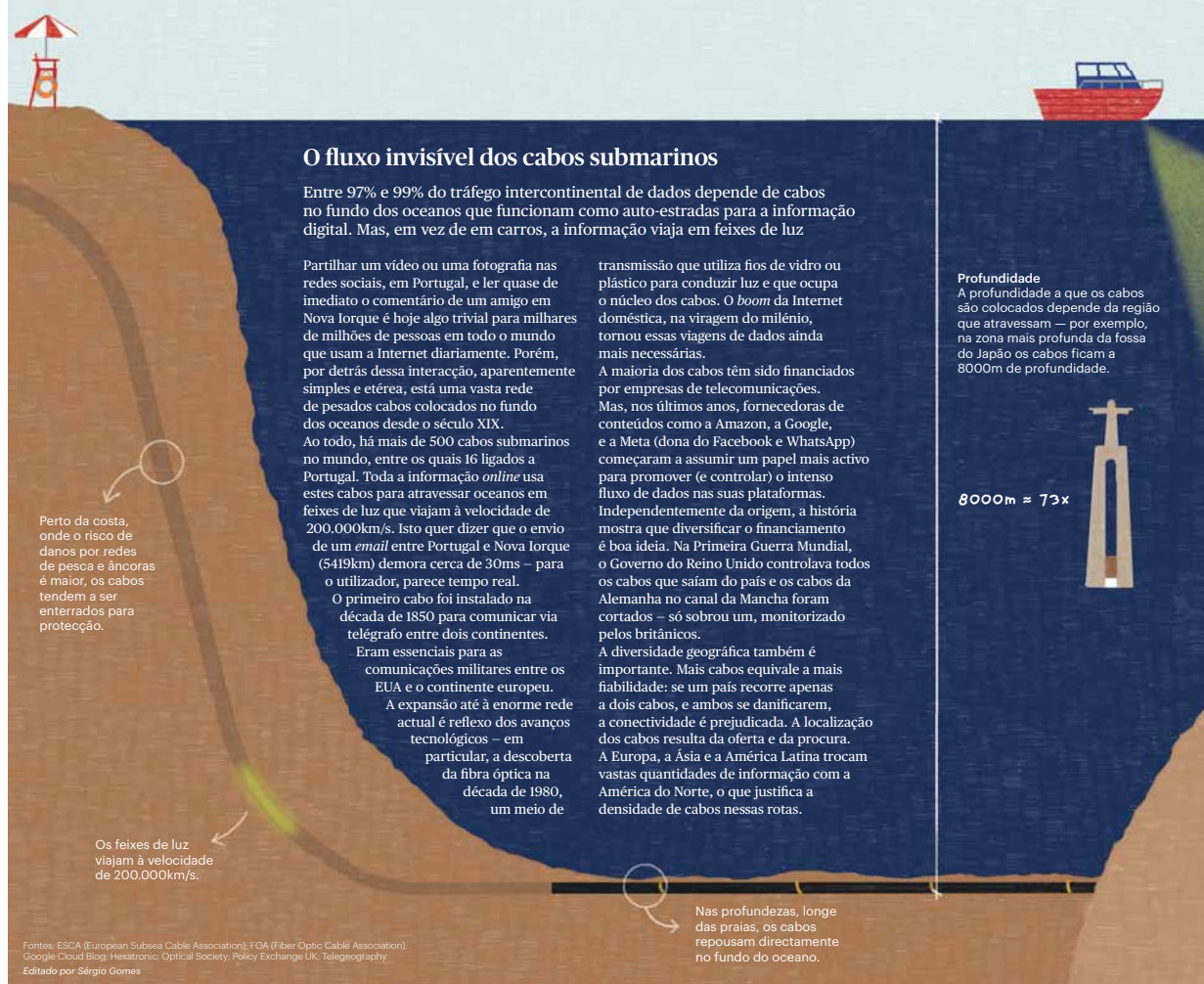
↑ **figuras 98 e 99.** Organização espacial dos conteúdos da infografia impressa.

Fonte: Investigadora (2024).

Como é que a Internet dá a volta ao mundo?

A Internet não vive da “nuvem”, nem entre as estrelas em satélites a orbitar a Terra. A maioria das comunicações *online* depende de fibras ópticas, da espessura de um fio de cabelo, integradas em cabos no fundo dos oceanos. São os cabos submarinos

Por **Karla Pequenino** texto e **Marina Chen** infografia



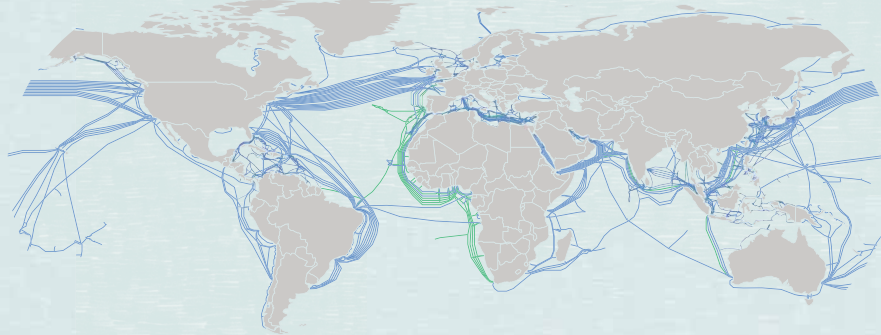
↑ **figura 100.** P2 Edição Lisboa, 31 de março de 2024, pp. 12–13.

Fonte: <https://ereader.publico.pt/publico-lisboa-p2/20240331> [consultado a 23 de agosto de 2024].

Rotas dos dados

Há mais de 500 cabos submarinos a ligar o mundo

Portugal tem vindo a tornar-se uma localização-chave. A vasta costa e a posição geográfica virada para o Atlântico fazem do país um canal de entrada para sistemas que ligam a Europa aos continentes americano e africano



— Cabos ligados a Portugal
— Outros cabos



1 Estudar a rota
A viagem dos cabos até às profundezas é demorada. Primeiro, é preciso estudar a melhor rota para evitar problemas — por exemplo, reservas naturais, fundos irregulares, fracturas da crosta terrestre (linhas de falha) e outros cabos.

2 Da terra ao mar
Só depois é que os cabos são enrolados em bobinas gigantes que viajam em navios especializados. Alguns navios levam 20000km de cabo de uma só vez para serem cuidadosamente depositados ao longo da viagem pelas rotas definidas.

3 “Lavrar” o oceano
Para poupar tempo, os cabos podem viajar em embarcações distintas, que começam em pontos separados, e juntam os cabos no final. Nas áreas mais próximas da costa, onde o risco de danos é maior, é usado uma espécie de arado para enterrar os cabos no leito marinho.

Quando os cabos falham

Apesar das várias camadas protectoras, os cabos submarinos não são imunes a danos — mas são raros. Em média, são registados 100 problemas por ano. O facto de não nos apercebemos deve-se à redundância: quando há falhas, a rota dos dados tem de ser alterada, mas não pára.

Falhas causadas por navios de pesca e âncoras são as mais comuns. Segue-se o impacto de catástrofes naturais, como terremotos, e o desgaste natural dos cabos (abrasão). A sabotagem deliberada e ataques de animais aquáticos, como tubarões, são causas raras.

MORDEDURAS DE TUBARÃO

MUITO RARO

ÂNCORAS

16%

NAVIOS DE PESCA

41%

Anatomia de um cabo submarino

Os cabos submarinos tendem a ter o diâmetro de mangueiras de jardim, mas podem ser mais largos, como uma lata de refrigerante, em zonas onde há mais risco de danos. A maior parte da estrutura serve para proteger as fibras ópticas, que são a chave da transmissão de dados. O número e o material exacto das camadas varia consoante a “missão” de cada cabo — o debate sobre a melhor estrutura continua em aberto.

Vaselina
Esta gordura mineral, aplicada em farmácia e na indústria, é extraída do petróleo, protege as fibras ópticas da corrosão.

Fibras ópticas
Finas e transparentes, da espessura de um fio de cabelo, transmitem dados sob forma de luz.

Camadas variáveis
A missão é sempre proteger e facilitar a propagação dos dados. Camadas de cobre, por exemplo, garantem uma maior condutibilidade eléctrica.

Camada externa
Protege o cabo dos danos mais externos. Por norma, é feita de polietileno, o tipo de plástico mais comum e versátil.

Capítulo 4

CONCLUSÃO

4.1. Considerações finais

A escolha pela realização de um estágio acadêmico no jornal PÚBLICO para concluir o curso de Mestrado em Design de Comunicação revelou-se uma notável contribuição para o desenvolvimento profissional da mestranda. Sendo esta a sua primeira experiência profissional, foi possível tanto aplicar os conhecimentos adquiridos durante a sua formação acadêmica, como também expandir as suas competências em Design.

Dentro de um ambiente profissional, os processos, prazos e responsabilidades manifestam-se de modo diferente do que acontece no ambiente acadêmico. Nesse sentido, na esfera acadêmica o processo tende a ser mais linear, com fases mais bem delimitadas, e os prazos mais flexíveis. Por outro lado, no contexto laboral as etapas acabam por, frequentemente, se sobrepor – o que está relacionado à existência de fatores externos e outros intervenientes – e os prazos são mais rigorosos. No caso particular de um jornal, devem ser considerados também outros fatores, como a perecibilidade da notícia.

Poder experienciar a rotina dentro de uma sala de redação – um ambiente que desde o início se apresentou recetivo e estimulante –, realizando atividades tanto para o suporte impresso como para o *online*, permitiu desenvolver competências de colaboração, comunicação, gestão de prazos e responsabilidades. Competências essas que se mostraram imprescindíveis num jornal, onde a construção do produto final é decorrente do trabalho coletivo diário.

Ao longo desse período, pôde-se estabelecer uma relação de confiança entre a equipa de Infografia e a mestranda, o que propiciou uma maior liberdade criativa e a realização de um trabalho mais autónomo. A oportunidade de desenvolver uma infografia interativa, sendo

designada pela secção como responsável, e de conduzir ativamente todas as etapas e decisões – com exceção da elaboração dos textos – propiciou a aplicação de conhecimentos em áreas como desenho, multimédia, Infografia e programação. Desenvolver um projeto desta complexidade e em colaboração direta com uma jornalista foi um desafio, especialmente pela dinâmica assíncrona do processo, o que exigiu uma comunicação constante para assegurar que o resultado final integrasse de modo coeso a parte visual e textual.

No decorrer do estágio foi possível averiguar que as infografias interativas – projetos mais proeminentes da secção – requerem uma etapa de desenvolvimento *web* que é desempenhada, internamente, por profissionais cuja formação principal não é na área de programação. Tal situação exige um maior investimento em pesquisa e um gerenciamento de tempo que equilibre as etapas de idealização e implementação. Ainda que os fatores mencionados não impeçam a publicação desses projetos, estes influenciam diretamente a sua complexidade. Além disso, apesar de o funcionamento das infografias interativas em diferentes dispositivos ser uma preocupação, em casos em que as estruturas são mais complexas e os prazos menores, a adaptação pode acabar por ser abordada apenas numa fase final, resultando em soluções mais simples, que funcionam, mas que podem não representar necessariamente a alternativa mais eficaz.

No que concerne o desempenho da mestranda na empresa, esse foi, no final, avaliado positivamente pela supervisora do estágio e coordenadora da secção de Infografia, Célia Rodrigues, e pelos colegas Cátia Mendonça e Francisco Lopes (**anexo A**). Nas palavras de Célia Rodrigues: “A Marina colaborou em tudo, aceitou e incorporou nos seus hábitos as boas práticas da equipa, mostrou-se muito criativa e mostrou flexibilidade (tinha habilidades em áreas adjacentes como pequenas animações, desenho 3D não mostrando dificuldades na execução)”.

Embora a formação académica prepare os seus alunos para o mercado de trabalho, cada instituição possui uma cultura inerente e requer um conjunto de competências, que não podem ser ensinadas em contexto escolar, sendo adquiridas por meio da prática profissional. A integração numa sala de redação possibilitou o contacto com profissionais com diferentes anos de experiência e a participação em projetos reais, contribuiu para o amadurecimento profissional e pessoal da mestranda.

4.2. Recomendações

O desenvolvimento desta investigação permitiu a elaboração de um conjunto de recomendações para futuros investigadores que desejem dar continuidade aos estudos sobre a temática da Infografia jornalística em um contexto multiplataformas.

Uma das limitações inerentes à investigação deve-se ao fato de apresentar a perspetiva de um único jornal, o PÚBLICO. Assim, seria pertinente que pesquisas subsequentes ampliassem esse panorama, abordando os processos e práticas utilizados noutros periódicos – sobretudo naqueles que possuam uma estrutura organizacional diferente.

Outro ponto relevante que merece ser alvo de futuros estudos, diante da presença crescente dos jornais no meio digital, é a questão da adaptação das infografias jornalísticas às redes sociais. Este tópico acabou por não ser contemplado nesta investigação devido a restrições de tempo e por não constituir uma tarefa desenvolvida, dentro do PÚBLICO, pela secção de Infografia.

Por fim, cabe reconhecer que, para além da importância de uma perspetiva interna, também seria pertinente averiguar o lado do utilizador final e entender como as escolhas realizadas durante o processo de desenvolvimento de uma infografia interativa o afetam. Nesse sentido, a aplicação de métodos com foco na experiência do utilizador – como testes de usabilidade, por exemplo –, podem ser um importante tema de investigação.

ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS

Referências bibliográficas

- Aisch, G.** (2016, junho 17). *Data visualization and the news*. Information+ Conference. <https://vimeo.com/182590214>
- Aisch, G., & Rost, L. C.** (2021). Four Recent Developments in News Graphics. Em *The Data Journalism Handbook: Towards A Critical Data Practice* (pp. 193–196). Amsterdam University Press. <https://doi.org/10.1017/9789048542079.028>
- APCT.** (sem data). *Análise Simples*. Obtido a 30 de outubro de 2024, de <http://www.apct.pt>
- Boczkowski, P. J.** (2004). *Digitizing the news: Innovation in online newspapers*. MIT Press.
- Bringhurst, R.** (2004). *The elements of typographic style* (3rd ed). Hartley & Marks.
- Budiu, R.** (2015, abril 19). *Mobile User Experience: Limitations and Strengths*. Nielsen Norman Group. <https://www.nngroup.com/articles/mobile-ux/>
- Cairo, A.** (2008). *Infografía 2.0: Visualización interactiva de información en prensa* (1st edition). Alamut.
- Cairo, A.** (2013). *The functional art: An introduction to information graphics and visualization*. New Riders.
- Cairo, A.** (2017). *Nerd journalism: How data and digital technology transformed news graphics* [Tese de Doutoramento, Universitat Oberta de Catalunya. Internet Interdisciplinary Institute (IN3)]. <https://openaccess.uoc.edu/handle/10609/66768>
- Cairo, A.** (2019). *How charts lie: Getting smarter about visual information*. W.W. Norton & Company.
- Correia, A.** (2021, setembro 22). *O P3 não é só de quem o faz, é de quem o lê*. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2021/09/22/opinioao/opinioao/p3-nao-so-faz-le-1978133>
- Duarte, A. G.** (2021). Infografia digital: O género jornalístico que emergiu do trauma para prenunciar o rumo de uma nova cultura visual mediática. *Media & Jornalismo*, 21(39), 135–160. https://doi.org/10.14195/2183-5462_39_7
- Errea, J.** (2018). *Newspaper design: Editorial design from the world's best newsrooms*. Gestalten.
- Errea, J., Klanten, R., Kouznetsova, A., Cairo, A., & Tolliver, S.** (Eds.). (2017). *Visual journalism: Infographics from the world's best newsrooms and designers*. Gestalten.
- Fortunati, L., Taipale, S., & Farinosi, M.** (2015). Print and online newspapers as material artefacts. *Journalism*, 16(6), 830–846. <https://doi.org/10.1177/1464884914545439>
- Franchi, F.** (2013). *Designing news: Changing the world of editorial design and information graphics*. Gestalten.
- Fulda, J.** (2018). Interactivity to the Rescue. Em *Digital Investigative Journalism* (pp. 123–135). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-319-97283-1_12

- Garcia, M. R.** (1987). *Contemporary newspaper design: A structural approach* (2nd ed). Prentice-Hall.
- Gomes, A.** (2005, setembro 22). *PUBLICO. PT: Um jornal no ciberespaço desde 1995*. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2005/09/22/portugal/noticia/publicopt-um-jornal-no-ciberespaco-desde-1995-1233488>
- Gottlieb, A. H.** (2003). Newspapers in the Twentieth Century. Em S. E. Martin & D. A. Copeland (Eds.), *The function of newspapers in society: A global perspective*. Praeger.
- Harley, A.** (2019, maio 5). *Touch Targets on Touchscreens*. Nielsen Norman Group. <https://www.nngroup.com/articles/touch-target-size/>
- Hoffswell, J., Li, W., & Liu, Z.** (2020). Techniques for Flexible Responsive Visualization Design. *Proceedings of the 2020 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems*, 1–13. <https://doi.org/10.1145/3313831.3376777>
- Interaction Design Foundation.** (2016, junho 3). *What is Responsive Design?* The Interaction Design Foundation. <https://www.interaction-design.org/literature/topics/responsive-design>
- Janicki, J., Dickie, G., Scarr, S., Chowdhury, J., & Tai, C.** (2022, dezembro 6). *The collapse of insects*. Reuters. <https://graphics.reuters.com/GLOBAL-ENVIRONMENT/INSECT-APOCALYPSE/egpbykdxjqv/>
- Jobs, S.** (2010, abril). *Thoughts on Flash—Apple*. <https://web.archive.org/web/20180121090835/https://www.apple.com/hotnews/thoughts-on-flash/>
- Kennedy, H., Allen, W., Engebretsen, M., Lucy Hill, R., Kirk, A., & Weber, W.** (2021). *Data Visualizations: Newsroom Trends and Everyday Engagements* (L. Bounegru & J. Grey, Eds.; 1.^a ed., pp. 162–173). Amsterdam University Press. <https://doi.org/10.1017/9789048542079.025>
- Klein, S.** (2016, março 16). *Infographics in the Time of Cholera*. ProPublica. <https://www.propublica.org/nerds/infographics-in-the-time-of-cholera>
- Krum, R.** (2014). *Cool infographics: Effective communication with data visualization and design*. Wiley.
- Leggett, R., Boer, W. de, & Janousek, S.** (Eds.). (2007). Macromedia and adobe flash: An overview. Em *Foundation Flash Applications for Mobile Devices* (pp. 3–14). Apress. https://doi.org/10.1007/978-1-4302-0308-7_1
- Liang, H.-N., Parsons, P. C., Wu, H.-C., & Sedig, K.** (2010). An Exploratory Study of Interactivity in Visualization Tools: ‘Flow’ of Interaction. *The Journal of Interactive Learning Research*. <https://www.semanticscholar.org/paper/An-Exploratory-Study-of-Interactivity-in-Tools%3A-of-Liang-Parsons/f9c57c1d4926f6adbaa0f1b13e5cbc87d13967c3>
- Meggs, P., & Purvis, A.** (2011). *História do design gráfico*. Cosac Naify.
- Monmonier, M. S.** (1989). *Maps with the news: The development of American journalistic cartography*. University of Chicago Press.
- Munk, O.** (1992). *Reporter or Artist... The two would be nice*. https://www.academia.edu/2286105/Reporter_or_Artist_the_two_would_be_nice

- Muratovski, G.** (2016). *Research for designers: A guide to methods and practice*. Sage Publications.
- Newman, N., Fletcher, R., Robertson, C. T., Ross Arguedas, A., & Nielsen, R. K.** (2024). *Reuters Institute digital news report 2024*. Reuters Institute for the Study of Journalism. <https://doi.org/10.60625/RISJ-VY6N-4V57>
- Nguyen, A.** (2013). Online news audiences: The challenges of web metrics. *Journalism: New Challenges*, Edited by Karen Fowler-Watt and Stuart Allan. https://www.academia.edu/4733170/Online_news_audiences_the_challenges_of_web_metrics
- Nielsen, J.** (2000, outubro 29). *Flash: 99% Bad*. Nielsen Norman Group. <https://www.nngroup.com/articles/flash-99-percent-bad/>
- Nielsen, J.** (2012, abril 10). *Mouse vs. Fingers as Input Device*. Nielsen Norman Group. <https://www.nngroup.com/articles/mouse-vs-fingers-input-device/>
- Norman, D. A.** (2011, agosto 19). *Gesture Wars*. Don Norman's JND.Org. <https://jnd.org/gesture-wars/>
- Norman, D. A.** (2013). *The design of everyday things* (Revised and expanded edition). Basic Books.
- PÚBLICO.** (2021, dezembro 17). *PÚBLICO: Informar em todas as frentes*. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2021/12/17/estudiop/noticia/publico-informar-frentes-1989054>
- PÚBLICO.** (2024, agosto 12). *PÚBLICO Brasil nasce para falar com os brasileiros que vivem em Portugal*. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2024/08/12/publico-brasil/noticia/publico-brasil-nasce-falar-brasileiros-vivem-portugal-2100657>
- Reis, B.** (2012, fevereiro 29). *Editorial: O papel do papel e o porquê da mudança*. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2012/02/29/portugal/noticia/o-papel-do-papel-e-o-porque-da-mudanca-1535856>
- Rosenberg, M.** (1953). The Rise of England's First Daily Newspaper. *Journalism Quarterly*, 30(1), 3-14. <https://doi.org/10.1177/107769905303000101>
- Roth, R.** (2012). Cartographic Interaction Primitives: Framework and Synthesis. *Cartographic Journal The*, 49, 376-395. <https://doi.org/10.1179/1743277412Y.0000000019>
- Sam, C.** (2018, abril 21). *Ai2html and Its Impact on the News Graphics Industry*. 2018 ACM CHI conference, Montreal, Canadá. https://mobilevis.github.io/assets/mobilevis2018_paper_20.pdf
- Seyser, D., & Zeiller, M.** (2018). Scrollytelling – An Analysis of Visual Storytelling in Online Journalism. *2018 22nd International Conference Information Visualisation (IV)*, 401-406. 2018 22nd International Conference Information Visualisation (IV). <https://doi.org/10.1109/IV.2018.00075>
- Shaw, D. L., & McKenzie, C.** (2003). American Daily Newspaper Evolution: Past, Present... And Future? Em *The function of newspapers in society: A global perspective*. Praeger.
- Silva, E.** (2017). Press and the digital revolution: The challenges of the Portuguese market. *Recherches en Communication*, 44. <https://doi.org/10.14428/rec.v44i44.47993>

Soegaard, M. (2020, setembro 11). *Adaptive vs. Responsive Design*. The Interaction Design Foundation. <https://www.interaction-design.org/literature/article/adaptive-vs-responsive-design>

StatCounter. (sem data). *Desktop vs Mobile vs Tablet Market Share Portugal*. StatCounter Global Stats. Obtido 12 de novembro de 2024, de <https://gs.statcounter.com/platform-market-share/desktop-mobile-tablet/portugal/>

Tse, A. (2016, março). *Why We are Doing Fewer Interactivity*. Malofiej Infographics World Summit. <https://github.com/archietse/malofiej-2016/blob/master/tse-malofiej-2016-slides.pdf>

Tufte, E. R. (2007). *The visual display of quantitative information* (Second edition, fifth printing, August 2018). Graphics Press.

Vizoso, Á., Figueiras, A., & Dick, M. (2020). From Infographics to Post-infographics. Em *Information Visualization in The Era of Innovative Journalism*. Routledge.

Weiss, D. L. (Diretor). (1980). *Farewell, Etaoin Shrdlu* [Documentário].

Wroblewski, L. (2011). *Mobile first*. A Book Apart.

Zwinger, S., Langer, J., & Zeiller, M. (2017). Acceptance and Usability of Interactive Infographics in Online Newspapers. *2017 21st International Conference Information Visualisation (IV)*, 176–181. <https://doi.org/10.1109/iV.2017.65>

Bibliografia

ARTIGOS DE PERIÓDICO

Duarte, A. G. (2021). Infografia digital:

O género jornalístico que emergiu do trauma para renunciar o rumo de uma nova cultura visual mediática. *Media & Jornalismo*, 21(39), 135–160. https://doi.org/10.14195/2183-5462_39_7

Fortunati, L., Taipale, S., & Farinosi, M. (2015). Print and online newspapers as material artefacts. *Journalism*, 16(6), 830–846. <https://doi.org/10.1177/1464884914545439>

Franchi, F. (2013). *Designing news: Changing the world of editorial design and information graphics*. Gestalten.

Liang, H.-N., Parsons, P. C., Wu, H.-C., & Sedig, K. (2010). An Exploratory Study of Interactivity in Visualization Tools: ‘Flow’ of Interaction. *The Journal of Interactive Learning Research*. <https://www.semanticscholar.org/paper/An-Exploratory-Study-of-Interactivity-in-Tools%3A-of-Liang-Parsons/f9c57c1d4926f6adbaa0f1b13e5cbc87d13967c3>

Munk, O. (1992). *Reporter or Artist... The two would be nice*. https://www.academia.edu/2286105/Reporter_or_Artist_the_two_would_be_nice

Nguyen, A. (2013). Online news audiences: The challenges of web metrics. *Journalism: New Challenges*, Edited by Karen Fowler-Watt and Stuart Allan. https://www.academia.edu/4733170/Online_news_audiences_the_challenges_of_web_metrics

Rosenberg, M. (1953). The Rise of England’s First Daily Newspaper. *Journalism Quarterly*, 30(1), 3–14. <https://doi.org/10.1177/107769905303000101>

Roth, R. (2012). Cartographic Interaction Primitives: Framework and Synthesis. *Cartographic Journal The*, 49, 376–395. <https://doi.org/10.1179/1743277412Y.0000000019>

Seyser, D., & Zeiller, M. (2018). Scrollytelling – An Analysis of Visual Storytelling in Online Journalism. *2018 22nd International Conference Information Visualisation (IV)*, 401–406. 2018 22nd International Conference Information Visualisation (IV). <https://doi.org/10.1109/iv.2018.00075>

Silva, E. (2017). Press and the digital revolution: The challenges of the Portuguese market. *Recherches en Communication*, 44. <https://doi.org/10.14428/rec.v44i44.47993>

CONFERÊNCIAS

Aisch, G. (2016, junho 17). *Data visualization and the news*. Information+ Conference. <https://vimeo.com/182590214>

Hoffswell, J., Li, W., & Liu, Z. (2020). Techniques for Flexible Responsive Visualization Design. *Proceedings of the 2020 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems*, 1–13. <https://doi.org/10.1145/3313831.3376777>

Sam, C. (2018, abril 21). *Ai2html and Its Impact on the News Graphics Industry*. 2018 ACM CHI conference, Montreal, Canadá. https://mobilevis.github.io/assets/mobilevis2018_paper_20.pdf

Tse, A. (2016, março). *Why We are Doing Fewer Interactivity*. Malofiej Infographics World Summit. <https://github.com/archietse/malofiej-2016/blob/master/tse-malofiej-2016-slides.pdf>

Zwinger, S., Langer, J., & Zeiller, M. (2017). Acceptance and Usability of Interactive Infographics in Online Newspapers. *2017 21st International Conference Information Visualisation (IV)*, 176–181. <https://doi.org/10.1109/iV.2017.65>

FILMES

Weiss, D. L. (Diretor). (1980). *Farewell, Etaoin Shrdlu* [Documentário].

Wilson, D. (Diretor). (2012, fevereiro 3). *Linotype: The Film* [Documentário].

LIVROS

Aisch, G., & Rost, L. C. (2021). Four Recent Developments in News Graphics. Em *The Data Journalism Handbook: Towards A Critical Data Practice* (pp. 193–196). Amsterdam University Press. <https://doi.org/10.1017/9789048542079.028>

Boczkowski, P. J. (2004). *Digitizing the news: Innovation in online newspapers*. MIT Press.

Bringhurst, R. (2004). *The elements of typographic style* (3rd ed). Hartley & Marks.

Bentley, E. (2021). The Web as Medium for Data Visualization. Em *The data journalism handbook: Towards a critical data practice*. Amsterdam University Press.

Cairo, A. (2008). *Infografía 2.0: Visualización interactiva de información en prensa* (1st edition). Alamut.

Cairo, A. (2013). *The functional art: An introduction to information graphics and visualization*. New Riders.

Cairo, A. (2019). *How charts lie: Getting smarter about visual information*. W.W. Norton & Company.

Caldwell, C., & Zappaterra, Y. (2014). *Editorial design: Digital and print*. Laurence King Publishing.

Craig, J. (1974). *Production for the graphic designer*. Watson-Guption Publications. <https://archive.org/details/productionforgra00crairich/page/n7/mode/2up>

Dick, M. (2020). *The infographic: A history of data graphics in news and communications*. The MIT Press.

Errea, J. (2018). *Newspaper design: Editorial design from the world's best newsrooms*. Gestalten.

Errea, J., Klanten, R., Kouznetsova, A., Cairo, A., & Tolliver, S. (Eds.). (2017). *Visual journalism: Infographics from the world's best newsrooms and designers*. Gestalten.

- Fulda, J.** (2018). Interactivity to the Rescue. Em *Digital Investigative Journalism* (pp. 123–135). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-319-97283-1_12
- Garcia, M. R.** (1987). *Contemporary newspaper design: A structural approach* (2nd ed). Prentice-Hall.
- Gottlieb, A. H.** (2003). Newspapers in the Twentieth Century. Em S. E. Martin & D. A. Copeland (Eds.), *The function of newspapers in society: A global perspective*. Praeger.
- Holmes, N.** (2022). *Joyful Infographics: A Friendly, Human Approach to Data* (1.ª ed.). A K Peters/CRC Press. <https://doi.org/10.1201/9781003222361>
- Kennedy, H., Allen, W., Engebretsen, M., Lucy Hill, R., Kirk, A., & Weber, W.** (2021). *Data Visualizations: Newsroom Trends and Everyday Engagements* (L. Bounegru & J. Grey, Eds.; 1.ª ed., pp. 162–173). Amsterdam University Press. <https://doi.org/10.1017/9789048542079.025>
- Krum, R.** (2014). *Cool infographics: Effective communication with data visualization and design*. Wiley.
- Leggett, R., Boer, W. de, & Janousek, S.** (Eds.). (2007). Macromedia and adobe flash: An overview. Em *Foundation Flash Applications for Mobile Devices* (pp. 3–14). Apress. https://doi.org/10.1007/978-1-4302-0308-7_1
- Meggs, P., & Purvis, A.** (2011). *História do design gráfico*. Cosac Naify.
- Mijksenaar, P., & Hinte, E. van.** (1997). *Visual function: An introduction to information design*. 010 Publishers.
- Monmonier, M. S.** (1989). *Maps with the news: The development of American journalistic cartography*. University of Chicago Press.
- Monmonier, M. S.** (1991). *How to lie with maps*. University of Chicago Press.
- Muratovski, G.** (2016). *Research for designers: A guide to methods and practice*. Sage Publications.
- Nielsen, J. & Budiu, R.** (2013). *Mobile usability*. New Riders.
- Norman, D. A.** (2013). *The design of everyday things* (Revised and expanded edition). Basic Books.
- Pipes, A.** (2005). *Production for graphic designers* (4th ed). Overlook Press.
- Prichard, P. S.** (1987). *The Making of McPaper: The inside story of USA today*. Andrews, McMeel and Parker.
- Shaw, D. L., & McKenzie, C.** (2003). American Daily Newspaper Evolution: Past, Present... And Future? Em *The function of newspapers in society: A global perspective*. Praeger.
- Smiciklas, M.** (2012). *The power of infographics: Using pictures to communicate and connect with your audiences*. Que Pub.
- Tufte, E. R.** (2007). *The visual display of quantitative information* (Second edition, fifth printing, August 2018). Graphics Press.
- Vizoso, Á., Figueiras, A., & Dick, M.** (2020). From Infographics to Post-infographics. Em *Information Visualization in The Era of Innovative Journalism*. Routledge.

Wong, D. M. (2013). *The Wall Street Journal Guide to Information Graphics: The Dos and Don'ts of Presenting Data, Facts, and Figures* (1st ed). W. W. Norton & Company, Incorporated.

Wroblewski, L. (2011). *Mobile first*. A Book Apart.

RELATÓRIOS

Newman, N., Fletcher, R., Robertson, C. T., Ross Arguedas, A., & Nielsen, R. K. (2024). *Reuters Institute digital news report 2024*. Reuters Institute for the Study of Journalism. <https://doi.org/10.60625/RISJ-VY6N-4V57>

TESES DE DOUTORAMENTO

Cairo, A. (2017). *Nerd journalism: How data and digital technology transformed news graphics* [Tese de Doutoramento, Universitat Oberta de Catalunya. Internet Interdisciplinary Institute (IN3)]. <https://openaccess.uoc.edu/handle/10609/66768>

Esteves, R. S. O. (2023). *A Notícia viva: Design de visualização de dados em jornalismo de imprensa* [Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura]. <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/30860>

Godoi, G. A. (2021). *Tecnologias aplicadas ao Design de Comunicação no 2º ciclo de estudos* [Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura]. <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/22148>

Rolo, E. de J. R. (2015). *Olhar, jogo, espírito de serviço* [doctoralThesis, Universidade de Lisboa. Faculdade de Arquitetura].

WEBGRAFIA

APCT. (sem data). *Análise Simples*. Obtido a 30 de outubro de 2024, de <https://www.apct.pt/analise-simples>

Budiu, R. (2015, abril 19). *Mobile User Experience: Limitations and Strengths*. Nielsen Norman Group. <https://www.nngroup.com/articles/mobile-ux/>

Correia, A. (2021, setembro 22). *O P3 não é só de quem o faz, é de quem o lê*. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2021/09/22/opiniaio/opiniaio/p3-nao-so-faz-le-1978133>

Gomes, A. (2005, setembro 22). *PUBLICO. PT: Um jornal no ciberespaço desde 1995*. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2005/09/22/portugal/noticia/publicopt-um-jornal-no-ciberespaco-desde-1995-1233488>

Harley, A. (2019, maio 5). *Touch Targets on Touchscreens*. Nielsen Norman Group. <https://www.nngroup.com/articles/touch-target-size/>

Interaction Design Foundation. (2016, junho 3). *What is Responsive Design?* The Interaction Design Foundation. <https://www.interaction-design.org/literature/topics/responsive-design>

Janicki, J., Dickie, G., Scarr, S., Chowdhury, J., & Tai, C. (2022, dezembro 6). *The collapse of insects*. Reuters. <https://graphics.reuters.com/GLOBAL-ENVIRONMENT/INSECT-APOCALYPSE/egpbykdxjvq/>

Jobs, S. (2010, abril). *Thoughts on Flash—Apple*. <https://web.archive.org/web/20180121090835/https://www.apple.com/hotnews/thoughts-on-flash/>

- Klein, S.** (2016, março 16). *Infographics in the Time of Cholera*. ProPublica. <https://www.propublica.org/nerds/infographics-in-the-time-of-cholera>
- Nielsen, J.** (2000, outubro 29). *Flash: 99% Bad*. Nielsen Norman Group. <https://www.nngroup.com/articles/flash-99-percent-bad/>
- Nielsen, J.** (2012, abril 10). *Mouse vs. Fingers as Input Device*. Nielsen Norman Group. <https://www.nngroup.com/articles/mouse-vs-fingers-input-device/>
- Norman, D. A.** (2011, agosto 19). *Gesture Wars*. Don Norman's JND.Org. <https://jnd.org/gesture-wars/>
- PÚBLICO.** (2021, dezembro 17). *PÚBLICO: Informar em todas as frentes*. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2021/12/17/estudiop/noticia/publico-informar-frentes-1989054>
- PÚBLICO.** (2024, agosto 12). *PÚBLICO Brasil nasce para falar com os brasileiros que vivem em Portugal*. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2024/08/12/publico-brasil/noticia/publico-brasil-nasce-falar-brasileiros-vivem-portugal-2100657>
- Reis, B.** (2012, fevereiro 29). *Editorial: O papel do papel e o porquê da mudança*. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2012/02/29/portugal/noticia/o-papel-do-papel-e-o-porque-da-mudanca-1535856>
- Pacheco, N.** (2018, março 5). *No princípio eram zeros. E assim nasceu um jornal*. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2018/03/05/sociedade/noticia/no-principio-eram-zeros-e-assim-nasceu-um-jornal-1805157>
- Segger, M.** (2018, junho 28). *Lessons for showcasing data journalism on social media*. The Economist Digital. <https://medium.com/severe-contest/lessons-for-showcasing-data-journalism-on-social-media-17e6ed03a868>
- Soegaard, M.** (2020, setembro 11). *Adaptive vs. Responsive Design*. The Interaction Design Foundation. <https://www.interaction-design.org/literature/article/adaptive-vs-responsive-design>
- StatCounter.** (sem data). *Desktop vs Mobile vs Tablet Market Share Portugal*. StatCounter Global Stats. Obtido 12 de novembro de 2024, de <https://gs.statcounter.com/platform-market-share/desktop-mobile-tablet/portugal/>

Apêndices

APÊNDICE A. DIÁRIO DE ESTÁGIO

janeiro							fevereiro							março						
S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D
1	2	3	4	5	6	7				1	2	3	4					1	2	3
8	9	10	11	12	13	14	5	6	7	8	9	10	11	4	5	6	7	8	9	10
15	16	17	18	19	20	21	12	13	14	15	16	17	18	11	12	13	14	15	16	17
22	23	24	25	26	27	28	19	20	21	22	23	24	25	18	19	20	21	22	23	24
29	30	31					26	27	28	29				25	26	27	28	29	30	31

exame design de comunicações III

LEGENDA: PRESENCIAL TELETRABALHO

3 de janeiro, quarta-feira

TOUR GUIADO PELA REDAÇÃO DO PÚBLICO

ONBOARDING

criação de login e email

instalação dos programas da Adobe no computador de trabalho

breve introdução aos processos e templates

INTRODUÇÃO À EQUIPA DE INFOGRAFIA VIA TEAMS

(Clia Rodriguez (coordenadora))

Cátia Mوندança

Gabriela Gomez

José Alvar

Francisco Lopez

Gabriela Pedro

METEOROLOGIA: LISBOA E PORTO

AUDIÊNCIAS DA TELEVISÃO

EXERCÍCIO

construir um gráfico de linha no Illustrator de acordo com as regras de estilo do PÚBLICO.

4 de janeiro, quinta-feira

METEOROLOGIA

usar a nova base 2024

PEDIDO: RETIFICAÇÃO

realização de alterações no texto e enviado para confirmação
enviado para desks para revisão do texto

EXERCÍCIO [CONTINUAÇÃO]

FOURICH

introdução a criação de gráficos interativos no Flairish.

5 de janeiro, sexta-feira

METEOROLOGIA

PEDIDO FUGAS

Costa do Marfim, arrinalando Abidjan, Yamoussoukro, Grand Bassam,
Man e Grand Béahy
Espanha, arrinalando País Basco e Vitoria.

AUDIÊNCIAS DA TELEVISÃO

REUNIÃO: OPERAÇÃO MARQUÊS

com Sônia Matos e Mariana Oliveira.

Infografia interativa designada ao Francisco, José e Cátia que
será atualizada a medida que o caso tiver novos desenvolvimentos.

8 de janeiro, segunda-feira

METEOROLOGIA

REUNIÃO VIA TEAMS

com Gabriela Pechó

como são realizadas as animações das infografias?

MIGRANTES

início da animação das ilustrações da Gabriela Gomez sobre
migrantes.

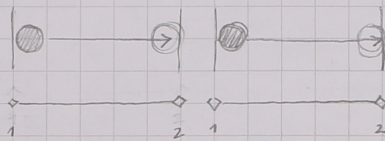
organização do ficheiro no Illustrator + animação em After Effects.

9 de janeiro, terça-feira

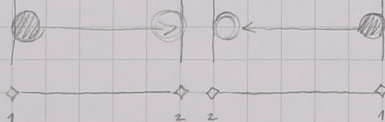
MIGRANTES [CONTINUAÇÃO]

AUDIÊNCIAS DA TELEVISÃO

* After Effects : exportar
loopout("cyclu")



loopout("ping-pong")



10 de janeiro, quarta-feira

METEOROLOGIA

DATA CENTERS

leitura das anotações realizadas pela Alia durante a visita com a Karla Pequeno aos data centers da Equinix em Lisboa, início da pesquisa preliminar sobre os data centers: o que são? o que é importante saber?

AUDIÊNCIAS DA TELEVISÃO.

11 de janeiro, quinta-feira

MIGRANTES [CONTINUAÇÃO]

animações das outras ilustrações da infografia da GA.

DATA CENTERS [CONTINUAÇÃO]

pesquisa preliminar: como explicar algo tão complexo de forma simples?

EXPLICAÇÕES

feita por Gabriela Pedro

demonstrações e explicações de como adaptar a versão impressa da visualização para digital.

12 de janeiro, sexta-feira

METEOROLOGIA

PEDIDO FUGAS

Áustria, assimalando Bad Ischl

Estónia, assimalando Tartu

Noruega, assimalando Bodø

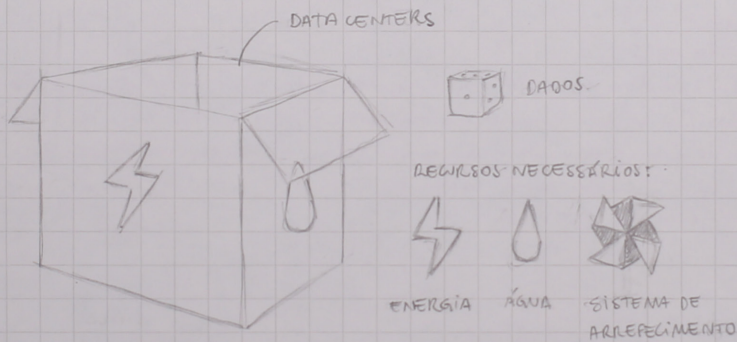
PEDIDO ECONOMIA: A GESTÃO DA DÍVIDA PÚBLICA PORTUGUESA

* impresso feito, enviado para reunir, falta de ser e online *

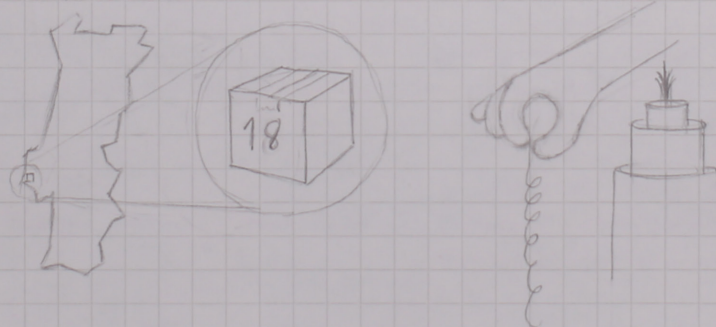
16 de janeiro, terça-feira

DATA CENTERS

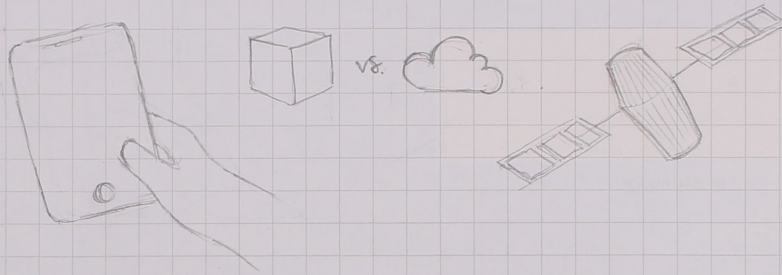
Início da elaboração de rascunhos: como os conceitos podem ser representados visualmente.



LOCALIZAÇÃO DOS DATA CENTERS EM PORTUGAL



DATA CENTER x CLOUD



17 de janeiro, quarta-feira

METEOROLOGIA

REUNIÃO DATA CENTERS

com Karla Pequeno (jornalista) e Cátia Mondonça (infografista).
apresentação da pesquisa realizada e dos eixos
mudança do tema de data centers para cabos submarinos.
Karla ficou de enviar informações sobre o novo tema.

18 de janeiro, quinta-feira

CABOS SUBMARIÇOS

email da Karla Pequeno com as novas informações.

PEDIDO ECONOMIA: COMO APLICAR O IVA NOS MENUS, SEGUNDO O FISCO.

pedido iniciado, tentativa de elaboração da tabela com os dados,
cátia acaba por fazer o pedido.

AUDIÊNCIAS DA TELEVISÃO

19 de janeiro, sexta-feira

CABOS SUBMARIÇOS

estruturação da narrativa de acordo com o novo tema: cabos submarinos.

PEDIDO ESPAÇO PÚBLICO: RENDIBILIDADE DOS CAPITAIS PRÓPRIOS DAS EMPRESAS POR SECTOR.

* impresso feito, enviado para ruem, falta disk e online *

GRAFICOS DE OPINIÃO

estilo próprio: box
+ título
+ gralha e/4 colunas

22 de janeiro, segunda-feira

METEOROLOGIA

PEDIDO ÍPSILON

- mapa da Indonésia, destacando as Ilhas Banda.

1.º mapa para o Ípsilon: que estilo adotar? o do fugas?

inicialmente foi utilizado o estilo do fugas, sendo posteriormente alterado para uma linguagem mais próxima do Ípsilon.

foi solicitada a paleta de cores do Ípsilon para poder usar.

AUDIÊNCIAS DA TELEVISÃO.

23 de janeiro, terça-feira [TELETRABALHO]

CABOS SUBMARINOS

esboços de potenciais elementos que podem ser usados

definição do estilo da ilustração a ser utilizada

perquiria de cores para as ilustrações digitais

início da ilustração digital da "causa dos danos": background, tubarões e âncora.

① qual dimensão usar para a ilustração?

24 de janeiro, quarta-feira [TELETRABALHO]

CABOS SUBMARINOS

[CONTINUAÇÃO] ilustração digital causa dos danos: adicionar uma mira ao tubarão

ilustração digital: mão com fio de cabelo e curto-ruí.



25 de janeiro, quinta-feira [TELETREABALHO]

CABOS SUBMARINOS

início da ilustração digital do "como são colocados": background + barco
ilustração digital dos peixes e satélite.
modelação 3D das camadas que compõem o cabo submarino.

26 de janeiro, sexta-feira [TELETREABALHO]

CABOS SUBMARINOS

[CONTINUAÇÃO] ilustração digital do "como são colocados": plough + cabo
[CONTINUAÇÃO] modelação 3D do cabo submarino
reformulações da narrativa para apresentar à Karla na próxima reunião (29/01).

29 de janeiro, segunda-feira

CABOS SUBMARINOS

conversa com o Francisco das possibilidades de animações e interações para a parte da "constituição do cabo": talvez o mais simples seja melhor? revisões da narrativa e levantamento das informações em falta.

PEDIDO ECONOMIA: CONCESSÃO FERTAGUS

REUNIÃO CABOS SUBMARINOS

com Karla Pequeno, Célia Rodrigues e Cátia Mundaço.

apresentação da proposta de narrativa e do material desenvolvido até o momento: primar ilustrações digitais e modelação 3D.
Karla irá propor uma nova narrativa com base na que foi apresentada.

30 de janeiro, terça-feira

PEDIDO ECONOMIA: TAXA DE VARIAÇÃO DO PIB

* notificações no backoffice: cor da linha do gráfico diferente da legenda.

IMPRESSO

o cor dos números vai sempre a 100%, e com 10% de black

AUDIÊNCIAS DA TELEVISÃO

CABOS SUBMARINOS

littera do rascunho da narrativa proposta pela Karla Pequeno.
sugestão de algumas mudanças na ordem dos tópicos.

31 de janeiro, quarta-feira

PEDIDO: MOTIVAÇÕES PARA ESCOLHER SER PROFESSOR.

* impresso, lido, validado e passado por Derek, fichado nos pendentes *
para ser adaptado para o online.

GRÁFICOS EM ESCALA

antecipar se a escala começa no 0
ou a uma referência com o valor
máximo.

PEDIDO: PEDIDOS DE PATENTES PARA INOVAÇÃO NO TRATAMENTO DE CANCRO NA UNIÃO EUROPEIA
ENTRE 2002-2021

* impresso, lido, validado e passado por Derek, fichado nos pendentes para
ser adaptado para o online.

REUNIÃO ANUAL

com Sónia Motor

ponto de situação dos trabalhos em desenvolvimento e dos próximos
trabalhos a serem desenvolvidos.

1 de fevereiro, quinta-feira

METEOROLOGIA

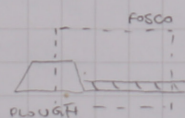
CABOS SUBMARINOS

teste de animação no After Effect do "como são colocados": banco a depositar
o cabo no fundo do oceano.

ilustração digital dos "cavacos de dentes": rede de pesca.

AUDIÊNCIAS DA TELEVISÃO

PEDIDO ECONOMIA: DÍVIDA PÚBLICA.



2 de fevereiro, sexta-feira

PEDIDO: CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

adaptado de Relatório anual 2022 - a situação do país em matéria de álcool.

ONLINE

se for um conjunto de muitos gráficos é preferível dividir, pois podem entrar em partes diferentes do texto.

AUDIÊNCIAS DA TELEVISÃO.

5 de fevereiro, segunda-feira

CABOS SUBMARINOS

evantamento de potenciar gráficos que podem ser construídos com o dado retirador: km de cabos construídos / ano
número de cabos construídos / ano
mudança nas empresas que detêm os cabos: a partir de 2010 destaca-se a presença da Amazon, Google, Meta e Microsoft.

PEDIDO SOCIEDADE: DESPESAS I+D

* impresso feito, enviado para resum, falta desk e online *

AUDIÊNCIAS DA TELEVISÃO

PEDIDO FUGAS

Itália, assinalando Savio

Malásia, assinalando Kuala Lumpur e Malaca

* impresso feito, validade, falta online.

6 de fevereiro, terça-feira

METEOROLOGIA

CABOS SUBMARINOS

passagem de esboço em papel para ilustrator com as ilustrações digitais que foram feitas.

REUNIÃO CABOS SUBMARINOS

com Karla Pequeno

apresentação da narrativa final com as sugestões.
conversa sobre os possíveis gráficos a serem utilizados.

② "como são colocados" antes ou depois do mapa?

paiz: ilustração do cabo submarino a sair do ponto de amarração (costa/praias).

sugestões: "primeiro cabo submarino" fundo de parede de navio/parede metálica de submarino.

"onde está localizado" como se fosse um mapa físico de papel ou um console moderno de navio.

PEDIDO PORTUGAL: PREÇO DAS CASAS.

mapa com divisões por distritos + gráfico de bola com valor médio em €/m².

PEDIDO POLÍTICA

agrupar as ilustrações do José Alvar dos candidatos às legislativas 2024 de acordo com o calendário de debates.

* enviado o link para os debates dos dias 6, 7 e 8 de fevereiro*

7 de fevereiro, quarta-feira

METEOROLOGIA

PEDIDO POLÍTICA: THUMB DEBATE LEGISLATIVAS 2024

retificar com a nova proporção (4:3).

* enviado PNG para os debates dos dias 7, 8 e 9 de fevereiro.

CABOS SUBMARINOS

terceiro gráfico km construído/ano

② o período é muito extenso: 1989-2023, agrupar de 5 em 5 anos
é uma boa opção?

PEDIDO LOCAL: GANSO DO EGÍPTO

início da ilustração em vitor do ganso-do-egipto.

8 de fevereiro, quinta-feira

[CONTINUAÇÃO] PEDIDO LOCAL: GANSO DO EGÍPTO

finalização da ilustração, adição das características e adaptações do mapa.

PEDIDO PORTO: STCP AINDA NÃO REUPEROU PERDA DE PASSAGEIROS

* impresso físico, enviado para ruim. falta de links e online.

9 de fevereiro, sexta-feira

METEOROLOGIA

PEDIDO POLÍTICA: THUMB DEBATE LEGISLATIVAS 2024

enviar diariamente as thumbs referentes aos debates de cada dia.

[CONTINUAÇÃO] PEDIDO LOCAL: GANSOS - DO - EGITO

adaptação para o online
adicional autoria na infografia.

PEDIDO FUGAS

Guiné-Bissau, assinalando oquipelago dos Bijagós, em particular as
ilhas de Orango e do Poilão.

AUDIÊNCIAS DA TELEVISÃO

12 de fevereiro, segunda-feira

PEDIDO POLÍTICA: THUMB DEBATE LEGISLATIVAS 2024

enviar PNA com fundo branco ao invés de transparente por causa
do night mode.
além de enviar as thumbs do dia, retificar as anteriores para fundo
branco.

CABOS SUBMARINOS

① como fazer a transição entre os tópicos? efeito de papel recortado.
seleção de cores para as novas ilustrações: background transição entre
espaço-céu-mar e cadeira salva-vidas.

14 de fevereiro, quarta-feira

METEOROLOGIA

PEDIDO POLÍTICA: THUMB DEBATE LEGISLATIVAS 2024

[RETIFICAÇÃO] PEDIDO LOCAL: GANSOS - DO - EGITO

sugestão de colegas da seção de alterar a cor de fundo das páginas
em a incidência de cores reproduzidas para branco.

PEDIDO ECONOMIA: RENDAS EFETIVAS PAGAS POR INQUILINOS

* impresso e online juntos. enviado para desk e deixado por pendente.

REUNIÃO QUINZENAL

com Sônia Mator

apresentação do estado atual da infografia dos cabos submarinos,
em ilustrator.

sugestões: não utilizar um background tão escuro
 alterar a visão de binóculos (terrestre) para um periscópio
 melhorar a integração dos gráficos com o resto da
 infografia.

15 de fevereiro, quinta-feira

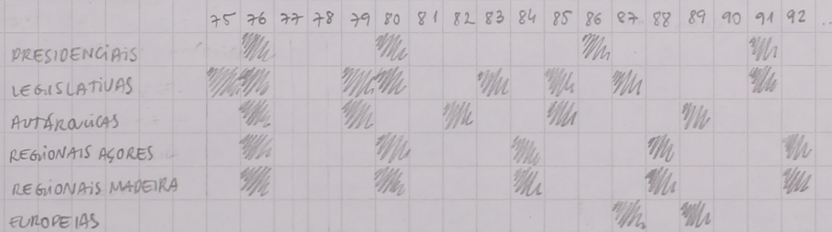
PEDIDO POLÍTICA: THUMB DEBATE LEGISLATIVAS 2024

METEOROLOGIA

50 ANOS 25 DE ABRIL

tabela: relocação das eleições por ano em Portugal (1975-2023)

utilizar fundo como se fosse um caderno quadriculado
 remeter ao manual presente na timeline por meio de rabiscos e
 setas menos geométricas.



seleção dos indicadores: abstenção, competitividade das eleições,
 hipartidarização, desproporcionalidade, polarização, formato do
 sistema de partido, hegemonia do maior partido e mulheres
 eleitas.

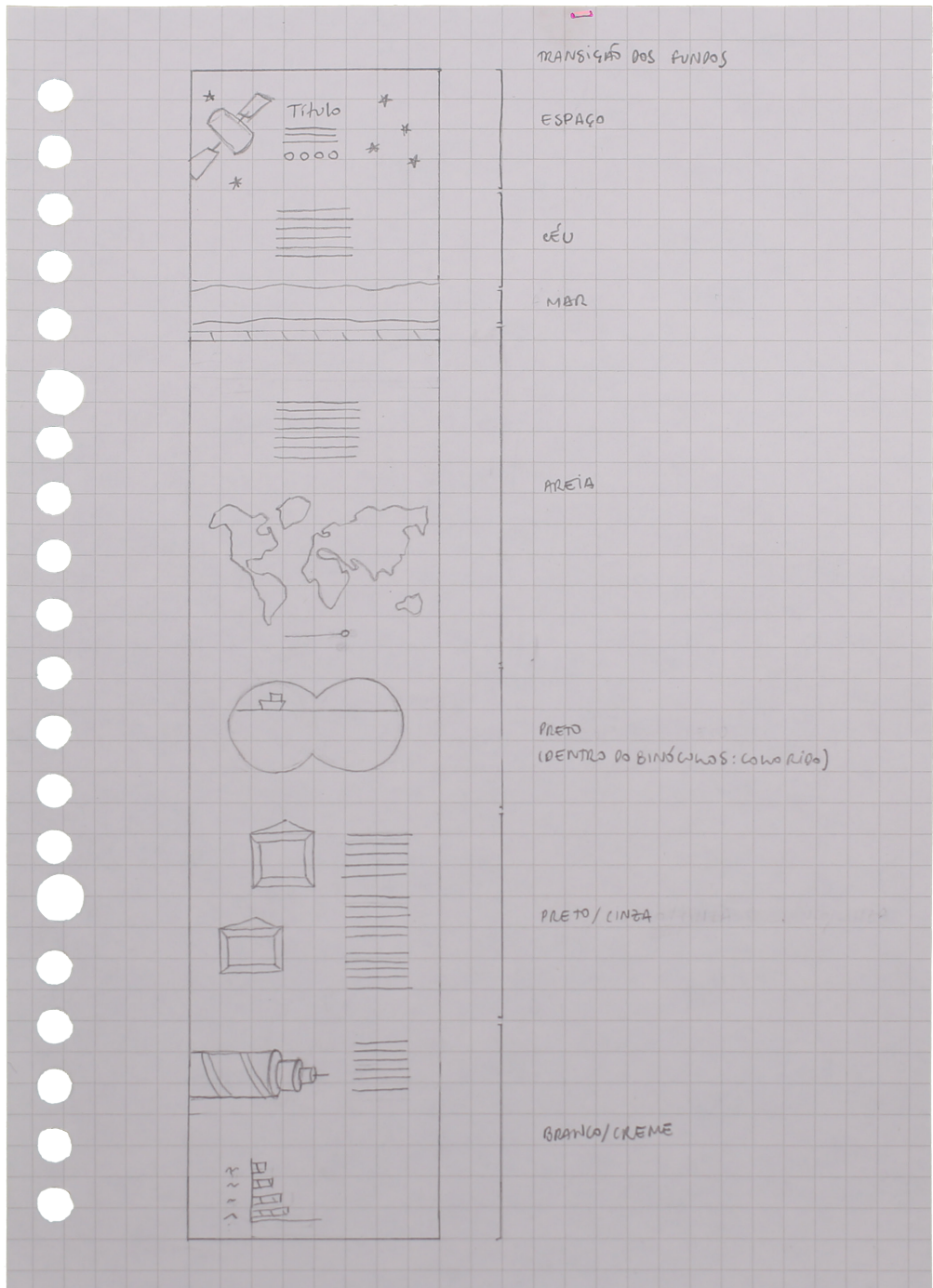
manter o eixo x fixo e alterar apenas as barras
 permitir ao leitor selecionar qual indicador deseja ver.

ABSTENÇÃO MULHERES ELEITAS

↑ X QUE REMETE AO MODO COMO OS VOTOS SÃO REALIZADOS.

AUDIÊNCIAS DA TELEVISÃO

PEDIDO ECONOMIA: AS NOVAS PROPOSTAS DA COMISSÃO EUROPEIA.





16 de fevereiro, sexta-feira

PEDIDO POLÍTICA: THUMB DEBATE LEGISLATIVAS 2024.

METEOROLOGIA

[CONTINUAÇÃO] 50 ANOS 25 DE ABRIL

PEDIDO FUGAS

Espanha, assinalando o Parque Natural de Carzola, segunda e Las Villas.

* pedido enviado, deixado por pendente enquanto aguarda esclarecimento das dúvidas *

AUDIÊNCIAS

PEDIDO CIÊNCIA: SOBRE O ATLÂNTICO

inglês importado de um jornal estrangeiro em que foi preciso alterar os textos de inglês para português.

19 de fevereiro, segunda-feira

METEOROLOGIA

PEDIDO POLÍTICA: THUMB DEBATE LEGISLATIVAS 2024

[CONTINUAÇÃO] PEDIDO FUGAS

Espanha, assinalando o Parque Natural de Carzola, segunda e Las Villas.

PEDIDO SOCIEDADE: LEGISLATIVAS E EDUCAÇÃO

* impresso feito, enviado para river. falta doxlr e online. *

20 de fevereiro, terça-feira

METEOROLOGIA

43 PROBLEMAS AMBIENTAIS

organização do ficheiro no Illustrator.

animação em loop no After Effects.

PEDIDO SOCIEDADE: TAXA RISCO POBREZA

adaptação da visualização que havia sido feita para o online para o papel.

PEDIDO SOCIEDADE: ATENDIMENTOS NA URGÊNCIA

adaptação de uma das tabelas do impresso para o online.

21 de fevereiro, quarta-feira

METEOROLOGIA

CABOS SUBMARINOS

no tópico "como são colocados" alterar o link para o periscópio.

② a visão do periscópio parece mais uma mira, talvez procurar outra alternativa?

PEDIDO SOCIEDADE: TOP CRIMES E OUTRAS FORMAS DE VIOLENCIA.

REUNIÃO CABOS SUBMARINOS

com Karla Pequeno

① incluir dados de 2024 ou apenas até 2023?

enviar um pdf com o estado atual da infografia para Karla.

solicitação à Karla dos materiais e boas explicações das camadas que compõem o fio.

[CONTINUAÇÃO] 43 PROBLEMAS AMBIENTAIS

início da animação da cabeca da infografia: organização do ficheiro no Illustrator.

22 de fevereiro, quinta-feira

METEOROLOGIA

[CONTINUAÇÃO] 43 PROBLEMAS AMBIENTAIS

desenvolvimento da animação em loop no After Effects.

AUDIÊNCIAS DA TELEVISÃO

PEDIDO ECONOMIA: BANCOS CENTRAIS EM LUTA CONTRA A INFLAÇÃO

CABOS SUBMARINOS

conversa com Cátia Mendonça.

superfície: alterar a tipografia para a utilizada no Público.

iniciar cada tópico com um título e um texto explicativo.

alterar a ordem: gráficos após o mapa

começar a passar a infografia do Illustrator para HTML.

PEDIDO ECONOMIA: EVOLUÇÃO DO ÍNDICE PRIMENTAR DA FAO.

23 de fevereiro, sexta-feira [TELETRABALHO]

CABOS SUBMARINOS

início da transposição do trabalho para código

① aplicar uma textura ao background ou deixar liso?

identificação dos componentes comuns (título, subtítulo, parágrafo, etc.)
entre a infografia de base - hidrogênio verde - e a desenvolvida. ...)

26 de fevereiro, segunda-feira

METEOROLOGIA

[PENDENTES] PEDIDO FUGAS

→ execução das retificações solicitadas no texto do impresso e online.

[PENDENTES] PEDIDO POLÍTICA: MULHERES PODER AUTÁRQUICO

adição do título e subtítulo fornecido.

→ ① a soma dos valores do último gráfico ≠ 308 autarcas (enviado email com a dúvida).

AUDIÊNCIAS DA TELEVISÃO

27 de fevereiro, terça-feira

METEOROLOGIA

[CONTINUAÇÃO] 43 PROBLEMAS AMBIENTAIS

ameaça do ditotem com o botão de fala.

CABOS SUBMARINOS

padronizar o margin-bottom de todos os tópicos.

vídeo "como são colocados": inserir o texto no vídeo ou por cima?

mostrar apenas o número de custos-reis

equivaler ou empilhar todos?

PEDIDO ECONOMIA: ECONOMIA PARALELA EM DECLÍNIO MODERADO.

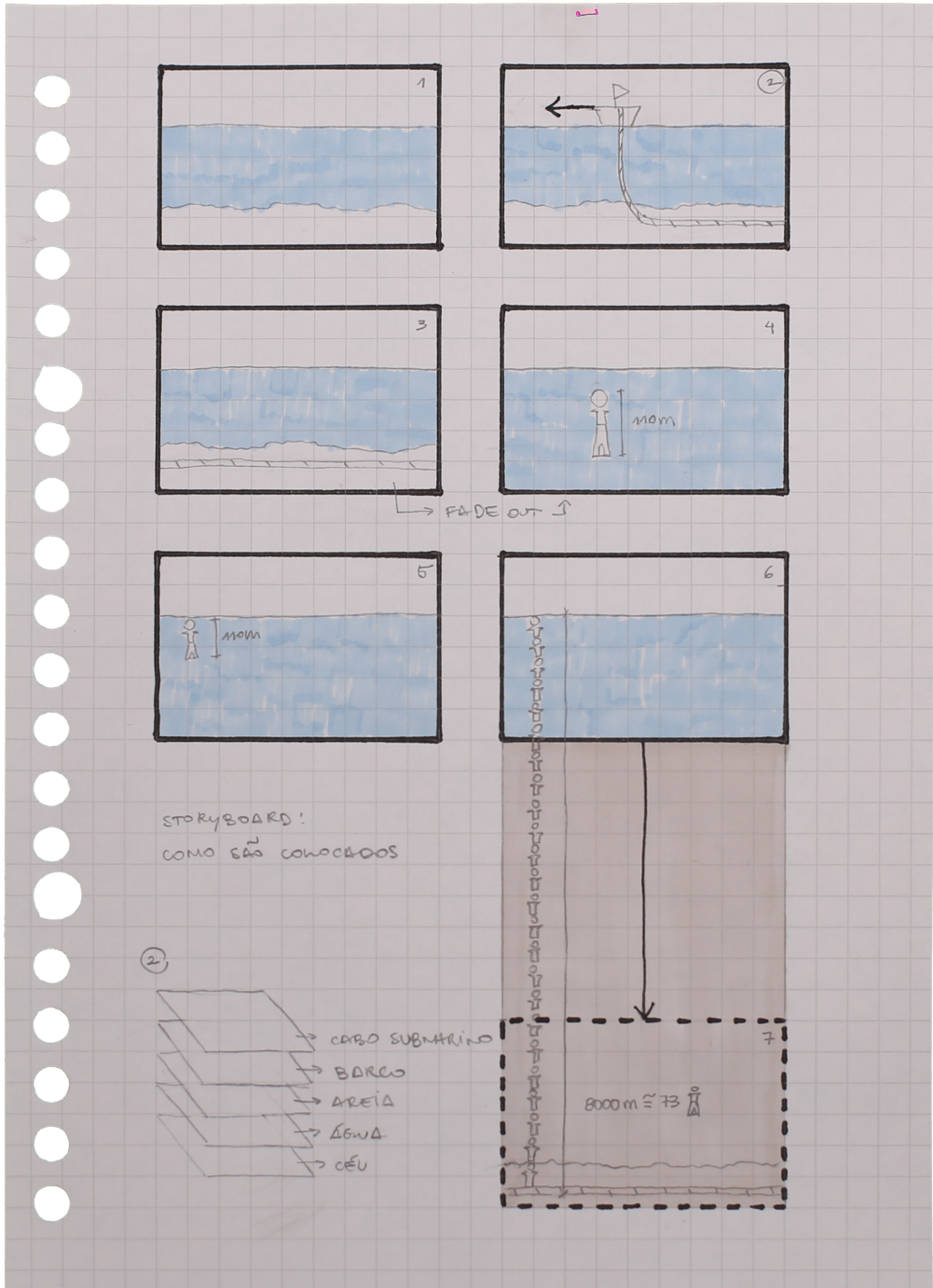
28 de fevereiro, quarta-feira

METEOROLOGIA

CABOS SUBMARINOS

vídeo "como são colocados": adicionado a profundidade máxima e contador.

AUDIÊNCIAS DA TELEVISÃO



29 de fevereiro, quinta-feira

PEDIDO SOCIEDADE: JOGOS SOCIAIS SANTA CASA

PEDIDO ECONOMIA: VARIAÇÃO DA INFLAÇÃO HARMONIZADA

PEDIDO POLÍTICA: THUMB SONDAgens

animação em loop no After Effects para o thumb das sondagens das legislativas 2024.

❓ que cor utilizar para não remeter a um partido/candidato?

CABOS SUBMARIINHOS

cabeca da infopopacia: animação das estrelas do espaço.

[CONTINUAÇÃO] 43 PROBLEMAS AMBIENTAIS

exportação do thumb com bar na animação da cabeça.

1 de março, sexta-feira

[RETIFICAÇÃO] PEDIDO POLÍTICA: THUMB SONDAgens

retificação do vídeo enviado anteriormente que continha um frame preto no final, atualização da imagem no BO e envio de email solicitando a mudança na homepage.

METEOROLOGIA

PEDIDO ECONOMIA: EVOLUÇÃO DA INFLAÇÃO HARMONIZADA DA ZONA DO EURO.

AUDIÊNCIAS DA TELEVISÃO

PEDIDO OPINIÃO: BOMBEIROS E POLÍCIAS FALLECIDOS ENTRE 2002-2022.

4 de março, segunda-feira

METEOROLOGIA

PEDIDO SOCIEDADE: JOGOS ONLINE

* impresso feito, enviado para ruim, falta desk e online. *

AUDIÊNCIAS DA TELEVISÃO

PEDIDO FUGAS

Pem, assinalando Lima, Huang, Condilhina Branca e as suas três montanhas: Pirco, Inhuca e Uruu.

* pedido iniciado e deixado nos pendentes *

5 de março, terça-feira

[CONTINUAÇÃO] PEDIDO PORTUGAL: JOGOS ONLINE

adaptação do impresso para o online após a aprovação pela secção requirita e dos desks.

[CONTINUAÇÃO] PEDIDO FUJAS

conclusão do mapa do Peru, assinalando Lima, Huancuz, Cordillera Blanca e as três montanhas: Pírcos, Ishinca e Urus.

início do novo pedido: Rio Neiva, assinalando a marçante (Sena de Oual, Vila Verde), até a faz. (Antas e Castelo do Neiva). Percorrer os caminhos de Vila Verde, Ponte de Lima, Barcelos, Viana do Castelo e Esposende.

* impresso do Rio Neiva iniciado e deixado por pendente.

REUNIÃO CABOS SUBMARINOS

com Karla Pequeno

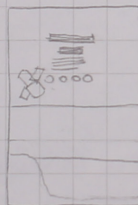
apresentação do ponto de situação do trabalho.

6 de março, quarta-feira [TELETRABALHO]

CABOS SUBMARINOS

continuação do desenvolvimento do código.

tentativa de solucionar a divergência de cores da cabeça.



→ CABECA-1

exportado do After Effects em .gif

→ CABECA-2

exportado do Illustrator em .png

7 de março, quinta-feira

[CONTINUAÇÃO] 50 ANOS 25 DE ABRIL

alterar a ordem da tabela para que inicie com os presidenciais.

CABOS SUBMARINOS

transparência do código para o servidor e envio do link para Karla.

Arbores das ilustrações da analogia do diâmetro externo do cabo.

Arbores das molduras para o tópico de caráter histórico.

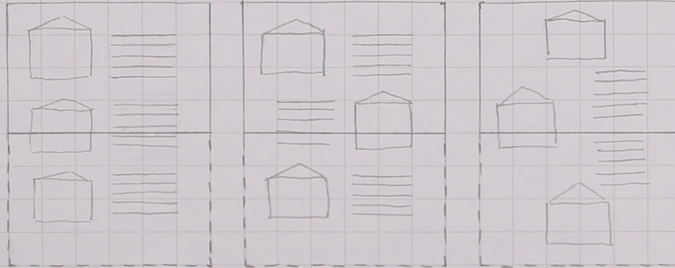
início das ilustrações digitais das molduras.

8 de março, sexta-feira [TELETRABALHO]

CABOS SUBMARINOS

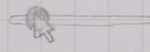
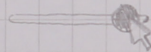
finalização das ilustrações digitais das molduras.
adicaõ das molduras no html e animação em css.

Ⓢ talvez fosse relevante indicar as lides que é possível explorar o mapa.



EXPLORE O MAPA COM O SLIDER

EXPLORE A EVOLUÇÃO DA INFRAESTRUTURA DOS CABOS SUBM.



11 de março, segunda-feira

METEOROLOGIA

CABOS SUBMARINOS

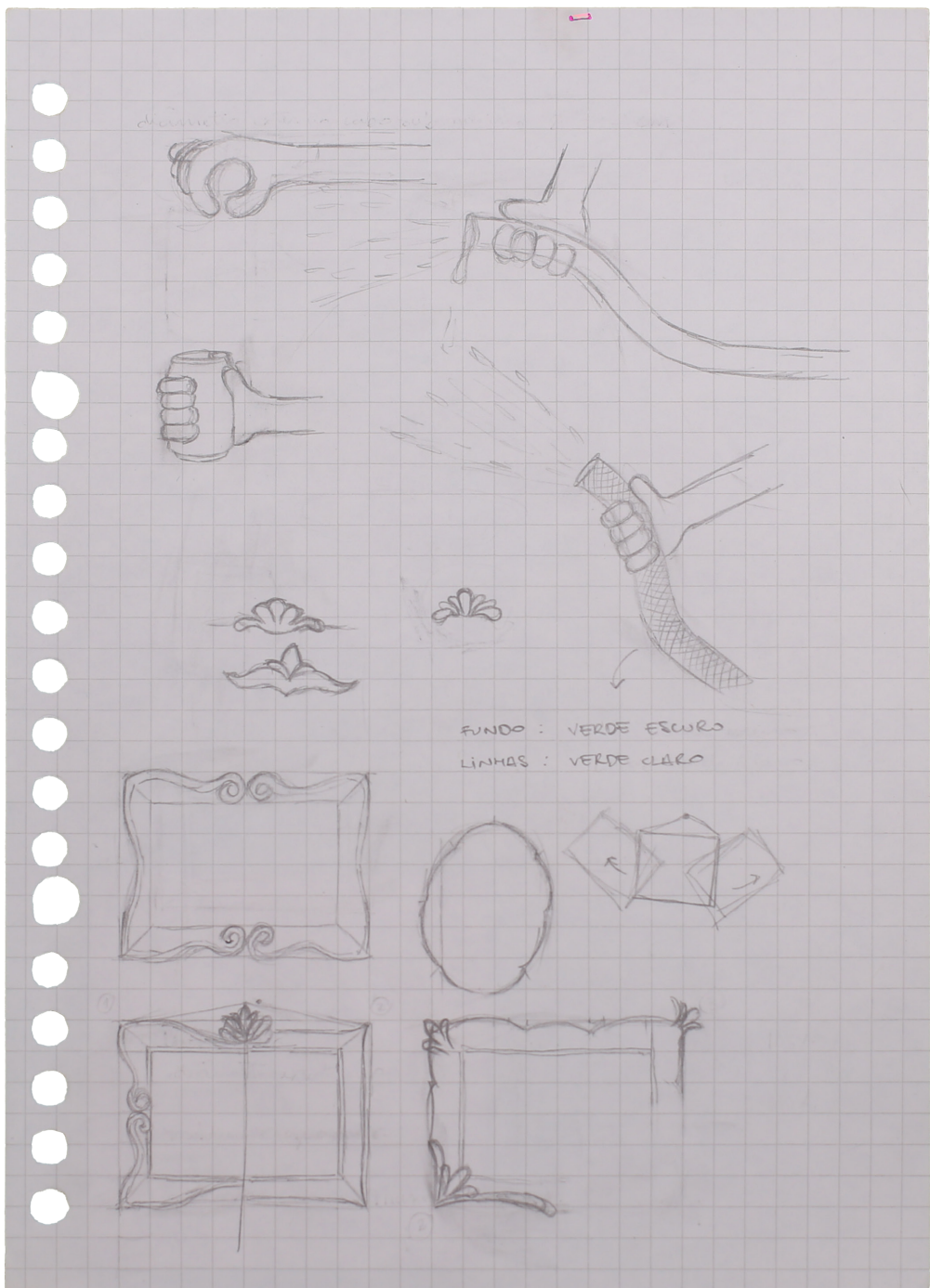
ilustração digital da mão com a lata de refrigerante e da mão com o fio de cabelo, analogia do diâmetro externo e interno do cabo.
início do desenvolvimento dos gráficos no glauish com o auxílio da Gabriela Gómez.

12 de março, terça-feira

CABOS SUBMARINOS

continuação dos gráficos no glauish

Ⓢ gráfico owner: é incorreto somar os custos de investimento isolado com o de grupo?



AUDIÊNCIAS DA TELEVISÃO

REUNIÃO CABOS SUBMARINOS

com Karla Pequeno e Cátia Mundosça.

apresentação do atual estado da narrativa.

produtos: alterar a ordem dos quadros de 1,2,3 para 3,1,2

aumentar o tamanho dos quadros

Ⓢ como incluir os gráficos de modo a que faça sentido na narrativa e que não cause o litão.

13 de março, quinta-feira

METEOROLOGIA

CABOS SUBMARINOS

atualização do código da infografia no servidor.

texto e definição das cores dos gráficos.

AUDIÊNCIAS

REUNIÃO QUINZENA

com Sónia Mator.

ponto de situação dos trabalhos em desenvolvimento e dos próximos trabalhos.

14 de março, quinta-feira [TEUTRABALHO

CABOS SUBMARINOS

desenvolvimento do mapa com a localização dos pontos de amarração em Portugal continental e nas ilhas.

alteração na modulação 3D para que as fibras ópticas abram no final.

modificação da ilustração do fio de cabelo para ondulado e com menor espessura.



15 de março, sexta-feira.

CABOS SUBMARINOS

organização das informações contidas no pop-up do gráfico do Flowish.
adição de ícone de blu no início do vídeo "como são colocados".
adição dos gráficos e mapa dos pontos de amarração no código.

18 de março, segunda-feira LITE TRABALHO

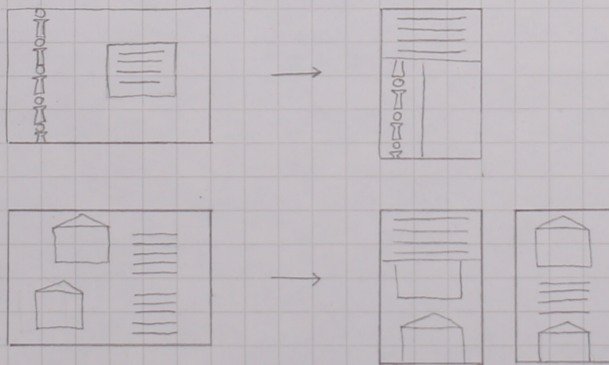
CABOS SUBMARINOS

composição do cabo: importação da modelação 3D do Rhinoceros para o Blender, adição dos materiais/texturas e renderização.
mapa da localização dos cabos: alteração das cores para distinguir os cabos ligados à Portugal dos demais.
utilização da cor verde para destacar as informações de Portugal no texto, mapa e gráfico.

19 de março, terça-feira

CABOS SUBMARINOS

vídeo como são colocados: adição de novas ilustrações digitais do banco com radar no início do vídeo, alteração da animação no After Effects e exportação do novo vídeo.



20 de março, quarta-feira

METEOROLOGIA

CABOS SUBMARINOS

com base nos runders da composição do cabo foram preparados 6
imagens, cada uma destacando a(s) camada(s) referidas no
texto: camada em destaque (opacidade = 100%)
outras camadas (opacidade = 30%)
causa dos danos: adaptação da ilustração para mobile.

21 de março, quinta-feira

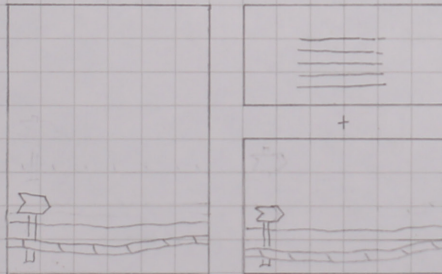
CABOS SUBMARINOS

exportação das imagens da composição do cabo para o mobile que tenha
uma proporção mais quadrada e menos horizontal.
adição dos dados à ilustração da causa dos danos.
elaboração da ilustração de um cabo (sugestão/pedido da Konka)
para o tópico histórico.
adição dos títulos dos gráficos e do mapa 2.

22 de março, sexta-feira

CABOS SUBMARINOS

alteração da ilustração da causa dos danos para compor o texto,
dividi a imagem em 2 partes.



atualização do código no servidor
adição do título no vídeo "como são colocados".

25 de março, segunda-feira

CABOS SUBMARINOS

início da infografia interativa para correção dos textos por desks, as indicações das correções a serem realizadas foram feitas por ligação telefónica.

realização das correções do texto no código.

pesquisa por referências de adaptações de infografias interativas para o papel anteriormente realizadas no Público.

26 de março, terça-feira [TELETRABALHO]

CABOS SUBMARINOS

início da adaptação da infografia digital para o papel, no Illustrator início da elaboração da ilustração compatível com o formato / dimensões do papel.

27 de março, quarta-feira [TELETRABALHO]

CABOS SUBMARINOS

continuação da ilustração da adaptação para o papel

realização de novo round (viria completamente lateral) para o papel.

teste de impressão para averiguar se o tamanho dos elementos estavam adequados.

28 de março, quinta-feira [TELETRABALHO]

CABOS SUBMARINOS

substituição do lorem ipsum para o texto definitivo.

início da infografia impressa para correção de textos por desks, as indicações das correções a serem realizadas foram feitas por ligação telefónica.

alteração dos dados da causa dos danos de "0/1" para "muito raro".

alteração do rosto do tubarão - perdido do século - para que fique mais semelhante a um tubarão e menos parecido com um golfinho.

APÊNDICE B. PROJETOS SECUNDÁRIOS

Sábado, 13 de Janeiro de 2024 | FUGAS | 7



rando as montanhas de vegetação luxuriante e biodiversidade excepcional no que respeita a lepidópteros, isto é, borboletas, libélulas e afins. A maior cidade do Oeste do país, Man é conhecida por um relevo pouco comum: o seu cartão-postal é uma montanha muito particular chamada La Dent de Man (o dente de Man), ainda que o monte Tonpki lhe ganhe em altitude.

A designação "Man" deriva da pequena Manlé, que terá sido sacrificada no final do século XIX pelo seu pai e chefe do cantão, em prol do crescimento harmonioso da cidade. Entre os lugares dignos de interesse na região listam-se várias cascatas e a floresta sagrada de Gbèpleu, com os seus macaquitos, onde a virgem terá sido enterrada viva.

A região das 18 montanhas possui uma tradição peculiar - as pontes de liana de produção artesanal, instaladas sobre desfiladeiros profundos, sem a ajuda de qualquer tecnologia. A cerca de 80km de Man, a ponte Liepleu é a mais conhecida, por ter sido obra do génio Gon ("aranha", no dialecto yacouba), construída numa única noite com ajuda dos velhos sábios da aldeia.

Grand-Béréby, reserva de proteção marítima

Terminamos esta viagem perto de San Pedro, centro de produção de cacau baptizado pelos portugueses, entretanto substituídos pelos ingleses e estes expulsos pelos franceses. O belga Sébastien Gavini conduz-nos a Grand-Béréby, recanto onde se criou a primeira (e única) área marítima protegida do país. Casado com uma cantora costa-marfinense, Sébastien percorreu meio mundo antes de assentar no país há sete anos, trabalhando como animador musical, produtor de mel e guia turístico.

Apesar do nome, Grand-Béréby é uma cidade bem pequena, e os cerca de 400km que a separam de Abidjan mantiveram as suas praias de areia fina relativamente desconhecidas.

Mas a renovação da antiga estrada costeira até San Pedro, cujo estádio receberá alguns jogos do CAN, poderá mudar isso muito rapidamente.

A vida nesta terra de pescadores corre lentamente, entre mergulhos na *baie des sirènes* (a baía das sereias possui um dos melhores projectos hoteleiros do país), passeios de barco no rio Néro para conhecer os pequenos macacos de olhos curiosos e nariz branco, e uma exploração nocturna às piscinas naturais de Taboulé durante a época de desova das tartarugas. Porventura a experiência mais significativa será vivida na aldeia de Boro, onde somos recebidos com a fórmula de *akwaba*, ou boas-vindas, com noz de *kola*, que se diz ter as propriedades excitantes do café.

O chefe da aldeia, de cãs e ar venerável, senta-se entre dois notáveis da aldeia, enquanto nos apresentam a *kola* e uma colher de pimenta fresca triturada. Os olhos marejados de lágrimas dos forasteiros geram algumas gargalhadas, mas logo chegam as bebidas: água fresca, cerveja local, vinho e *koutoukou*, um destilado forte à base de vinho de palma.

Este pequeno ritual significará que nos deram as chaves da aldeia, pelo que seremos sempre bem-vindos. Para reforçar estas palavras generosas, o chefe cumprimenta-nos vagarosamente. Há tempo para sentir o calor da sua mão, para os seus olhos perspicazes nos penetrarem a alma, enquanto os músicos retomam o concerto com renovada energia.

Na Costa do Marfim há o futebol, os ritmos contagiantes do *zouglou* e do *coupé-décuplé*, o cacau colhido por milhares de agricultores anónimos. Mas há também esta hospitalidade, cantada no hino nacional, a pungente terra vermelha, a cacofonia de mais de 60 dialectos. A Côte d'Ivoire é um caldeirão de influências e identidades sempre em mudança, que aos poucos se abre ao turismo.

Ruthia Portelinha é autora do blogue de viagens O Berço do Mundo (IG: @bercodomundo)

escolta, entre a residência oficial do Lehendakari do governo basco, o palácio Ajuria-Enea, e o Museu de Belas-Artes de Álava, instalado no opulento Palácio Agustín Zulueta.

Já andámos o suficiente em Vitoria para perceber que esta cidade se presta verdadeiramente a caminhadas. A andar de bicicleta também, dizem os vitorianos; a quantidade destas (e de trotinetas) a circular parece atestá-lo (até a *alcaldesa*, Milder Etxebarria, nos garante que é o seu meio de transporte preferido na cidade). Nós rendemo-nos às bicicletas, mas não é um caso total de “em Vitoria sejamos vitorianos” porque o fazemos em ambiente controlado – e, agora sim, chegamos ao verde-mais-verde desta cidade (onde até o “polígono industrial” está repleto de bicicletas), ou seja, ao seu “anel verde”. Está na boca de todos que nos vão acompanhando, como um mantra, este conjunto de parques unidos por corredores naturais que ocupa, por agora, 833 hectares – abraça a cidade e oferece 90 quilómetros de percursos, entre eles a volta total, 33 quilómetros.

A nossa estreia é numa das zonas mais icónicas – uma avenida separa um dos bairros mais recentes da cidade do parque de Salburua, onde, sublinha Igor, se podem ver cervos e um sem-número de aves. É uma Zona Húmida de Importância Internacional desde 2002, mas, há 30 anos, conta Igor, tudo aqui eram campos de cultivo – nas últimas décadas, a natureza recuperou o seu espaço, incluindo os três lagos que renasceram depois de nessa outra encarnação terem sido drenados. Por estes dias, estão quase secos, “foram esvaziados por uma bactéria encontrada”, espera-se pela chuva para os voltar a encher. Pedalamos, então, entre (os agora) charcos, ribeiros, prados e bosques – e um dos “segredos” de Vitoria: este espaço foi um aeródromo e durante a Guerra Civil foi a base da Legião Condor – daqui saíram os aviões que bombardearam Guernica e Durango e há um *bunker* para visitar.



A melhor maneira de chegar a Vitoria desde Portugal é voar para Bilbao (voos directos, a partir de Lisboa e Porto, ou com escala em Madrid), que fica a menos de uma hora de autocarro da cidade.



Korá Green City
Pl. del Renacimiento, 12,
Vitoria-Gasteiz
www.koragreencity.com



El Chispial
Calle Pintor Teodoro
Doublang, 9-11
Vitoria

The Bost
Calle Florida 5,
Vitoria-Gasteiz

Arcos de Quejana
<https://thebost.es>
Ctra. Beotegui s/n
01477, Quejana
www.arcosdequejana.com



Três adegas na Rioja Alavesa

De Vitoria-Gasteiz a Laguardia é mais ou menos uma hora de caminho, por *pueblos* e *caserios* e pelo condado de Treviño, uma incongruência geográfica – um enclave de Castela e Leão rodeado de País Basco por todos os lados (a história explica-o). Na serra de Cantábria uma paragem para abarcarmos o território onde vamos: no Balcón de la Rioja, 1015 metros de altitude, a vista sobrevoa o vale do Ebro, o rio que dá vida à Rioja Alavesa. Vamos entrar em território de vinhedos que compõem a denominação de origem mais conhecida de Espanha, Rioja, e que se divide entre três comunidades autónomas (entre elas, a que lhe dá nome, La Rioja).

Laguardia é a principal povoação deste canto de Álava, pequena cidade histórica alcançada sobre vinhedos (a que chamam “a milha de ouro” – “cada hectare custa um milhão de euros”) e uma miríade de adegas. Se calhar a mais notável é a Bodegas Ysios, graças à arquitectura ondulada de Santiago Calatrava, com as montanhas como pano de fundo – nós visitamos a “vizinha da frente”, a Bodega Javier San Pedro Ortega, “muito jovem” (nascida em 2018), faz questão de sublinhar o guia, Joel. E irreverente, não se cansa de repetir o *merchandising* – “soy un puto wine lover”, em *t-shirts*, canecas... São 18 os vinhos aqui produzidos, mais um *gin* e um vermute, criados por Javier, que “pertence à quinta geração de fazedores de vinho”. Fez o primeiro aos 17 anos e aos 30 inaugurou esta adega, onde chegam uvas de 26 parcelas, a mais antiga (1920) ainda trabalhada com animais (a mula Clementina).

A casta Tempranillo é a rainha da Rioja Alavesa, secundada pela Graciano, há-de dizer-nos Adrian, numa das vinhas da Adega Marqués de Riscal com vista para o século XXI desta marca histórica (1858) – o edi-

fício de Frank Ghery, óvni caído entre vinhas à porta de Elciego, dois mil habitantes e uma igreja quinhentista que se destaca. Foi a sua torre que serviu de “medida” para o hotel: por “respeito”, é um pouco mais baixo, com a excentricidade das suas formas a lembrar o irmão mais velho de Bilbao (o Museu Guggenheim), mas com mais cor, a condizer com a Marqués de Riscal – o rosa a representar o “vinho tinto”, o dourado como “a malha dourada que envolve o Reserva” e a prata “do alumínio das cápsulas das garrafas” – e, hoje, fortuitamente, com o desfile de Bughattis com que nos deparamos. Faz parte da Cidade do Vinho da Marqués de Riscal: alojamento, restauração (um dos restaurantes tem uma estrela Michelin), *spa* (vinoterapia com assinatura Caudalie) e, inevitavelmente, a adega. A “original”, abobadas em corredores cénicos, alberga a colecção privada da marca: 130 mil garrafas acumuladas desde 1862 e algumas provas históricas (a última em 2015, com 114 vintages).

O sol já se põe para lá do Ebro

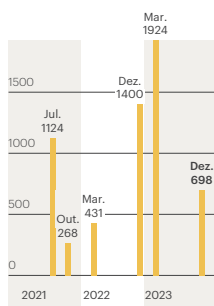
quando chegamos à Finca San Rafael (Laserna), 62 hectares que se estendem até às margens do rio, onde se produzem os vinhos Contino. Vinhedos “de mais de 50 anos” em redor de uma casa com mais de dois séculos de idade – e uma galeria subterrânea do século XVI. Serviu (e serve) para guardar vinho e também para protecção em tempo de guerra: a propriedade pertenceu a um *contino*, soldado pertencente a uma companhia criada pelos Reis Católicos para proteger os monarcas (este protegeria o príncipe herdeiro). Por isso foi dado este nome ao vinho aqui produzido – o logótipo, a efígie de São Gregório de Ostiense, evoca outra história: a do santo que acabou com uma praga de gafanhotos que afectava as vinhas da Rioja e que terá sido enterrado junto à vizinha ponte romana de Mantible (em 1044). História ou lendas, a galeria mantém-se, com arcos mudéjares e corredores que se cruzam albergando garrafas de vinho devidamente empoeiradas.

A Fugas viajou a convite do Álava Turismo

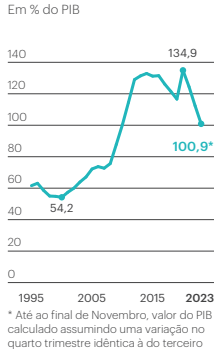


A gestão da dívida pública portuguesa

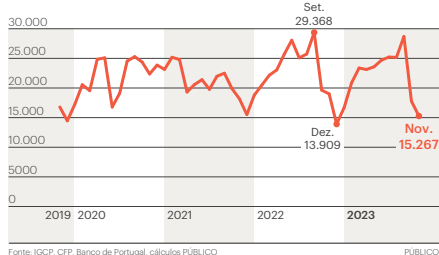
Operações de recompra de dívida realizadas pelo Tesouro
Em milhões de euros



Dívida pública
Em % do PIB



Depósitos da Administração Pública
Em milhões de euros



Fonte: IGCP, CFP, Banco de Portugal, cálculos PÚBLICO

tudo o que foi feito a este nível faz parte de uma gestão normal da dívida e da tesouraria do Estado. "Considerando condições de mercado e os resultados orçamentais de cada ano, bem como critérios de gestão eficiente do endividamento público, são recorrentes operações de optimização dos custos de financiamento do Estado, de que são exemplos compras e trocas de dívida pública, pagamento de dívidas em atraso por entidades públicas, aplicação de depósitos em certificados especiais de dívida de curto prazo e outras operações recorrentes de gestão financeira", limita-se a responder fonte oficial das Finanças.

Com os dados publicamente disponíveis, é difícil confirmar se as compras de dívida foram feitas com o objectivo de optimizar os custos de financiamento do Estado ou se a intenção era apenas de garantir que se baixava logo em 2023 a barreira dos 100% do PIB.

Do ponto de vista financeiro, é lógico realizar recompras de dívida pública se os custos de financiamento associados a determinados títulos de dívida forem superiores aos rendimentos obtidos com os excedentes

de tesouraria. Mas para perceber se isso acontece é preciso levar em conta, a cada momento, o valor a que são feitas as recompras, as taxas de juro que o Estado teria ainda a pagar por essas dívidas se não as comprasse e os juros que tinha a receber pelos depósitos que deixa de ter por comprar estes títulos. Em Dezembro de 2023, foram feitas recompras de cinco séries de Obrigações do Tesouro (OT) no valor de 698 milhões de euros, com taxas de juro de cupão que vão dos 2,85% aos 5,6%. E, diz o IGCP, as recompras de dívida realizadas foram feitas com "uma maturidade média ponderada de 2,1 anos, a taxas de mercado e com uma yield [taxa de juro] média de 2,58%".

Do lado da taxa de juro dos depósitos feitos pelo Estado no banco cen-

Em Dezembro, foram feitas recompras de cinco séries de Obrigações do Tesouro

tral, registou-se entre meados de 2022 e o final de 2023 uma subida até aos 4%, à medida que o Banco Central Europeu endureceu a sua política monetária para combater a inflação. A partir de Maio, contudo, precisamente com a intenção de incentivar a que os Estados reduzam os seus depósitos no banco central, o BCE reduziu a taxa aplicada em 0,2 pontos percentuais. E a expectativa para os próximos meses é de que os juros possam começar a cair.

Este pode ser um dos motivos por trás do maior volume de recompras de dívida realizado em 2023. Mas a principal explicação dada pelo IGCP está no facto de se ter percebido, à medida que decorria o ano, que as necessidades de financiamento do Estado seriam menores do que o previsto, o que se "traduziu inicialmente na redução do programa de emissão de OT e de Bilhetes do Tesouro e posteriormente no acumular de excedente de tesouraria superior ao limite estabelecido no Programa de Financiamento de 2023".

Isto aconteceu não só porque o resultado orçamental foi melhor que o esperado (com um excedente previsto de 0,8% do PIB), mas principalmente porque a subscrição de Certificados de Aforro feita no final de 2022 e nos primeiros meses de 2023 bateu todos os recordes e expectativas.

Com tanto dinheiro a mais nos cofres, foi maior o incentivo para realizar operações de recompra de dívida pública nos mercados, especialmente de OT mais antigas, com taxas de juro maiores. Logo no último trimestre de 2022, foram recomprados 1,4 mil milhões de euros de dívida, enquanto no primeiro trimestre de 2023 foram mais 1,9 mil milhões.

Pedidos às empresas

O PÚBLICO confirmou ainda junto de várias empresas públicas que lhes foi pedido que fizessem um esforço para reduzir o seu nível de endividamento. No entanto, para que tal tenha impacto no rácio da dívida pública de Maasricht, é preciso que a dívida reduzida seja financeira, não comercial. A dívida a fornecedores, como por exemplo aquela que foi abatida no sector da saúde, não conta para o cálculo da dívida pública, pelo que não é por aí que o Governo pode aproximar-se mais do objectivo de 100%.

Também foram dadas às empresas públicas e demais entidades da Administração Pública instruções para, nos últimos dias do ano, aplicarem os saldos de gerência em certificados especiais de dívida de curto prazo (CEDIC). Fernando Medina repetiu o mesmo despacho que já tinha emitido com este objectivo no final de 2022 e que João Leão, no final de 2021, tinha estreado.

Este tipo de centralização de tesouraria por parte das diversas entidades do Estado pode, a prazo, contribuir para reduzir o volume de dívida.

Sindicato pede demissão da directora-geral da AT

Pedro Crisóstomo

Sindicato alerta para "ruptura" nas repartições, vê falta de pessoal e contesta inspecção muito "centralizada"

Há muito descontente com a liderança da Autoridade Tributária e Aduaneira (AT), o Sindicato dos Trabalhadores dos Impostos (STI) veio ontem pedir a demissão da directora-geral da administração fiscal, Helena Borges, por considerar que a administração fiscal está a ser "destruída por uma gestão de recursos humanos sem visão e sem estratégia".

Borges dirige o fisco desde Março de 2015, quando o Governo de Pedro Passos Coelho, confrontado com demissões de topo no fisco por causa das revelações da famosa "lista VII" de contribuintes, fez subir a número um a então directora da direcção de Finanças de Lisboa, que viria a ser nomeada em definitivo já pelo Governo de António Costa em Janeiro de 2016 e reconduzida em Janeiro de 2021 para um último mandato de cinco anos, que só termina em Janeiro de 2026.

Há vários anos que o STI está descontente com a liderança de Helena Borges, sendo este pedido o culminar de críticas que cresceram ao longo de 2023, levando a uma tomada de posição votada por unanimidade no conselho geral do STI, o órgão onde estão representadas as várias direcções distritais do sindicato.

A reivindicação foi formalizada no início de Dezembro, mas só foi divulgada agora em Janeiro, nesta sexta-feira, dias depois de a nova direcção do sindicato tomar posse. O novo presidente, Gonçalo Rodrigues, foi eleito em Novembro e assumiu funções na última segunda-feira, sucedendo a Ana Gamboa, cuja direcção já integrava. A proposta de exigir a demissão de Helena Borges partiu da delegação de Faro e foi aprovada por unanimidade na reunião de Dezembro (com 366 votos a favor, nenhum contra e nenhuma abstenção), coincidindo com a vontade actual e da anterior direcção nacional do sindicato.

Numa nota à imprensa, o novo presidente do STI cita três problemas centrais para justificar o pedido de saída de Borges: serviços de finanças "em ruptura", falta de pessoal (em particular nas alfândegas), e uma inspecção tributária "centralizada e moribunda".

A deliberação aprovada no conse-

lho geral, a que o PÚBLICO teve acesso, enumera alguns riscos que os trabalhadores vêem se não houver um reforço de pessoal, de meios e de organização: "Não há uma política de recursos humanos, materiais, financeiros e tecnológicos que permita um funcionamento eficaz dos serviços, estando os mesmos reduzidos às suas funções mínimas. A falta estrutural destes recursos impede o combate à fraude, à evasão e restante criminalidade fiscal, pondo em risco a arrecadação de receita e o combate à economia paralela. A falta destes recursos impede o combate à contrafacção, ao tráfico de droga e ao tráfico de armas, pondo em risco a segurança dos que vivem em Portugal e da fronteira externa da União Europeia. Sem receita fiscal não há Serviço Nacional de Saúde, não há educação pública, não há Segurança Social, não há justiça nem segurança pública. Uma Autoridade Tributária e Aduaneira sem recursos humanos, materiais, financeiros e tecnológicos implica um desequilíbrio nas contas públicas, que põe em causa a redistribuição da riqueza, alicerces fundamentais do Estado Democrático e de Direito que Portugal é."

O PÚBLICO sabe que, durante a discussão da proposta, a direcção distrital de Viseu do STI chegou a sugerir que o sindicato colocasse outdoors a pedir a demissão da directora-geral, mas não é claro se essa ideia ganhou apoio interno para avançar.

Para Gonçalo Rodrigues, citado na nota de imprensa do STI, os recursos humanos da AT "têm de ser geridos por alguém com formação na área da gestão e que pertença às carreiras especiais inspectivas da AT".



Helena Borges está na mira das críticas laborais e políticas



KATRIN KERSCHBAUMER



LEITNER GAMMEL



©/WWW.ESSEL

A cultura, associada às tradições e aos costumes, está presente no dia-a-dia de Salzkammergut

Bad Ischl revela muitos dos seus encantos no Inverno, ao longo das margens do rio Traun

Muitos dos eventos organizados pela região austríaca estão fortemente ligados à história do sal

Bad Ischl para confirmar essa realidade da qual me falara Natascha Schöndorfer e com a qual eu me confrontara, anos antes, em Hallstatt, a aldeia com 750 habitantes e meio milhão de turistas por ano.

Bad Ischl tem tanto para oferecer em termos de natureza e de paisagem. Há um grande número de trilhos, alguns deles junto ao rio Traun. Mas não só; quase todos eles proporcionam panorâmicas soberbas, enfatiza ainda.

Em conjunto com outros municípios, todos eles abrigados no mapa de Salzkammergut, tantas vezes designada berço da cultura austríaca, uma região de uma beleza infinita,

decorada com os seus lagos alpinos e subalpinos, com vales tão pitorescos, tão fotogénicos, com as suas suaves colinas contrastando com as suas cadeias montanhosas, tão íngremes e tão acidentadas, Bad Ischl apresenta ainda como forte argumento para ser visitada ao longo do ano um calendário cultural intenso.

Adoptando o lema a cultura é o novo sal, a organização recorda a importância do ouro branco desde tempos ancestrais, da sua exploração pelos celtas (*hall* é a palavra celta para sal) até ao total controlo por parte da monarquia dos Habsburgos, decretando o isolamento de toda uma região (Dachstein Salzkammergut) com tradições tão arraigadas e abençoada pela UNESCO.

Respeitando mas recusando-se a viver no passado, Salzkammergut e Bad Ischl assentam a sua ambição para 2024 (e para os anos vindouros) em quatro pilares, no poder e na tradição, na cultura em movimento, na partilha da essência da região e na arte de viajar por ela e na Globalokal, potenciando a identidade local num mundo global.

Passeio por Bad Ischl, detenho-me onde o Traun encontra o Ischl, depois na fachada do antigo hotel Áustria, agora transformado em museu e com reabertura prevista para este ano mas tão ligado à família Habsburgo, na moradia que abrigou Franz Lehár, até onde, segundo admitiu o compositor, lhe chegavam as melhores melodias, talvez subindo do rio Traun.

Bad Ischl é um casamento perfeito entre a arquitectura, a cultura, a tradição, com um conjunto de monumentos que ignora da primeira vez e que - agora percebo - me ocupam durante dias. Tal como as paisagens à volta da cidade, entre a Alta Áustria e a Estíria, inspiradoras, num tempo ou noutro, para Gustav Klimt, para Brahms, para Strauss, para Schubert, para Mahler.

Por sugestão de Natascha Schöndorfer, subo até Siriuskogel, uma bonita colina encimada pela torre (construída em 1885) baptizada com o nome do imperador que se apaixonou por Sissi e pelos Verões de Bad Ischl. Do alto, onde se chega em menos de meia hora, a panorâmica que se oferece à contemplação provoca pele de galinha. Aldeias aninhadas em vales, lagos, picos que ameaçam tocar os céus de um azul profundo. E o silêncio.

Penso nas últimas palavras de Natascha Schöndorfer.

- Claro que pretendemos beneficiar da grande oportunidade que o estatuto de Capital Europeia da Cultura nos trará para expandir a nossa visibilidade. O futuro encarregar-se-á de mostrar se teremos ou não sucesso.

Desço para a cidade e sento-me no Zauner. Apetece-me algo doce na terra do sal. Sissi faria o mesmo, não?



guia

O aeroporto mais próximo (50 quilómetros) de Bad Ischl é o de Salzburgo, servido, por exemplo, pela Lufthansa após uma escala em Frankfurt.

Da praça em frente à estação ferroviária (ou na Mirabell Platz), na cidade de Mozer, sai um autocarro (número 150) a cada duas horas com destino a Bad Ischl e com passagem por alguns dos mais célicos lagos de Salzkammergut. Outras possibilidades mais ou menos práticas são Viena, a 280 quilómetros de distância, e Munique (200), ambas com ligações ferroviárias a Bad Ischl, se bem que, optando pela capital da Baviera, será obrigado a dois transbordos até chegar ao destino.

Qualquer altura do ano é boa para visitar esta cidade da Alta Áustria. No Inverno, com as montanhas nevadas; na Primavera, quando as flores se debruçam sobre as varandas; no Verão, quando as temperaturas são mais amenas; no Outono, quando a paisagem se veste das cores que nos remetem para a estação.

k.u.k. Hofwirt
Wiererstrasse, 4
Tel.: 00 43 664 152 86 84
E-mail: welcome@kukhofwirt.com
www.kukhofwirt.com
Aberto todos os dias entre as 11h e as 00h (a cozinha entre as 11h30 e as 21h30).

Hubertushof
Götzstrasse, 1
Tel.: 00 43 613 224 445
E-mail: hotel@hubertushof.co.at
www.hubertushof.co.at
Aberto de terça a domingo para almoços entre as 11h30 e as 14h; de terça a sábado para jantares a partir das 17h30 e até as 20h30.

Villa Seilern Vital Resort Superior
4820 Bad Ischl
Tel.: +43-6132-24132
E-mail: office@villaseilern.at
www.villaseilern.at
Preço: a partir de 130 euros.

Hotel Goldener Ochs
Grazer Strasse 4, 4820 Bad Ischl
Tel.: +43-6132-23529
E-mail: office@goldenerochs.at
www.goldenerochs.at
Preço: a partir de 158 euros.

i Os cidadãos portugueses apenas necessitam de um documento de identificação (passaporte, bilhete de identidade ou cartão de cidadão) para visitar o país. A moeda é o euro. A língua oficial é o alemão. Bad Ischl é uma das três capitais europeias da cultura deste ano e tem a sua abertura agendada para este sábado, dia 20. Informações em www.salzkammergut.at/en/european-capital-of-culture-2024.html.



guia

mar Janssen, uma sociedade, a quem coube a organização, já em 1869, do primeiro Festival da Canção da Estónia, no fundo um poderoso ritual de mobilização política, especialmente durante o período em que o país foi ocupado pela antiga URSS.

Natureza intocável

A manhã, pela primeira vez em três dias, desperta sob um céu de um azul pálido. Afasto-me, também pela primeira vez, do centro da cidade, à procura de uma natureza que o ser humano não parece ter tocado, de aldeias adornadas, lagos de um azul esverdeado escondidos sob a vigilância de montanhas, vales que são a porta de entrada para densas florestas, lugares que não parecem deste mundo, mas ainda quando me deparo com comunidades tradicionais, como os Seto, em Setomaa, e os Velhos Crentes, que preferem as margens do lago Peipus e se dedicam fortemente ao cultivo de *sibul* (cebolas) – dispondo de tempo não se deve hipotecar a rota das cebolas, entre as aldeias que abrigam os descendentes de exilados religiosos que deixaram a Rússia quando começaram a ser alvo de perseguição, no século XVII.

- A cultura está presente a cada passo em Tartu. É essa a forma de a cidade respirar – as pessoas e os edifícios contando a sua história. O teatro Vanemuine é, oficialmente, o mais antigo do país, enfatiza Triin Pikk, intimamente ligada à organização daquela que é uma das Capitais Europeias da Cultura, com a cerimónia de abertura agendada para sexta-feira, dia 26 deste mês.

O teatro Vanemuine, empregando quatro centenas de pessoas, existe desde 1870 e é o único na região que acolhe os três géneros: música, com óperas, operetas e musicais, dança, incluindo ballet clássico e dança moderna, e drama.

Se Tartu surpreende quando se deixa descobrir ao longo das suas ruas e vielas, a cidade seduz mais ainda quando se olha para o seu passado tão rico, verdadeiro berço da cultura estónia.

Cinco anos antes da fundação do teatro foi criada, por Johann Volde-

sentir o pulso daquele que foi o coração da cidade medieval, primeiro cenário da universidade, agora também da colina artificial dos beijos – um casal, de olhos fechados, beija-se, sem que se aperceba da minha chegada em passos silenciosos.

É gozo, então, tendo como companhia apenas a solidão, do privilégio de uma visão única sobre Tartu, de um manto branco que se estende sobre aquela que é, já desde 2015, umas das cidades criativas da UNESCO.

Com um orçamento na ordem dos 25 milhões de euros, não apenas para 2024 (quando espera receber um milhão de visitantes) mas para o período em que Tartu se manterá activa como espaço cultural, a cidade prepara-se para acolher 350 projectos, incluindo mais de mil eventos. Entre eles, um ganha particular destaque – *Kissing Tartu*, um acontecimento ímpar que pretende juntar milhares para, através de um beijo e independentemente do género, espalharem uma mensagem de amor.

Passo a tarde em Aparadeitehas, um centro cultural e criativo, lugar da moda em Tartu, tão colorido, vibrante, em contraste com o tempo em que, chegando a empregar mais de 1500 pessoas, era utilizado pelos soviéticos como fábrica de equipamento de refrigeração e de construção de peças para submarinos, enganando o povo com a produção de guarda-chuvas e fechos que não funcionavam.

O frio instala-se outra vez quando a noite faz a sua aparição. As águas da fonte estão geladas. Sobre elas, brancas como o leite, ele e ela prolongam a manifestação carinhosa, naquele equilíbrio instável, sob o guarda-chuva que os protege dos flocos de neve. A lua lança um trilho de prata, por ali fico, admirando uma vez mais a estátua colocada em 1998 na bonita Raekoja, um beijo que celebra a juventude, que recorda a vida de estudante, que estimula o amor.

Beijem-se, por favor, beijem-se. Não se inibam com a minha presença.



Uma vez que não há qualquer ligação aérea directa entre Lisboa e Tallinn (ou Tartu, cujo aeroporto não recebe voos comerciais), a melhor opção passa por pesquisar junto da Lufthansa (www.lufthansa.pt), da Finnair (www.finnair.com) e da Air Baltic (www.airbaltic.com), que servem a capital da Estónia após uma curta escala. A partir de Tallinn, há vários autocarros por dia até Tartu, um trajecto de duas horas e meia e com tarifas (a partir de 10 euros) que variam consoante a antecedência com que se adquire o bilhete – o melhor é consultar o site www.luxexpress.eu. Também é possível efectuar o percurso entre as duas cidades de comboio (a duração da viagem e as tarifas são muito semelhantes ao serviço disponibilizado pela Lux Express).

Em alternativa, pode voar directamente com a Air Baltic de Lisboa para Riga e desde o aeroporto da capital da Letónia para Tartu, recorrendo igualmente à Lux Express (a viagem demora quatro horas e meia e o preço varia entre os 23 e os 26 euros).

O comboio, mais económico (10 euros), tem a desvantagem de implicar uma mudança em Valga (Valka na parte letã), situada na fronteira e a pouco mais de uma hora de Tartu.



No Inverno, as temperaturas podem atingir valores negativos mas os meses entre Fevereiro e Abril são aqueles em que, por norma, chove menos. Já no Verão, quando os termómetros se aproximam, por vezes, dos 30 graus, é quando ocorre maior precipitação.



Humal
Riia, 4
Tel.: 00 372 53 00 23 96
E-mail: info@humalresto.ee
www.humalresto.ee
Aberto à segunda das 12h às 21h, de terça a quinta até às 23h, ao sábado até à 1h e ao domingo encerra às 23h.

La Dolce Vita
Kompanii, 10
Tel.: 00 372 74 07 545
E-mail: ladolcevita@ladolcevita.ee
www.ladolcevita.ee
Aberto de segunda a quinta entre as 11h30 e as 23h, às sextas e sábados fecha uma hora mais tarde e aos domingos funciona das 12h às 23h.



Hotel Lydia
Ülikooli, 14
Tel.: 00 372 73 30 377
E-mail: reception@lydia.ee
www.lydia.ee
Preço: entre 118 e 148€

Hotel Dorpat
Soola, 6
Tel.: 00 372 73 37 180
E-mail: info@dorpat.ee
www.dorpat.ee
Preço: a partir de 69€.



Os cidadãos portugueses apenas necessitam de um documento de identificação (bilhete de identidade, cartão de cidadão ou passaporte) para entrar na Estónia. A moeda em circulação é o euro. A língua oficial é o estónio. Tartu é uma das três capitais europeias da cultura deste ano e tem a sua abertura agendada para o dia 26 de Janeiro. Informações em <https://tartu2024.ee/en/>

vão conduzindo, por vezes com vista para o mar e quase sempre para as montanhas, com uma água ou outra riscando o céu, até praias que, julgando apenas pelas fotografias, nos remetem para todos os lugares menos para Bodo e a sua região - Hovdsundet, principalmente esta por possibilitar uma panorâmica sublime desde o topo de uma colina, e Auvika, porque a natureza nada lhes parece negar, não deixam o viandante indiferente.

Desta vez não visito nenhum dos parques nacionais (dos nove existentes no condado, cinco - Rago, Låhko, Junkerdal, Saltfjell-Svartisen e Sjunghatten -, encontram-se na região de Salten), tão pouco o glaciar Svartisen. Mas não resisto a viajar ainda um pouco para sul de Bodo (uns 30 quilómetros), para admirar, como fizera há uns anos, Saltstraumen e aqueles que são considerados os redemoinhos mais fortes do mundo (os pescadores e os adeptos de mergulho

Bodo, com apenas 50 mil habitantes, prepara-se para levar a cabo mais de mil eventos culturais

O distrito de Salten abriga cinco parques nacionais, uma natureza exuberante que nunca abandona o turista

Kjerringøy, a cerca de uma hora de Bodo, é um antigo entreposto comercial, um dos mais bem preservados do país

também terão muitas histórias para contar) - é importante recolher informação sobre as marés mas os melhores dias são durante a Lua Nova e a Lua Cheia, quando a diferença entre a maré baixa e a maré alta é mais significativa.

Está na hora de regressar a Bodo, de visitar alguns dos seus museus (da aviação, por exemplo), galerias de arte (como a NOUA), de conhecer alguns dos seus restaurantes, de reencontrar Marie Peyre, talvez na Stormen, a biblioteca local onde ela gosta de ir buscar livros, de se cruzar com amigos, de assistir a espectáculos e de olhar, desde a sala de leitura, do porto e a arquitectura moderna.

A cidade tem muito para oferecer mas a natureza que a envolve é verdadeiramente assombrosa. Escolhemos #ArtofNature como um dos nossos principais temas por uma razão - a natureza de Nordland inspirou muitos criativos ao longo dos anos e servirá de pano de fundo para muitos dos

nostros eventos ao longo de 2024.

Bodo, com cerimónia de abertura como capital europeia da cultura agendada para 3 de Fevereiro, com um orçamento ligeiramente superior a 26 milhões de euros (300 milhões de coroas norueguesas), está pronta para receber os visitantes (previsão optimista de 500 mil) e espera obter resultados deste investimento no futuro.

O tempo dirá, mas esperamos mudar a imagem de Bodo (*From cold to cool* é o nosso slogan) e colocar a cidade no mapa como um destino excitante para visitar, trabalhar e viver. Talvez até mesmo inspirar alguns a virem e a estabelecerem-se aqui. Precisamos de mais gente no Ártico e esta parte do mundo tem muito para proporcionar a todos aqueles que se sentem preparados para fazer a mudança.

Para Marie Peyre isso seria a cereja no topo de Bodo. Para mim, é ver, naquela noite, o céu vestir-se de diferentes cores.



FRANK S. DAM



KAROLINE O. A. PETERSEN



guia

A forma mais rápida de chegar, por via aérea, a Bodo requer uma escala em Oslo. Deve consultar os sites da SAS (www.flysas.com), com voos directos para a capital norueguesa operados pela TAP (www.flytap.com) a partir de Lisboa e, dependendo da época do ano, com a Norwegian (www.norwegian.com) que, tal como a SAS, serve o aeroporto de Bodo (a dois quilómetros do centro) desde Oslo.

O transporte ferroviário é também uma opção entre as duas cidades mas, sendo de facto um percurso cénico (depende da época do ano), é demorado (cerca de 18 horas e obriga a uma mudança de comboio em Trondheim), o mesmo se aplicando se preferir utilizar viatura própria, devendo preparar-se para uma viagem entre 15 a 20 horas, com a agravante de se poder tornar mais dispendiosa do que de avião (terá de equacionar despesas com combustível, portagens e possivelmente uma noite num hotel).

Bodo goza de um clima oceânico subpolar, caracterizado por invernos frios e chuvosos e Verões com temperaturas amenas mas que podem chegar aos 30 graus, especialmente em Julho.

Quality Hotel Ramsalt
Sjøgata, 37/39
Tel.: 00 47 75 99 05 50
E-mail: q.ramsalt@strawberry.no
www.strawberry.no
Preço: a partir de 130€.

Bodo Hotel
Professor Schyttes gate, 5
Tel.: 00 47 75 54 77 00
E-mail: booking@bodohtell.no
www.bodohtell.no
Preço: 110€.

Bjork Restaurant
Storgata, 8
Tel.: 00 47 75 52 40 40
E-mail: post@restaurantbjork.no
www.restaurantbjork.no
Aberto de segunda a quarta das 11h às 21h, de quinta a sábado entre as 11h e as 22h e aos domingos somente entre as 15h e as 21h.

Bryggerikaia
Sjøgata, 1
Tel.: 00 47 75 52 58 08
E-mail: post@bryggerikaia.no
www.bryggerikaia.no
Aberto de segunda a sexta entre as 11h e as 23h, aos sábados abre e fecha uma hora mais tarde e aos domingos funciona das 12h às 22h (a cozinha encerra sempre às 22h).

Uma vez que a Noruega integra o Espaço Schengen, os cidadãos portugueses não necessitam de visto para visitar o país, tendo apenas de se munir de um documento de identificação (passaporte, bilhete de identidade ou cartão de cidadão). A língua oficial é o norueguês. A moeda oficial é a coroa norueguesa - um euro equivale a pouco mais de 11 coroas. Bodo é uma das três Capitais Europeias da Cultura e tem a sua abertura agendada para 3 de Fevereiro. Informações em <https://visitbodo.com/en/topic/bodo-european-capital-of-culture-in-2024/>.



Na terra fértil das ilhas Banda nasceu a noz-moscada, que seria cobiçada em todo o mundo. No final da Idade Média, tornou-se “tão valiosa na Europa que uma mão-cheia pagava uma casa ou um navio”

JOÃO LUIS GONÇALVES

Cidadãos
com deficiência

visão histórica

Edições Vieira da Silva

Telef. 218120295 Tlm: 966425862
Email: geral@edicoesvieiradasilva.pt

“As alterações climáticas podem ser entendidas como a globalização da maldição dos recursos naturais”

► especialmente, na Ásia. No entanto, é provavelmente verdade que muitos, se não a maioria, dos movimentos centrados na Terra têm a sua base no Ocidente, e a razão para isso é que as coisas, de certa forma, fecharam o círculo: enquanto as elites de países anteriormente colonizados, como a Índia e a Indonésia, estão a correr para abraçar as práticas e políticas coloniais (que não são outra coisa senão o neoliberalismo sem a linguagem pomposa), muitos ocidentais mais jovens compreenderam que essas práticas estão a conduzir o mundo – e especialmente a sua geração – ao desastre. Este despertar deve-se muito, evidentemente, ao activismo daqueles que historicamente suportaram o peso do sofrimento infligido pelo colonialismo europeu – ou seja, os povos indígenas e negros. É animador ver o efeito tremendo que o movimento Standing Rock teve, por exemplo.

Particularmente animador para mim é o facto de estes movimentos não serem apenas estritamente políticos; também defendem diferentes formas de pensar sobre a relação da humanidade com a Terra. Imaginam o mundo não-humano como estando cheio de vitalidade e capacidade de agir. Penso que há cada vez mais um reconhecimento de que as filosofias mecanicistas que reinaram no Ocidente durante os séculos de colonização não passam, na realidade, de ideologias de conquista.

Identifica o domínio geopolítico do Ocidente como a principal barreira a qualquer mudança significativa em direcção a esse vitalismo. Mas, como diz, a Índia e a China também estão a usar a Terra como um recurso...
Sim, as elites da Índia, da China e de muitos outros países abraçaram completamente as práticas extractivas coloniais. Uma das razões para isso é que compreenderam que foi a adopção precoce da economia dos combustíveis fósseis que permitiu ao Ocidente dominar e subjugar a Ásia no século XIX. Enquanto os combustíveis fósseis continuarem a ser um alicerce crucial do poder geopolítico (ou seja, militar), não há hipótese de países como a China e a Índia deixarem de os utilizar. Porque eles sabem muito bem que foi o desequilíbrio do poder militar que permitiu ao Ocidente subjugar e explorar o resto do mundo.

Escreve que a ideologia extractivista foi muito além dos bens botânicos: passou a extrair a vida, o trabalho de seres humanos. Mas a escravatura existe há milénios. Foi a escala que mudou, com o imperialismo depois do século XVI?

A “escravatura” e as instituições a ela associadas variaram muito ao longo do tempo e do espaço. As alterações demográficas que acompanharam este processo não tiveram precedentes. Dois continentes foram em grande parte despovoados das suas populações indígenas e depois repovoados com escravos vindos de África para trabalhar para os senhores europeus. Só em termos demográficos, esta intervenção, que se desenrolou ao longo de séculos, não tem comparação na sua dimensão.

Noz-moscada, ópio, cana-de-açúcar, especiarias, chá, combustíveis fósseis. Porque é que pensa que devemos encarar as entidades não-humanas como agentes da História?

Sinto-me atraído por esta ideia porque é cada vez mais claro que as entidades não-humanas tiveram um enorme impacto na história da humanidade. Publiquei recentemente um livro (*Mar de Papoilas*) que trata, em grande medida, da papoila-do-ópio e, ao escrevê-lo, comecei a interessar-me cada vez mais pela ideia de “agência botânica”. Especialmente no caso da papoila-do-ópio, é difícil ignorar completamente a sensação de que há um certo tipo de inteligência em acção. A papoila-do-ópio conseguiu escapar a todas as tentativas humanas de a conter e limitar. No Afeganistão, o Exército americano – a mais poderosa máquina militar da história da Humanidade – foi essencialmente derrotado por uma flor de aspecto muito humilde. E, claro, os combustíveis fósseis, que não são mais do que matéria botânica fossilizada, também estabeleceram um domínio sobre as sociedades humanas.

Tenho curiosidade em saber a sua perspectiva sobre as acções dos portugueses nas ilhas Banda, uma vez que foram os primeiros europeus a lá chegar...

Apesar de os portugueses terem sido os primeiros europeus a chegar às ilhas Banda, a sua acção centrou-se sobretudo na parte Norte das Molucas, especialmente na ilha de Ternate, que dominava o comércio do cravinho. É sobre esta parte das Molucas que Luís de Camões escreveu, por exemplo.

Quando estava a escrever este livro, os protestos do movimento anti-racista Black Lives Matter estavam no seu auge.

Assistimos também ao derrube ou à vandalização de várias estátuas de pessoas ligadas à escravatura, em vários países. Como vê esses movimentos?

Tem havido um amplo reconhecimento em muitas partes do mundo da escravatura e dos outros legados do colonialismo. Em muitos aspectos, os holandeses foram os pioneiros no questionamento destes legados. É claro que também houve uma reacção do outro lado, o que seria de esperar. Mas, de um modo geral, penso que se está a andar para a frente, é imparável.

Em *The Great Derangement*, questionou: “Estamos Loucos?”. Argumentava que as gerações futuras podem pensar isso de nós. As coisas mudaram?

Houve muitas mudanças importantes desde 2016. A maioria delas foi provocada pelos impactos cada vez mais evidentes das alterações climáticas. As inundações, as ondas de calor e os incêndios florestais a que assistimos hoje, com uma frequência cada vez maior, tornaram impossível ignorar ou negar a magnitude das alterações climáticas. Na verdade, o fenómeno do negacionismo transformou-se noutra coisa – uma espécie de negacionismo brando que procura sobretudo atrasar a transição energética. Até mesmo nos domínios da literatura e das artes se registou uma enorme mudança, na medida em que existe hoje uma maior capacidade de resposta à crise planetária do que em 2016. Mas, num sentido mais lato, pode ainda dizer-se que muito pouco mudou, que as emissões globais continuam a aumentar e que o *business as usual* continua a ser a norma.

Termina *The Great Derangement* sugerindo que a política, tal como a literatura, se tornou uma questão de avaliação moral pessoal, em vez de uma arena de acção colectiva. O que é que a arte pode fazer?

Seria pretensioso afirmar que a arte e a literatura podem conduzir a grandes mudanças. Mas penso que essa é a forma errada de olhar para a questão. Os artistas e os escritores sempre responderam aos desafios do seu próprio tempo e, neste caso, não deveria ser diferente.

Patentes para cancro cresceram na última década. Em Portugal, nem tanto

Nas últimas duas décadas, as empresas e universidades portuguesas registaram 145 patentes para o diagnóstico e tratamento de cancro. Neste período, Portugal tem dos piores resultados em toda a Europa

Tiago Ramalho

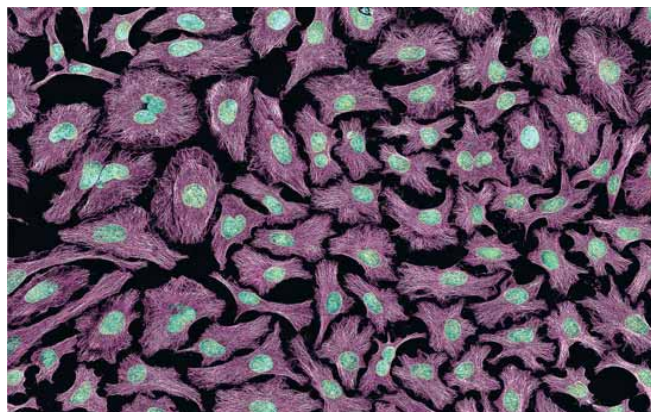
Nos últimos 50 anos, foram registadas mais de 140 mil invenções para diagnosticar e tratar os vários tipos de cancro em todo o mundo – desde imunoterapias à inteligência artificial aplicada à detecção precoce de tumores malignos. O crescimento é notório na última década: desde 2015, há mais 70% de patentes identificadas num relatório do Instituto Europeu de Patentes (IEP) publicado hoje. Portugal também cresce, mas mantém-se entre os piores no continente europeu, apenas à frente de Grécia, Polónia e Turquia nas novas tecnologias por cada milhão de habitantes. Desde 2002, foram registadas 145 patentes por empresas ou instituições em Portugal.

O crescimento dos produtos, técnicas e tecnologias protegidos por patentes e direccionados para o diagnóstico e tratamento de cancro é notório. No entanto, “há uma discrepância muito acentuada entre os Estados Unidos e a União Europeia”, como refere Telmo Vilela, conselheiro principal do Instituto Europeu de Patentes (IEP), o organismo responsável pelo relatório agora publicado e que dá a conhecer estes números.

A liderança dos Estados Unidos nesta área não surpreende. As empresas e universidades norte-americanas são responsáveis por quase metade de todas as patentes registadas desde 2002. A União Europeia aparece como um bloco único no segundo lugar (8% dos registos), entre os quais se destaca o papel da Alemanha, Reino Unido (que abandonou a comunidade político-económica em 2020) e França.

A Ásia também tem um papel relevante a nível mundial, sobretudo com o Japão nestas duas décadas (9%), mas com a China à espreita – e as próximas duas décadas deverão ter muito mais peso do gigante asiático. Por exemplo, no ano de 2021 a China ultrapassou a União Europeia no segundo lugar em número de tecnologias patenteadas para o cancro, segundo o relatório do IEP.

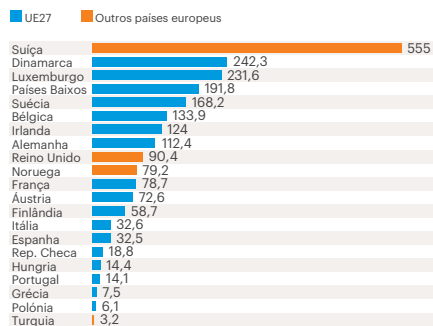
“A cultura pró-inovação” e voltada para o registo das invenções nos Estados Unidos é vista como uma vantagem para Telmo Vilela. “Não deixa de ser curioso que muitas empresas ou instituições que registam patentes neste domínio sejam europeias [na sua origem], mas as congéneres nor-



Em 50 anos, houve mais de 140 mil invenções registadas para tratar ou diagnosticar células cancerosas

Pedidos de patentes para inovação no tratamento de cancro na União Europeia entre 2002-2021

Por milhão de habitantes



Fonte: Instituto Europeu de Patentes

PÚBLICO

te-americanas é que são as titulares das patentes”, diz. Algo corroborado por Anabela Carvalho. “Nos Estados Unidos corre-se muito atrás dos registos, algo que em Portugal não é tão valorizado”, diz a responsável da Patentree, empresa de apoio e aconselhamento no registo de patentes, sediada no Porto.

Tanto a Europa como Portugal estão aquém dos Estados Unidos – e a ver a China despontar. As patentes são um indicador importante sobre a capacidade de transformar parte da investigação científica em aplicações práticas. Entre as consideradas inovações patenteadas para o combate ao cancro encontram-se sobretudo

técnicas ou tecnologias de diagnóstico ou tratamento oncológico. A maioria das quais refere-se a terapias genéticas, imunoterapias, diagnóstico através de biópsias líquidas (como o sangue) ou mesmo algoritmos que utilizam inteligência artificial para acelerar o diagnóstico de cancro.

“Nos últimos anos houve um aumento considerável, com uma evolução constante dos pedidos de patentes ao longo da última década”, sublinha Telmo Vilela sobre a situação portuguesa, algo secundado por Anabela Carvalho. O esforço centrado nas universidades – algo comum a todo o mundo, mas ainda mais relevante em Portugal – alavanca a necessidade de “criar mecanismos e sistemas de incentivo” para uma maior colaboração com as empresas e um ambiente mais favorável à criação de startups, diz o responsável do IEP.

Porque falha Portugal?

As invenções na área oncológica têm tido um impacto notoriamente positivo nos cuidados de saúde – isso parece ser inegável para os especialistas ouvidos pelo PÚBLICO. A análise do IEP avança com um número: só na União Europeia foram salvos mais de cinco milhões de vidas devido a estas tecnologias ou técnicas.

Na União Europeia, a cada 12 segundos há um caso diagnosticado de

cancro. O número global também impressiona: em 2022, houve 2,74 milhões de novos casos na comunidade europeia, segundo os dados do Sistema Europeu de Informação sobre Cancro. Os dados de outro trabalho publicado no início de 2023, o *Registo Europeu de Desigualdades em Cancro*, indicam que em Portugal a mortalidade por cancro estagnou na última década (entre 2011 e 2019), mas isso faz com que estejamos entre os países que menos reduziram as mortes por cancro entre os 27 Estados-membros da União Europeia.

Os especialistas concordam que a investigação e o desenvolvimento de novas técnicas ou tecnologias podem ajudar. Mas neste aspecto Portugal também está na cauda da Europa. Recordamos: apenas Grécia, Polónia e Turquia têm menos patentes registadas por cada milhão de habitantes entre os países analisados.

“Portugal está bem quando se compara na investigação científica, ou seja, nas publicações e na angariação de financiamento para projectos. Onde estamos mal é no registo de patente e na investigação clínica”, refere Joana Paredes, investigadora e presidente da Associação Portuguesa de Investigação em Cancro (Aspic). Um relatório da Aspic, publicado no final de 2021, sinalizava precisamente que o número de patentes registadas “é ainda bastante baixo” e considerava esta uma das áreas mais pobres na investigação oncológica em Portugal (a par dos ensaios clínicos).

A cientista portuguesa sublinha os custos (que chegam às dezenas de milhares de euros) e a falta de conhecimento de muitos investigadores sobre estas matérias, com a necessidade de haver mais investimento e apoio institucional. “As universidades e institutos de investigação começam a abrir-se mais ao registo das suas descobertas e das marcas, mas durante muito tempo a investigação feita era para ser publicada”, diz.

Anabela Carvalho refere que estas são áreas “caras e demoradas”, nas quais é necessário um maior investimento público até à primeira fase de estudos clínicos, uma aposta em doenças órfãs (menos estudadas cientificamente) e com um corpo de cientistas mais estável. “É preciso avaliar não só pelos artigos científicos, mas também pelas patentes e empresas que criam. Senão, que incentivos existem?”, questiona.

Amortizações e economia atiram rácio da dívida para baixo dos 100% do PIB

Dados das emissões e amortizações de dívida em Dezembro publicados pelo IGCP mostram esforço para trazer a dívida para baixo dos 100% do PIB. E o crescimento da economia também ajudou, tendo em conta os dados do final do ano

Sérgio Anibal

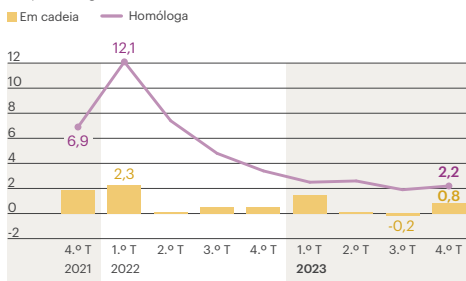
A amortização, durante o passado mês de Dezembro, de títulos de dívida pública num valor superior a 3000 milhões de euros e o adiamento para o ano seguinte de novas emissões importantes tornam cada vez mais provável um cenário de descida do rácio da dívida em percentagem do Produto Interno Bruto (PIB) para um valor abaixo de 100% no final do ano passado – principalmente depois de se ficar a saber que o PIB cresceu 0,8% no último trimestre.

O número final de 2023 para a dívida pública portuguesa calculada pelo critério de Maastricht irá ser anunciado só amanhã pelo Banco de Portugal, mas os dados relativos às emissões e amortizações de dívida realizadas durante o mês de Novembro, e que foram publicados no final da semana passada pela Agência de Gestão da Tesouraria e da Dívida Pública (também conhecida pela anterior designação de IGCP – Instituto de Gestão da Tesouraria e do Crédito Público), fornecem novas pistas sobre o que poderá vir a acontecer.

E o que revelam é que, relativamente a Novembro, o valor da dívida

Taxa de variação do PIB

Em percentagem



Fonte: INE

PÚBLICO

pública, segundo o critério de Maastricht, o usado na União Europeia, deverá ter voltado a cair, sendo cada vez mais provável que tenha ficado abaixo do valor do PIB registado pelo país no total do ano passado.

No final de Novembro, de acordo com o Banco de Portugal, a dívida pública cifrou-se em 267.877 milhões de euros. Mas no decorrer do mês de Dezembro, segundo a informação do boletim mensal do IGCP publicado no final da semana passada, foi amortizada pelo Estado dívida no valor de

1761 milhões de euros em Obrigações do Tesouro e de 1039 milhões em títulos MTN (do inglês *medium term notes*), sem que qualquer nova emissão desses instrumentos fosse realizada. Para além disso, a diferença entre os valores amortizados e as novas emissões foi de 35 milhões de euros no caso dos Bilhetes do Tesouro; de 180 milhões nos Certificados de Aforro; e de quatro milhões nos Certificados do Tesouro.

Em contrapartida, contribuindo para o aumento da dívida pública,

houve em Dezembro um novo empréstimo concedido pela UE a Portugal no âmbito do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) no valor de 585 milhões de euros.

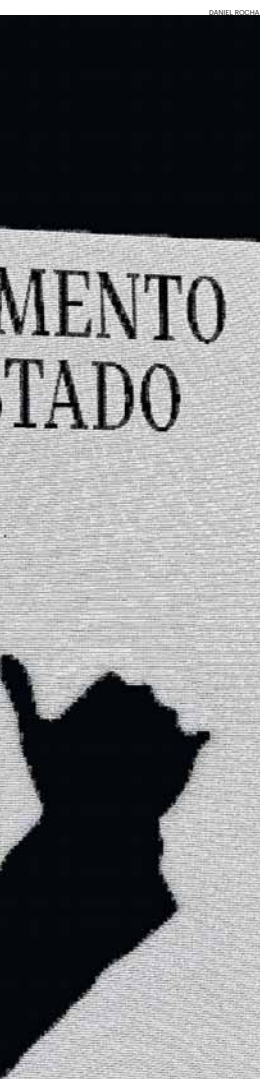
Feitas as contas, durante o mês de Dezembro, as amortizações de dívida destes instrumentos foram superiores em 2434 milhões às emissões realizadas, o que significa um contributo para a redução do *stock* da dívida.

O IGCP dá também conta de uma emissão muito significativa de Certificados Especiais de Dívida de Curto

Prazo (CEDIC) em Dezembro, num valor de 25.566 milhões, um movimento que se tem vindo a repetir desde 2020 em todos os finais de ano. No entanto, este instrumento de dívida pública é subscrito só por entidades públicas – na sua grande maioria situadas dentro do perímetro contabilístico das administrações públicas – e, sendo estas a emprestar dinheiro ao Estado, este valor não é, segundo o critério de Maastricht, considerado no cálculo da dívida pública.

Deste modo, tendo em conta que



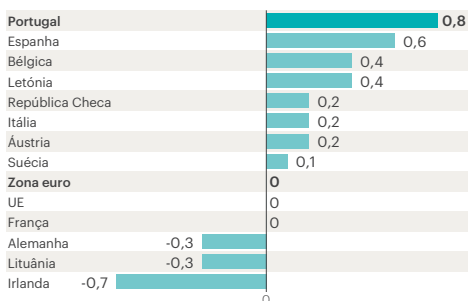


Medina ficou com dívida abaixo das suas próprias previsões

103%

O Governo previa, no OE 2024, que a dívida pública fechasse 2023 nos 103% do PIB

Varição em cadeia do PIB no quarto trimestre de 2023
Em percentagem



Fonte: Eurostat

PÚBLICO

em Novembro a dívida pública se encontrava em 267.877 milhões de euros, tudo indica que, no final do ano possa ter já ficado claramente abaixo dos 266 mil milhões.

A confirmar-se este valor, Portugal deverá ter voltado, pela primeira vez desde 2009, a ter um valor da dívida pública inferior ao valor do PIB anual. O INE ainda não revelou o valor do PIB nominal do quarto trimestre de 2023, mas deu a conhecer, ontem, a sua primeira estimativa para a variação real do PIB nesse período.

O resultado surpreendeu pela positiva, com a economia a crescer 0,8% face ao trimestre imediatamente anterior. Uma variação deste tipo nos últimos três meses do ano (que será ainda maior em termos nominais) atrai o valor do PIB anual, com grande probabilidade, para níveis acima dos 266.000 milhões de euros.

Esforço de final de ano

Ligeiramente abaixo dos 100% do PIB, ou não, certo é que o valor deste indicador irá ficar consideravelmente abaixo das metas definidas pelo executivo liderado por António Costa ao longo dos últimos meses de governação. Quando, em Outubro de 2022, apresentou o Orçamento do Estado para 2023, o Governo previa que a dívida pública ficasse no final do ano passado em 110,8% do PIB.

Em Abril do ano passado, quando apresentou o Programa de Estabilidade, já tinha revisto a meta para 107,5%. Mas, seis meses depois, em Outubro, na apresentação da proposta de OE para 2024, já era evidente que, com o saldo orçamental mais positivo do que o previsto e a economia também a surpreender pela positiva, a dívida seria ainda mais baixa. O objectivo foi então revisto em baixa, para 103% do PIB.

Iso não impediu, contudo, que, no decorrer da discussão no Parlamento, o ministro das Finanças, Fernando Medina, viesse a afirmar que, afinal, a dívida deveria acabar por ser “inferior a 103%”. E o Banco de Portugal,

nas novas previsões para a economia apresentadas em Dezembro, reviu também em baixa a estimativa para o rácio da dívida pública, dos 103,4%, que antevia em Junho, para 101,4%.

A verdade é que, no final do ano, já com o Governo demissionário e eleições marcadas para o próximo mês de Março, os resultados parecem apontar para um resultado ainda mais favorável. E para isso contribuiu uma gestão da dívida pública nas últimas semanas do ano que empurra o valor da dívida pública cada vez mais para a marca dos 100%.

As Finanças, através do IGCP, realizaram, por um lado, operações de recompra de Obrigações do Tesouro de dimensão importante, que produziram efeitos no volume de dívida durante o último mês de 2023. Foram 698 milhões de euros de dívida que o Tesouro amortizou antecipadamente em Dezembro, elevando o valor total deste tipo de operações em 2023 para perto de 3000 milhões de euros, mais do que os 1831 milhões de euros realizados com este tipo de operação em 2022 e os 1392 milhões de euros em 2021.

Por outro lado, não foram feitas, entre meados de Setembro e o final do ano, novas emissões de dívida relevantes, seja de Obrigações do Tesouro, seja de Bilhetes do Tesouro. As emissões ficaram guardadas para depois do final do ano. Só durante o mês de Janeiro, o Tesouro já realizou duas emissões de Obrigações do Tesouro num valor conjunto de 5699 milhões de euros e três emissões de Bilhetes do Tesouro no valor de 1900 milhões de euros.

Estas novas emissões significam que, embora possa ter ficado abaixo de 100% do PIB no final de 2023, no final de Janeiro (e nos meses seguintes) já estará novamente acima.

Para o final de 2024, a mais recente previsão do Governo é de um rácio de dívida de 98,9% do PIB – uma estimativa feita no OE 2024, quando ainda previa uma dívida pública de 103% do PIB no final de 2023.

Crescimento

PIB acelera no final de 2023: principal ajuda veio do consumo

Sérgio Aníbal

Numa resposta inequívoca à ameaça de entrada em recessão técnica, a economia portuguesa acelerou nos últimos três meses do ano passado, mas o facto de o desempenho positivo se ter sustentado no consumo gera, num cenário de taxas de juro ainda altas, dúvidas quanto à capacidade de se manter o mesmo ritmo ao longo de 2024.

Os últimos três meses do ano foram, para a economia portuguesa, não só bastante melhores do que tinham sido os dois trimestres anteriores, com uma aceleração da actividade muito significativa, como superaram também os resultados obtidos pelos outros países da União Europeia. E, de acordo com a informação ontem prestada pelo INE, a principal razão para este desempenho positivo no final de 2023 esteve no consumo realizado pelas famílias.

A estimativa rápida das contas trimestrais do quarto trimestre do ano passado mostra que o PIB português registou um crescimento de 0,8% face ao trimestre imediatamente anterior e de 2,3% face ao mesmo trimestre do ano passado, uma aceleração significativa depois de, no segundo e terceiro trimestres deste ano, a variação do PIB ter sido de 0,1% e de -0,2% respectivamente.

O INE ainda não disponibiliza nesta fase os dados relativos às diversas componentes do PIB. Mas dá algumas indicações sobre aquilo que se terá passado, nomeadamente quando afirma, na nota que acompanhou os resultados, que “o contributo da procura interna para a variação em cadeia do PIB aumentou no quarto trimestre, reflectindo o comportamento do consumo privado”.

Não se pode dizer que a força do consumo privado no final do ano passado ontem revelada pelo INE tenha constituído uma surpresa. Vários indicadores publicados nas últimas semanas já apontavam nesse sentido, como o volume de operações feitas no Multibanco ou as vendas de automóveis. No entanto, na actual conjuntura de taxas de juro altas, uma aceleração económica cujo principal contributo venha da força do consumo privado, como a registada no final de 2023, gera dúvidas quanto à sua capacidade para se prolongar no tempo.

João Borges de Assunção, professor da Católica, diz-se surpreendido

pelos “bons” dados do crescimento do quarto trimestre, nomeadamente pelo “grande desalinhamento entre o crescimento em cadeia em Portugal e os demais países da zona euro”. E reconhece que, no intervalo de previsão de crescimento para 2024 feito pelo Católica Lisbon Forecasting Lab, “os valores no patamar superior do intervalo tornaram-se mais verosímeis”. No entanto, manifesta dúvidas em relação à capacidade de o consumo continuar a puxar da mesma forma pela economia. “O crescimento do consumo em termos reais parece superior ao do rendimento disponível em termos reais e as taxas de juro relativamente altas também limitam o seu potencial de crescimento”, diz.

Apesar de o BCE já ter parado de subir as suas taxas de juro de referência e de até estar a começar a discutir uma descida, a verdade é que elas ainda se irão manter, durante o ano de 2024, a um nível relativamente elevado e que, em termos reais, por causa da descida da inflação, os juros até poderão mesmo ficar mais altos este ano do que no ano passado, constituindo um aperto financeiro



importante para as famílias portuguesas mais endividadas e limitando a realização de novas compras de grande dimensão.

Em contrapartida, a sustentar um nível de consumo mais elevado, poderá continuar a estar, se não houver alterações significativas, um mercado de trabalho com um nível de desemprego relativamente baixo e que cria as condições para que os salários cresçam.

De facto, a economia portuguesa foi mesmo, entre os 11 países da União Europeia (dez da zona euro mais a Suécia), para os quais já são conhecidos dados, aquela que registou taxas de crescimento mais elevadas no quarto trimestre, seja em cadeia seja em termos homólogos.

E no total, de acordo com a estimativa publicada também ontem pelo Eurostat, o desempenho no quarto trimestre confirma as dificuldades da economia europeia em sair do estado de estagnação em que se encontra desde o início do ano passado.

Sociedade

ao jantar e trancar as bebidas de casa. Iam buscar a filha onde quer que estivesse. Mas Rita “arranjava as suas manhas” e acabava “sempre por ter o que queria”. “Não conseguiram ter mão em mim, porque eu adoptava atitudes violentas e autodestrutivas”, conclui. Em quatro anos, tentaram interná-la por duas vezes. Rita dizia sempre que conseguia largar o álcool sozinha, mas à terceira vez aceitou que precisava de ajuda. Nesse momento, bebia álcool etílico.

A “gota de água” foi uma discussão. Rita, sob o efeito de álcool, desentendeu-se com o irmão. Apesar de não o querer ameaçar, bradava com uma faca na mão. Chegou mesmo a atirá-la. No dia seguinte, o pai, que presenciou a cena, explicou-lhe que não haveria volta a dar. Rita ficou internada oito meses numa comunidade terapêutica. “Lá, salvaram-me a vida.”

De volta a casa, as duas jovens foram encaminhadas para as reuniões de Alcoólicos Anónimos (AA). Segundo Vitor (nome fictício), 54 anos, porta-voz da comunidade no Porto, o perfil dos que participam nas reuniões “está a mudar”: “Já nos começam a chegar mais companheiros com idades iguais ou inferiores aos 30 anos, já formados e informados e com um estatuto social médio-alto.” Vitor aponta a acessibilidade do álcool como potenciadora de consumos mais prematuros e vê também na partilha de informação sobre a doença do alcoolismo e consequente consciencialização o motivo pelo qual pessoas mais jovens se juntam às salas.

Além dos jovens, têm chegado também cada vez mais mulheres a estes grupos de auto-ajuda, um reflexo das conclusões do mais recente relatório do Serviço de Intervenção nos Comportamentos Adictivos e Dependências (SICAD). Para Vitor, isto acontece porque o “tabu social estúpido de que é feio as mulheres beberem” tem sido quebrado e, por isso, as mulheres passam a beber mais abertamente.

Alcoólicos em recuperação praticam o “só por hoje”

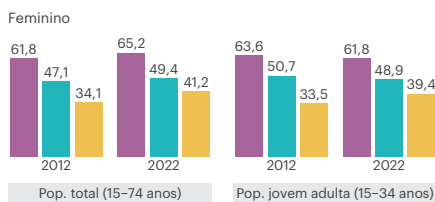
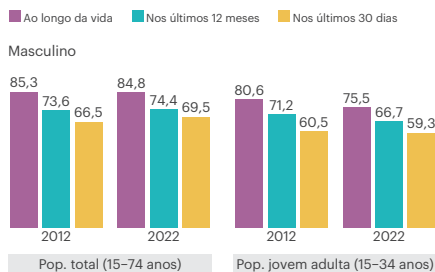
Qualquer pessoa pode participar numa reunião de Alcoólicos Anónimos (AA), do Norte ao Sul do país, nas ilhas ou online. Tal como indica o site dos AA, “o único requisito para ser membro é o desejo de parar de beber”.

“O álcool é manhoso, progressivo e fatal. Quem bebe de forma recorrente - sem controlo e até não conseguir mais - vai acabar por sentir consequências na sua saúde, na vida pessoal, profissional e social. Mais tarde ou mais cedo, vão acontecer os erros, as perdas, as



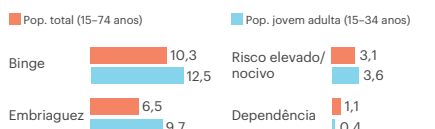
Prevalência do consumo de bebidas alcoólicas

Em percentagem



Prevalências de consumo Binge* e Embriguez** (12M)

Em percentagem



Padrões de consumo abusivo e dependência alcoólica (12M)

Em percentagem

*Binge - Consumo de 4 ou mais bebidas alcoólicas (se for do sexo feminino) ou 6 ou mais bebidas alcoólicas (se for do sexo masculino) na mesma ocasião.
**Embriguez - Ficar a cambaleiar ou ter dificuldade em falar.

Fonte: Balsa et al., 2023 / SICAD; DMI-DEI, V. Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicotrópicas na População Geral - 2022 - Balsa et al., 2023. Inquérito Nacional de Saúde - 2019 - Instituto Nacional de Estatística, I.P. PÚBLICO

rejeições, os danos em si e nos outros”, descreve Vitor. E é por isso que o alcoólico que chega às salas já está maioritariamente sozinho: com o emprego por um fio, sem família e com amigos a afastarem-se.

Apesar disso, só quando é confrontado com estas complicações é que “reconhece que a vida não pode ser assim” e decide entregar-se e pedir ajuda. Nestes encontros, o anonimato é essencial, porque contam-se coisas que nem os próprios familiares sabem. “O que é dito ali morre ali e nunca mais é comentado”, diz Vitor. Não são feitos registos de presença e a partilha de dados individuais é limitada. “Não têm de saber onde moro, de onde venho, o meu curso, qual é o meu apelido e os sítios que frequento”, assegura.

As reuniões são dirigidas por um elemento do grupo e há sempre um convidado que vai falar sobre o tema principal do encontro. Além disso, dá-se espaço para todos falarem, mas não há diálogos, não há *feedbacks*, nem conselhos. “Todos estão ali para falar de si e sobre si, se quiserem”, afirma.

Além de seguirem os famosos 12 passos e as 12 tradições, os membros do AA praticam diariamente o “só por hoje”.

“Dizemos que, por hoje, eu não vou beber e que amanhã logo verei”, explica Vitor. E é assim que tentam controlar uma “doença sem cura, mas com tratamento”.

“O álcool ainda não é uma preocupação”

Depois de começarem as reuniões, Rita continuou sem beber, Marta não. “Estava numa fase tão avançada que, se não bebesse mesmo durante a hora e meia das reuniões, vinham os sintomas da ressaca: tremores, suores e ansiedade. Então, não conseguia aguentar uma reunião.”

Sem o seu conhecimento prévio, os pais internaram-na numa clínica de tratamento. Passou lá três meses. Regressou a casa e teve uma recaída. Marta já tinha decidido que “ia [voltar a] beber”, só não sabia quando. Somaram-se mais três meses em tratamento. Em Janeiro, saiu da clínica, voltou às reuniões e não bebe há quatro meses.

Entretanto, voltou para o estrangeiro e continua a participar em reuniões sempre que pode e precisa. Por vezes, vai a três encontros por dia, noutra língua.

Rita entrou na universidade e já não bebe há quase dois anos. A chave foi o “não-julgamento”. “[Nas reuniões] uma pessoa não se sente tão sozinha, tão diferente ou tão má”, conta. Rita pode lá chegar, ao final do dia, partilhar tudo o que quiser, mesmo a “maior barbaridade” do mundo, e ainda assim contar com compreensão

sem juízos de valor.

A maior parte dos jovens que chegam às consultas especializadas em tratamento dos comportamentos adictivos e dependências é referenciada por entidades externas, tribunais, centros de saúde, escolas, entre outros. No entanto, não tendem a ser sinalizados por causa do seu consumo de álcool, mas por outros motivos, e só depois, durante as consultas, é que percebem que os jovens têm consumos problemáticos, adianta a psicóloga clínica da Divisão de Intervenção nos Comportamentos Adictivos e nas Dependências (DICAD), Andréia Ribeiro. “A verdade é que o álcool não é ainda uma preocupação quando os jovens são avaliados.”

Apesar do alcoólico nem sempre ter consciência do problema, Manuel Cardoso alerta para três sinais associados ao alcoolismo: a constante necessidade de consumo, as falhas ao nível dos compromissos e a nota de um terceiro a chamar a atenção para a ingestão problemática de álcool.

“Normalmente, é o outro que identifica. Alguém que acha que está a ter um problema numa fase inicial é uma sorte”, revela. “É por isso que a aplicação de testes, como o AUDIT (que pode ser feito online), é tão importante para que os jovens identifiquem os seus padrões de consumo.” É possível agendar uma consulta através do site do SICAD.

Tanto Marta como Rita conseguem identificar pessoas à sua volta com a mesma doença. “Honestamente, é que tenho a dizer é: ‘Não gastem a vida.’ Eu sei que é um instinto muito natural, experimentar, testar os limites, por causa do risco, da adrenalina, mas não vale a pena”, refere Rita.

“Quando uma pessoa entra em recuperação, encontra a esperança de uma nova vida”, frisa Marta. Sim, com o consumo, “a vida torna-se num inferno” e “uma pessoa parece que não consegue viver nem com [álcool] nem sem [ele]. Consegue-se viver com esta doença. Há um futuro”.

Embora todo o processo seja intenso, difícil e assustador, Rita lembra que, agora em recuperação, é que tem mesmo toda a sua vida pela frente. Apesar de o medo de ter uma recaída ser frequente, vive dia após dia segurando-se nos aspectos “mais simples” da vida para evitar a bebida: ora na família, ora nos gatos, nas séries, nos trabalhos, nos compromissos, na paz das reuniões.

Marta questiona-se todos os dias: “Será que esta decisão é a melhor para mim?” E a resposta anda de mão dada com aquilo que não quer fazer - desapontar a família e amigos. Depois, amanhã, pensa no resto. **Texto editado por Renata Monteiro**

Concessão da Fertagus vai ser prolongada mas sem mais oferta nem Oriente

Prorrogação do contrato visa a reposição do equilíbrio financeiro decorrente dos efeitos da covid através de compensação, em prazo de concessão, e não em dinheiro

Carlos Cipriano

É a terceira vez que o Estado prolonga o contrato da Fertagus no eixo suburbano entre Setúbal e Lisboa, em vez de abrir concurso para uma nova concessão. Desta vez, a justificação prende-se com a necessidade de compensar a empresa pelos elevados prejuízos que teve durante a pandemia, quando a procura desceu a pique e os comboios andaram quase vazios durante o confinamento.

Como o Estado decretou que "a reposição do equilíbrio financeiro, fundada na ocorrência da pandemia covid-19, apenas pode ser concretizada através da prorrogação do prazo de execução das prestações ou de vigência do contrato", não dando lugar a compensações financeiras, aquilo que agora vai ser negociado com a Fertagus será o número de anos necessário para a operação gerar receitas que eliminem os prejuízos.

Em cima da mesa estará apenas uma visão financeira do contrato e não a tentativa de resolver os problemas de mobilidade ferroviária entre as duas margens do Tejo, que se agravaram desde que a introdução do Programa de Apoio à Redução Tarifária nos Transportes Públicos fez disparar a procura e os comboios da Fertagus passaram a andar sobrelotados.

A empresa só dispõe de uma frota de 18 comboios UQE (Unidades Quádriplas Eléctricas) que se revela insuficiente para responder à oferta, sobretudo nas horas de ponta. Já o prolongamento do serviço até ao Oriente revela-se praticamente

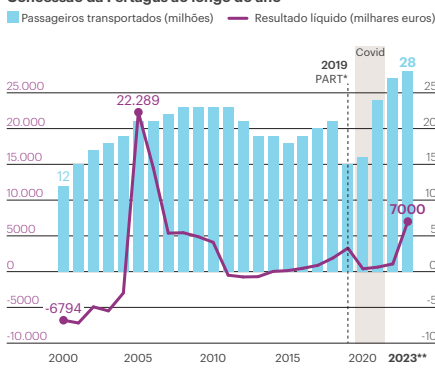
impossível porque, além de a frota ser curta, tardam em avançar as obras para a quadruplicação do troço entre Roma-Areeiro e Braço de Prata (ver texto ao lado). A IP não se compromete com datas, mas tal não deverá acontecer antes de 2027.

A Fertagus não dispõe de frota própria. As 18 UQE pertencem à Sagsecur, uma empresa do grupo Parpública, à qual a empresa do grupo Barraqueiro paga uma renda que está integrada no próprio contrato de concessão. Não é fácil adquirir novos comboios daquela série, nem o Estado o conseguiria fazer num prazo relativamente rápido devido às apertadas e morosas regras da contratação pública. Por isso, a menos que a concessionária tome a iniciativa de investir em soluções ágeis para aumentar o número de lugares a oferecer – negociando depois uma compensação do Estado –, o chamado "comboio da ponte" continuará a circular cada vez mais congestionado.

Para Cristina Dourado, administradora da Fertagus, dois novos comboios já a fariam feliz. "Mesmo que fossem só duas composições, não daria para ir ao Oriente, mas conseguimos à hora de ponta fazer todas as unidades duplas", explica. É que, deste modo, a difícil gestão de escolher quais os comboios efectuados com uma composição única (quatro carruagens) ou em dupla (oito carruagens) seria mais facilitada. Há ainda outra hipótese, que é a empresa conseguir comprar carruagens-reboque para integrar nas suas composições passando de quatro para cinco veículos por comboio.



Concessão da Fertagus ao longo do ano



*Programa de Apoio à Redução Tarifária nos Transportes Públicos; **Previsão
Fonte: Fertagus/PÚBLICO

No entanto, a solução ideal seria ter mais quatro comboios, "pois daria para assegurar toda a oferta em unidades duplas [duas automotores acopladas] e uma oferta de 20 em 20 minutos à hora de ponta para Setúbal", diz a gestora.

Mesmo com a crise política, as negociações entre a Fertagus e o Estado terão de estar concluídas antes de Setembro deste ano, quando termina o contrato em vigor. Negociações que já são quase rotina nas duas décadas em que a Fertagus opera entre as duas margens do Tejo. A primeira vez foi logo em 2005, cinco anos depois do início da concessão, quando se decidiu encurtá-la de 30 para cinco anos, transformando-a também numa PPP (parceria público-privada). Os comboios passaram a pertencer ao Estado e acordou-se um novo modelo financeiro que estabelecia mínimos de serviço e pagamento de penalidades. O novo acordo contemplava também as condições do

Economia

Preços das casas em Lisboa caíram pela primeira vez em dois anos

Rafaella Burd Relvas

No terceiro trimestre do ano passado, o valor mediano das vendas de casas foi de 1641 euros por metro quadrado

Numa altura em que já estão em níveis recorde, os preços das casas não dão tréguas e continuam a aumentar, na maioria do território nacional, a ritmo acelerado. Mas, na segunda metade do ano passado, o crescimento dos preços começou a abrandar e, em várias regiões e algumas cidades, já se verificam mesmo quebras trimestrais. Lisboa, o município mais caro do país, é um dos maiores exemplos disso: entre julho e Setembro do ano passado, registou a primeira queda trimestral de preços em mais de dois anos.

Os dados, relativos aos preços de venda a nível local, foram divulgados, ontem, pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), que dá conta de que, no terceiro trimestre do ano passado, o valor mediano das vendas de casas foi de 1641 euros por metro quadrado.

Foi assim ultrapassado, tal como vem acontecendo trimestre após trimestre, um novo máximo histórico, mas há alterações na tendência verificada até agora. Apesar de representar uma subida de 10% em relação a igual trimestre do ano anterior, este valor representa um crescimento de 0,7% em relação ao período de Abril a Junho de 2023 (o trimestre imediatamente anterior), uma taxa de variação muito inferior às subidas trimestrais, em cadeia, de 4% que tinham sido registadas na primeira metade de 2023.

Ao mesmo tempo – e apesar de isso ainda não se verificar em termos homólogos, em que o crescimento anual dos preços continua a ser a dois dígitos numa grande parte do território nacional – há já várias regiões onde se registam quebras trimestrais, um dado que permite compreender a tendência mais recente do mercado de aquisição de habitação. Das 26 regiões analisadas pelo INE, os preços de venda das casas caíram, entre o segundo e o terceiro trimestre do ano passado, em sete delas, com destaque para o Douro, onde a queda foi de 15,7%, e o Alto Alentejo, que registou uma quebra de 12,1%.

Mas também em alguns municípios já começa a notar-se uma inversão da tendência, em particular nos de maior dimensão. Entre os 24

municípios com mais de 100 mil habitantes, os preços de venda das casas caíram, em termos trimestrais, apenas em dois deles (Lisboa e Loures), mas registaram um abrandamento em vários, ficando praticamente estagnados na Maia, em Guimarães e em Coimbra.

Lisboa, o município onde os preços são mais elevados, destaca-se por registar uma queda pela primeira vez em mais de dois anos: na capital, o valor mediano de venda das casas fixou-se em 4167 euros por metro quadrado no terceiro trimestre de 2023 (valor que fica 2,5 vezes acima da mediana nacional), uma queda de 2,5% em relação ao segundo trimestre do ano passado (e a primeira descida trimestral em cadeia registada desde o início de 2021).

Madeira com subida de 43%

Apesar da tendência de abrandamento a nível nacional, os preços continuam a crescer a um ritmo cada vez mais acelerado em algumas partes do país. No Porto, os crescimentos continuam a ser a dois dígitos, mas é na Madeira que se verifica a maior disparidade em relação à evolução do resto do país.

No período em análise, os preços medianos das casas aumentaram em

mais de 19% no Porto, face ao mesmo trimestre de 2022, e em quase 9% em relação ao trimestre anterior, fixando-se agora em 3104 euros por metro quadrado. É a primeira vez, desde que esta série estatística foi lançada pelo INE, que é ultrapassada a fasquia dos três mil euros por metro quadrado na cidade do Porto.

Já na Região Autónoma da Madeira, os preços são menos dispares em relação à mediana nacional, mas o crescimento é significativamente superior ao que se verifica no resto do país. No terceiro trimestre, o valor mediano das casas no arquipélago fixou-se em 2107 euros por metro quadrado, uma subida anual de 43%, a mais elevada de entre todas as regiões nacionais, e o equivalente a cerca de quatro vezes o crescimento registado no conjunto do país. Em termos trimestrais, o crescimento foi de 10%. Isto, depois de, no segundo trimestre de 2023, a Madeira já ter registado uma subida anual de quase 25% nos preços das casas.

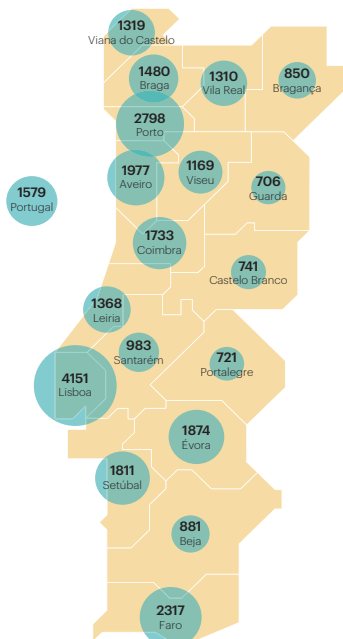
Na análise à região, o INE justifica este comportamento com o maior número de vendas de casas novas, tendencialmente mais caras. “O acentuado aumento do preço mediano da habitação da região autónoma deveu-se, sobretudo, ao forte crescimento dos preços dos alojamentos novos (mais 78% face ao trimestre homólogo), a par do aumento do número de transações verificado neste segmento de alojamentos familiares (mais 23%)”, pode ler-se no relatório publicado ontem, que detalha ainda que, no terceiro trimestre de 2023, as vendas de casas novas representaram mais de 36% do total de vendas na Madeira, um aumento significativo em relação a igual período de 2022, quando esta proporção era de 22%.

Em Lisboa, o valor mediano de venda das casas fixou-se em 4167 euros/m2 no terceiro trimestre de 2023, 2,5 vezes acima da mediana nacional

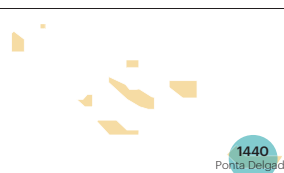


A Madeira registou a maior subida anual do país, 43%

Valor mediano das vendas de casas*
Em €/m²



Açores



Madeira



*No conjunto dos 12 meses terminados no 3.º trimestre de 2023

Fonte: Instituto Nacional de Estatística

PÚBLICO

Ainda não foi em 2023 que autocarros recuperaram passageiros pré-pandemia

STCP transportaram 73,2 milhões de passageiros no último ano, ainda abaixo das 75,9 milhões de 2019. Com trânsito em alta, não há previsão de alargamento da rede das faixas *bus* a curto prazo

Camilo Soldado

Nem todos os transportes públicos conseguiram recuperar o nível de procura que registavam antes de a pandemia fazer descer drasticamente os números. A Metro do Porto já anunciou que o número de validações de 2023 superou as de 2019, mas não aconteceu o mesmo nos autocarros da STCP. Em 2023, a empresa pública de transportes transportou 73,2 milhões de passageiros, o que fica ainda abaixo dos 75,9 milhões transportados em 2019, antes da pandemia. O número foi avançado ontem pelo presidente da Câmara Municipal do Porto, Rui Moreira, na sessão de apresentação dos 48 novos autocarros eléctricos que vão integrar a frota dos STCP.

Não foi apresentada uma explicação para esta retoma mais lenta no transporte público rodoviário, mas, no seu discurso, Rui Moreira, que deixou a sessão sem prestar declarações aos jornalistas, lembrou que se notou um “inexplicável aumento generalizado do tráfego” no país e no Porto após a pandemia.

Moreira, que chegou a ameaçar não permitir qualquer frente de obra da Linha Rubi que causasse constrangimentos ao trânsito, veio agora dizer que “o acumular de obras na via pública não explica na totalidade os congestionamentos, “cada vez mais frequentes e exasperantes”, ao ponto de ser já “difícil discernir as horas de trabalho”.

Engarrafamentos

Ao contrário do metro, os autocarros da STCP não escapam aos engarrafamentos nas vias partilhadas com os carros. A extensão dos corredores *bus*, que permite melhorar a circulação dos autocarros e a sua previsibilidade, está praticamente estagnada há mais de dez anos e não há previsões de que venha a melhorar. Havia 23,9 quilómetros de faixas *bus* em 2011. Em 2023, havia 25,7 quilómetros, número que se mantém inalterado face a 2022.

A implementação destas faixas está prevista no Plano Director Municipal (PDM) do Porto, cidade onde está concentrada grande parte dos 493 quilómetros de rede da STCP, mas não há ainda um calendário definido para a sua criação. Questionada pelos jornalistas, a



Produção de hidrogénio fica na Areosa

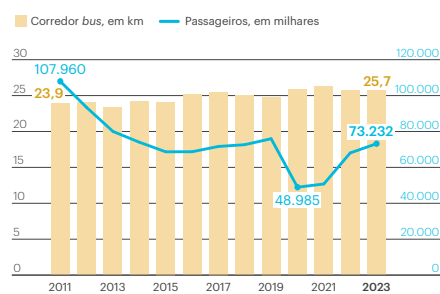
A unidade de produção do hidrogénio que irá alimentar os autocarros do *metrobus* da Boavista vai ficar instalada na Estação de Recolha da Areosa. Parte da área que já pertencia à STCP, mas que estava desactivada, vai ser ocupada pelo posto de hidrogénio. Os trabalhos de instalação devem começar ainda no primeiro semestre do ano, avançou a administradora da STCP Cristina Pimentel.

Com o início de operação do *metrobus*, a STCP terá de redesenhar as linhas que passam pela zona da Boavista para alimentar o sistema e evitar redundâncias. No entanto, Cristina Pimentel referiu que a reformulação da rede só será

conhecida mais tarde. “Assim que estiver prevista a entrada em funcionamento do sistema de *metrobus*, apresentaremos com certeza as alterações que teremos de fazer.”

As obras para instalar o sistema que vai ligar a Casa da Música, na zona da Foz, e à Rotunda da Anémónia, já em Matosinhos, devem terminar em Julho deste ano. Mesmo antes de estarem disponíveis as viaturas a hidrogénio compradas especificamente para o efeito (que só deverão estar prontos no final do ano), está previsto que o canal comece a ser utilizado com recurso a autocarros convencionais da STCP.

STCP ainda não recuperou perda de passageiros



Fonte: STCP

PÚBLICO

Os autocarros da STCP não escapam aos engarrafamentos nas vias partilhadas com os carros devido à escassez de corredores *bus*

chegar ao final de 2025 com 136 autocarros eléctricos, o que significa um investimento superior a 29 milhões de euros.

As viaturas com capacidade para 87 passageiros vão servir grupos de linhas de Valongo, Gondomar, Vila Nova de Gaia e alguns percursos no Porto e representam um investimento de 19,2 milhões de euros. Neste valor está incluída a instalação de 24 carregadores duplos na Estação de Recolha da Via Norte, em São Mamede de Infesta, Matosinhos, onde decorreu a apresentação dos novos autocarros.

À porta do evento de apresentação reuniram-se cerca de 30 motoristas da STCP para reclamar melhores condições de trabalho. Foi uma manifestação espontânea e silenciosa, explicou aos jornalistas o motorista Rui Silva, de 47 anos de idade e 11 anos de casa, que deu conta do descontentamento geral com as condições salariais e de trabalho.

Ao PÚBLICO, fonte oficial da STCP prestou declarações comentando que o protesto foi levado a cabo por um movimento inorgânico que não tem ligação aos sindicatos com quem a empresa está a dialogar. Acrescenta que, historicamente, na STCP, “os aumentos salariais são em Abril” e que o conselho de administração está em processo de negociação com os cinco sindicatos que representam a maior parte dos trabalhadores da empresa.

presidente do conselho de administração da STCP, Cristina Pimentel, lembrou que há corredores de alta capacidade identificados no PDM e acredita que a sua instalação poderá “aumentar a velocidade comercial” do serviço (que pouco tem oscilado desde 2011, entre 15,9 e 15,5 quilómetros por hora). Não conseguiu dizer quando poderá acontecer.

136 eléctricos até 2025

Os 48 autocarros eléctricos que foram apresentados ontem e que têm uma autonomia de 370 quilómetros juntam-se aos 20 veículos com este tipo de energia que já integravam a frota dos STCP.

Com a chegada destes autocarros sem emissões, a empresa pública detida pelo Porto, Vila Nova de Gaia, Matosinhos, Maia, Gondomar e Valongo vai retirar de circulação 24 viaturas a gasóleo e ficar com uma frota de 444 autocarros. Rui Moreira anunciou que o objectivo é



Os aeroportos mais próximos de Sauris são o de Ronchi dei Legionari, em Trieste (100 quilómetros), o Antonio Canova, em Treviso (143), e o Marco Polo, em Veneza (163 quilómetros). Dos três, este último é o único que tem ligações aéreas directas com Lisboa, com a TAP ou com a Ryanair (voos operados pela Malta Air). Para Trieste pode sempre verificar tarifas junto da Lufthansa, com uma escala em Frankfurt e, depois, pouco mais de uma hora até aquela cidade italiana (com a Air Dolomiti). O aeroporto de Treviso, a escassos 40 quilómetros de Veneza, é servido por algumas companhias low cost, entre elas a Ryanair, que efectua voos com destino a Madrid e Valência, por exemplo, cidades com boas ligações a Portugal.

O ideal, independentemente do aeroporto para onde voa, é alugar um carro para melhor desfrutar. Supondo que recorre ao de Veneza, sem dúvida o mais prático, deve procurar a saída para a A4, depois para a A23, direcção Udine, sem a abandonar até à saída para Carnia e Tolmezzo. A partir daqui, a strada statale 52 e, mais à frente, a strada provinciale 73 levam-no até Sauris.



Sauris tem os seus encantos em qualquer estação do ano. Se pretende assistir às festividades associadas ao Carnaval (no sábado) tenha sempre em atenção que a neve cobre, durante o Inverno, esta aldeia situada a mais de 1200 metros acima do nível das águas do mar, o que torna o lugar ainda mais mágico. Essa é altura também para caminhadas na neve (snowshoeing), para os desportos associados à época do ano ou para uma visita ao soberbo e relaxante Grien Spa. Durante o Verão, são múltiplas as actividades de que pode desfrutar, como o turismo activo, com incursões pelo meio da natureza (algumas através das pastagens montanhosas onde pode comprar queijo alpino), passeios de bicicleta ou a cavalo e canoagem no lago. Sauris não dorme ao longo de 365 dias.



Os cidadãos portugueses apenas necessitam de um documento de identificação (passaporte, bilhete de identidade ou cartão de cidadão) para visitar o país. A moeda é o euro. A língua oficial é o italiano mas o saurano, falado por metade da população local, é um dialecto que beneficia da protecção da região Friuli Venezia Giulia.



Ristorante Alla Pace
Via Sauris Di Sotto, 38
Sauris di Sopra
Tel.: 00 39 43 38 60 10
E-mail: futurasauris@tiscali.it
www.ristoranteallapace.it
Aberto de quinta a segunda, das 12h às 14h para almoços e das 19h às 21h para jantares.

Ristorante Riglarhaus
Frazione Lateis, 3
Tel.: 00 39 43 38 60 49
E-mail: info@riglarhaus.it
www.riglarhaus.it
Aberto diariamente, excepto às terças, entre as 12h30 e as 14h30 e, para jantares, a partir das 19h30 e até às 21h30.



Hotel Garni Plueme
Sauris di Sotto
Tel.: 00 39 43 38 66 374
E-mail: info@hotelpluemesauris.it
www.hotelpluemesauris.it
Preço: entre 130 e 180€, dependendo da época do ano.

Albergo Morgenleit
Via Sauris di Sotto, 59
Tel.: 00 39 43 33 20 200
E-mail: morgenleit.sauris@gmail.com
www.morgenleit.it
Preço: entre 130 e 140€ em quarto duplo ou entre 170 e 180 em regime de meia-pensão.



Se percorrer estas aldeias no Verão, tente não ignorar o festival do presunto em Sauris (normalmente no segundo e terceiro fins-de-semana do mês de Julho), aproveitando para provar uma das especialidades da região - outra é o queijo mas não esqueça que a aldeia também produz a sua própria cerveja artesanal, a Zahre beer. Para melhor se identificar com as tradições locais, há dois museus imperdíveis, o etnográfico e o historiográfico, bem como duas interessantes associações que preservam a cultura desta região tão isolada.

Febrero 2024

Quinta 8 • 21h30
Comédia • Teatro Municipal da Guarda
O regresso de Ricardo III no comboio das 9h24

Sexta 9 • 14h30
Da Praça do Município à Praça Velha
Desfile infantil

Sexta 9 a Segunda 12
Alameda de Santo André
Tabernas do Entrudo

Domingo 11
10h30
Partida na Praça do Município
Fun Run

16h30
Da Alameda de Santo André à Praça Velha
desfile e Julgamento do Galo

Segunda 12 • 21h00
Nas Tabernas do Entrudo
Baile de Máscaras

Terça 13 • 18h00
Famalicão da Serra
Enterro do Entrudo

www.mun-guarda.pt

GUARDA FOLIA
Aqui há Galo!

MUNICÍPIO DA GUARDA

Ano Novo Chinês

O ano do dragão não é c

Arranca este sábado o Ano Novo Chinês, sob o signo do animal de feição mitológica. As celebrações ocorrem onde quer que existam comunidades chinesas. Eis um olhar do que se passa na Malásia. *Humberto Lopes (texto e fotografia)*

● **“Kung Hei Fat Choi!”** Se o viajante andar pelo Sul da China, escutará a saudação em cantonês, a mesma que ouvirá em alguns espaços da grande diáspora chinesa. Mas há no Oriente e por esse mundo fora muitas formas de desejar “Bom Ano”, dependendo do acento que se quer dar (fortuna, prosperidade, saúde, etc.) e da língua ou dialecto - em mandarim dir-se-á *“Xin Nian Kuai Le”*; em Singapura, ouvir-se-á também *“Gong Xi Fa Cai”*. E se o viajante se achar estacionado na Malásia, país que acolhe a segunda maior comunidade chinesa a viver fora da China, é muito provável que além dos votos num dialecto chinês, ouça também a expressão *“Selamat Tahun Baru”* - que significa “feliz ano novo” no bahasa malaio.

Estes votos repetir-se-ão milhões e milhões de vezes em praticamente todo mundo, e já não serão inteiramente novidade para muita gente que não tem origem chinesa. A afirmação da China nas últimas décadas como potência mundial nos planos económico e político tem vindo naturalmente a favorecer o conhecimento de dimensões culturais daquele grande país do Oriente. As celebrações do ano novo chinês ocorrem maioritariamente na China e no Oriente, é certo, mas também um pouco por todo o planeta, onde existam comunidades chinesas. Na Malásia formam cerca de um quarto da população do país e a prodigiosa diversidade cultural do país faz dele um lugar único para viver a maior festa da cultura chinesa.

Como acontece com muitas celebrações, a origem é um nevoeiro de lendas e histórias de cariz cosmológico que não excluem funções identitárias. Tais narrativas explicam por que razão as coisas são como são e o que devem os celebrantes fazer. Para o caso do Ano Novo chinês, diz-se que

teria havido, há muitos milhares de anos, uma figura de carácter mitológico. (In)convenientemente um monstro, que tinha o hábito de assaltar as povoações, provocando danos e disrupções nos ordens social e familiar. Para se defenderem da criatura, os habitantes recorriam ao uso de incómodo ruído e abundante luz, tudo acompanhado de efusões de cor vermelha, coisas de que o atacante tinha pavor. Estava justificada a prática dos fogos-de-artifício e assim terá nascido também a utilização auspiciosa da cor vermelha como símbolo de fortuna e de protecção contra acasos de má sorte.

A narrativa vem de longe, portanto. E continua, com maior ou menor ortodoxia, tal como os aforismos dos *Analectos*, o famoso escrito de Confúcio, a organizar as vidas dos humanos. Esta coisa dos calendários é, assinala-se, espantosa. Sobrevivem, convivem. Solares, lunares, julianos, gregorianos. Uns lavrados em sânscrito, outros em latim e persa, outros noutras línguas. Mas as suas festividades não têm equivalente popularidade. O Nowruz, por exemplo, a bela festa do Ano Novo iraniano, que ocorre à volta do equinócio de Março, é bastante menos conhecida que a do Ano Novo chinês, apesar dos largos *megabytes* por segundo com que tudo veia actualmente. Eloquente comparação: quem não conhece, hoje, o Ano Novo chinês e as suas folias, determinadas pela lógica antiquíssima de um calendário lunar?

O mundo em vermelho

Até ao festival das lanternas, que chega lá mais para o fim do ciclo, acontece uma barreira geral das casas, há reunião de famílias (e a maior migração sazonal do planeta, mais de trezentos milhões de pessoas em movi-



O templo de Thean Hou, em Kuala Lumpur, é um dos pontos nevrálgicos das celebrações na Malásia



mento, só na China), homenagens aos antepassados, visitas aos templos (com as proverbiais ofertas de incenso), muita comezaina (longe vai a grande fome de Mao, os chineses gostam de ter as mesas fartas - para que sobre comida, confesso-me um dia

uma companheira de viagem de Sichuan), trocas de envelopes com notas de banco, bomba e fogos-de-artifício que podem durar toda noite ou, mesmo, uma semana inteira, um quase *non-stop* de estardalhaço e luminárias coloridas no céu.



Maior oferta não trava o aumento mais acelerado das rendas em 30 anos

A subida da oferta de casas para arrendar, apontada como chave para fazer baixar as rendas, está a falhar nesse objectivo. Só em Janeiro, as rendas cresceram quase 6%, o maior aumento em 30 anos

Rafaela Burd Relvas

Em 2023, e depois de anos de quedas acentuadas, o número de anúncios de casas disponíveis para arrendar em Portugal terá aumentado de forma significativa, acima de 50%. O marco foi revelado por Pedro Nuno Santos, secretário-geral do Partido Socialista (PS), e apresentado como um sinal de que as medidas do Mais Habitação já estarão a surtir o efeito desejado. O PÚBLICO confirmou que este número é real, mas não conta toda a história do mercado de arrendamento ao longo do último ano, período em que os preços continuaram a aumentar. E, este ano, o cenário não muda de figura: em Janeiro, já se registou o maior aumento de rendas desde 1994.

Há três factores a ter em conta neste âmbito: por um lado, esta taxa de variação é a evolução apurada por apenas um portal de anúncios de casas para arrendar, quando existem outros com um peso igualmente significativo em Portugal.

Por outro lado, o aumento da oferta não está a traduzir-se no aumento de uma resposta ajustada às necessidades da procura; dito de outra forma, ainda que possa haver mais casas disponíveis para arrendar, não estão a ser celebrados mais contratos de arrendamento, que, pelo contrário, estão a diminuir.

O que conduz ao último ponto: apesar do aumento da oferta, que tem sido apontado como chave para fazer baixar os valores das rendas, estes continuam a aumentar a um ritmo cada vez mais acelerado.

Começando pelo primeiro ponto – ele foi divulgado por Pedro Nuno Santos, no passado domingo, na apresentação do programa eleitoral do PS, quando chegou ao tema da habitação, uma das áreas centrais no programa dos socialistas. Referindo-se a medidas do pacote legislativo Mais Habitação, como o fim dos “vistos *gold*” ligados ao imobiliário, a revogação do regime fiscal para residentes não habituais (RNH) ou as restrições à actividade de alojamento local, o secretário-geral do PS afirmou: “Estas medidas já come-

çaram a produzir resultados. O stock de habitação disponível para arrendamento disparou 55% no último ano, 63% em Lisboa, 113% no Porto. Estes números não são inventados por nós, são de um portal que intermedeia a venda de casas.”

O portal a que Pedro Nuno Santos se refere é o Idealista, a que o PÚBLICO pediu os mesmos dados.

Desde logo, fonte oficial deste portal esclarece que, “para garantir uma precisão mais robusta nestes casos, utiliza apenas variações”, não disponibilizando o número absoluto de casas disponíveis. Ou seja, não é possível saber quantos anúncios de casas para arrendar estavam publicados neste portal no final de 2023, mas apenas qual a variação em relação ao final do ano anterior.

E, de acordo com o Idealista, a oferta de casas para arrendamento no seu portal aumentou 55%, em Portugal, no quarto trimestre de 2023, face a igual período do ano anterior, enquanto em Lisboa o aumento foi de 63% e, no Porto, de 113%, como referido por Pedro Nuno Santos.

Aliás, considerando todas as capitais de distrito e das regiões autónomas, neste período, só se regista uma queda da oferta disponível em quatro destas 20 cidades. Nos restantes casos, os aumentos são sempre superiores a dois dígitos.

Ao mesmo tempo, esta evolução no quarto trimestre de 2023, período em que o Mais Habitação entrou em vigor, segue-se a quedas acentuadas: no final de 2022, a oferta para arrendamento neste portal tinha caído 40% em relação ao ano anterior e, em 2021, houve uma quebra de 28%.

Já os números de outro dos portais imobiliários mais utilizados em Portugal, o Imovirtual, apontam para um cenário completamente distinto deste. Os dados enviados ao PÚBLICO por este portal mostram que, em Janeiro deste ano, o número de anúncios de casas disponíveis para arrendar caiu de forma significativa em todas as capitais de distrito do país, chegando a sofrer quebras superio-



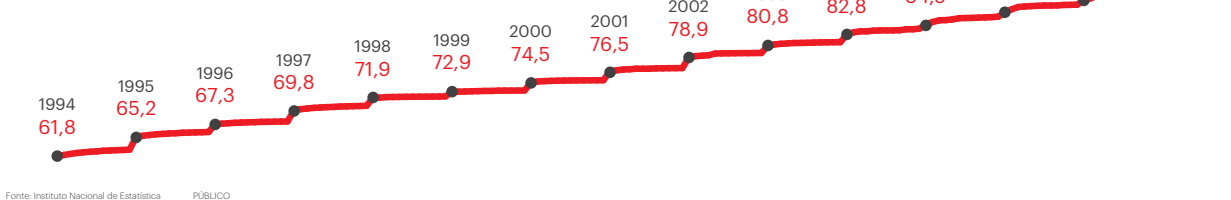
res a 70% em Lisboa e no Porto.

Noutro dos portais mais populares, o Casa Sapo, voltam a registar-se subidas significativas em todas as capitais de distrito. Só em Lisboa e no Porto, o número de anúncios de casas disponíveis para arrendar neste portal aumenta 76% e mais de 100%, respectivamente, entre Janeiro de 2023 e Janeiro de 2024.

Significa isto que os números relativos à oferta devem ser lidos com cautela, uma vez que são fornecidos por operadores privados e não por entidades oficiais, sendo importante notar que a evolução de um único portal pode não reflectir o comportamento de todo o mercado.

Rendas efectivas pagas por inquilinos

Índice de preços no consumidor
Base 100 = 2012





MANUEL ROBERTO

Contratos em queda, preços em alta

É também pouco provável que um aumento da oferta no final de 2023 seja já um reflexo do Mais Habitação. É que, apesar de este pacote legislativo ter entrado em vigor em Outubro do ano passado, e ainda que o anúncio de algumas medidas possa ter um efeito dissuasor do investimento junto de certos segmentos, várias destas medidas não têm uma aplicação imediata. É o caso, precisamente, do regime de IRS para RNH, referido por Pedro Nuno Santos,

para o qual foi criado um regime transitório que permitirá que mais pessoas se inscrevam para beneficiar deste incentivo fiscal durante 2024. Já no caso do alojamento local, ainda que se tenha verificado um aumento exponencial dos cancelamentos de licenças de alojamentos durante 2023, não só não é certo que esses imóveis tenham transitado para o arrendamento habitacional, como também se registou um aumento de registos de tal forma significativo que o número de novas

“Rendas efectivas pagas por inquilinos” aumentaram 5,9% em Janeiro

unidades representou o dobro dos cancelamentos.

É possível, por outro lado, confrontar os dados dos portais imobiliários com as estatísticas oficiais, que mostram que, ainda que o aumento da oferta se confirme, a pressão no mercado não só não está a desaparecer, como está a agravar-se. De um lado, a celebração de novos contratos continua a diminuir; do outro, os preços continuam a crescer e a um ritmo cada vez mais acelerado.

Isso mesmo mostram os dados mais recentes já disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estatística

para as “rendas efectivas pagas por inquilinos” aumentou 5,93% em relação ao mesmo mês do ano passado. É preciso recuar até Dezembro de 1994 para encontrar uma subida mais significativa das rendas neste historial do INE (que, para efeitos de medição da inflação, considera o valor médio das rendas por metro quadrado de todos os contratos em vigor, e não o valor mediano das rendas de novos contratos de arrendamento, como acontece na análise trimestral mais aprofundada que faz ao mercado de arrendamento).

Para além disso, este aumento surge na sequência de um longo período de aceleração das subidas: já desde Novembro de 2021 que, a cada mês, o índice de preços das rendas regista uma taxa de variação positiva e superior à do mês anterior.

Na base deste aumento em Janeiro está o impacto dos dados da inflação média dos 12 meses até Agosto último, que se traduziram num aumento em 6,94% do coeficiente de actualização das rendas. Embora funcione como um tecto máximo, os números do INE do primeiro mês do ano confirmam que a esmagadora maioria dos senhorios aplicou os valores máximos permitidos.

Olhando apenas para os novos contratos de arrendamento, o encarecimento das rendas é ainda mais acelerado. No terceiro trimestre deste ano (último período para o qual o INE já tem estes dados disponíveis), o valor mediano das rendas de novos contratos fixou-se em 7,25 euros por metro quadrado, um aumento de 10,5% face a igual período do ano anterior.

5,93%

O índice de preços das “rendas efectivas pagas por inquilinos”, medido pelo INE, aumentou 5,93% em Janeiro, face ao período homólogo

(INE), ainda relativos ao terceiro trimestre de 2023. Entre Janeiro e Setembro desse ano, foram celebrados 69.712 novos contratos de arrendamento em Portugal, uma quebra ligeira, de apenas 0,3%, em relação a igual período do ano anterior. Contudo, na análise por trimestre, verifica-se um agravamento desta tendência: depois de uma subida de 2% no número de novos contratos durante o primeiro trimestre de 2023, este indicador caiu 1% no segundo trimestre e 2% no terceiro trimestre.

Ao mesmo tempo, o valor das rendas não dá qualquer sinal de abrandamento, como mostram os últimos números da inflação. Em Janeiro deste ano, de acordo com o mais recente índice de preços no consumidor divulgado pelo INE, o índice de pre-

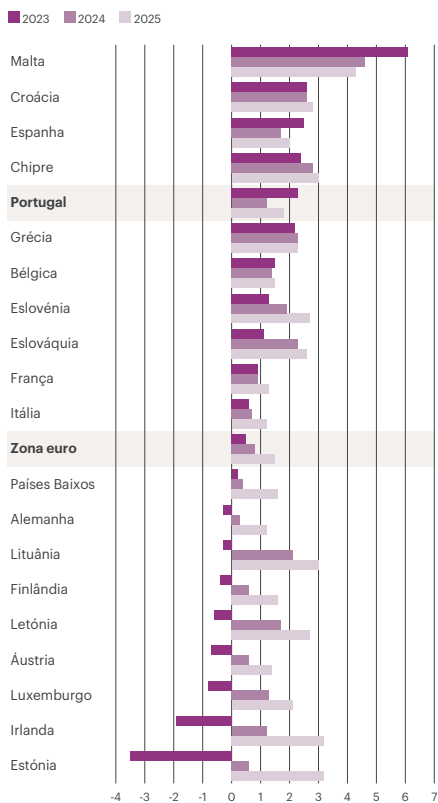


“O stock de habitação disponível para arrendamento disparou 55% no último ano, 63% em Lisboa, 113% no Porto

Pedro Nuno Santos
Na apresentação do programa eleitoral do PS



As novas previsões da Comissão Europeia
Variação anual do PIB, em %



Fonte: Comissão Europeia

pesas mais altas das famílias com o pagamento de juros”.

Ao mesmo tempo, no que diz respeito ao investimento, a implementação do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) deverá ajudar.

O problema estará, por isso, no contributo da procura externa, com Bruxelas a prever que “as importações cresçam mais rapidamente que as exportações”. “Devido à procura fraca dos principais parceiros comerciais, prevê-se que o crescimento económico se mantenha limitado no início de 2024, recuperando mais tarde, mas de forma gradual”, afirma o relatório.

Ainda assim, na conferência de imprensa de apresentação das novas previsões, os responsáveis da Comissão Europeia tentaram manter um tom de optimismo, incluindo

especificamente para Portugal.

O comissário europeu para os Assuntos Económicos, Paolo Gentiloni, fez questão de salientar que o arbrandamento que se prevê para Portugal não representa uma preocupação particular, uma vez que se relaciona com o “arbrandamento em toda a região”. Portugal “ainda está a crescer a um ritmo forte”, assinalou, em declarações citadas pela agência Lusa.

“É claro que os desafios existem, mas vemos em Portugal um crescimento sólido do emprego e, no quadro geral, [...] o facto de a União Europeia ter evitado a recessão é positivo, assim como o facto de alguns países como Portugal continuarem a registar um elevado nível de crescimento [da economia]”, disse o comissário europeu.

Salários subiram 6,6% em 2023 mas ganho real foi de 2,3% com inflação

Pedro Crisóstomo

Aumento na Administração Pública foi menor do que no sector privado. Remuneração média bruta passou para 1505 euros

Os salários aumentaram 6,6% no ano passado — com a remuneração bruta total mensal média por trabalhador a passar de 1412 euros em 2022 para 1505 euros em 2023 —, mas em termos reais o crescimento da retribuição bruta ficou-se pelos 2,3%, indica uma estimativa ontem divulgada pelo Instituto Nacional de Estatística (INE).

O último indicador tem em conta o impacto da inflação, isto é, desconta a variação do Índice de Preços do Consumidor (IPC) de 2023 (4,3%), para se perceber qual foi, afinal, a remuneração bruta em termos reais, tendo em conta a evolução dos preços na economia. E, nessa perspectiva, a média salarial fica-se pelos 1261 euros (era de 1233 euros em 2022).

O resultado contrasta com o que se passou em 2022, ano da explosão da invasão da Ucrânia pela Rússia e do disparar da inflação na Europa, já que, nessa altura, a remuneração média em Portugal tinha crescido 3,7%, mas recuou 4,1% em termos reais, porque a inflação tocou nos 7,8%.

Ao fazer estas estimativas, o INE usa como base os valores das remunerações líquidas que são pagas aos trabalhadores “pelas horas de trabalho efectuadas ou pelo trabalho realizado no período normal e no extraordinário”, o que inclui as férias, os feriados e outras ausências pagas por lei. Para a contagem também entram os subsídios de alimentação, de função, de alojamento ou transportes, as diuturnidades, os prémios de antiguidade, de produtividade, as isenções de horários e outros subsídios. Na prática, a remuneração bruta mensal média por trabalhador “corresponde ao rácio entre o somatório do volume de remunerações pago pelas empresas e o total de trabalhadores nessas empresas”.

Estes resultados foram calculados com base nos salários de 4,6 milhões de trabalhadores, uns beneficiários da Segurança Social, outros subscritores da Caixa Geral de Aposentações (CGA).

Nas Administrações Públicas, a remuneração total aumentou 5,9%, “passando de 1957 euros em 2022 para os 2072 euros um ano depois”. Embora o acréscimo tenha sido

“superior ao registado no ano anterior (2,2%)”, foi menor do que o observado no sector privado da economia (7,2%). Em termos reais, o aumento anual na esfera do Estado (que inclui todas as instituições do perímetro das administrações públicas, da administração central à regional e local, passando pelas empresas públicas) foi de 1,7%, enquanto no sector privado a melhoria foi de 2,9% (“tinha diminuído 3,1% em 2022”).

Se, no conjunto de 2023, esse valor foi em média de 1505 euros por posto de trabalho, no final desse ano o valor médio já estava nos 1670 euros (no quarto trimestre), o que representa um aumento de 5,7% em relação ao último trimestre de 2022, quando estava nos 1580 euros. Em termos reais, tendo em conta a inflação, o aumento foi de apenas 4%.

Segundo o INE, os salários aumentaram “em todas as dimensões de análise”, nos diferentes sectores de actividade económica, em empresas pequenas, médias, grandes, o mesmo tendo acontecido na Administração Pública.

Os maiores aumentos registados entre o quarto trimestre de 2022 e o de 2023 ocorreram nas indústrias extractivas (10%), nas empresas com um a quatro trabalhadores (6,5%), no sector privado (6,3%) e nas empresas de serviços de mercado com forte intensidade de conhecimento (9,5%), refere o instituto estatístico.

De um lado, com os valores médios mais baixos, estavam em Dezembro as actividades da agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca (salários brutos de 975 euros); e, no lado oposto, as actividades de electricidade, gás, vapor, água quente e fria e ar frio (3674 euros).



INE contabiliza remunerações de 4,6 milhões de trabalhadores

José Neves sai da liderança da Farfetch

Fundador do primeiro “unicórnio” português sai do cargo de CEO. Despedimentos começam a partir de hoje em Portugal

O empresário português José Neves, fundador da Farfetch, demitiu-se do cargo de presidente executivo (CEO) da empresa, que se dedica à venda online de produtos de moda de luxo, sediada no Reino Unido.

Conhecida como o primeiro “unicórnio” português (empresas emergentes com valor acima de mil milhões), a Farfetch foi comprada no final de 2023 pelo grupo sul-coreano Coupang, através de um resgate de 500 milhões de dólares (cerca de 465 milhões de euros ao câmbio actual), quando se encontrava insolvente e em risco de encerrar.

“Depois de cuidada ponderação, decidimos reduzir o negócio para podermos operar a partir de uma posição de força financeira”, começa por dizer a nota interna a que o PÚBLICO teve acesso e que foi noticiada inicialmente pelo site *The Business of Fashion*. “Este processo implicou algumas decisões difíceis. Primeiro, José Neves decidiu demitir-se de CEO. Bom Kim [director executivo da Coupang] e a equipa executiva da Farfetch irão liderar internamente a empresa”, continua a nota.

Além de Neves deixar de ser CEO, mantendo-se como consultor, haverá mais saídas de responsáveis da empresa, entre os quais directores que lideram as áreas financeira, de produtos, de plataformas e de operações. “Em segundo lugar, Hélder Dias, Kelly Kowal, Edward Sabagh, Sindhura Sarikonda, Tim Stone, Luís Teixeira, Nick Tran e Elizabeth Von der Goltz irão prosseguir outros desafios”, ilustra a comunicação interna, acrescentando ainda que “este processo exige decisões difíceis para eliminar funções redundantes”. Assim, “as conversas com aqueles afectados pelas reduções irão começar em Portugal amanhã [hoje], 16 de Fevereiro, e no Reino Unido e outras geografias, a partir de segunda-feira, dia 19”, conclui.

Além de fornecer vestuário, calçado e acessórios na plataforma online e numa rede de lojas, a Farfetch presta serviços de comércio online a boutiques de luxo, ligando as marcas aos clientes no processo logístico da compra, entrega e possível devolução dos bens. **Pedro Crisóstomo e Pedro Ferreira Esteves**

África

Guiné-Bissau

Hipopótamos e outras histórias bijagós em Orango Grande

Na ilha mais remota do arquipélago dos Bijagós, a natureza é sagrada e galinhas sem cabeça tomam decisões. E o papel do ecoturismo é “respeitar e entender” os guardiães de tudo. *Andreia Marques Pereira (texto) e Paulo Pimenta (fotografia)*

● Não subimos ao observatório, de madeira esbranquiçada pelo tempo, porque abelhas decidiram instalarse lá. Mas já temos as lagoas à vista e continuamos a deixar-nos guiar por Belmiro Lopes, que lhes conhece bem as manhas. O horizonte que nos rodeia é África pura, o capim verde, as árvores frondosas em intrincadas geometrias, aqui e ali palmeiras de óleo, gigantes acima de tudo o resto, a lagoa que se desenha indisciplinada diante de nós e é fruto das chuvas.

Como a época seca já começou (viajámos no início de Novembro), na próxima semana já terá pouca água para os seus habitantes mais conhecidos; então transferir-se-ão para outra lagoa um pouco mais adiante e depois ainda há uma terceira, explica Belmiro. Quando a água doce se acaba, vão para o mangal: dividem o ano entre estes dois habitats e por isso são tão especiais



estes hipopótamos marinhos (ou de água doce). Pela sua raridade têm direito a ser o símbolo do Parque Nacional de Orango – e é numa das suas maiores colónias que estamos no nosso último dia na ilha de Oran-

go Grande, no nosso último dia no arquipélago dos Bijagós (Guiné-Bissau). Muito silêncio em troca de um vislumbre do “peixe-cavalo”, *piscavalo*, em crioulo, animal sagrado para os bijagós.

Na semana anterior, a canoa tivera “problemas”. “O barco incendiou antes de chegar a Bissau e foram feridos para o hospital. Um é o capitão, o outro o motorista”, conta Zélia Martins da Silva Djo. Conclusão: “Esta semana não há transporte.”

Nunca é uma questão menor, mas torna-se mais premente quando estamos numa ilha e não há outro transporte para o continente além dessa canoa – leva um dia e meio a viagem até Bissau, com paragem pelo meio na “vizinha” Bubaque.

Na teoria são três horas, até Bubaque, mais cinco até Bissau, a prática é mais complicada: sai-se de Orango Grande numa segunda-feira chega-se a Bissau na terça-feira, a viagem inversa faz-se entre sexta-feira e sábado. Não é fácil a vida na que é a ilha habitada mais remota (e a maior) do arquipélago dos Bijagós, e ainda assim Zélia Djo, 33 anos, saiu da capital para viver na tabanca (aldeia) de

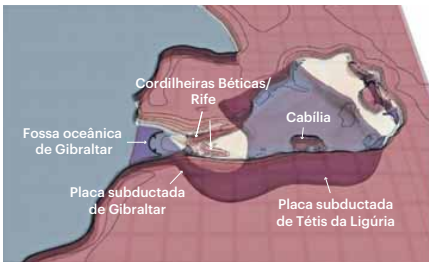


Eticoga – veio em 2016, ela e o marido, ambos enfermeiros. Entretanto, já nasceram aqui dois filhos e os sobressaltos continuam sempre que é necessário transferir doentes. “Quando há uma urgência”, explica, “muitas vezes é a ONG que empresta o bote e o combustível.” Para chegar até Bubaque ou ao continente.

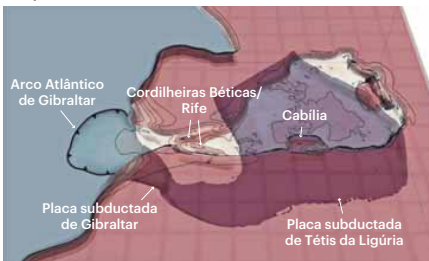
Partiramos de manhã do continente, de Quinhamel, à boleia da tal organização não-governamental, que na verdade é a fundação espanhola CBD-Habitat – maré baixa aos pés do mangal onde normalmente andam as mulheres a apanhar as



Actualmente



Daqui a 50 milhões de anos



Fonte: João Duarte et al./revista Geology

material rochoso que as compõe. Quando ambas são do tipo continental, compostas sobretudo por rocha granítica, elas deformam-se e dão origem a longas cadeias montanhosas como os Himalaias. Quando as placas tectónicas são oceânicas, ricas em basalto, a que é mais antiga (normalmente a que é mais antiga) mergulha debaixo da outra e derrete-se no manto – a subducção. Esse fenómeno também ocorre quando uma das placas é oceânica e a outra é continental: como a placa oceânica é mais densa, vai ceder ao jogo de forças com a placa continental e mergulha para as entranhas da Terra.

A renovação da crosta terrestre tem uma consequência directa: os oceanos nascem, crescem e morrem, obedecendo a um ciclo de vida que dura milhões de anos – o ciclo de Wilson. E há exemplos disso à nossa volta: o Mediterrâneo, que já foi um grande oceano chamado Tétis, entre África e a Eurásia, está agora a minuar até desaparecer do mapa. E o oceano Atlântico nasceu quando a Pangeia, o grande bloco que continha todos os continentes juntos durante o Paleozóico (entre 230 e 500 milhões de anos atrás), se fragmentou. Também ele, como o Mediterrâneo, vai desaparecer um dia.

A forma como isso vai acontecer é um ponto de debate na comunidade científica. É que a morte de um oceano tão grande como o Atlântico só pode acontecer se ele ficar à mercê de novas zonas de subducção, rodeado por um anel de fogo como o que está a destruir a placa tectónica sobre a qual assenta o Pacífico.

Só que as zonas de subducção não surgem espontaneamente. E, por isso, subsistia a dúvida sobre como é que o Atlântico iria finalmente entrar em extinção. “Os cálculos já diziam

que era difícil criar uma nova zona de subducção porque as placas, que são enormes e pesadas, tinham de se dobrar e partir”, explica João Duarte: “Era como que um paradoxo.”

Daqui a 50 milhões de anos

A ideia de que as zonas de subducção conseguem migrar de um território destruído para outro mais preservado é antiga. Aliás, já há duas zonas de subducção no Atlântico, um nas Pequenas Antilhas e outro no Arco da Escócia, junto à Antártica, que migraram “como uma infecção” do Pacífico para o Atlântico há 50 milhões de anos. Mas alguns cientistas não concebiam que isso estivesse a acontecer com a subducção no Mediterrâneo a avançar para o Atlântico porque essa região, quase estacionária e sem sísmos, parecia adormecida e moribunda.

Só que o modelo tridimensional de alta resolução criado por João Duarte e os outros investigadores sugere que essa acalmia não significa a morte do processo: a zona de subducção abaixo do estreito de Gibraltar pode estar num “processo de invasão” para o interior do Atlântico, que começará a engolir a costa oriental do Atlântico até que seja destruída até à morte.

Esse processo só está a ser mais lento neste momento porque a zona de subducção do Mediterrâneo é demasiado estreita para engolir mais rapidamente toda a placa atlântica. Está como que “entaldada”, mas isso pode mudar em breve: ao fim de 20 milhões de anos, quando a subducção invadir o Atlântico, a placa estará pronta a afundar-se rapidamente. É demasiado pesada para escapar.

É isso o que sugerem as imagens resultantes do modelo, que mostram a evolução da zona de subducção de um oceano à beira da morte (neste caso, o Mediterrâneo) a caminho de um oceano mais estável como o Atlântico.

Criadas com um supercomputador em Frankfurt nos últimos três anos, com a colaboração do investi-

gador alemão Boris J.P. Kaus, as imagens mostram a maratona da zona de subducção nos últimos 30 milhões de anos e prevê como vai caminhar dentro dos próximos 50 milhões de anos. Nessa altura, sugere o modelo, a zona de subducção poderá estar ao largo de Portugal, num semicírculo que vai desde a costa alentejana até ao Norte de Marrocos.

Por enquanto, o Atlântico está destinado a continuar a expandir-se até que a deriva continental volte a reunir os continentes e ele passe de um oceano interior, que eclodiu da Pangeia, para oceano exterior da Terra – um papel que ainda cabe, neste momento, ao Pacífico.

A zona de subducção do Mediterrâneo é demasiado estreita para toda a placa atlântica. Até atravessar o estreito de Gibraltar e entrar no oceano Atlântico, ainda serão necessários 20 milhões de anos. Depois disso, no entanto, o fenómeno vai acelerar: a placa deverá começar a ser engolida pelo lado oriental até que o Atlântico se feche, tal como está a acontecer actualmente com o Mediterrâneo e com o Pacífico.

A confirmar-se esta hipótese, esta é uma oportunidade única de assistir à entrada de uma nova fase da vida da crosta terrestre, num fenómeno que deixa poucos sinais à superfície – mas que recorda do perigo iminente de novos terremotos como o de 1755. “Os oceanos têm um período de vida e podemos estar a assistir ao início do desaparecimento de um deles”, concluiu João Duarte: “É uma oportunidade rara de assistir talvez ao fenómeno mais transformativo da geologia.”

Mas também é uma chamada de atenção vinda dos oceanos que, ressalva João Duarte, ainda não conhecemos suficientemente bem: “Estas novas informações devem ser levadas em consideração quando fazemos avaliações do risco sísmico. O facto de este fenómeno estar nesta dormente também o torna mais perigoso porque é mais imprevisível.”

quando as placas se afastam entre si, permitindo a subida de material do manto e a renovação da crosta terrestre; são limites transformantes quando deslizam uma ao longo da outra, sem criação ou destruição de crosta; ou então são limites convergentes, quando uma colide com a outra.

O destino das placas tectónicas nos limites convergentes depende do

Daqui a 50 milhões de anos, a zona de subducção será um semicírculo entre a costa alentejana e o Norte de Marrocos

Circulação Condicionada | A4 e A41

ascendi

Na A4 e A41, de 21 de fevereiro a 2 de março, das 21h às 07h, realizaremos trabalhos de beneficiação do pavimento, que implicarão alguns desvios e condicionamentos de tráfego nas seguintes vias de acesso:

Nó	Vias afetadas
A4	Águas Santas Direção Vila Real/Matosinhos da A4, sentido Vila Real/Matosinhos
	Guifões Saída da A4, sentido Vila Real/Guifões
A41	Freixo Acesso da A41 à A28, sentido Maia/Viana do Castelo
	Aeroporto Acesso da A41 à A28, sentido Maia/Porto
	Aeroporto Saída da A41, sentido Maia/Aeroporto

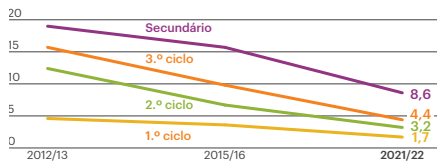
Os condicionamentos e desvios estarão devidamente sinalizados nos locais.

Para mais informações consulte regularmente o site Ascendi utilizando o código QR ao lado, acceda a www.ascendi.pt ou ligue 229 767 767 (24h).

Ascendi Grande Porto, Auto-Estradas do Grande Porto, S.A.

Evolução das taxas de retenção

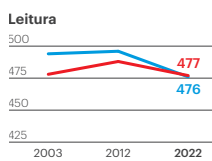
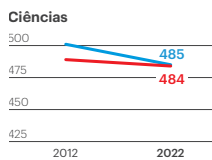
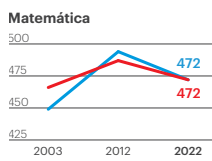
Em percentagem



Evolução dos resultados nos testes internacionais PISA*

Em pontos

— Portugal — Média OCDE



*Alunos com 15 anos

Fonte: DGE/ECI, IAVE

PUBLICADO

nos, onde se dá alimentação, onde se trata várias questões sociais, onde se dá apoio às famílias. E se esse é também um papel importante para a formação de cidadãos, as aprendizagens acabam por ser, nalguns casos, deixadas para segundo plano. “Às vezes, lembramo-nos que a escola é um sítio que está lá também para desenvolver competências e para aprender”, frisa Filipe Silva.

Como chegar aos alunos?

Esta situação é hoje, por exemplo, muito visível com o crescente número de alunos estrangeiros nas escolas. Um novo desafio também salientado por Manuel Pereira, que diz que há estabelecimentos de ensino com estudantes de 30, 40 nacionalidades, sem

capacidade de poder dar apoio a todos. “As escolas estão a fazer o que podem e o melhor que sabem, mas faltam recursos. Não há professores que cheguem.”

Para o investigador Luís Sebastião, que coordenou um estudo recente sobre o plano de recuperação das aprendizagens, criado a propósito da pandemia (Plano 21|23 Escola+), é importante que as escolas percebam como podem chegar aos alunos que têm piores desempenhos. Esse, será, de resto, um dos grandes desafios: “Como é que compensamos [a perda de aprendizagens] e encontramos modos de fazer com que esses alunos se empenhem”, atira o investigador da Universidade de Évora.

Filipe Silva lembra o programa do

As propostas dos partidos sobre as aprendizagens e a sua recuperação

São poucos os partidos que apontam medidas

Partido Socialista

— Garantir que os alunos que frequentaram o ensino básico, em particular o 1.º ou o 2.º ciclo durante a pandemia, são acompanhados ao longo do seu percurso escolar, realizando testes de diagnóstico e beneficiando de planos personalizados de recuperação de aprendizagens;

— Plano específico de intervenção na área da Matemática;

— Garantir aos alunos do ensino secundário beneficiários da Ação Social Escolar a possibilidade de usufruírem de tutorias e/ou apoios especializados (explicações);

— Política integrada de acolhimento aos alunos estrangeiros, através da revisão do funcionamento do ensino do Português Língua não Materna.

Aliança Democrática (PSD-CDS-PPM)

— Lançar o A+A, “Aprender Mais Agora”, um plano de recuperação da aprendizagem que incluirá recursos adequados para o apoio aos alunos, a capacitação de docentes para lançar um sistema de tutorias, assim como o reforço de créditos horários;

— Desenvolver um currículo centrado no conhecimento científico e cultural, revendo as “Aprendizagens Essenciais”;

— Fazer provas de aferição a

Português, Matemática e uma disciplina rotativa (a cada três anos) nos 4.º e 6.º anos (anos de final de ciclo).

Chega

— Reduzir os currículos e horários escolares dos alunos de modo a assegurar a eficácia pedagógica do trabalho das escolas e da sua filiação;

— Reintroduzir exames nacionais no final de cada um dos três ciclos do ensino básico (4.º, 6.º e 9.º anos) e do ensino secundário (11.º e 12.º anos) com consequências efectivas na transição ou reprovação dos alunos.

Iniciativa Liberal

— Promover um plano de emergência de recuperação de aprendizagens através de tutorias regulares e em pequenos grupos;

— Recuperar as avaliações nacionais no final dos ciclos do ensino básico;

— Lançar um programa de tutorias que aposte na identificação precoce dos alunos com dificuldades de aprendizagem, realizada por uma equipa multidisciplinar.

Bloco de Esquerda

— Fim das provas nacionais do 9.º ano;

— Realização das provas de aferição por amostragem em que a avaliação incida sobre o sistema educativo;

— Criar respostas e recursos

efectivos de apoio aos alunos de Português Língua não Materna.

CDU

— Valorização da avaliação contínua, eliminando os exames de 9.º, 11.º e 12.º anos e revendo o regime de provas de aferição nos 2.º, 5.º e 8.º anos;

— Revisão dos currículos, visando a formação integral do indivíduo em todas as suas vertentes.

PAN

— Aumentar o crédito horário das escolas, em termos que permitam a recuperação das aprendizagens, mas também para estimular uma relação de proximidade dos estudantes com os seus professores;

— Apostar na formação e preparação de todos os membros da comunidade escolar para receber estudantes migrantes e refugiados.

Livre

— Garantir que todos os alunos têm professores em todas as disciplinas;

— Repensar a realização obrigatória dos exames nacionais no ensino secundário;

— Criação de um grupo de recrutamento de Português Língua não Materna, de forma a assegurar a afectação de docentes e a adequação das respostas às necessidades dos alunos recém-chegados.

Clara Viana



A escola, que deveria ser um meio de mobilidade social, vê esse papel cair por terra

Manuel Pereira
Presidente da Associação Nacional de Dirigentes Escolares

Apoio Tutorial Específico, criado em 2017, para apoiar alunos com duas ou mais retenções ao longo do percurso escolar. O professor de Matemática foi um dos que receberam formação para prestar este apoio. “Tentávamos ajudar ao nível dos métodos de estudo, a organizarem o seu horário. Era um trabalho para ajudar o aluno a estudar para diferentes disciplinas. [O objectivo] é aumentar a capacidade de eles se auto-regularem”, diz o professor, que, entretanto, deixou de ter horas lectivas para prestar este apoio.

No estudo que coordenou, Luís Sebastião lembra que um dos pontos-chave que as escolas destacaram no caminho para a recuperação das aprendizagens foi terem autonomia. Esse é outro pedido que o director Manuel Pereira faz ao próximo governo: mais autonomia às escolas nesta matéria, para que possam decidir “de acordo com a sua realidade”.

De norte a sul, as escolas têm tomado várias medidas para recuperar as perdas dos seus alunos, sobretudo relacionadas com a “literacia da lei-

tura e da escrita em qualquer ano de escolaridade”, como oficinas de línguas e de escrita, realça a coordenadora do Programa Nacional de Promoção do Sucesso Escolar, Teodolinda Magro.

A par destas medidas há ainda outras focadas na saúde mental e no bem-estar, e que têm passado pela contratação de mediadores, educadores e animadores sociais. “Entram com uma capacidade técnica que o professor não tinha e fazem estes acompanhamentos psicopedagógicos”, destaca a coordenadora.

Teodolinda Magro acredita ser importante que estas medidas se mantenham. “O que os directores nos dizem é que estas medidas interligadas são as que criam condições para que a aprendizagem ocorra.”

Manuel Pereira gostava que a educação fosse “a verdadeira paixão do próximo governo”. Algo que tem dúvidas de que aconteça, dado que a Educação — mais além da questão dos professores — esteve praticamente ausente dos debates entre os líderes partidários.

foram detidas 114 pessoas pelo crime de abuso sexual de crianças, o que corresponde a mais 15 detenções quando comparado com 2021. Aliás, 39% dos inquéritos relacionados com crimes sexuais correspondiam a abusos de crianças.

Dimensão online contribuiu

Sobre os crimes sexuais cometidos em contexto online, incluí-se a pornografia infantil, mas também outras formas de violência como a coacção e aliciamento, explica a responsável. “Encontramos todo o tipo de crimes. Estamos a falar não apenas das questões que têm que ver com pornografia infantil, mas também com questões de aliciamento, ou seja, em que há uma abordagem que é iniciada online e que, muitas vezes, passa mesmo para uma dimensão presencial.”

Carla Ferreira nota ainda o contributo inegável que o relatório “Dar Voz ao Silêncio”, que revelou a dimensão dos abusos sexuais cometidos às mãos de membros da Igreja Católica Portuguesa, teve na medida em que impulsionou as denúncias por parte das vítimas. Terão sido, pelo menos, 4815 os menores alvo de abuso nos últimos 70 anos no âmbito eclesialístico. “O relatório da comissão independente teve um impacto muito significativo na comunidade. As vítimas pensaram: ‘Se estas pessoas tiveram a coragem de falar, eu também devo ter.’ Mas não se pode fazer uma associação linear sobre o relatório dos crimes na Igreja” com o reporte em relação aos crimes sexuais verificados contra menores na comunidade em geral, segundo aquela responsável.

Em 2023 houve, aliás, uma quase que constante denúncia das várias formas de violência que a APAV apoia, não se tendo verificado qualquer pico de pedidos de ajuda após a publicação do referido relatório. “Quando há algo que é amplamente divulgado, naqueles momentos iniciais após se tomar conhecimento, há sempre ali uns dias em que é tudo muito intenso em termos de pedidos de ajuda. Mas não creio que tenha havido um pico em Fevereiro e Março que depois tenha decrescido, até porque as pessoas ao longo do ano foram sendo confrontadas com a situação”, justifica.

Um trabalho em rede

Quanto às denúncias de crimes sexuais contra crianças e jovens, a responsável da APAV especifica que estas chegaram através dos próprios menores vítimas e também pela família ou outras entidades. A primeira situação, mais rara, aconteceu mais nos adolescentes, que contactaram a APAV através das redes sociais, por exemplo: 1,5% do total de pedidos de ajuda é feito através desse meio. Além das crianças ou jovens que usam os seus próprios meios para pedir ajuda, também a denúncia por outras entidades é fulcral para sinalizar situações de crimes sexuais. “A maioria das situações são iniciadas

quer por familiares quer também a pedido de outras entidades, como polícias, tribunais, serviços do Ministério Público, mas também pelos estabelecimentos de saúde e de ensino e algumas comissões de protecção de crianças e jovens. Há aqui uma miríade de potenciais portas de entrada”, desenvolve Carla Ferreira.

E o mesmo sucede no sentido inverso. Ou seja, e depois de a criança pedir ajuda, o que acontece? Nos casos em que ainda não existe um processo prévio com encaminhamento para a APAV, é percorrido o mesmo caminho em função das necessidades de cada caso e da vítima. Tudo para que a criança alvo de abuso possa concluir o seu projecto de vítima afastada e recuperada dessa situação. “A APAV dificilmente trabalha sozinha. Sendo cada caso um caso, é fundamental pensar na vítima, nas múltiplas necessidades de apoio que pode ter e, se

isso implicar, por exemplo, uma articulação com polícias, com o Ministério Público, com a Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Protecção das Crianças e Jovens, com o ensino, a saúde e outras estruturas, então isso é inquestionável”, conclui.

Vítimas de vários crimes

Em termos globais, a APAV apoiou mais de 16 mil vítimas, que chegaram com situações mais complexas face a anos anteriores. Ou seja, além de existir um aumento nos pedidos de ajuda (em 2022 foram feitos 83.322 atendimentos, que compararmos com os 93.254 realizados em 2023), quem procurou apoio tinha sido vítima de vários crimes.

“Quando as pessoas recorrem aos nossos serviços de apoio também trazem situações, nalguns casos, com alguma complexidade, em que os crimes que experienciaram são eles próprios um cruzamento de várias situações de violência”, resume Carla Ferreira. Apesar destas situações, sublinha ser “prematuro” avançar que houve um aumento na criminalidade efectiva e coloca a tónica desta questão na maior consciencialização da sociedade para problemas ligados a crimes de violência, coacção, ameaças, assédio, entre outros. “Trata-se de dados referentes às pessoas que recorrem à APAV.”

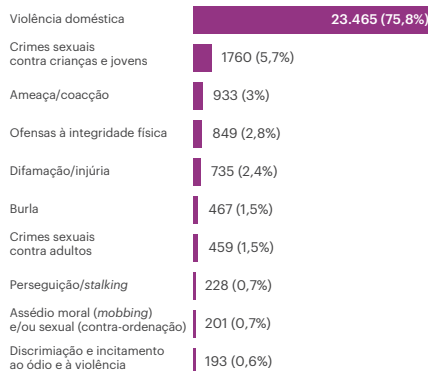
Quanto ao local do crime, seja violência doméstica ou outra forma de violência, “a maior parte das situações continua a acontecer dentro de quatro paredes, nas relações de intimidade, em casa, nas relações familiares”. “Isto é muito significativo e não nos podemos esquecer que a violência doméstica, tal qual está concebida na lei, foi responsável por cerca de três quartos dos pedidos de ajuda que nós recebemos.”

“**Não nos podemos esquecer que a violência doméstica foi responsável por cerca de três quartos dos pedidos de ajuda que nós recebemos**”

Carla Ferreira
Assessora técnica da direcção da APAV

Top crimes e outras formas de violência

APAV registou 30.950 crimes em 2023



Fonte: APAV

PÚBLICO

Socióloga Ana Nunes de Almeida

“Era importante ter um estudo sobre abuso sexual de crianças”

Daniela Carmo

Os mais de 1700 crimes sexuais contra crianças e jovens registados pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) em 2023 dizem pouco sobre a realidade escondida dos abusos sexuais na sociedade portuguesa em geral. “Era muito importante termos um estudo sobre abuso sexual de crianças e jovens na população portuguesa até para saber qual era a percentagem [destes crimes ocorridos] na família, na Igreja, em instituições de socialização, com número suficiente de respondentes que permitisse fazer cruzamento interessantes”, defende a socióloga Ana Nunes de Almeida.

A também co-autora do relatório “Dar Voz ao Silêncio”, que há um ano estimava em 4815 os menores alvo de abusos sexuais no contexto da Igreja Católica em Portugal nos últimos 70 anos, insiste, por isso, na necessidade de se fazer avançar um estudo alargado aos espaços de socialização da criança. Esta era, aliás, uma das recomendações contidas no relatório, na sequência do qual a ministra do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, Ana Mendes Godinho, incumbiu a Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Protecção das Crianças e Jovens (CNDPJC) de coordenar essa investigação.

Nesta semana, e tal como o PÚBLICO noticiou, o organismo liderado por Rosário Farmhouse garantiu que o estudo está a ser realizado, em articulação com o Instituto Nacional de Estatística (INE), “prevendo-se a sua conclusão até ao final do ano”.

Questionado pelo PÚBLICO, o INE explica, em resposta escrita, que “não se trata da realização de um novo inquérito, mas de uma análise mais detalhada dos dados sobre a violência na infância do Inquérito à Segurança no Espaço Público e Privado (ISEPP, 2022)”.

“No contexto desta operação estatística, a violência na infância compreende actos de violência física e psicológica, ou abusos físicos e emocionais, dos pais para com as crianças, e actos de violência ou abuso sexual por parte de qualquer pessoa, dentro ou fora da família”, informa ainda.

Ana Nunes de Almeida alerta para que, apesar de ter “informação interessante”, este estudo “será sempre limitado, porque foi feito a pensar

não no abuso sexual, mas na segurança nos espaços públicos e privados, e não está focado no abuso sexual”. Algo que seria importante até para a definição da amostra. “A amostra representativa para fazer um estudo sobre abusos sexuais na infância tem de ter determinadas características para haver a probabilidade de apanhar casos, porque, caso contrário, ficam diluídos num mar de informação e não se consegue propriamente fazer um estudo muito pormenorizado, não se conseguem cruzar variáveis, por exemplo”, explicava a socióloga há uma semana ao PÚBLICO, quando se assinalou um ano da publicação do relatório sobre os abusos sexuais na Igreja.

É por isso que os dados recolhidos pela APAV alertam para essa mesma necessidade, uma vez que “os números não falam por si e precisam de ser contextualizados”.

O destaque já publicado pelo INE relativo ao ISEPP permite, ainda assim, apurar que mais de 176 mil



Inquérito do INE de 2022 apurou que mais de 176 mil pessoas foram vítimas de abusos sexuais na infância

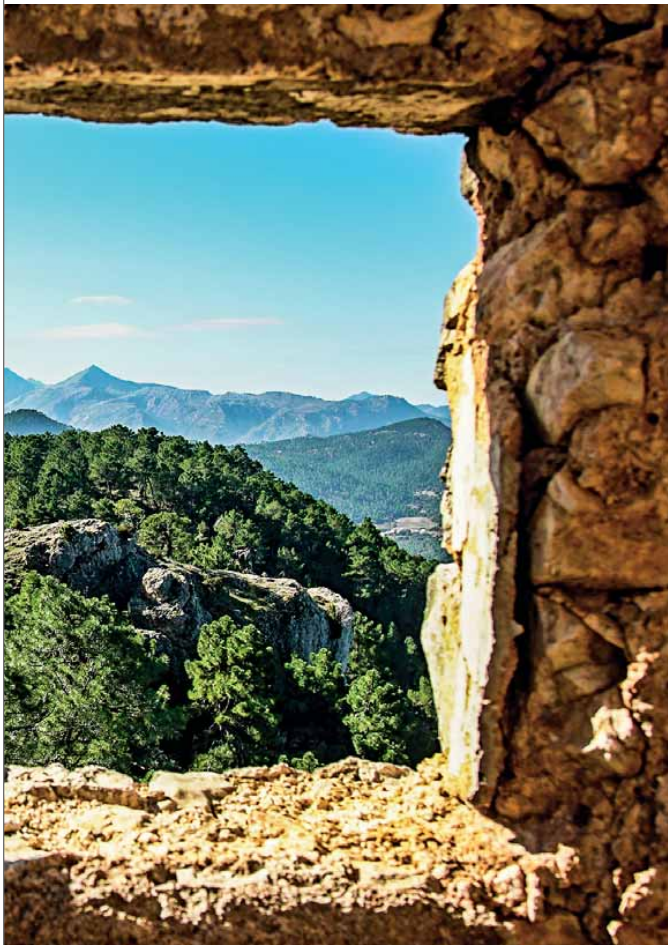
(2,3% da população) pessoas foram vítimas de abusos sexuais na infância, por parte de qualquer pessoa.

“A violência contra crianças observada no ISEPP inclui actos de violência física e abusos emocionais sofridos em contexto familiar, com os pais, ou figuras parentais, bem como actos de abuso sexual que possam ter ocorrido em diferentes contextos, incluindo na casa da criança, na escola, na comunidade ou na Internet”, elucida aquela publicação.

A proporção de mulheres que referiram ter sido vítimas de violência na infância é superior à dos homens (19,4% e 17,6%, respectivamente), particularmente suportada pela diferença observada na violência sexual, referida por 3,5% das mulheres, percentagem que compara com 1,1% dos homens. Em ambos os casos, os agressores referidos foram essencialmente homens.

O grupo etário dos 35 aos 54 anos registou a proporção mais elevada de vítimas de violência sexual na infância (3,1%), seguido da população mais jovem, com idade dos 18 aos 34 anos (2,2%).

Aqui e acolá, a panorâmica sobre os picos, alguns com mais de dois mil metros, obriga o viandante a constantes paragens para admirar a natureza



junto Histórico-Artístico, sem qualquer favor graças ao número de monumentos e ao seu traçado urbanístico, por onde se respira uma atmosfera que nos transporta para outro tempo, verdadeiramente andaluz, prende o viandante antes de este se aventurar pelo Parque Natural de Cazorla, Segura e Las Villas.

Deixo que a noite me abrace em Cazorla mas, antes ainda de explorar a Plaza de la Corredera e as suas tasas, descubro, sob os últimos raios de luz, as ruínas da igreja renascentista (século XVI) de Santa Maria, vizinha da fonte da época de Carlos V, e o Museu de Artes e Costumes Populares do Alto Guadalquivir, abrigado no magnífico castelo de Yedra, que se avista daqui e dali mal nos aproximamos de Cazorla, a porta do parque, à qual quero bater apenas quando a manhã despertar.

A noite cai mas, embora cansado, ainda vou a tempo de escutar Jesús Gómez, do posto de turismo de Cazorla.

É claro que Cazorla beneficia da proximidade do parque. É uma das entradas. As pessoas visitam-no para fazer caminhadas, para ver os animais, em busca da tranquilidade e da natureza que caracterizam este espaço.

Junto a pensar que Cazorla, Segura e Las Villas é só o maior parque natural de Espanha e o segundo da Europa, como fizera questão de me recordar Ramón Jurado Peña, proprietário de um restaurante, não fosse eu esquecer-me de enfatizar esse estatuto.

É uma zona de uma beleza impressionante, os tons de verde podem ser apreciados em cada recanto, o ar puro, os rios e as montanhas fazem as delícias de quem visita o parque. É o local perfeito para um passeio ao longo dos trilhos, para praticar desporto, para se embrenhar na natureza, desfrutando com família e amigos.

As pálpebras vão-se fechando à medida que passeio os olhos pelo mapa das três serras enquanto espero que o sono me vença.

Mas, estranhamente, acordo inquieto, tão cansado como se tivesse enfrentado uma batalha nocturna, feita de sonhos e de pesadelos, de receios, de não ter tempo para

ver tudo o que mais me seduzia, como alguém que, de repente, se sentisse afectado pelo síndrome de Stendhal, o mais italiano dos escritores franceses.

Os picos e o vale

Uma sensação que não tardou a desmoronar-se mal me embrenhei pelas ruas de Cazorla ainda envoltas numa neblina que cumprimentava a manhã, assomando-me ao castelo de Yedra antes de começar a percorrer, por entre um silêncio íntimo, um trilho bordejado de folhagem orvalhada. Por entre choupos e o constante marulhar do rio Cerezuelo, a natureza em perfeita harmonia, recupero a serenidade e caminho sem pressas, atravessando pontes de madeira, contemplando a paisagem desde miradouros, bebendo das suas fontes de água cristalina e sentando-me, de quando em quando, nas margens do curso de água tão importante e tão querido para as gentes de Cazorla, que dele se servia para regar as hortas, para mover os moinhos de farinha e até para produzir energia eléctrica.

A natureza é o principal recurso, em conjunto com a água que corre pelos rios, com cascatas e bosques de grande singularidade, alguns pinheiros larícios que superam os mil anos e teixos com mais de dois mil (há um, cientificamente conhecido como *Taxus Baccata*, que é considerado o ser vivo mais velho de Espanha e pode ser visto percorrendo um trilho circular de cinco quilómetros que parte da Cañada de las Fuentes, onde nasce o rio Guadalquivir, próximo de Quesada).

Despeço-me de Jesús Gómez e de Cazorla, o principal núcleo urbano na antecâmara do parque natural, visitado por milhares de turistas todos os anos, capital do turismo rural em 2022, hospitaleira e tão formosa como o seu casario branco, aos pés da Peña de los Halcones, tendo a serra nas suas costas e um mar de oliveiras que se perde no horizonte.

A estrada está, por esta altura, ainda quase órfã de carros; ia jurar que me cruzo com mais bicicletas que vencem com grande dificuldade um trajecto que culmina no Puerto de las Palomas, a 1200 metros aci- →

conflito obrigou os bancos centrais a irem mais longe no aperto da política monetária, agravando os riscos de poderem ir mesmo longe de mais, empurrando as economias para uma recessão.

Até agora, não houve, nem nos EUA nem na Europa, uma recessão, mas aquilo que aconteceu foi, principalmente no Velho Continente, a entrada num período de estagnação. E a verdade é que, entrados em 2024, não se pode ainda dizer com certeza que uma recessão económica está posta de parte.

A verdade é que as taxas de juro ainda estão a um nível elevado e mesmo que, como se espera, comecem a descer brevemente, ainda continuarão, ao longo deste ano, a penalizar o andamento da economia.

Até porque, com a inflação já mais baixa, as taxas de juro em termos reais são agora bem mais altas do que eram em 2022 e 2023, afectando as decisões de consumo e de investimento das famílias e das empresas.

E não se pode esperar que, depois do surto inflacionista agravado pela guerra, os níveis de taxas de juro voltem ao que eram no passado. Num artigo de opinião recente, o economista norte-americano Michael Spence, laureado com o Prémio Nobel de Economia, assinalou que "parece muito pouco provável que o nosso percurso envolva um regresso ao padrão pré-pandémico de taxas de juro nominais e reais baixas, juntamente com uma inflação igual ou inferior ao objectivo de 2%".

Para além disso, a guerra deixa outras cicatrizes, que prometem afectar o desempenho da economia mundial por muito tempo. A definição ainda mais clara de blocos geopolíticos antagónicos acentuou a tendência para o recuo da globalização, com a aplicação de políticas proteccionistas e uma economia mundial mais fragmentada.

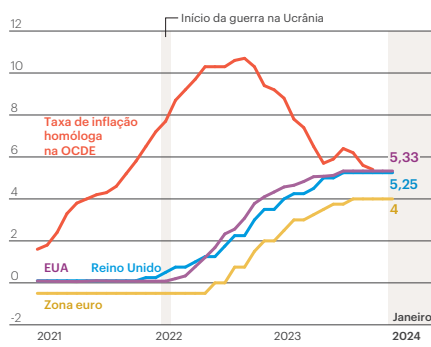
Em princípio, isto pode conduzir não só a uma persistência maior da inflação, como a ritmos de crescimento do comércio internacional mais lentos.

Outro impacto da crise foi a manutenção, em vários países, de níveis de endividamento dos Estados mais elevados, o que pode limitar a sua capacidade para reagir às pressões orçamentais trazidas pelas alterações climáticas e o envelhecimento da população.

Algumas economias apresentam, mais cedo que outras, os sintomas das dificuldades a que se pode assistir no futuro. A Alemanha, com uma variação negativa do PIB de 0,3% em 2023 e um crescimento previsto de apenas 0,2% em 2024, revela – com o aumento dos custos da energia, com as políticas proteccionistas no comércio internacional, com as taxas de juro elevadas e com dificuldades crescentes na sua política orçamental – dificuldades em concretizar uma recuperação.

Bancos centrais em luta contra a inflação

Taxas de juro de referência dos bancos centrais, em %



Fonte: BCE, Reserva Federal, Eurostat, FRED

Desde o início da guerra Portugal congelou 25 milhões em activos russos

Pedro Crisóstomo

Portugal congelou mais de 25 milhões de euros em activos russos desde o início da guerra na Ucrânia, confirmou ao PÚBLICO o Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE). Todo o montante diz respeito a activos financeiros, não havendo informação sobre a aplicação de travões à transferência de bens imóveis e móveis.

O balanço do Governo baseia-se nos dados das autoridades nacionais responsáveis por implementar as medidas restritivas decididas na União Europeia (UE) em resposta à invasão russa. O valor não sofreu alterações em relação a Maio, correspondendo ao montante que o comissário europeu com a pasta da Justiça, Didier Reynders, referiu numa entrevista ao *Diário de Notícias*.

Não se sabe a quantas pessoas de nacionalidade russa ou bielorrussa (ou a quantas entidades ligadas a estes territórios) dizem respeito os 25 milhões de euros congelados. Questionado sobre o assunto, o MNE não esclareceu, mas especificou que as sanções "incidiram sobre centenas de operações, tanto de indivíduos e entidades listados, como de pessoas e entidades não listadas" no âmbito dos regimes sancionatórios.

A pequena dimensão das quantias congeladas em Portugal contrasta com o que se passa noutras economias de escala superior, onde a presença de oligarcas, empresas russas e mesmo de reservas do Banco Central da Rússia será também maior.

Por exemplo, só a Suíça já congelou 14.900 milhões de francos suíços desde o início da invasão, o equivalente, ao câmbio actual, a 15.600 milhões de euros, refere a estação de televisão pública RTS. Até ao final de 2023, os Estados Unidos e os aliados já tinham congelado cerca 300 mil milhões de euros em activos, dos quais mais de 200 mil milhões eram reservas do Banco Central da Rússia detidos em euros, noticiou a Reuters a 28 de Dezembro. Num balanço divulgado ontem, a Comissão Europeia confirma que foram congelados 28 mil milhões de euros em activos privados e imobilizados "mais de 200 mil milhões de euros de activos do Estado russo". Ao todo, a UE aplica medidas restritivas a mais de 2100 pessoas e entidades. O leque de sancionados tem vindo a ser revisto para cobrir mais pessoas e empresas envolvidas



Sergey Lavrov está incluído na lista europeia de sanções

no esforço de guerra do lado russo. O último pacote (o 13.º em dois anos) foi adoptado na última semana para produzir efeitos a partir de hoje e passou a contar com mais "194 designações individuais, incluindo 106 pessoas e 88 entidades", segundo uma nota da Comissão Europeia.

Muitos dos alvos das sanções europeias são os mesmos das listas de outros países, dos Estados Unidos ao Reino Unido, passando pela Suíça. Para implementar as sanções, Portugal tem cooperado não apenas com outros parceiros da UE, mas também com "países terceiros como o Reino Unido e os EUA, através da troca de informações que visam o bom cumprimento das medidas restritivas", refere o MNE ao PÚBLICO.

As autoridades competentes em garantir a implementação das sanções (conhecidas por ANC) são a Direcção-Geral de Política Externa do MNE e o Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais do Ministério das Finanças.

Além de incluir o presidente russo, Vladimir Putin, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Serguei Lavrov, empresários, oligarcas, altas patentes militares, ministros, governadores, políticos locais ou membros do Conselho Nacional de Segurança, a lista europeia das sanções abrange ainda responsáveis envolvidos no fabrico de *drones*, nos ataques com mísseis contra civis e infra-estruturas críticas na Ucrânia, em atrocidades cometidas em Bucha e Mariupol, na deportação e adopção forçada de crianças ucranianas ou na reeducação militar de crianças ucranianas, sintetiza o *site* do Conselho da UE.

Preços alimentares batem recordes de 32 anos

Foi em 2022, e por causa da guerra na Ucrânia, que o índice alimentar da FAO se elevou a níveis nunca antes alcançados, com os preços de exportação globais de cereais e óleos vegetais a dispararem.

Logo no início do conflito, a agência da ONU para a Agricultura e Alimentação alertou para o peso dos dois países na alimentação do mundo: "Cerca de 50 países dependem da Federação Russa e da Ucrânia para, pelo menos, 30% das suas necessidades de importação de trigo." Destes, há 26 em que a percentagem passa para 50% de dependência. No milho, em que a Ucrânia era um dos maiores exportadores (assim como na produção de óleos vegetais), a produção

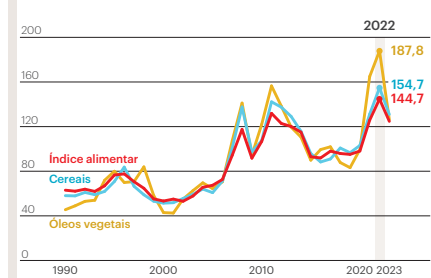
prevista em 2022 deveria ter satisfeito 18% do comércio global naquela campanha.

Com os preços dos cereais a aumentar e a produção animal a encarecer, as consequências penalizaram sobretudo os mais dependentes. Segundo a ONU, o número de pessoas em situação de fome aumentou 20% em 2022 face a 2019, para 735 milhões em todo o mundo.

A aceleração da inflação alimentar provocada pelo conflito levou à tomada de medidas a nível nacional. O Governo hesitou, mas acabou por decretar a redução do IVA sobre um conjunto de 46 produtos alimentares considerados essenciais, uma medida que vigorou entre 18 de Abril de 2023 e 4 de Janeiro de 2024. **Isabel Aveiro**

Evolução do índice alimentar da FAO

2014-2016=100



Fonte: FAO

Portugueses apostaram 8,6 milhões por dia nos jogos da SCML em 2023

Sónia Trigueirão

Vendas brutas dos Jogos da Santa Casa chegaram no ano passado aos 3136 milhões de euros, mais 72 milhões do que em 2022

Os portugueses apostaram 3136 milhões de euros em jogos sociais geridos pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML), durante o ano passado. Os apostadores nacionais gastaram, assim, quase 8,6 milhões de euros, em média, por dia. É uma subida de 72 milhões de euros face ao registado em 2022.

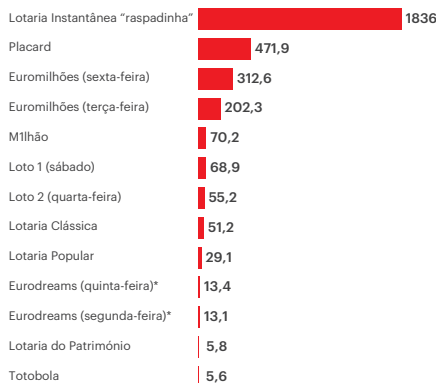
A lotaria instantânea, ou seja, a "raspadinha", permanece no topo das apostas, com um volume de vendas de 1836 milhões de euros, mais 122 milhões do que no ano anterior. No ano anterior, em 2022, a "raspadinha" registou um volume de vendas de 1714 milhões de euros, tendo atribuído 1072 milhões de euros em prémios. Em 2021, o volume de vendas da campeã da Santa Casa foi de 1515 milhões, com apenas 956 milhões de euros de prémios atribuídos.

Apesar destes resultados positivos dos jogos da Santa Casa, que quase se começam a aproximar dos valores registados antes da pandemia, nomeadamente em 2019, em que as vendas brutas atingiram os 3360 milhões de euros, há jogos que estão em queda. É, por exemplo, o caso do Euromilhões e do Placard, que são os jogos que, logo a seguir à "raspadinha", mais vendem, mas que desde 2021 estão a registar uma redução do volume das vendas brutas.

Ora vejamos. Em 2021, o Euromilhões registou cerca de 605 milhões de euros em vendas, para em 2022 descer para perto dos 568 milhões e no ano passado para os 514 milhões de euros. No Plano de Actividades e Orçamento de 2024 (PAO) dos Jogos da Santa Casa, a quebra das vendas do Euromilhões é atribuída "à perda de hábitos regulares de jogo dos apostadores e à ausência de ciclos naturais longos que conduzem os níveis de *jackpots* para valores acima dos 100 milhões de euros" e a uma possível canibalização do Euro-Dreams, jogo lançado em Novembro de 2023. Para tentar aumentar as vendas do Euromilhões, e ainda segundo o PAO de 2024, os jogos da Santa Casa vão apostar numa estratégia promocional agressiva, que está concertada com os parceiros europeus, que prevê, por exemplo, a realização de mais sorteios espe-

Vendas brutas dos Jogos Sociais da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa em 2023

Em milhões

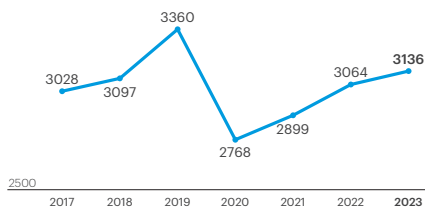


Total: 3136

*Valores referentes ao período de 9 de Novembro até 31 de Dezembro de 2023

Vendas brutas dos jogos sociais

Em milhões



Fonte: PÚBLICO

ciais, nomeadamente *jackpots* excêntricos.

Já no que diz respeito ao Placard, registou em 2021 vendas brutas na ordem dos 502 milhões de euros, tendo descido para os 497 milhões em 2022 e para os 471 milhões no ano passado. Para subir as vendas em 2024, alargando a base de apostadores, a instituição deposita a esperança em novos tipos de aposta já em fase de consolidação e na introdução de novas modalidades desportivas.

Confrontada pelo PÚBLICO com estes dados, a SCML apenas confirmou "a tendência de crescimento das vendas brutas dos jogos sociais

do Estado nos anos pós-pandemia, com reflexos positivos na distribuição das receitas pelos beneficiários" e adiantou que ainda está a "aguardar a homologação, por parte da tutela, dos relatórios e contas dos Jogos Santa Casa respeitantes a 2021 e 2022 e a último o de 2023".

Os resultados líquidos dos jogos sociais explorados pela SCML são distribuídos por vários beneficiários, nomeadamente por vários ministérios do Governo e pelos Governos Regionais da Madeira e dos Açores. Em 2021, por exemplo, o resultado líquido superou os 647,5 milhões de euros e o valor distribuído pelos beneficiários ultrapas-

sou os 637,6 milhões de euros. Já em 2022, o resultado líquido foi de cerca de 675,3 milhões de euros e o valor distribuído superou os 665,6 milhões de euros.

Jogos online ganham terreno

Os resultados dos jogos da Santa Casa em 2023 são animadores, mas, mesmo assim, o PÚBLICO sabe que ficaram alguns milhões abaixo das previsões. E, como já foi noticiado e referido pela própria provedora, Ana Jorge, a SCML enfrenta preocupações financeiras para as quais tem tentado procurar solução e que já obrigaram à adopção de medidas de contenção das despesas.

Além disso, existe na SCML uma preocupação relacionada com a perda de peso no mercado do jogo em Portugal. O grosso do mercado legal de jogos em Portugal subdivide-se, actualmente, entre os jogos da SCML e os jogos online. Ao que o PÚBLICO apurou, o departamento de jogos da SCML elaborou um estudo para analisar que tipo de concorrência fazem os jogos online aos jogos sociais. É de salientar que a própria SCML também tem jogo online e quando fez este estudo também o incluiu.

Este estudo, que fez uma avaliação entre o início de 2018 e o terceiro trimestre de 2023, permitiu concluir que os jogos online têm vindo a ganhar cada vez mais preponderância, pondo em risco o peso da Santa Casa no mercado dos jogos, sobretudo desde o final do ano de 2019, ainda antes da pandemia da covid-19.

No início de 2018, a SCML tinha uma quota de mercado de 60,7% e as casas de apostas de online 39,3%. Porém, no segundo trimestre de 2019, as casas de apostas de jogos online passaram a ter a maior fatia percentual no mercado do jogo, com 51,5% e a SCML com apenas 48,5%. Com o encerramento dos agentes físicos da Santa Casa, em 2020, quando se deu o confinamento obrigatório por causa da pandemia, a situação ainda se agravou mais, passando a SCML a ter uma quota de mercado de apenas 32%. A partir daí, a SCML continuou a descer e chegou ao terceiro trimestre de 2023 com apenas 15,6% do mercado.

De acordo com este estudo, entre o início de 2018 e o terceiro trimestre de 2023, o volume do total de apostas em Portugal é superior a 60 mil milhões de euros, num montante que se refere apenas a apostas online e jogos sociais da SCML e que exclui bingos e casinos físicos.

Supremo não suspende pena de prisão de Salgado

Mariana Oliveira

O Supremo Tribunal de Justiça manteve a pena de oito anos de prisão aplicada ao ex-presidente do Banco Espírito Santo, Ricardo Salgado, no âmbito do processo que saiu da Operação Marquês, recusando igualmente suspender a pena. Os juízes admitiram, no entanto, que o antigo banqueiro não chegue a ir para a prisão, se o seu estado de saúde se agravar.

Quatro juízes conselheiros consideraram "insuficiente" a documentação existente no processo "para determinar o grau de incapacidade ou anomalia superveniente do arguido". E escreveram: "Nada nos autos nos diz nem comprova com certeza e clareza que o mesmo está já de tal modo afectado pela doença de Alzheimer que justifique, mesmo na presente fase, uma declaração de suspensão". Até demonstração em contrário, sublinham os juízes do Supremo, "a doença pode ser tratada em ambiente prisional consoante o seu grau e estado de evolução".



Supremo mantém pena de oito anos de prisão, mas admite que, por causa da doença, Salgado não vá para a cadeia

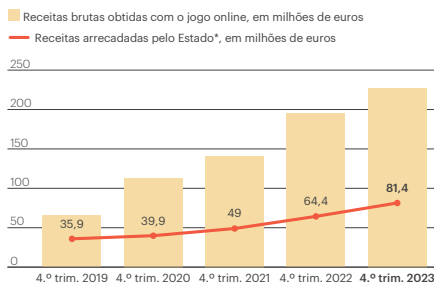
A decisão admite que "se a incapacidade de compreensão, entendimento e adaptação ao sentido e finalidade da pena fosse já de tal modo grave que não colocasse dúvidas relevantes", não existiria "impossibilidade legal directa e decisiva" de aplicar a suspensão "nos termos do artigo 106º do Código Penal mesmo antes da fase de execução" da pena.

O acórdão lembra que o tribunal está "perante uma doença com elevada expectativa de sinais de agravamento e degenerescência física e mental e que, a existir anomalia psíquica excludente da capacidade de o arguido entender e compreender o sentido da pena, aquela bem pode vir a verificar-se até à data de execução concreta da mesma", ou seja, até Salgado ter que ir efectivamente para a cadeia.

O ex-presidente do BES foi acusado, em Outubro de 2017, de 21 crimes, tendo o juiz Ivo Rosa decidido levá-lo a julgamento apenas por três de abuso de poder. Em Março de 2022, o antigo banqueiro foi condenado a seis anos de prisão efectiva, tendo no ano passado a Relação de Lisboa agravado a pena de cadeia para oito anos.



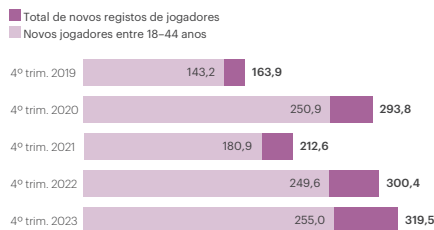
Dados sobre o jogo online dos últimos cinco anos



*IEJO (Imposto Especial de Jogo Online)

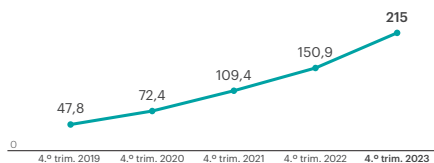
Novos registos de jogadores

Em milhares



Jogadores auto-excluídos

Em milhares



Fonte: Serviço de Regulação e Inspeção de Jogos

eventos desportivos com grande impacto junto da população é uma dessas questões. Há que ponderar se o que se ganha não é muito inferior ao que a sociedade perde, ao expor pessoas muito vulneráveis a este fenómeno.

Depois, é essencial existir uma maior regulamentação do acesso, é preciso que as empresas tenham formas auditadas de garantir que quem acede são maiores de idade, na posse de todas as suas facultades. Além disso, também é preciso garantir a regulação dos mecanismos de auto-exclusão. Estes mecanismos são fundamentais para a implementação de processos terapêuticos, não podem ter brechas, têm de ser mesmo efectivos. Mas o que ouço, por parte de alguns pacientes, é que ainda há algumas casas de apostas em que é muito difícil a auto-exclusão. Reportam que não se conseguem auto-excluir com sucesso”, diz.

Pedro Morgado é um dos autores do estudo encomendado pelo Conselho Económico e Social (CES) sobre o perfil dos adeptos de “raspadinhas” e níveis de doença associado a este tipo de jogo, que concluiu que esta actividade implica problemas de jogo para cerca de cem mil cidadãos, 30 mil dos quais com elevadíssimas probabilidades de terem “perturbação de jogo patológico”.

Como o PÚBLICO noticiou, no ano passado os portugueses apostaram 3136 milhões de euros nos jogos sociais geridos pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML), incluindo a “raspadinha”, que por si só foi responsável por 1836 milhões dessas apostas. O valor total gasto nos jogos sociais representa mais 72 milhões do que no ano anterior. Há poucas semanas a SCML lançou uma campanha com a máxima “Saber parar também é ganhar”, inserida nas medidas que divulga sobre jogo responsável, e que tem como principal objectivo “sensibilizar as pessoas a adoptar comportamentos moderados em relação ao jogo”, refere esta entidade.

O SRJ também divulgou os dados do 4.º trimestre sobre o jogo em casinos, sala de máquinas e de bingo. Nos casinos e salas de máquinas a receita bruta rondou os 64,5 milhões de euros, o que representa uma quebra em relação ao trimestre anterior (menos 15,2%) e também ao período homólogo do ano passado (menos 3,9%). Já nos bingos a receita subiu, situando-se nos 7,4 milhões de euros.

No que se refere aos pedidos de interdição deste tipo de espaços, em 2023 houve 606 pessoas pedir a interdição de salas de jogo dos casinos e dos bingos, 139 das quais fizeram-no no último trimestre do ano, para os casinos, e uma para o bingo. No ano anterior o total dos pedidos de interdição situara-se nos 565.

tas entidades fixavam-se nos 65,4 milhões de euros. Quatro anos depois, estes lucros tinham-se multiplicado por praticamente três vezes e meia, ascendendo aos 227,4 milhões. Valores que também deixam bem claro quem é que verdadeiramente ganha com o jogo online – as receitas brutas são o que resulta da diferença entre o total do valor apostado e os prémios pagos.

Para o Estado, as receitas também cresceram, mas de forma mais modesta. Ainda assim, o Imposto Especial de Jogo (Iejo) arrecadado subiu para mais do dobro, entre 2019 e 2023, saltando de 35,9 milhões de euros para 81,4 milhões.

Já no que se refere à actividade

Mais de 40% dos jogadores online vivem nos distritos de Lisboa e Porto e quase 80% têm menos de 44 anos

ilegal, o SRJ diz-nos que, no último trimestre do ano passado, tinham sido emitidas 23 notificações para encerramento de actividade destinadas a operadores ilegais, 191 sites tinham sido notificados de que seriam bloqueados, 47 vídeos promocionais tinham sido removidos e havia duas participações enviadas para o Ministério Público.

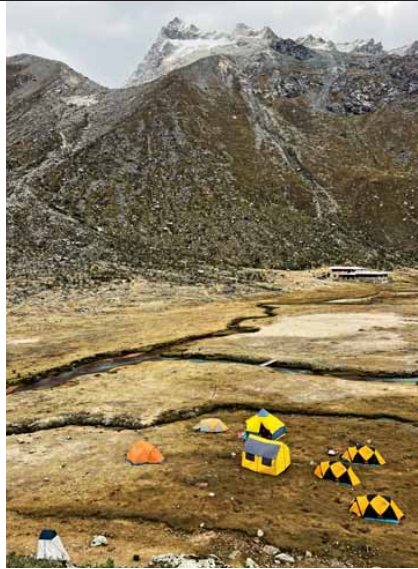
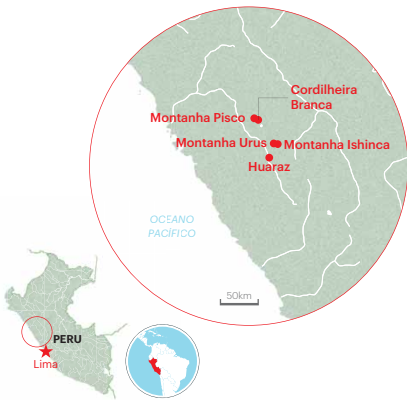
Pedro Morgado afirma que o jogo online é “muito menos regulado e mais difícil de regulamentar do que as outras modalidades de jogo, apesar de ser muito mais facilmente acessível e disseminado”. Por isso, alerta, é preciso agir.

“No imediato, é necessário estudar quem são os jogadores, quais os estímulos que os levam a adoptar

este tipo de comportamentos e que formas é que as empresas utilizam para captar mais jogadores. Se percebermos como é que as pessoas são atraídas para este fenómeno, conseguimos perceber formas de combater essa atracção”, defende. A juntar a isto é essencial “dar instrumentos que ajudem as pessoas a conhecer melhor o funcionamento do jogo e de como perdem dinheiro”, acrescenta.

O investigador diz que há várias questões relacionadas com este assunto, nomeadamente ao nível da publicidade, que estão já a ser discutidas no Reino Unido, mas que a União Europeia e sobretudo Portugal ainda estão bastante atrasados nessa matéria. “A publicidade em

Peru



Latina. A noite fresca veste-se de cores garridas. Os vendedores espalham o seu artesanato pelo chão. Camisolas e gorros de lã onde se misturam apelativos vermelhos, amarelos, azuis, magentas.

Estou com o Pedro, meu marido, guia de montanha. Viemos acompanhar duas portuguesas e uma moçambicana nesta empreitada andina. Três cumes na Cordilheira Blanca.

Passamos a Praça de Armas e entramos numa espécie de túnel ladeado por lojas de roupa de montanha que percorro evitando olhar para as montanhas para não cair em tentação. Estamos com fome e, por isso, vamos directos à praceta onde desemboca o túnel e onde se reúnem uma série de restaurantes mais ou menos apinhados de gente. As famílias peruanas saem para jantar e cruzam-se com alpinistas que se distinguem ao longe pela indumentária técnica das grandes altitudes. Sentamo-nos no Antuco, que se apresenta como um restaurante de pizzas artesanais. Pizzas encontram-se em qualquer canto do mundo, mas quando viajamos para estes países mais condimentados é sempre uma boa técnica comer nos primeiros dias algo a que o nosso organismo já esteja habituado para evitar desarranjos intestinais. Até porque temos montanhas para subir e convém estar de boa saúde.

Depois de uma noite de sono e um chá de folhas de coca, que ajuda à adaptação à altitude, fizemos, no dia seguinte, um *trekking* de aclimação até ao lago Churup. A subida não é fácil, mas é absolutamente compensador chegar lá acima, aos 4500 metros, e assistir àquela obra de arte da natureza.



Tenho um fascínio por lagos, que não sei bem de onde surgiu. Talvez me remeta para algum imaginário da minha infância, uma certa noção de perfeição idílica. Encontrar o Churup e as suas águas glaciares e azuis encaixadas nas montanhas empresta-me uma certa ideia de paraíso.

É aqui que almoçamos o piquenique que levávamos e que dormimos uma sesta ao sol. Para compensar o esforço da subida, de apenas duas horas e meia, mas bem dura e exigente.

Campo base do Ishinca

Chegar até ao campo base do Ishinca foi mais fácil pela inclinação, mais progressiva, mas foi igualmente exigente pela distância: sendo a subida menos inclinada, a distância aumenta.

Assim, depois de umas boas três horas de caminhada, fazemos uma paragem para almoço. Esteban, o cozinheiro da equipa, brinda-nos com uma truta com salada de batata e beterraba. Torço o nariz quando vejo

o prato. Peixe frito frio? Bah, não vou gostar disto. A verdade é que está tudo delicioso e termino a refeição a bendizer a truta fria que comemos na cordilheira andina e que provavelmente vou recordar durante muito tempo.

Quando chegamos finalmente ao campo base estamos todos bastante cansados. Uma rapariga da nossa equipa sente-se doente. Vomitou no dia anterior e apresenta saturações baixas. O melhor seria não tentar escalar o Urus no dia seguinte e ficar

a descansar e a aclimatar melhor.

Eu sinto-me bem, embora cansada e com uma ligeira dor de cabeça. Decido que também ficarei a passar o dia em campo base, a aproveitar para descansar, para observar a montanha, para escrever um pouco e para sentir algum ócio, esse bem tão precioso que a cidade nos rouba, que o trabalho nos desabitua a apreciar, que a sociedade nos culpabiliza quando o pomos em prática.

Sim, quero passar aqui umas horas

APÊNDICE C. MODELO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

CONSENTIMENTO INFORMADO

A interação aplicada à infografia jornalística: o caso do jornal PÚBLICO

No seguimento do Mestrado em Design de Comunicação na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (FAUL), a discente Marina Chen Higashikawauchi, orientada pelas Professoras Doutoradas Elisabete Rolo e Salomé Esteves, está a desenvolver um Estágio Académico de Natureza Profissional com ênfase nas infografias interativas jornalísticas. Solicita-se a sua participação porque foi considerado que a sua área de atuação e a sua participação contribuirá para a investigação que está a ser desenvolvida.

O entrevistado deve ler atentamente o presente documento, podendo esclarecer qualquer dúvida com a investigadora.

PARTICIPAÇÃO E DESISTÊNCIA

A participação é livre e voluntária, sendo possível desistir, a qualquer momento, sem que haja qualquer tipo de penalização.

PROCEDIMENTOS

- › Responda a um conjunto de perguntas feitas pela investigadora. O entrevistado pode recusar responder a qualquer uma das perguntas.
- › Não é estipulada uma duração máxima para a entrevista.
- › As entrevistas serão registradas exclusivamente em áudio, com recurso a um gravador.
- › Após a sua conclusão, as entrevistas serão transcritas e enviadas ao entrevistado, sendo possível remover ou alterar qualquer uma das respostas.

CONFIDENCIALIDADE

Os sujeitos desta entrevista podem rejeitar a utilização da informação obtida, de modo parcial ou total.

PAGAMENTO PELA PARTICIPAÇÃO

Os sujeitos desta entrevista não receberão qualquer tipo de remuneração.

APÊNDICE D. ENTREVISTA A CÁTIA MENDONÇA

Profissão: infografista no PÚBLICO

Tipo de entrevista: presencial

Data: 20 de março de 2024

Duração: 21 min

Há quanto tempo trabalha no PÚBLICO? Desde então, trabalhou sempre na secção de Infografia?

Trabalho no jornal PÚBLICO desde 2011 e sempre trabalhei na secção de Infografia.

Como o crescimento da vertente *online* alterou os trabalhos que são desenvolvidos pela secção de Infografia?

Foi uma evolução abismal. Quando comecei a trabalhar no PÚBLICO, em 2011, estávamos no início da construção de infografias interativas e o resultado era ainda muito rudimentar. A única ferramenta que utilizávamos na altura era o *Adobe Flash* que, entretanto, ficou obsoleto pela incompatibilidade com a *Apple* nomeadamente nos telemóveis e também pelos avanços tecnológicos esperados.

Realizei um estágio no jornal PÚBLICO em 2009/2010. Naquela época, cheguei a desenvolver alguns trabalhos com interatividade, mas a secção de Infografia era predominantemente focada no papel. Nenhum colega trabalhava no digital. Na equipa de programação do PÚBLICO, começaram a experimentar algumas interações com mapas. Havia um colega, o Mário Cameira, que durante meu estágio, iniciou alguns trabalhos no *Adobe Flash*, utilizando a linguagem *actionscript*. Foi através dele que comecei a me interessar mais por esta área.

Após o estágio, quando voltei ao PÚBLICO para trabalhar efetivamente, começamos a desenvolver infografias multimédias. Fui a primeira a iniciar esse trabalho, que evoluiu de algo muito simples para o nível de complexidade alcançado hoje pela equipa.

Quando chegou ao PÚBLICO, os trabalhos do impresso também eram disponibilizados no *online*, como acontece atualmente?

Sim, mas era uma versão estática e nem sempre era viável, porque a estrutura do *site* não era compatível com as dimensões das nossas infografias. Tudo era muito complicado; o *backoffice* era rudimentar e difícil de usar. Para colocar uma infografia interativa no *site*, demorávamos horas, era um trabalho árduo e precisávamos da ajuda do IT. Era tão complicado que quase desistíamos de tentar.

A minha primeira publicação *online*, se não estou em erro, foi um mapa da faixa de Gaza. Inicialmente, fiz a infografia para o P1, depois pediram para adaptá-la para uma versão *online*. Foi aí que começaram as primeiras experiências: que fonte utilizar? Qual a dimensão mínima da tipografia para que fosse legível? Que cores utilizar para ficar harmonioso com a paleta cromática do *site*?

Além disso, havia a questão da exportação das infografias: usar JPEG ou PNG? O que era mais leve ou mais pesado? Passamos por uma fase de experimentação até chegar a solução que usamos ainda nos dias de hoje, o PNG. Atualmente, usamos SVGs, mas temos um PNG de *backup*.

Portanto, houve uma evolução significativa a partir do momento em que a equipa começou a aprender linguagens *web*.

A iniciativa de aprender HTML partiu de vocês?

Sim, foi uma iniciativa nossa. Começamos a experimentar linguagens *web* na secção, após um curso oferecido aqui no PÚBLICO por um colega programador, que nos explicou o básico. Mais tarde, fizemos outras formações.

O primeiro trabalho publicado pela nossa secção, se não me engano, foi sobre refugiados. Foi o nosso primeiro grande projeto utilizando linguagens *web* e contou com a participação de todos na criação do conteúdo.

Nas infografias interativas é utilizada uma abordagem *desktop* ou *mobile first*?

Depende do tema, da urgência e da solução gráfica, não é um processo linear; não é sempre *mobile* ou sempre *desktop*.

Essa escolha é feita tendo em consideração o meio mais utilizado pelos leitores?

Devia ser, mas ainda não é. Sei que uma grande parte dos nossos leitores utiliza o telemóvel, mas não tenho os números.

Quais são os critérios que determinam a escolha da realização de uma infografia interativa em detrimento de uma estática?

Talvez pela quantidade de dados que precisam ser mostrados. Se for um gráfico muito simples, com apenas três valores, não há necessidade de torná-lo interativo. Portanto, na minha opinião, a escolha entre uma visualização estática ou interativa depende do espaço disponível e da quantidade de informação que precisamos apresentar.

Ao receberem um projeto maior, quais são, de modo sucinto, as etapas desde a conceção até à publicação do trabalho?

As etapas variam mediante o tipo de projeto. Muitas vezes, começamos com uma ideia e vamos elaborando a visualização, mesmo sem ter os conteúdos finalizados. Por vezes, temos uma ótima ideia, mas quando recebemos os dados, percebemos que não a podemos colocar em prática porque os conteúdos não permitem.

Idealmente, se estivermos responsáveis pelo projeto do início ao fim, a primeira etapa seria realizar uma investigação sobre o tema. Com essa informação, organizamos os dados e escolhemos a melhor forma de contar a história.

Depois da recolha e seleção dos dados, pensamos na melhor forma visual de apresentá-los. A seguir, decidimos o tipo de navegação, quais as cores apropriadas para o tema, por exemplo, se o assunto abordado tem um carácter mais sério ou mais leve. Muitas vezes recorremos a ilustrações, fotografias, esquemas, gráficos estáticos ou interativos.

Idealmente, depois da estrutura pensada, começamos a trabalhar em equipa porque facilita o processo, cada membro pode ficar concentrado numa parte específica do trabalho: desenvolvimento *web*, ilustrações, gráficos, etc.

Em que momento do processo e como é abordada a adaptação das infografias para diferentes tipos de dispositivos (visualização em *desktop*, telemóvel e *tablet*)?

Desde o início do desenvolvimento *web*, mesmo antes de começar a pensar na visualização, já deveríamos considerar como vai funcionar em dispositivos móveis. No entanto, muitas vezes, por sermos poucos elementos na equipa e por termos prazos apertados, fazemos uma etapa de cada vez. Sempre que o factor tempo está do nosso lado, desenvolvemos a visualização simultaneamente para *desktop* e *mobile*.

Quais são as práticas utilizadas para garantir uma Experiência do Utilizador consistente nos diferentes dispositivos? O que acha que poderia ser feito para melhorar a Experiência dos Utilizadores?

Eu não tenho muitos conhecimentos sobre usabilidade e acessibilidade, mas pela experiência ao longo dos anos, sei que os leitores não gostam de muitos cliques, não gostam de *scrolls* infinitos, não gostam de letras ilegíveis ou de grandes blocos de texto. Além disso, desistem facilmente quando, no *mobile*, precisam de interagir com gráficos que possuem muitos pontos clicáveis para revelar informações escondidas.

Se trabalharmos com um ecrã de telemóvel de 400 *pixels* de largura e considerarmos que o nosso dedo indicador tem muito menos que isso, é complicado navegar num gráfico interativo. Portanto, sempre que possível, devemos mostrar a informação simplificada no telemóvel, mesmo que isso exija uma visualização diferente.

Acha que a inexistência de um programador na equipa ou de uma colaboração maior com a secção de informática limita as infografias que são desenvolvidas?

Não limita do ponto de vista criativo nem do conteúdo apresentado, mas por vezes, quando queremos fazer coisas mais arrojadas, com um nível de complexidade maior, não temos capacidade para isso e um programador seria uma peça importante.

Como acha que as infografias interativas do PÚBLICO estão quando comparadas ao trabalho desenvolvido em outros jornais, a nível nacional e internacional?

A nível nacional, acredito que estamos bem posicionados. Internacionalmente, também não estamos mal, considerando que trabalhamos com equipas reduzidas que funcionam por turnos, o que significa que raramente estamos todos juntos. Apesar dos desafios, acredito sinceramente que produzimos trabalhos incríveis.

Se fôssemos mais jornalistas visuais/infografistas, jornalistas de dados, e tivéssemos mais recursos, poderíamos realizar projetos tão impressionantes quanto os do *New York Times*, *National Geographic*, *Washington Post* e outros jornais de renome.

Há algum trabalho que considere que marca um momento importante da secção de infografia?

O projeto *Floresta em Perigo*, que embora a parte de desenvolvimento *web* não tenha sido realizada pela equipe de Infografia, na minha opinião, foi um marco significativo para o jornal PÚBLICO e para a equipa, especialmente porque recebemos uma medalha nos prémios mundiais de infografia em Pamplona no ano seguinte. Foi quando percebemos que poderíamos continuar a apostar nas infografias interativas. Foi uma solução eficaz para apresentar uma vasta quantidade de dados e informação densa de maneira simples e objetiva e os leitores gostaram, que é o mais importante para nós.

IDENTIFICAÇÃO DO INVESTIGADOR

Em caso de dúvida ou preocupação relativa a esta investigação e à sua participação, contacte a investigadora:

Investigadora | Marina Chen Higashikawauchi

Telemóvel | +351 930 456 629

Email | marinachenh@gmail.com

ASSINATURA DO SUJEITO DA ENTREVISTA

Compreendo os procedimentos acima descritos e concordo em participar neste estudo.

Foi-me fornecida uma cópia deste documento.

.....
Cátia Nabais Mendonça

Nome do Entrevistado

.....
Cátia

Assinatura do Entrevistado

.....
20 / 03 / 2024

Data

ASSINATURA DO INVESTIGADOR

No meu julgamento o sujeito é voluntário e possui capacidade legal para, após análise e subscrição deste consentimento informado, participar nesta entrevista.

.....
Marina Chen Higashikawauchi

Assinatura do Investigador

.....
20 / 03 / 24

Data

APÊNDICE E. ENTREVISTA A FRANCISCO LOPES

Profissão: infografista no PÚBLICO

Tipo de entrevista: presencial

Data: 22 de março de 2024

Duração: 15 min

Há quanto tempo trabalha no PÚBLICO? Desde então, trabalhou sempre na secção de Infografia?

Eu trabalho no PÚBLICO desde 2015, quando comecei com o estágio curricular. Depois do estágio terminar estive uns meses fora, e voltei em 2016 para um estágio profissional e fui ficando até aos dias de hoje. Por isso, mais ou menos, estou cá há oito anos. Foi a primeira experiência profissional, de estágio curricular, até... Nunca mais saí daqui, basicamente.

Como o crescimento da vertente *online* alterou os trabalhos que são desenvolvidos pela secção de Infografia?

Quando eu comecei, grande parte das coisas para o *online* eram feitas em base estática, ou seja, era a adaptação do que se faz para o papel para o *online*, basicamente, com o estilo próprio, mas era tudo à base do estático. Havia também infografias em *Flash*, já eram infografias mais interactivas e com algumas animações, que eram feitas esporadicamente e eram trabalhos mais longos.

Na altura, quando entrei, o meu conhecimento com *Flash* era o básico, com o surgimento de oportunidade para trabalhar nele fui desenvolvendo os meus conhecimentos, fiz alguns trabalhos, um ou dois, depois começou a se introduzir o HTML, em 2017/2018. Fui também aprendendo, por iniciativa própria, e a partir daí fomos produzindo, à medida do que íamos aprendendo, infografias mais interativas e animadas.

Mas, foi a partir de 2018 que a infografia no PÚBLICO começou a ser mais interativa. Aliás, ela já era interativa com o *Flash*, mas começou a ser mais à base do HTML e começamos a fazer trabalhos numa maior quantidade.

Há algum trabalho que considere que marca um momento importante da secção de Infografia?

Eu sei que houve um trabalho, pelo menos para mim, que foi mesmo um trabalho completamente *online*, que é dos *Rohingya*, um trabalho de refugiados que eu fiz na altura em 2017, acho eu, e, porque eu não sabia mexer bem em HTML, demorou bastante tempo, foi o primeiro grande trabalho que eu fiz em HTML. Para mim, foi a grande transição, a grande mudança, até porque não tí-

nhamos feito nada do género até então, era um trabalho à base do *scrollytelling*, acho que até foi o primeiro trabalho em *scrollytelling* que fizemos na secção de Infografia.

Eu acho que foi a partir daí que começamos a fazer mais, mas trabalhos com uma base em *scrollytelling*, na altura era tudo à base do *long-form*, em que tinhas textos estáticos, depois tinhas alguma outra coisa interativa ou animada lá no meio.

Penso que foi aí a grande transição, pois a partir daí começamos a fazer outros trabalhos mais complexos, com *scrollytelling*, com animações ou com mais dados.

Nas infografias interativas é utilizada uma abordagem *desktop* ou *mobile first*? Essa escolha é feita tendo em consideração o meio mais acessado pelos leitores?

Nós ainda estamos muito presos ao *desktop first*, embora estejamos a trabalhar de uma forma que me parece errada porque a grande parte das pessoas veem o *site* através do telemóvel. Estamos a tentar alterar, mas inicialmente fazemos para *desktop* e depois adaptamos para *mobile*, mas são os dois pensados, ainda assim. Há um ou outro que já tentamos fazer a mudança do *chip*, mas ainda tem sido muito *desktop first*.

Considera que as ferramentas de trabalho, sobretudo o uso do computador, podem estar relacionadas com a predileção pelo *desktop first*?

Sim, principalmente, e até porque o papel também tem um formato *landscape*, e acho que também vem um bocado daí, ou seja, é ali toda a transição que ainda está, um bocadinho “perra” e sim, trabalhamos muito em *desktop* e acho que isso influencia muito porque a primeira coisa que nós vemos é o *desktop* e não o *mobile*. E acho que é um bocadinho por aí também que ainda está a ser lenta a transição, mas há-de, entretanto, mudar.

Quais são os critérios que determinam a escolha da realização de uma infografia interativa em detrimento de uma estática?

Quando são coisas para o dia, pedidos para serem feitos no próprio dia ou no dia a seguir, normalmente é sempre estático porque não existe tempo para fazer algo mais complexo. Em trabalhos maiores, depende muito do tema e do conteúdo que nos dão. Se for algo mais descritivo e que não haja muitos dados, a opção, se calhar, é um bocadinho mais ilustrativa e mais para o animado e pode ter alguma interação, mas não terá tanta.

Quando é algo com base em dados, em que dá para brincar com os dados e mostrar diferentes visualizações, aí tentamos fazer algo mais interativo e puxar um bocado pelo *scrollytelling*.

Assim, varia muito constantemente o tema, o tempo que temos e os dados que nos chegam. Varia muito, depende muito mesmo do conteúdo.

Ao receberem um projeto maior, quais são, de modo sucinto, as etapas desde a concepção até à publicação do trabalho?

Primeiro, recebemos o tema, não é? E a partir de se recebemos os dados ou não com o conteúdo, avaliamos o que é que temos nesse conteúdo, os dados que temos, ou o texto que temos. A partir daí tentamos perceber o que é que dá para fazer com aquele trabalho, se aquilo necessita mais de uma narrativa tipo *scrollytelling* ou de *long-form*.

Assim, isto é o meu processo de trabalho. Tento produzir um *layout*, primeiro no *Illustrator*, de como é que o trabalho vai ser, ou seja, no *online*. Tipo, as secções. Se for no *scrollytelling*, descarrego para lá o texto e em cada bloco de texto vou anotando: olha, neste pedaço de texto, vai acontecer isto, isto e aquilo, no outro vai acontecer isto. Ou seja, basicamente é um *storyboard* ou um *layout* tipo esboço do que é que o trabalho poderá ser.

A partir daí falamos com quem enviou os dados do que é que é preciso ajustar para que caia naquele formato que nós escolhemos para o trabalho e, através dessa troca informações, depois começamos a produzir o trabalho em HTML ou em papel, isto também dá para o papel.

E depois, já mais na parte final, volta outra vez para o jornalista rever e ver se está tudo ok, ajusta-se o que tiver que se alterar, passa pela revisão e é publicado, basicamente assim, de uma forma muito resumida.

Entretanto, pelo meio, há muitas outras questões em que, caso queiramos fazer algo diferente, temos que fazer uma pesquisa sobre a forma de o fazer tecnicamente, caso queiramos acrescentar algo mais à informação que o jornalista enviou, pedimos essa informação ou então fazemos nós a pesquisa também.

Depois depende também de quem parte o trabalho, se parte de nós ou se parte dos jornalistas. Se for de nós, temos que acrescentar a parte da pesquisa ao processo, ou seja, tens o tema, depois fazes a pesquisa e depois comesas a produzir o *layout*, depois fazes aquela parte seguinte da produção e pelo meio depois há de ter que haver alguém que vai rever, algum editor de uma secção referente ao tema, para ver se está tudo nos conformes.

Em que momento do processo e como é abordada a adaptação das infografias para diferentes tipos de dispositivos (visualização em *desktop*, telemóvel e *tablet*).

Dependendo do tempo que temos e do ponto em que estamos, pode surgir na parte em que estamos a construir a história ou o *storyboard*. Podemos tentar já prever que no *mobile* vai ser assim e que no *desktop* vai funcionar desta maneira, em termos de arrumação dos elementos.

Quando o tempo é mais curto e não conseguimos ter essa parte inicial, é feito mesmo no fim. Tens o *desktop* praticamente fechado e vais a seguir a ajustar aquilo que está feito para o *mobile*, de uma forma muito mais básica e sem grande transformação dos elementos.

Quais são as práticas utilizadas para garantir uma Experiência do Utilizador consistente nos diferentes dispositivos? O que acha que poderia ser feito para melhorar a Experiência dos Utilizadores?

No *desktop* acho que não existe grandes condicionamentos para o utilizador na forma de como mexe. Tentamos que seja tudo mais claro e simples possível, com um design bom para o utilizador, com cores adequadas e com um tamanho de texto que seja bem visível, maior que o normal, porque os nossos leitores, alguns deles, têm mais alguma idade e devem ter mais problemas com a visão.

No *mobile*, acho que a única questão é tentar perceber, isto, quando são visualizações maiores, se é necessário reformular ou não. Normalmente, alguns gráficos são muito grandes ou complexos e não funcionam no *mobile* e então temos que alterar a visualização para que o utilizador tenha uma melhor experiência no *mobile* e não seja condicionado àquilo que fizemos para o *desktop*. Mas isso depende do tempo que temos para produzir os materiais, o tempo é essencial em tudo.

Acha que a inexistência de um programador na equipa ou de uma colaboração maior com a secção de informática limita as infografias que são desenvolvidas?

Sim, porque grande parte das infografias que produzimos, as maiores, exigem conhecimentos em HTML, informática e assim.

O fato de não termos alguém só trabalhar na secção nessa área obriga a que tenhamos que dispensar do tempo para produzir visualizações para produzir o HTML isto acaba por condicionar um pouco o processo e fazer com que em alguns casos, onde o tempo é mais curto, o resultado final fique um pouco condicionado.

Além disso, visto nenhum de nós ser programador os nossos conhecimentos são limitados o que também vai limitar aquilo que vamos conseguir produzir. Tudo aquilo que queremos fazer de mais ambicioso terá que ser alvo de um processo de aprendizagem, o que exige tempo que muitas vezes não temos e assim condiciona mais uma vez o resultado final.

Como acha que as infografias interativas do PÚBLICO estão quando comparadas ao trabalho desenvolvido em outros jornais, a nível nacional e internacional?

Com a quantidade de trabalhos que produzimos, não existe nenhum a produzir tanto e com tamanha qualidade, em Portugal. O Expresso produz também bons trabalhos interativos e com algum grau de complexidade, mas em menor quantidade. Acho que em Portugal devemos ser aquele que mais produz e melhor.

A nível internacional há muitos, muitos melhores que nós. Aliás, isto vê-se porque grande parte dos trabalhos que nós fazemos vamos buscar referências ao *New York Times*, ao *Washington Post*, etc. que são referências de topo a nível de infografias de dados e narrativas visuais, eles têm estado na vanguarda na produção de novas visualizações e narrativas.

IDENTIFICAÇÃO DO INVESTIGADOR

Em caso de dúvida ou preocupação relativa a esta investigação e à sua participação, contacte a investigadora:

Investigadora | Marina Chen Higashikawauchi

Telemóvel | +351 930 456 629

Email | marinachen@gmail.com

ASSINATURA DO SUJEITO DA ENTREVISTA

Compreendo os procedimentos acima descritos e concordo em participar neste estudo.

Foi-me fornecida uma cópia deste documento.

Francisco Lopes
Nome do Entrevistado


Assinatura do Entrevistado

22 / 03 / 2024

Data

ASSINATURA DO INVESTIGADOR

No meu julgamento o sujeito é voluntário e possui capacidade legal para, após análise e subscrição deste consentimento informado, participar nesta entrevista.

Marina Chen Higashikawauchi
Assinatura do Investigador

22 / 03 / 24

Data

APÊNDICE F. ENTREVISTA A RUI BARROS

Profissão: jornalista de dados no PÚBLICO

Tipo de entrevista: *online*

Data: 18 de junho de 2024

Duração: 35 min

Qual a sua formação e há quanto tempo trabalha no PÚBLICO?

A minha área de formação é em Ciências da Comunicação, fiz a licenciatura na Universidade do Minho e estou para terminar o mestrado, espero eu, em breve. Depois de terminar a minha licenciatura e o primeiro ano de mestrado, estagiei na Rádio Renascença, em 2016, onde estive até 2020 e onde exerci o papel de jornalista do *online* mais a de jornalista de dados, quando tinha a possibilidade.

Estou desde fevereiro de 2020 no PÚBLICO, exclusivamente como jornalista de dados. Inicialmente, era apenas eu e, neste momento, esta equipa já tem mais uma pessoa, uma editora – que é responsável por coordenar os trabalhos desta equipa. Eu acabo por servir como alguém mais sénior e por fazer algum acompanhamento também dos trabalhos do meu colega, o José Volta.

O que distingue os trabalhos que são feitos pela secção de Jornalismo de Dados dos da secção de Infografia?

Há, obviamente, pontos onde estas duas equipas se cruzam, nomeadamente na parte da visualização de dados, que é aquele momento em que estas equipas mais trabalham juntas ou trabalham às vezes mesmo em *pipeline*, ou seja, depois de determinado o nosso trabalho de análise, ou o que quer que seja, passamos a infografia. Pronto, há esse trabalho em equipa que é essencial e super importante.

O que é que distingue as duas coisas? Isto não é dizer que a equipa de Infografia por vezes não faça também jornalismo de dados, mas a grande distinção, na minha opinião e na minha visão das coisas, é que a equipa de dados está muito mais focada no encontrar e contar narrativas nos dados e depois pensar como é que isto pode ser visualizado ou não. E, nessa parte, a equipa da Infografia tem um *input* muito importante, porque é a equipa que é a autoridade dentro do jornal nesse aspecto.

Mas também, por vezes, fazemos aquilo que a literatura identifica como sendo *news applications*, que são aqueles trabalhos que atualizam-se diariamente ou semanalmente, têm uma componente de visualização de dados, mas que são em si mais um produto de interação em que o leitor pode explorar os dados. Não quero dizer que a equipa de Infografia também não faça, por

vez, esses trabalhos, mas tendencialmente acabam por vir muito do nosso lado.

Portanto, eu diria que é uma equipa com competências técnicas de programação de análise de dados, mas também um trabalho muito de desenvolvimento *web* e muito menos de ilustração, de tudo o mais que acaba por estar muito mais presente na equipa da Infografia. Obviamente, isto não quer dizer que essas equipas não trabalhem em conjunto, não se mesquem no sentido de trabalharem em sintonia mesmo. Então, não há propriamente barreiras, equipas nesse sentido estrito da coisa, simplesmente acontece de haver, no fundo, estes dois pontos.

Como o crescimento da vertente *online* e a introdução da interação alteraram os trabalhos que são desenvolvidos pela secção de Jornalismo de Dados?

Pois, não te sei responder a essa pergunta, porque eu já nasci como jornalista de dados a pensar numa lógica muito digital.

Às vezes o desafio é precisamente o contrário, vem uma pessoa do *legacy media* e perguntam-me: mas indo para o papel, no que é que consegues transformar isto? E eu tenho de dizer “não, isso só funciona *online*, isso precisa de interatividade, precisa de informação que o leitor introduz para funcionar”.

Mas há duas coisas que são imediatas e que são fáceis de entender, é uma coisa tão simples e que, apesar de tudo, ainda nos fascina, que é... Este é o primeiro meio de consumo de informação em que a informação não é estática, não é linear – como é a rádio e a TV – e permite um *input* imediato de informação por parte do consumidor. Isso permite criar experiências completamente diferentes daquelas que até então não eram possíveis. Mas essa mutabilidade do ecrã, dos diferentes dispositivos, a mim sempre me fascinou muito e sempre me fez pensar “ok, é isto que eu quero fazer e é nisto que eu quero trabalhar”.

E então, se depois nós adicionarmos a vertente de dados, permite-me fazer uma coisa que, para mim, continua a ser fascinante e super interessante que é ter uma história principal sobre uma tendência nacional, mas depois dizer ao meu leitor: agora tu podes ver no teu sítio, podes ver as pessoas iguais a ti.

Essa personalização que os dados te permitem, que num meio estático ou linear, muitas vezes são dados que são para o lixo, no sentido, eu só quero saber da tendência principal ou então de um pequeno outlier que nos dá uma história, mas já é aquela a história. Eu aqui posso dizer: esta é a história, esta é a narrativa, mas esta é a informação para ti.

Essa mutabilidade associada à visualização de dados, associada à própria construção da narrativa, se a narrativa for dinâmica, ou seja, se ela puder diferenciar-se conforme as opções que vão sendo escolhidas, isso continua a ser completamente distintivo, na minha opinião.

Nos projetos, é utilizada uma abordagem *desktop* ou *mobile first*? Essa escolha é feita tendo em consideração o meio mais acessado pelos leitores?

Hoje temos uma preocupação enorme com o *mobile*, ele representa uma fatia enorme do nosso leitor, e portanto temos uma obsessão, diria até, com o *mobile*. De garantir que o *mobile* funcione, não apenas do ponto de vista técnico, mas funcione do ponto de vista de passar a informação que queremos passar.

Agora, também não esconderei que continua a ser um desafio, nomeadamente em termos de *screen real estate*, ou seja, de quantidade de pixels a nossa disposição para oferecer uma experiência e é muito fácil cair na tentação de oferecer ao leitor uma experiência reduzida ou menos completa em *mobile* e em *desktop* oferecer uma versão mais completa.

Essa tentação é uma que eu luto todos os dias para contrariar, porque se temos um meio com uma maior percentagem de pessoas a utilizar, se o consumo de informação é cada vez maior naquele dispositivo, porque é que é que eu vou lhe oferecer uma versão reduzida ou menos bem conseguida daquilo que seria o meu trabalho? Obviamente que isto não é pacífico e que isto não é fácil de atingir.

Outra coisa que também nos preocupa muito, acima de tudo com *mobile*, é a própria *performance* técnica dos nossos trabalhos. Isto porque infelizmente os *sites* de notícias já tem um peso demasiado grande de *JavaScript* – para analytics, para publicidade, para todas aquelas coisas que são necessárias –, isso é um peso técnico para quem desenvolve visualização de dados ou alguma experiência interativa. No fundo, é completamente diferente eu ter uma página só com o meu *JavaScript*, outra coisa é ter o meu *JavaScript* e o meu código mais todo este *legacy code* que vem do funcionamento do *site*.

E isso é um desafio particularmente difícil, porque quando estamos a utilizar visualizações de dados que incluem, por exemplo, muitos elementos no *DOM*, quando não temos propriamente uma base de dados ou uma *API* por trás do trabalho e temos que, no fundo, carregar os dados todos para o *client*, isso até pode funcionar bem mesmo no computador mais básico, mas

nos telemóveis isso ainda é um desafio. Os telemóveis têm uma gama de capacidades muito maior e, portanto, temos que sempre pensar se o telemóvel mais fraco, mais lento do mundo conseguiria correr isto, porque se não funcionar, estamos de alguma forma a excluir uma determinada fatia da nossa audiência.

E se queremos, no fundo, que o nosso jornalismo chegue a toda a gente, não podemos simplesmente dizer “que se lixe quem tem um telemóvel fraco”, só porque eu quero muito ter esta *feature* e isso é também uma preocupação. Não vou dizer que é assim muito bem conseguida e que o conseguimos, até porque mesmo às vezes para testar isso é difícil.

Não temos todos os telemóveis do mundo à nossa disposição para testar, mas fazemos sempre algum *beta testing* dentro da própria redação, porque sabemos que há diferentes tipos de telemóveis – há quem tenha o *iPhone* da última geração, há quem tenha um *Android* de 2000 que já está mesmo a cair aos pedaços – e pedir a essas diferentes pessoas para tentar perceber como é que funciona: “Isto funciona bem aí? Gostas? Como é que está? Lento?” Tentamos fazer sempre esse exercício. Novamente, não juro que seja sempre bem conseguido.

Quais são as etapas desde a concepção de um projeto até a publicação do trabalho? Os temas são decididos por vocês ou são propostos por outras secções? Na entrevista com a Cátia ela mencionou que você “entrevistava os dados”, o que isso significa?

Nós fazemos um grande esforço para não sermos aquilo que eu chamo de uma *service desk*, uma equipa que presta serviços para as outras secções. Nós tentamos evitar cair nisso porque nós somos jornalistas, com carteira profissional, com ideias e interesses próprios e com coisas que também nós achamos que são relevantes, interessantes e importantes.

Não quer isso dizer que não haja trabalhos onde isso acontece e é bom que aconteça. Gostamos muito quando as secções do jornal ou a própria direção do jornal chegam até nós e dizem “precisávamos fazer alguma coisa sobre isto” ou “gostávamos de fazer alguma coisa sobre isto, o que é que podemos fazer?” ou “isto é possível?” ou “eu tinha esta ideia, isto é concretizável?”.

O que é que eu gosto menos? Quando as ideias já chegam planeadas na cabeça do jornalista, feitas quase como “olha, eu tive esta ideia mas não sei executá-la, executa”, pronto, e isso normalmente nós tentamos sempre “não, mas vamos aqui pensar, vamos ver como é que podemos fazer isto, como é que podemos fazer isto”.

Dito isto, há uma grande percentagem de trabalho que é

feita nessa lógica, ou seja, de pedidos que chegam dos diferentes pontos do jornal, há também o caso onde nós fazemos algumas propostas às outras secções e há os projetos que nascem na equipa de dados, são desenvolvidos pela equipa de dados e não têm este *input* externo nessa lógica de colaboração, se quisermos chamar assim.

Eu tendo a gostar mais dos trabalhos que nascem da ideia do que os trabalhos que nascem do “há esta base de dados”, ou seja, “gostávamos de fazer uma coisa sobre isto” ou “era interessante haver” ou “isto é um tema, há dados sobre isto?”. Eu gosto mais deste processo porque ele normalmente é mais imaginativo, é mais interessante, leva aqui a um processo jornalístico de ligar, de tentar perceber “o que é que existe? o que é que não existe? que informação é que podemos ter? que base de dados é que podemos ter?”.

Leva-nos a um processo de pensar e de encontrar onde é que estão os dados que, por si só, é um desafio enorme, porque os dados podem estar bonitinhos, disponíveis para *download*, como podem estar em PDFs, perdidos, e é preciso fazer ali algum trabalho, pode ser necessário escrever algum código, algum *scraper* para recolher a informação que está num *site* qualquer, mas que não nos permite recolher para analisar ou, como por exemplo aconteceu no nosso trabalho sobre o financiamento partidário, pode mesmo envolver estar fechado numa sala a transcrever dados que estão em papel e que não podemos tirar cópias. Portanto, este processo às vezes é super simples e outras vezes é super complexo.

O processo a seguir é ainda mais longo, é o que chamamos normalmente de limpeza de dados, que é arranjar forma de que aqueles dados que nós recolhemos são *machine readable*, são tratáveis através de uma análise de dados em um computador. A limpeza de dados, eu costumo dizer que era aquela que mais dores de cabeça costumava dar, que a maior parte dos jornalistas, quando começam a fazer, acham a mais chata e aborrecida. É aquela, provavelmente, onde há menos compreensão da própria máquina do jornal – “porque é que isso está a demorar?” – porque é difícil explicar a alguém porque é importante que os dados estejam limpinhos e feitos de forma a poderem ser analisados, e isto às vezes podem ser coisas que demoram dias, se obrigar a coisa a ser feita a mão.

Hoje, com sete anos como jornalista de dados, é aquele processo que eu aprendi a gostar de fazer, aprendi a ter um gosto especial por o fazer e, digo mais, é aquele processo onde nós mais

aprendemos sobre a base de dados. Como estamos tanto tempo ali a perceber onde é que estão os problemas, começam a surgir-nos “olha que engraçado, esta coisa aqui já apareceu várias vezes, se calhar era interessante olhar”, “olha, isto aqui pode ser interessante”.

E isto leva-me à terceira fase, que a Cátia te referiu, que é o que eu chamo da entrevista à base de dados. As bases de dados são ótimas fontes de informação, são sítios incríveis para conseguir informação e conseguir histórias, mas têm esta característica que as distingue das restantes fontes tradicionais a que o jornalismo normalmente recorre, que é: elas não falam, não tem uma boca, não tem uma cabeça e, portanto, nós não podemos chegar lá e dizer “então o que é que tem a dizer-me sobre isto?”. Este era um método tradicional, habitual do jornalismo, isto não acontece no jornalismo de dados. Ou quer dizer, pode acontecer e deve acontecer, ou seja, não acontece quando entrevistamos as bases de dados.

E, portanto, há formas de meter as bases de dados a falar, é a chamada análise de dados. E por isso é que eu digo que é mesmo uma entrevista porque em tudo se assemelha a uma entrevista. Há um conjunto de perguntas que eu, como qualquer jornalista, costuma fazer, prepara tópicos de conversa, coisas que eu já tenho interesse ou que eu li sobre o tema e, portanto, eu quero saber se, naquele caso, se aplicam ou não. E algumas delas, como estava a dizer, nascem muito até na própria limpeza dos dados que é “olha que engraçado, isto pode ser interessante” e apontar uma das perguntas que eu quero fazer à minha base de dados. E depois, também como acontece nas entrevistas – que é das primeiras coisas que nos ensinam nas aulas de jornalismo – é que uma entrevista não é um conjunto de perguntas que eu escrevo, vou lá, faço e já está.

Uma entrevista é dinâmica, uma entrevista é uma conversa e, portanto, implica que eu fale com a minha fonte e, com base nas respostas, eu faça novas perguntas e isso acontece também muito numa análise de dados, que é, eu recolho uma determinada base de dados e depois digo “ah, agora era interessante era fazer isto”, “agora era interessante era usar isto com uma outra base de dados”, ou “era interessante era perceber ok, isto é a tendência nacional, mas e por regiões? E por conselhos? Há alguma coisa que se destaca?”. E isso, normalmente no PÚBLICO, fazemos com recurso à linguagem de programação R, que é aquela que tanto eu, como o José Volta, estamos mais confortáveis. Não quero dizer que, por vezes, não recorramos a *Python*, mas tendencialmente recorremos a R.

E essa entrevista, esse processo às vezes leva-nos a perceber que há coisas que estão mal, há coisas que é preciso resolver, há determinada coisa que está menos bem conseguida e que é preciso voltar. Se isto nos levar a conclusões interessantes, a gente vai apontando as conclusões, por vezes o que acontece é “há aqui qualquer coisa que é mesmo interessante” e, por natureza, o meu lado cético faz-me sempre pensar “isto deve ser algum erro, algum problema, ou alguma coisa que escapou” e, portanto, às vezes vamos tentar perceber se efetivamente é um erro ou não, aí entra o jornalismo tradicional, o pegar no telefone, continua a ser a maior ferramenta do jornalista dados, continua a ser o telefone, ligar, falar com pessoas, dizer o que é que pensa sobre isto, até para perceber as potenciais falácias que podem estar ali. Obviamente, também com a experiência vai-se ganhando olho para perceber onde é que podem estar as falácias.

Uma coisa que eu esqueci de dizer há pouco sobre o processo de entrevista à base de dados. Aqui o que acaba por influenciar muito as respostas que são retiradas de lá é o nosso conhecimento de programação e o nosso conhecimento de estatísticas, porque só isso é que me permite recolher informação e fazer novas perguntas, porque se eu não sei que método estatístico é que me pode levar a determinada resposta, eu não posso sequer fazer a pergunta.

E depois de ter a história formulada, ter o processo pensado, passamos para a parte de pensar a visualização, ainda que muitas vezes durante a própria análise nós já façamos algumas visualizações normalmente feias, sem qualquer capacidade de serem publicadas, mas para nós próprios analisarmos e vermos, “ah, que engraçado, isto aqui destaca-se muito”, a visualização tem esse trabalho e tem esse componente também exploratória dos dados, mas obviamente esta é a fase de refinar, é a fase de pensar qual é o gráfico, qual é a interatividade que nós podemos dar. E depois passamos para o processo, às vezes de desenvolvimento, outras vezes apenas de escrita, aí depende um bocadinho do que estamos para falar.

Em que momento é abordada a adaptação dos trabalhos para diferentes dispositivos (*desktop*, telemóvel e *tablet*)?

Nós temos sempre uma abordagem *mobile first*, ou seja, partimos sempre da primeira versão em *mobile* e vamos expandindo, porque as próprias ferramentas que utilizamos obrigam-nos a pensar assim.

Quer isto dizer que às vezes a gente não imagina logo a coisa em *desktop*? Claro que não, mas tendencialmente sim, sempre *mobile first*.

Quais são as práticas utilizadas para garantir uma Experiência do Utilizador consistente nos diferentes dispositivos? O que acha que poderia ser feito para melhorar a Experiência dos Utilizadores?

Em relação à consistência nos diferentes dispositivos, muitas vezes o que fazemos é uma espécie de versão *beta* interna para testar com os vários colegas porque isso permite-nos, de alguma forma, perceber como é que isto funciona – não só do ponto de vista técnico, mas muitas vezes até do próprio *workflow* do utilizador.

É-nos muito útil perceber se a pessoa percebe como é que aquilo funciona. “Ah, não percebeste que dava para clicar”, então tem que haver qualquer coisa a dizer clique. Obviamente que nós não temos a capacidade de uma gestão de produto de uma empresa de tecnologia, em que o que aconteceria era uma *pool* de testes muito maior, com várias pessoas.

Novamente, não é isso que acontece, acaba por ser com a equipa do PÚBLICO, acima de tudo. Há aquelas pessoas que já sabemos que vão testar e vão dar um *output* crítico do que tem, muitas vezes fazemos aquela velha técnica de dar a amigos e familiares, pessoas que nós sabemos que não vão espalhar, nem mostrar a mais ninguém. E também é verdade que, por vezes, fazemos algum diálogo com alguns especialistas e algumas pessoas com quem vamos falar, mais até do ponto de vista metodológico.

IDENTIFICAÇÃO DO INVESTIGADOR

Em caso de dúvida ou preocupação relativa a esta investigação e à sua participação, contacte a investigadora:

Investigadora | Marina Chen Higashikawauchi

Telemóvel | +351 930 456 629

Email | marinachen@gmail.com

ASSINATURA DO SUJEITO DA ENTREVISTA

Compreendo os procedimentos acima descritos e concordo em participar neste estudo.

Foi-me fornecida uma cópia deste documento.

.....
Nome do Entrevistado

.....
Assinatura do Entrevistado

..... / /
Data

ASSINATURA DO INVE



Assinado por: Rui Miguel
Gonçalves Barros
Identificação: B114597730
Data: 2024-07-15 às 18:35:18

No meu julgamento o sujeito é voluntário e possui capacidade legal para, após análise e subscrição deste consentimento informado, participar nesta entrevista.

.....
Marina Chen Higashikawauchi

Assinatura do Investigador

..... 18 / 06 / 24

Data

Anexo

ANEXO A. AVALIAÇÃO DO ESTÁGIO

ESTÁGIO DE MARINA CHEN HIGASHIKAWAUCHI NO JORNAL PÚBLICO

Questionário de Avaliação pelo supervisor

- Assiduidade – *Excelente*
- Pontualidade - *Excelente*
- Aprendizagem em contexto de trabalho – *Excelente*
Pelo que me foi dado a perceber, foi rápida e interessada mostrando predisposição para ir mais além dos ensinamentos
- Aplicação de conhecimentos – *Muito boa*
Sempre que houve oportunidade aplicou o que tinha aprendido cá assim como conhecimentos previamente adquiridos
- Resultados alcançados em função dos objetivos definidos
A Marina cumpriu bastante bem as tarefas que lhe couberam, mostrou pro-atividade e criatividade quando solicitado
- Relacionamento e integração na equipa – *Muito boa*
Integrou-se e foi bem aceite pelos colegas, contribuiu para o trabalho de equipa com disponibilidade e bom-humor. Contámos com ela!
- Aspectos positivos a manter
Atitude pro ativa e criativa
- Aspectos a melhorar - *Nada a apontar*
Nenhum que a experiência não ajude
- Observações – *A Marina colaborou em tudo, aceitou e incorporou nos seus hábitos as boas práticas da equipa, mostrou-se muito criativa e mostrou flexibilidade (tinha habilidades em áreas adjacentes como pequenas animações, desenho 3D não mostrando dificuldades na execução)*

No projecto individual, a Marina foi acompanhada em especial pela Cátia Mendonça que se expressa da seguinte forma:

“Na minha opinião, a Marina conseguiu integrar a teoria e a prática de forma eficaz, contribuindo significativamente para o trabalho diário da equipa. Isso manifestou-se de várias maneiras, desde a resolução de problemas, por exemplo na criação de gráficos e mapas e até na implementação de novas ideias. Aplicou conhecimentos aprendidos no seu curso, trazendo soluções inovadoras e eficientes. Integrou-se muito bem na equipa e teve uma boa colaboração com os colegas. Nos aspectos a melhorar identifiquei por vezes, uma impulsividade em querer resolver rapidamente os desafios sem os analisar primeiro, mas que é uma característica própria da idade e fruto da inexperiência. Acho que a Marina foi uma excelente estagiária ☺

Cátia Mendonça”

Outro elemento da equipa que se destacou a trabalhar com a Marina foi o Francisco Lopes, de poucas palavras. Diz que a Marina mostrou saber html e gostou bastante de trabalhar com ela. Toda a equipa diz ter gostado de interagir (profissional e socialmente) com a Marina.

Assinado por: **Célia Maria da Silva Rodrigues**
Num. de identificação: 07301547
Data: 20/24/04/17 16:41:44+01'00'

(carteira profissional: 6144)

